

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
NEREIDA – NÚCLEO DE ESTUDOS DE REPRESENTAÇÕES E DE IMAGENS
DA ANTIGUIDADE

JOÃO CARLOS D'ALMEIDA E SOUZA ROXOROÏZ DE BELFORD

A Paisagem Religiosa e as Representações Sociais no Culto de *Orthia* na Esparta
Arcaica (sécs. VIII ao VI a.C.)

Niterói

2019

JOÃO CARLOS D'ALMEIDA E SOUZA ROXOROÏZ DE BELFORD

A Paisagem Religiosa e as Representações Sociais no Culto de *Orthia* na Esparta
Arcaica (sécs. VIII a VI a.C.)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

Niterói
2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B425p Belford, João Carlos d'Almeida e Souza Roxoroiz
A Paisagem Religiosa e as Representações Sociais no Culto
de Orthia na Esparta Arcaica (sécs. VIII a VI a.C.) / João
Carlos d'Almeida e Souza Roxoroiz Belford ; Alexandre
Carneiro Cerqueira Lima, orientador. Niterói, 2019.
344 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.m.14575953709>

1. Grécia Antiga. 2. Religião. 3. Representação Social.
4. Arqueologia. 5. Produção intelectual. I. Lima, Alexandre
Carneiro Cerqueira, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

JOÃO CARLOS D'ALMEIDA E SOUZA ROXOROÏZ DE BELFORD

A Paisagem Religiosa e as Representações Sociais no Culto de *Orthia* na Esparta
Arcaica (sécs. VIII a VI a.C.)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (Presidente)
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Alexandre Santos de Moraes (Arguidor)
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (Arguidor)
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Niterói
2019

À minha família e aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

É chegado o fim de outra jornada e se faz necessário que reconheçamos aqueles que contribuíram para seu sucesso. Agradeço ao CNPQ pela bolsa concedida, ao meu orientador Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima pela compreensão e pelos direcionamentos, ao Núcleo de Estudos de Representações e Imagens da Antiguidade (NEREIDA-UFF) pelo acolhimento e, em especial, a Dra. Mariana Figueiredo Virgolino, com quem foram travadas conversas fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

Dados os desafios e os perigos impostos por tal empreendimento agradeço principalmente àqueles que não me permitiram estar só diante das adversidades; poder contar com vocês foi e será sempre inestimável.

RESUMO

Na primeira década do século XX o sítio da antiga Esparta foi escavado pela *British School at Athens*, trazendo à tona importantes estruturas e votivos que nos permitem analisar a sociedade espartana do período arcaico ao romano; entre essas se encontra o santuário de *Orthia*. No que concerne ao mesmo, embora as expedições tenham evidenciado a riqueza dos depósitos associados ao intervalo dos séculos VIII ao VI a.C., análises frequentemente enfatizam a documentação literária posterior, condicionando a interpretação do culto no período arcaico a contornos que ele provavelmente tomaria posteriormente. Diante disso, com este trabalho temos o objetivo de desenvolver uma análise acerca da rede de associações simbólicas da divindade local – em que se compreendem os valores que sobre ela são projetados, as relações estabelecidas com os cultuadores e cultuadoras através dos votivos, como ela imbuí e é imbuída de significado pela paisagem em que se situa o santuário, e as aproximações estabelecidas dentro do panteão espartano –, procurando compreender o espaço e a relevância da mesma na experiência dos espartanos e espartanas do período arcaico.

Palavras-Chave: Esparta Arcaica – *Orthia* – Paisagem – Animais – Religião – Ritos de Passagem

ABSTRACT

Through the first decade of the 20th century the archaeological site of Ancient Sparta has been excavated by the *British School at Athens*, uncovering important structures and votive objects that allow us to analyze the Spartan society from the Archaic to the Roman period. Among those we have the sanctuary of *Orthia*. Regarding that sacred place, even though the expeditions made evident the richness of the deposits associated with the time span between the 8th to the 6th centuries BC, studies frequently emphasize the literary documentation that later flourished, conditioning the interpretation of the cult in the Archaic period to characteristics that probably wouldn't have been developed yet. That said, this research intends to produce an analysis of the symbolic associations network structured around the local goddess – this meaning the values that were projected onto her, the relations with the male and female worshipers as pointed by the votive objects, how she imbues and is imbued with purport by the landscape in which the sanctuary is located, and the approximations inside the Spartan pantheon –, looking to comprehend her space and relevance in the life experience of the young Spartans of the Archaic period.

Key-Words: Archaic Sparta – *Orthia* – Landscape – Animals – Religion – Rites of Passage

SUMÁRIO

Resumo	006
Abstract	007
INTRODUÇÃO	011
CAPÍTULO 1	
ESPARTA E O SANTUÁRIO DE ORTHIA (SÉCS. VIII AO VI A.C)	022
1.1 O mundo helênico no período arcaico	022
1.2 Esparta arcaica e a miragem	029
1.3 Religião na Esparta Arcaica	044
1.4 O santuário de Artemis Orthia	053
1.5 Considerações finais	067
CAPÍTULO 2	
REPRESENTAÇÕES DE ANIMAIS E ORTHIA	068
2.1 Leões	068
2.1.1 Símbolos	069
2.1.2 Qualificativo: θυμολέων	077
2.1.3 Exceções	079
2.1.4 Balanço	081
2.1.5 De volta ao santuário – análise da documentação material	082
2.2 Cavalos	084
2.2.1 Qualificativos diretos	085
2.2.2 Sobreposições aos homens e mulheres	090
2.2.3 Qualificativos contextuais	094
2.2.4 Epítetos relacionados aos cavalos	098
2.2.5 Balanço	101
2.2.6 De volta ao santuário – análise da documentação material	102
2.3 Aves	105
2.3.1 Qualificativos diretos	106
2.3.2 Qualificativos contextuais	109
2.3.3 Sobreposições aos homens e mulheres	112

2.3.4 Balanço	114
2.3.5 De volta ao santuário – análise da documentação material	115
2.4 Cervos	117
2.4.1 Qualificativos diretos	119
2.4.2 Qualificativos contextuais	121
2.4.3 Epítetos relacionados aos cervos	122
2.4.4 Sobreposições aos homens	123
2.4.5 Balanço	125
2.4.6 De volta ao santuário – análise da documentação material	125
2.5 Considerações finais	126
CAPÍTULO 3	
FIGURAS HUMANAS, A CERÂMICA E AS MÁSCARAS	130
3.1 Representações de homens e mulheres na cultura material	130
3.1.1 Representações masculinas	130
3.1.2 Representações femininas	133
3.1.3 Representações de homens e mulheres em associação	138
3.1.4 Balanço	140
3.2 As transformações da cerâmica	140
3.3 As máscaras de terracota	144
3.4 Considerações finais	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
Referências Bibliográficas	153
Repertório	167
Grades de Leitura	253

INDICE DE PLANOS E MAPAS

Figura 01:

Mapa de Esparta Antiga 054

Figura 02:

Planta Baixa do Santuário de *Orthia* 060

Figura 03:

Planta Baixa do Santuário de *Orthia* – Foco na Área do Altar 061

INTRODUÇÃO

Em março de 1883 *Le Chasseur Maudit* foi executado pela primeira vez diante de um público. O poema sinfônico de César Franck, inspirado na balada *Der wilde Jäger* de Gottfried August Bürger, nos conta a história do caçador transgressor transformado em caça na floresta como punição. A oposição do toque de caça aos sinos da Igreja apresenta aos nossos ouvidos a soberba do nobre que, nas linhas do poeta alemão, incapaz de ouvir sua consciência e refrear seu desejo, acossa homens e animais igualmente, ignorando ainda a casa de Deus. A mudança de tom, do desafiador ao sombrio, aponta para sua queda: embrenhado na mata, perdido, transfigurado em fera, o caçador é posto em fuga por uma horda sobrenatural que o perseguirá até o último dos dias. Um mito dotado de alguma semelhança era corrente na Hélade antiga, sendo um tema frequente de produções artesanais. A história de Acteon, cuja primeira versão escrita de que se tem nota é atribuída a Estesícoro¹, manifesta a perdição do caçador, punido pelos deuses pela tentativa de tomar Semele à força, ou, em outras versões, por ter visto Artemis banhando-se na floresta. Tal deusa então, seja por ordem de Zeus, seja movida por sua própria ira, o teria transformado em cervo ou jogado sobre ele a pele do animal, fazendo com que seus próprios cachorros passassem a atormentá-lo, o que finda por levá-lo à morte trágica da presa do caçador². Guardadas as diferenças de tradição, histórias como essas ressaltam a relação entre a arrogância e a transgressão, apontando para as punições às quais estão sujeitos aqueles que ultrapassam os limites que lhes são impostos. Simultaneamente, todavia, apontam de maneira simbólica para o perigo que espreita na floresta, oferecendo risco de confusão ou dano àqueles que nela se aprofundam. Para que alcancem seus objetivos, evitando sucumbir às ameaças que os aguardam nas matas cerradas, caçadores como as personagens em questão necessitam dispor de uma gama de conhecimentos que lhes permitam interpretar os sinais que suas presas e o ambiente lhes fornecem.

É através de tais conhecimentos que Carlo Ginzburg traça um paralelo entre o fazer do caçador e o do historiador; aquele teria sido o primeiro a “narrar uma história” sendo capaz de reconhecer nas pistas mudas de sua presa uma série coerente de

¹ ESTESÍCORO, *frag.* 236; também referenciada em PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, 9.2.3.

² O mito apresenta algumas variações que são combinadas e recombinadas pelos autores antigos; sobre a transformação do mesmo, cf. SCHLAM, Carl C. “Diana and Actaeon: Metamorphoses of a Myth”. IN: *Classical Antiquity*, Vol. 3, No. 1, Apr., p. 82-110, 1984.

eventos³; esse, orientado por um conhecimento de base semelhante, analisando os vestígios dos homens do passado, busca compreender e reconstruir suas experiências. Estendendo a relação, nos seria possível dizer que tal qual o caçador se embrenha na densa floresta, nós, historiadores, o fazemos no passado de difícil escrutínio. Se, todavia, frente a nossa manifesta soberba, não se coloca o risco de conversão em caça, o de perder-se pelos caminhos é considerável. Frequentemente, de maneira diferente do que ocorre ao caçador, o passado com que lidamos não é imediato ou próximo, mas remonta a temporalidades e espacialidades muito afastadas, impondo sobre nossa incursão as dificuldades relativas à sobrevivência dos vestígios que embasam nosso trabalho⁴.

Assim é o caso quando nos voltamos para as sociedades gregas antigas, em que, tanto no que concerne à documentação escrita quanto à material, não dispomos que de uma pequena parte do que se haveria produzido, o que, frequentemente, causa impedimentos à compreensão de diversos aspectos da experiência dos homens que as compuseram. Dada tal situação, historicamente se efetuou uma concentração de estudos sobre a *polis* de Atenas, tendo em vista a maior quantidade e qualidade relativa de documentos recuperados que foram vinculados a ela em seu período Clássico, o que permitiria uma exploração mais aprofundada. Aqui, todavia, voltaremos nossa atenção para a *polis* de Esparta, que, não possuindo certamente um dos piores quadros a respeito dos dados à disposição, apresenta ainda alguns obstáculos consideráveis, a saber: primeiro, a escassez de documentos escritos produzidos localmente; segundo, embora no seu centro e entorno estejam presentes núcleos que apresentam consideráveis quantidades de vestígios materiais distribuídos desde o período micênico⁵ ao romano⁶, há ainda muito por escavar e/ou publicar⁷, o que dificulta a composição de um quadro mais completo e impõe limites à análise.

³ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. [Trad, de Frederico Carotti.] São Paulo: Cia. das Letras 1989, p. 151.

⁴ E aqui podemos citar, por exemplo, as frequentes enchentes que assolaram o santuário de Artemis *Orthia*, os saques e o desenvolvimento da Esparta moderna que tiveram impacto na preservação do mesmo. LUONGO, Francesa. “Cui bono? Perche tornare a riflettere sulle fasi arcaiche del santuario di Artemis Orthia a Sparta?” IN: *ASAtene LXXXIX*, serie III, 11, tomo 1, 2011, p. 80.

⁵ Caso, por exemplo, das construções encontradas próximo ao que posteriormente seria identificado como o santuário de Helena e Menelau em Therapnes.

⁶ Como visto no anfiteatro construído em volta do santuário de Artemis *Orthia*.

⁷ Tal situação tem, todavia, melhorado, conforme exemplificado pelos trabalhos de W.G. Cavanagh, J. Crowel, R. M. V. Catling e G. Shipley de investigação paisagem rural da Lacônia. Por outro lado, conforme aponta Florentina Fragkopoulou, parte do material escavado do santuário de *Orthia* permanece inacessível, enquanto a publicação dos achados no *Menelaion* ainda está em progresso; cf.

Uma vez que, conforme aponta J. T. Hooker, a voz dos espartanos mal chega até nós⁸, se faz necessário que o pesquisador que se dedica à *polis* faça uso de outros tipos de evidências: por um lado, conforme sugerido acima, é essencial o trabalho com os relatórios que dão conta das expedições e escavações realizadas em Esparta e na Lacônia desde as últimas décadas do século XIX⁹; por outro lado, dada a carência de testemunhos escritos locais, nos resta inquirir o que gregos de outras regiões emitiram sobre os espartanos¹⁰. Tal situação não é, todavia, isenta de problemas. Voltando nossa atenção primeiramente para a documentação material, nos deparamos com a virtual inescrutabilidade aos olhos modernos de uma parcela dos objetos votivos e estruturas escavadas. Embora nas últimas décadas novas abordagens tenham tido sucesso em suas investigações, contribuindo para desconstruir a rede de mitos que encobre as narrativas estabelecidas sobre Esparta, muito ainda está fadado a permanecer no campo da especulação. Quando então nos voltamos para a documentação escrita, o quadro que se coloca não é muito melhor. Os testemunhos de que dispomos apresentam problemas relacionados principalmente a duas características: primeira, tendo em vista nosso foco no período arcaico, a maioria dos textos é de períodos muito tardios, embasando seus relatos em estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais consideravelmente diversas daquela que é nosso foco; segunda, os autores antigos, dados os momentos históricos em que escreveram, dificilmente poderiam ter oferecido uma visão marcada pela objetividade¹¹ e acabam por encorajar atitudes extremas, positivas ou negativas, frente à *polis* de Esparta¹². Embora o trabalho com tais depoimentos seja de grande relevância para a composição de um panorama mais completo acerca da sociedade Espartana, o excesso de crédito concedido aos autores antigos, associado à retroprojeção de características tardias contribuiu para a composição de uma imagem rígida e idealizada que muito afetou as interpretações sobre o período em questão¹³.

Em função do destacado acima, conforme ressalta Florentina Fragkopoulou, nossa imagem de Esparta sobre o período arcaico foi marcada ao menos até a década de

FRAGKOPOULOU, Florentia. *Spartan Sanctuaries and Lakonian Identity Between 1200 and 600 bC.*. King's College London – December 2010, p.21-22.

⁸ Neste estudo, cujo foco é Esparta arcaica, conforme será debatido mais a frente, nossas vozes de Esparta se limitam aos fragmentos das obras poéticas de Alcman e Tirteu.

⁹ Para um histórico das expedições no período, cf. HOOKER, James T. *The Ancient Spartans*. JM Dent & Sons Limited, 1980, p. 17-24. Ressalte-se que novos esforços tem sido dirigidos na região; cf. nota 6.

¹⁰ *Ibid.*, p. 14.

¹¹ *Ibid.*, loc. cit.; FRAGKOPOULOU, op. cit., p. 19-20.

¹² POWELL, Anton. "Sparta: Reconstructing History from Secrecy, Lies and Myth" IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 6.

¹³ FRAGKOPOULOU, op. cit., p. 17.

1960 por clichês produzidos na antiguidade e perpetuados pela historiografia¹⁴. Tal quadro, que se convencionou chamar de *Miragem Esparciata*, começa a se estruturar durante o período Clássico, e, embora alguns autores antigos lhe ofereçam contrapontos, continuará forte durante o domínio romano, sendo posteriormente retomado pelos estudiosos modernos. Dentre os muitos que contribuíram para a construção de tal imagem destacam-se dois: Xenofonte e Plutarco. O primeiro, um cidadão ateniense dos séculos V e IV a.C., que, exilado, viveu por um período junto aos Espartanos, vindo a escrever textos em que demonstrava profunda admiração pelo modo de vida e pelo sistema político da *polis* central da Lacônia¹⁵. Seu questionamento acerca do como, apesar de seu corpo cívico relativamente pequeno, Esparta teria alcançado tamanho poder entre as comunidades gregas¹⁶, e sua resposta, que exagerava cada aspecto diferenciado ou único acerca da mesma, influenciaram os analistas modernos, que por muito tempo dedicaram-se a tentar explicar o *sucesso* espartano¹⁷. O segundo, cuja obra é publicada no século I d.C., com a cidade já sob domínio romano, narra, em uma de suas muitas biografias, a vida de Licurgo, o mítico legislador espartano. Conforme ressalta Anton Powell, a visão entusiasticamente positiva oferecida pelo autor¹⁸, certamente marcada por preocupações patrióticas e em muito distante no tempo do período em que a personagem teria supostamente vivido, também foi de grande influência nos séculos XIX e XX d.C.¹⁹. Representações como as contidas em tais narrativas embasaram o desenvolvimento de mitos sobre a austeridade, igualdade e orientação para a guerra da sociedade da sociedade espartana, que findaram por turvar o olhar sobre a mesma no período arcaico.

Tais problemas convergem na análise do santuário de *Orthia*²⁰ em Esparta. As escavações realizadas pela *British School at Athens* no início do século XX, trouxeram à

¹⁴ Ibid., p. 19-20.

¹⁵ HOOKER, op. cit., p. 14-15.

¹⁶ XENOFONTE, *Constituição dos Lacedemônios*, 1.1.

¹⁷ POWELL, op. cit., p. 4.

¹⁸ Visão essa que vai de encontro ao que falava também Xenofonte, que, em *Constituição dos Lacedemônios*, 1.2, afirma: “Licurgo, que deu a eles as leis que obedecem, e a quem eles devem a prosperidade, eu observo e me maravilho; e penso que ele atingiu o ponto mais alto de sabedoria”.

¹⁹ POWELL, op. cit., p. 6; HOOKER, op. cit., p.16.

²⁰ É frequente que a deusa seja apresentada como Artemis *Orthia*; todavia, no período estudado, não há menção – seja em textos escritos, seja na documentação material – aos nomes em associação. Uma vez que a deusa aparece na documentação apenas como *Orthia* (com grafias variadas, mas nenhuma que se aproxime de Artemis), preferiremos nos referir a ela dessa maneira. Dito isso, o culto parece passar por uma série de transformações durante o século VI a.C., momento que talvez o amálgama possa ter se dado; tal possibilidade será discutida ao longo de nossa exposição.

tona uma estrutura que, a partir das descrições de Pausânias²¹, foi identificada como o local de culto da supracitada deusa. No sítio estabelecido nas proximidades da margem oeste do rio Eurotas, numa região que o viajante chama *Limnai*, foram encontrados vestígios que sugerem uma atividade cultural que antecede o período arcaico e estende-se sob o domínio romano²². Desse intervalo, os séculos VII e VI a.C. são marcados por uma considerável riqueza e variedade de objetos votivos, o que geralmente é associado a um momento de maior efervescência²³, assim como de transformações no culto²⁴. Todavia, em contraposição à abundância de documentação material, referências ao culto e ao santuário em escritos antigos são raras e, especialmente as mais sonoras, tardias²⁵, de modo que visões do período clássico e do romano vieram a ser projetadas sobre o culto no período arcaico, desconsiderando as transformações que, junto com o resto da sociedade espartana, o mesmo parece ter sofrido ao longo dos séculos. O problema é agravado, pois, conforme ressalta Soteroulla Constantinides, as discussões sobre o culto tem historicamente se pautado principalmente pela documentação escrita, produzindo uma concentração de olhares sobre o rito do chicoteamento dos jovens junto ao altar da deusa, o *διαμαστίγωσις*²⁶, descrita por Plutarco e Pausânias²⁷, cuja ocorrência nos séculos VIII, VII e VI a.C. não pode ser confirmada. Conseqüentemente, apesar da riqueza de vestígios, dada a dificuldade de escrutínio, o santuário e seu culto no período arcaico estão ainda em alguma medida relegados ao segundo plano²⁸.

Isso posto, reconhecidos os supracitados limites impostos à nossa investigação, nos dedicaremos no decorrer deste trabalho à análise da colocação espacial do santuário, dos objetos votivos lá depositados, das representações sociais da deusa e dos elementos que parecem ser associados a ela no culto durante o período arcaico. Pretendemos

²¹ PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, 3.16.7-11.

²² DAWKINS, R. M. (org.) *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta*. London : MacMillan and Co., Limited, 1929, p.1-52.

²³ NAFISSI, Massimo. “Sparta” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p. 132-133.

²⁴ DAWKINS, op. cit., p. 282-283.

²⁵ Há, todavia, uma muito discutida exceção. Alguns autores acreditam ver no *Partheneion I* de Alcman referências a uma procissão de meninas portando uma oferta indefinida para *Orthia*.

²⁶ CONSTANTINIDES, Soteroulla. *Lakonian Cults – The Main Sanctuaries of Sparta (800 b.C. – to the Roman Period)*. London: University of London, 1988, p. 149.

²⁷ PLUTARCO, *Instituta Laconica*, 40 & *Licurgo*, 18.1; PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, 3.16.7-11. O chicoteamento dos jovens também é descrito anteriormente por Xenofonte, mas parece apresentar características consideravelmente diferentes daquele ritual visto por Pausânias e Plutarco; cf. XENOFONTE, *Constituição dos Lacedemônios*, 2.6-9.

²⁸ Constantinides ressalta que este é um dos cultos mais veementemente discutidos no mundo helênico [CONSTANTINIDES, op. cit., p. 149]. Todavia, tal juízo parece ligado ao ritual do chicoteamento dos jovens, e, uma vez que nosso foco não é esse – e nem parece ter sido esse o único elemento do culto, destacamos aqui a colocação em segundo plano do santuário.

compreender, através da rede de associações em que *Orthia* está inserida, os valores que lhe são projetados e a partir dos quais ela imbuí de significância a paisagem que se cerca e momentos da vida daqueles que tomam parte em seu culto, sempre reconhecendo o caráter duplo de tais relações, que funcionam nos dois sentidos²⁹. Desse modo, acreditamos contribuir para o debate acerca da experiência religiosa na sociedade espartana entre os séculos VIII e VI a.C., período de profundas transformações internas e externas que, começando a moldar as instituições que veríamos consolidadas no período clássico, permitem que os primeiros passos sejam dados em direção à constituição de um poder que posteriormente se tornaria hegemônico na Hélade. A análise desse intervalo colabora ainda para a desmistificação da imagem de tal comunidade, ajudando na desconstrução da já citada “miragem espartana”.

Para tal investigação, definiremos os recortes conforme exposto a seguir. No que concerne ao âmbito espacial, centralizaremos nossa análise na polis de Esparta e em seu entorno, de modo a abranger não apenas o santuário de *Orthia* às margens do Eurotas, mas também outros como o de *Atena Chalkioikos* na acrópole, o *Menelaion* próximo a Therapnes e o de *Apolo e Hyakintho* em Amicleia. Dadas as relações atribuladas com os vizinhos, inseridas num contexto de política de expansão, se faz necessário que tenhamos em mente também para os contatos no Peloponeso. Por fim, a circulação do conhecimento, de profissionais, de matérias-primas e de produtos artesanais, exige que nós reconheçamos ainda os laços que unem os espartanos a diversas outras comunidades no Mediterrâneo, sejam elas gregas ou não gregas. Por sua vez, o aspecto temporal de nosso trabalho estará, conforme já dito, centrado no período arcaico. Desse intervalo, daremos ênfase aos séculos VII e VI a.C., dada a grande quantidade de documentação material associada ao momento; todavia, haja vista a cronologia muito discutida que envolve os objetos escavados pela *British School at Athens* em Esparta³⁰, encararemos tais limites com alguma fluidez. Para além disso, a, já citada, escassez de documentação escrita provoca a inevitabilidade da extensão do nosso recorte até o

²⁹ DETIENNE, Marcel. *Comparing the Incomparable*. [Trad: Janet Lloyd] Stanford: Stanford University Press, 2008, p. 69-71.

³⁰ Os métodos e a cronologia estabelecida pelos arqueólogos da *British School at Athens* em Esparta foram alvo de algumas críticas contundentes e de revisões ao longo do século XX e no início do XXI, sem que isso tenha levado a um consenso. Destacamos aqui a revisão realizada por Boardman (BOARDMAN, John. “Artemis Orthia and chronology”. *The Annual of the British School at Athens*, 58, 1963), a de Cavanagh e Laxton (CAVANAGH, W.G.; LAXTON, R. R. “Lead Figurines from the Menelaion and Seriation” IN: *The Annual of the British School at Athens*, Vol. 79, p. 23-36, 1984) e o panorama traçado sobre a discussão por Fragkopolou (FRAGKOPOULOU, op. cit., 240-271).

período romano visando englobar os testemunhos tardios, que, embora exijam uma dose extra de cuidado, podem nos auxiliar pela observação das permanências³¹.

Tomando por base tais recortes, nós direcionamos nossa atenção primeiramente para a documentação material. Conforme indicado anteriormente, nosso objetivo nesta pesquisa é a análise do culto da deusa *Orthia*, de modo que, embora referências e paralelos com outros venham a ser feitos, nosso foco estará sobre a miríade de objetos votivos encontrados e associados à deusa em seu santuário, bem como sobre o desenvolvimento arquitetônico do mesmo e sobre sua disposição no espaço da *polis* espartana.

Entendemos aqui enquanto objetos votivos³² aqueles que, tendo sido produzidos com fins de dedicação³³ ou para uso cotidiano e depois convertidos em ofertas, foram depositados nos santuários pelos cultuadores, seja em contexto de ritual comunitário, seja na expectativa do estabelecimento de uma relação direta com a divindade, visando a atenção a demandas especificamente individuais³⁴. Conforme indicado anteriormente, a escavação do santuário de *Orthia* trouxe à tona grande quantidade e variada qualidade de objetos votivos associados ao período arcaico; em resumo, foram encontrados: (a) fragmentos de vasos de cerâmica cobertos com esmalte preto ou identificados com estilos que vão do geométrico ao lacônico; (b) placas – *pinakes* – e estatuetas de terracota feitas à mão, em molde, ou mesclando partes das duas técnicas; (c) máscaras de terracota; (d) entalhes em pedra calcária; (e) bronzes distribuídos entre peças de adorno e estatuetas; (f) marfim e osso esculpido em peças de adorno, estatuetas, selos e outros diversos; (g) pequenas figuras de chumbo com características de “produção em massa” e outras mais robustas de produção individualizada; (h) objetos de adorno em ouro e prata; (i) vasos de pasta vítrea; (j) por fim, uma miscelânea de pequenas quantidades de contas de vidro, âmbar, pedras gravadas, fragmentos de escultura e mais.

³¹ Um exemplo disso seria, segundo Anton Powell, o trabalho de Geoffrey de Ste. Croix sobre as origens da Guerra do Peloponeso; POWELL, op. cit., p. 4-5.

³² Também dedicações ou ofertas. Apesar das variadas ênfases contidas em cada termo, não cremos que sejam irreconciliáveis, tomando aqui todos por sinônimos. Sobre a terminologia tradicionalmente utilizada na arqueologia, cf. OSBORNE, Robin. “Hoards, votives, offerings: the archaeology of the dedicated object”. *World Archaeology* Vol. 36(1): *The Object of Dedication*. Taylor & Francis, 2004, p. 5-6

³³ Por uma arteção, seja produção em massa ou por encomenda específica, ou fabricado pelo próprio dedicante. Destacamos que no segundo caso, o próprio ato de produzir para a dedicação poderia ter uma faceta ritual, todavia, não há no santuário evidência concreta que suporte tal hipótese.

³⁴ Sobre o estabelecimento de relações particulares com as divindades; cf. PROST, F.; AURIGNY, H.; HOFFMANN, C. Saint-Pierre; BRISART, Th. “Sanctuaires et Offrandes en Grèce” IN: ÉTIENNE, Roland (dir.) *La Méditerranée au VIIe siècle av. J.-C. – essays d’analyses archéologiques*. Paris: De Boccard, 2010, p. 232-233; KINDT, Julia. “Polis Religion – A Critical Appreciation”. *Kernos* [Online], 22 | 2009.

Entre tal coleção de objetos votivos, os símbolos de destaque variam ao longo do período arcaico, mas a presença de representações da deusa, frequentemente alada e associada a animais e/ou devotas é sempre grande (*Potnia Theron*). Para além disso, objetos de adorno pessoal são muito comuns, embora decaiam no século VI a.C.; representações de mulheres, de guerreiros – seja em estatuetas ou em máscaras – e de animais – em especial cavalos, leões e, no século VI a.C., cervos – também são dignas de nota.

Ao analisar tais objetos votivos, nós nos dedicaremos a observar as representações figurativas neles contidas. Iremos inferir aquelas que decorram de seus usos – tais quais suas correlações –, atentando aos seus materiais e às suas singularidades, além de investigar os valores simbólicos e os discursos³⁵ que os mesmos portam dado o contexto em que se inserem³⁶. Para tal, tendo reunido um repertório de objetos votivos, procederemos à identificação dos elementos simbólicos que os compõem. A seguir, projetando tais signos sobre o pano de fundo do imaginário espartano arcaico³⁷, procuraremos identificar a que valores se relacionam. Por fim, rearticulando os elementos, recomporemos os objetos e tomando-os em seu meio, analisaremos as possíveis mensagens que comunicam, os valores que emanam e como se relacionam com a deusa e o culto no santuário.

Conforme indicado, para além dos objetos votivos nele contidos, nós nos dedicaremos também a uma análise do desenvolvimento deste santuário e da relação simbólica que ele estabelece com a paisagem na qual se encontra ancorado³⁸. François de Polignac, ao trabalhar o conceito de *paisagem religiosa*, aponta como para além da noção de espaço, tal conceito carrega algo da visão dos indivíduos e grupos, e, portanto, das representações que mobilizam. Desse modo, é possível que nela se encontrem vários níveis de representação, sem que para isso venham a se confundir. Entre os aspectos do conceito, o autor ressalta a constituição do espaço religioso entre o rito e as criações

³⁵ Dada a agência contida tanto no processo de produção, quanto no de escolha e deposição do objeto votivo no santuário.

³⁶ Ao propor uma abordagem semelhante, Hoffman e Brisart estão direcionando sua atenção de maneira exclusiva para os objetos votivos orientais ou orientalizantes, preocupados em analisar os objetos de prestígio e o *agon* em que a elite se envolve através dos santuários. Todavia, não nos parece haver qualquer impedimento quanto a extensão de uma tal abordagem a outros tipos de objetos votivos.

³⁷ Certamente encarado aqui de maneira parcial, dados os limites impostos pela sobrevivência da documentação material e escrita. Procuraremos constituir tal imaginário a partir dos objetos votivos depositos nos santuários, bem como das representações presentes principalmente no que chegou até nós da obra de Homero, Hesíodo, Alcman e Tirteu.

³⁸ SCHEID, John; DE POLIGNAC, François. Qu'est-ce qu'un «paysage religieux»? Représentations culturelles de l'espace dans les sociétés anciennes: Avant-propos. *Revue de l'histoire des religions*, 2010, p. 7.

culturais que lhe dão sentido³⁹. Em nossa investigação, todavia, a busca da especificidade do rito provavelmente se converteria numa armadilha, resultando na projeção forçada de elementos tardios sobre um período que não lhes corresponde. Ainda assim, é certo que, ao observarmos as produções culturais relevantes para o período em Esparta e na Hélade, poderemos discernir as características das *representações sociais* dos elementos mobilizados no culto e de espaços como aquele no qual ele se encontra ancorado, e, buscando estabelecer as interconexões entre tais representações, nos aproximaremos da paisagem religiosa que tem *Orthia* como elemento central.

Dado o exposto, ainda que se ressalte a parcialidade dos textos escritos antigos⁴⁰, nos parece que a tentativa de escrutínio do santuário e do culto de *Orthia* impõe a inevitabilidade do recurso aos mesmos. Assim sendo, partiremos aqui da documentação material, que embasa nossas questões, mas trilharemos o necessário caminho em direção à documentação escrita. Todavia, em lugar de nos voltar para as particularidades do funcionamento do culto, nos propomos aqui a destacar os signos cuja relevância para o mesmo é indicada pela cultura material e analisar suas representações sociais em Homero, Hesíodo, Alcman e Tirteu, buscando compor, ainda que de maneira parcial, um quadro do imaginário que os abarca.

Para os fins deste estudo, trabalharemos com a definição de *representações sociais* proposta por João Fernando Rech Wachelke e Brígido Vizeu Camargo, segundo os quais tais representações são:

(...) teorias do senso comum, elaboradas e partilhadas socialmente (...), ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, isto é, a grupos sociais (...), que têm por funções explicar aspectos relevantes da realidade, definir a identidade grupal, orientar práticas sociais e justificar ações e tomadas de posição depois que elas são realizadas (...).⁴¹

De tal maneira compartilhadas então por um determinado grupo, tais noções são frequentemente mobilizadas pelos indivíduos, circulando pela sociedade nas mais variadas manifestações, ora reforçadas, ora questionadas, transformando-se e

³⁹ POLIGNAC, François de. “Espaço Cultural e Paisagem Religiosa: entre Rito e Representação” IN: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira (Org.) *Imagem, Gênero e Espaço – Representações da Antiguidade*. Niterói: Alternativa, 2014, p. 10.

⁴⁰ OSBORNE, *op.cit.*, p 6; HOOKER, *op. cit.*, p. 14.

⁴¹ WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brígido Vizeu. “Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento” IN: *Revista Interamericana de Psicologia*, Vol. 41, Num, 3m, 2007, p. 380.

incorporando novos elementos⁴². Assim, ao observarmos textos como os de Homero, acreditamos ver *representações sociais* que, dado um extenso processo de contatos e variações, tendem a, em alguma medida, cristalizar-se em uma tradição⁴³, que, reconhecida e admirada, se converte em uma das bases de referências de outros poetas e artesãos. Todavia, conforme ressaltam Wachelke e Camargo, tal referenciamento não ocorre sem que antes se dê um processo de internalização de tais representações pelos indivíduos, o que, haja vista suas diferentes experiências, produz em cada um efeitos particulares⁴⁴. Desse modo, ainda que sejam evidentes os limites de uma tal prática quando se trabalha com um período tão distanciado, se faz necessário que, ao observarmos as produções culturais do período, bem como a prática religiosa dos espartanos, tenhamos atenção as relações que se estabelecem entre as *representações sociais* e as *representações individuais*⁴⁵.

Para melhor estabelecer as *representações sociais* que perpassam o imaginário espartano no período arcaico, ao analisar as produções culturais anteriormente indicadas, nos valeremos da constituição de grades de leitura, adaptando o proposto por Françoise Frontisi-Ducroux⁴⁶. O método que utilizaremos consiste assim na organização das instâncias dos elementos que se quer analisar em grades onde se destacam o contexto de retirada e os valores que lhe parecem associados direta ou indiretamente. Realizado tal trabalho, comporemos as representações e, sempre que possível, procederemos à comparação entre as imagens que sobressaem. Tendo construído tal panorama, podemos então retornar à análise da documentação material portando dados que nos permitam realizar uma análise mais profunda do espaço do santuário e dos objetos votivos lá depositados.

Dado o exposto, dispomos abaixo a organização de nossos capítulos e hipóteses:

⁴² O que se dá em função da sua construção ativa no contato e da combinação de propriedades rígidas e inovadoras; cf. SÊGA, Rafael Augustus. “O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici”. IN: *Anos 90*, Porto Alegre, n.13, julho de 2000, p. 385.

⁴³ O que, por sua vez, não implica em estagnação; as representações continuam a transformar-se, mas alguns de seus elementos, mais fortes e compartilhados, tendem a tornar-se menos suscetível a transformações.

⁴⁴ WACHELKE & CAMARGO, op. cit., p. 386.

⁴⁵ As *representações sociais* são aqui entendidas então como fenômeno de nível superior, de modo que as *representações individuais* são tomadas como de nível inferior, dada a necessidade de contextualização no meio social que se impõe sobre estas últimas. Cf. *Ibid.*, p. 386.

⁴⁶ FRONTISI-DUCROUX, Françoise. *Dédale: Mythologie de l'Artisanen Grèce Ancienne*. Paris: La Découverte, 2000; o foco dos pesquisadores do campo da psicologia social na contemporaneidade impõe uma dificuldade, uma vez que seus métodos nem sempre vem a ser os mais adequados para uma investigação das sociedades antigas. Dessa maneira, a composição das grades de leitura como meio de destacar os valores associados às *representações sociais* se converte numa alternativa para o trabalho com períodos de tempo mais afastados.

Em nosso capítulo 01, nos dedicaremos à exposição do contexto geral do mundo helênico e de Esparta no período arcaico, bem como do estabelecimento dos principais cultos, visando compor uma base para análise espacial do santuário e da frequência de devotos ao mesmo. Com isso, pretendemos ressaltar a relação existente entre elementos simbólicos de liminaridade, de uma potência criadora e de outra destruidora com a paisagem religiosa que se constitui no entorno do sítio da deusa, indicando também a especial relevância do culto para o desenvolvimento das e dos jovens espartanos.

Em nosso capítulo 02, abordaremos as representações de animais presentes no santuário e os valores simbólicos a elas atrelados, buscando identificar que elementos podemos inferir sobre *Orthia* a partir das associações estabelecidas com as feras. Assim, objetivamos demonstrar a relevância dos valores advindos das ligações com as criaturas para as e os jovens espartanos, bem como, pelo crescimento em importância da figura do cervo, apontar o desenvolvimento de uma possível transformação considerável no culto.

Em nosso capítulo 03, desenvolveremos uma análise acerca de outros grupos votivos de grande peso – a saber: as representações de homens e mulheres em diversos materiais, os vasos de cerâmica e as máscaras votivas –, aprofundando nossa compreensão acerca de quem tomava parte no culto e com que anseios, além de tangenciar o tópico da especificidade dos ritos que teriam lugar no santuário.

De tal modo, nossas hipóteses são:

- 1 – A disposição espacial do santuário, contíguo ao rio Eurotas, o culto, avaliado a partir das ofertas depositadas no *têmenos*, e as relações de *Orthia* dentro do panteão espartano, contribuem para a composição de uma *paisagem religiosa* associada à realização de *ritos de passagem* e ao desenvolvimento de potências relacionadas aos papéis e às demandas dos homens e mulheres na Esparta arcaica;
- 2 – Os objetos votivos encontrados no santuário de *Orthia* explicitam representações relacionadas à epifania da deusa. Durante o período arcaico, no imaginário dos homens e mulheres de Esparta, a representação social da divindade evocava as ideias de transformação (crescimento e inserção efetiva na sociedade), criação (fertilidade), e destruição (agência guerreira);
- 3 – Os principais cultuadores do santuário de *Orthia* em Esparta, nos VII e VI séculos a. C., eram jovens espartanos e espartanas que realizavam ritos que se integravam a uma dinâmica de passagem da infância para a fase adulta.

CAPÍTULO 1: ESPARTA E O SANTUÁRIO DE ORTHIA (s. VIII à VI a.C.)

Desde o princípio da atividade cultural às margens do Eurotas até o espetáculo dos chicoteamentos no período romano, séculos se passaram e o santuário de Orthia, tal qual muitos outros, sofreu grandes transformações. No presente capítulo, dedicaremos nossa atenção à análise de tal processo de mudança desde sua fundação até o século VI a.C., procurando abordar também a relação simbólica estabelecida entre a deusa e a paisagem¹ da área que lhe é consagrada, bem como a frequência dos cultuadores ao local. Uma vez que tal curso de mudanças não se dá em total desacordo do que ocorria no mundo helênico e, especialmente, em Esparta, se faz necessário que comecemos por discorrer brevemente sobre o período arcaico nestas duas dimensões.

1.1 – *O Mundo Helênico no Período Arcaico*

Cerca de uma década atrás, no capítulo de abertura de um livro escrito a muitas mãos e destinado a compilar os mais recentes desenvolvimentos no campo de estudos da história do período arcaico do mundo helênico², John Davies chamava atenção para a armadilha da terminologia empregada com relação ao mesmo. O termo, indicador de um caráter supostamente “primitivo” ou “antiquado”, comportava – e comporta – a marca de algumas características problemáticas, dentre as quais destacamos aqui a composição de uma visão que toma como referência o período clássico, entendido então como de elevada cultura ou maior sofisticação, o que imprimia uma mancha sobre os séculos que o precedem, turvando a visão e desencaminhando as análises³. Todavia, diferentemente do que é assim sugerido, o intervalo em questão, com suas ondas de transformações que produzem experiências muito diversas através do mundo helênico, dificilmente poderia ser qualificado de tal maneira, inferiorizado. Entre as tensões internas das comunidades, o estabelecimento e aprofundamento de contatos e os múltiplos impactos secundários de

¹ Voltando nossa atenção aqui especialmente para as representações que compõem o imaginário acerca do espaço natural em que se assenta o santuário, mas, tendo em vista também o espaço construído da *polis* Espartana, e, portanto, a disposição do santuário em relação a ela.

² RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009.

³ Para além do termo “arcaico”, o autor faz referência ao uso de “Grécia primitiva” e “Grécia medieval”. O referencial no período clássico, seria uma característica partilhada por todas essas nomenclaturas do período, tal qual: (a) a implicação de comparações com civilizações cronologicamente distantes; (b) a incorporação de decisões irrefletidas acerca da periodização. Cf. DAVIES, John K. “The Historiography of Archaic Greece” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p. 3-5.

tais movimentos, os séculos VIII ao VI a.C. se configuram como de crítica importância para a compreensão do desenrolar da história dos helenos – embora não devam ser explicados em função do mesmo.

A atitude de fincar os pés no período clássico e, a partir de então, voltar os olhos para trás, acabou por relegar o arcaico a uma posição de segundo plano, o que, todavia, importantes trabalhos das últimas décadas têm contribuído para desfazer⁴. Até a década de 1970, ressalta Davies, três correntes eram preeminentes: primeiro, a chamada *narrativa de larga escala*, baseada principalmente nas tradições históricas, geográficas e antiquárias dos autores gregos tardios, integrando à análise também os épicos e líricos; segundo, a história cultural, cuja atenção voltava-se em especial para o como instituições, hábitos, culto e mitologia poderiam ser “lidos”, tanto como reflexos da ordem social, quanto como representações dos modos segundo os quais os contemporâneos interpretavam seu mundo e davam sentido a ele; terceiro, a abordagem arqueológica, direcionada para o estabelecimento de cronologias relativas e absolutas para os diversos gêneros de artefatos, mas também para a história da ocupação de sítios como os dos grandes santuários⁵. Desde o quartel final do século passado, todavia, o campo de estudos tem se transformado intensamente, com as correntes citadas confluindo como um meio de superar suas dificuldades e limitações particulares. A convergência das principais correntes de análise tem produzido resultados que permitem a desconstrução de mitos e de hipóteses fundadas em pré-conceitos ou análises que falhavam em abordar as múltiplas dimensões da experiência dos homens e mulheres que viveram e agiram no período.

Desse modo, os estudos acerca do mundo helênico no período arcaico têm colhido grandes benefícios. Todavia, conforme aponta Davies, provavelmente ainda sob forte influência do quadro político polarizado pintado por Heródoto para o século VI a.C., os principais focos permanecem Atenas e Esparta⁶. A primeira tem sido objeto de investigações que, ao propor novas abordagens, produzem resultados mais aprofundados sobre diversos elementos da vida na *polis* antes do período clássico. No entanto, tal qual ocorre no eixo cronológico, a histórica concentração de pesquisas em torno da mesma contribuiu para a eleição de Atenas a uma condição de referência contra

⁴ Com isso não pretendemos dizer que não tenham sido publicados trabalhos acerca do período arcaico anteriormente, mas sim que, eles eram relativamente pouco numerosos se comparados aos produzidos tendo como foco o clássico.

⁵ DAVIES, op.cit., loc. cit. Para maiores detalhes sobre o desenvolvimento de cada uma das correntes, cf. DAVIES, op. cit., p. 5-13.

⁶ Ibid., p. 15.

a qual as demais *poleis* são comparadas e, conseqüentemente, qualificadas como exceções, tendo suas dessemelhanças frequentemente exageradas⁷. Tal situação, que por muito mascarou a diversidade do período arcaico, vem sendo criticada nas últimas décadas⁸ e, pouco a pouco, desmantelada. Em tal conjuntura, nosso conhecimento sobre a segunda das *poleis* supracitadas, em especial, tem passado por grandes transformações, uma vez que as noções simplistas, fundadas nas visões polarizadas ofertadas por autores gregos tardios e eivada de pré-conceitos da primeira metade do século XX d.C., a que chamamos de “Miragem Espartana”, vem sendo progressivamente desconstruídas⁹, o que abordaremos em maior detalhe na próxima seção.

No entanto, antes de nos dedicarmos em detalhe aos debates concernentes à comunidade Espartana em específico, é preciso que nos detenhamos sobre os processos de transformação que tiveram lugar no mundo helênico no período arcaico, com os quais tais discussões estão relacionadas. Tomando tal caminho, o primeiro tópico com o qual devemos lidar é o da intensidade das mudanças que teriam ocorrido a partir do século VIII a.C. Ao trabalhar a questão, Ian Morris caracteriza o momento em foco enquanto um período de *revolução* no mundo helênico¹⁰, assentando sua análise na superação das tendências demográficas, econômicas, culturais e políticas que se haveriam estabelecido com o fim do sistema palaciano de tipo micênico. Segundo o autor, tal reversão levaria nos próximos séculos a tensões internas nas comunidades, expansões, à organização de novos sistemas de administração, à reconfiguração das relações entre os grupos sociais, transformações nas práticas culturais e ao desenvolvimento de uma “ideologia” de igualdade que haveria de se tornar característica das comunidades helênicas.¹¹ A ênfase na transformação radical, todavia, vem sendo criticada nas últimas décadas. Diversos autores, pautados nas sínteses arqueológicas realizadas na segunda metade do século XX d.C., têm estabelecido

⁷ O que, conforme ressalta Florentina Fragkopoulou, é especialmente forte no caso de Esparta; cf. FRAGKOPOULOU, Florentia. *Spartan Sanctuaries and Lakonian Identity Between 1200 and 600 bC.* King's College London – December 2010, p.19-20.

⁸ Cf. MALKIN, Irad. *A small Greek world: networks in the Ancient Mediterranean.* Oxford University Press, 2011; MORGAN, Catherine. *Early Greek states beyond the polis.* Routledge, 2003; VLASSOPOULOS, Kostas. *Unthinking the Greek polis: ancient Greek history beyond Eurocentrism.* Cambridge University Press, 2007.

⁹ DAVIES, op. cit., p. 15-16.

¹⁰ Inserido no contexto de transformações que tomaria o mediterrâneo no período. Cf. MORRIS, Ian. “The Eighth-Century Revolution” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece.* John Wiley & Sons, 2009, p. 79.

¹¹ *Ibid.*, p. 64-80.

nuances para o despovoamento e desorganização das comunidades no intervalo dos séculos XII a VIII a.C. e, conseqüentemente, enxergado este último como um momento de continuidade de um processo de mudança lento e constante, realizado na interseção entre a tradição e a inovação¹². Não se trata assim de negar as rupturas, mas de evitar exagerá-las, visando não ocultar os laços que associam o período arcaico aos séculos que o precedem. Desse modo, podemos indicar que uma gama de transformações, não restritas ao século VIII a.C., abalou as diversas comunidades do mundo helênico. Todavia, embora as situações que estimulam tais mudanças possam ser associadas a tendências gerais, as variações de como tais problemas foram enfrentados, produziram quadros consideravelmente diferentes.

Seja da maneira acentuada identificada pela leitura tradicional, ou como intensificação inserida num processo mais longo, conforme entendemos aqui, é marcante que ao longo do século VIII a.C. as populações helênicas atingem níveis suficientemente elevados para pressionar as estruturas sociais então vigentes. Morris estima que a população do mundo helênico teria provavelmente dobrado ao longo desse intervalo, considerando ritmos diferenciados de crescimento em cada comunidade¹³. Embora sua conjectura talvez apresente números inflados em função de seu julgamento acerca dos séculos que precedem o período arcaico, escavações dos sítios e levantamentos de superfície indicam maior frequência de evidência tanto para assentamentos rurais, quanto para a expansão dos sítios principais, a partir do século VIII a.C.¹⁴. Tal aumento certamente impulsionou demandas por recursos dentro das comunidades¹⁵, ampliando a parcela empobrecida da população¹⁶, estimulando tensões

¹² POLIGNAC, François de. "Repenser la 'cité'? Rituels et société en Grèce archaïque." *Studies in the Ancient Greek Polis*, 1995b, p. 8-9; MORGAN, op. cit., p.56. Dois pontos são, todavia, dignos de nota: (a) Morris é crítico da interpretação dada à parcela dos vestígios arqueológicos de contexto funerário, não crendo serem eles suficientes para contestar a acentuada queda dos índices demográficos no intervalo em questão; (b) o autor, todavia, compartilha do entendimento de que havia um longo processo de mudanças em curso, mas, tendo em vista sua compreensão do período anterior, reconhece no século VIII a.C. uma considerável intensificação do mesmo. MORRIS, op.cit., p. 64-65.

¹³ MORRIS, op.cit, p. 66; SNODGRASS, Anthony M. *Archaic Greece: The age of experiment*. University of California Press, 1981.

¹⁴ MORRIS, op. cit., p. 66; MORGAN, op.cit., p.56.

¹⁵ A título de exemplo, podemos citar a relação entre a busca por ferro e outros metais e os movimentos de colonização do ocidente; cf. MOREL, J-P. "Early Rome and Italy" In: SCHEIDEL, W., MORRIS, I. & SALLER, R. *The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.489-491.

¹⁶ Aqui se pode citar a anedota destacada por Cartledge quanto à fundação de Siracusa, segundo a qual, um dos emigrantes no barco que se encaminhava para o Ocidente era assolado por uma fome tão intensa que trocou sua futura terra pelo alívio imediato de um bolo de mel; ainda que, conforme ressalte o próprio autor, tal história seja provavelmente exagerada, ela aponta da pobreza na terra natal como outro estímulo para a colonização. Cf. CARTLEDGE, Paul. *Ancient Greece: A history in eleven cities*. Oxford University Press, 2009, p.115-116.

da mesma com as elites ou dentre elas, e suscitando respostas que reestabelecessem o balanço das relações entre os grupos.

Diante de tais problemas, as comunidades helênicas produziram respostas que podem ser arrançadas em três grandes linhas¹⁷, embora tenham se combinado como forma de enfrentamento das crises. Em primeiro lugar pode-se destacar a intensificação da produção, tornada possível principalmente devido ao aumento da mão de obra disponível em função do crescimento populacional. Em segundo, a extensificação, que, através das diversas formas que assume no período, leva à ampliação das terras agricultáveis. Aqui, a título de exemplos, podemos citar: o caso da Ática, em que há um desenvolvimento da ocupação das regiões do interior, em oposição às áreas costeiras já mais densamente povoadas; o caso de Esparta, que, pelo uso da força, anexa territórios vizinhos, subjugando suas populações – o que discutiremos brevemente na seção seguinte; e o caso de Corinto, de onde partem aqueles os homens e mulheres que findam por estabelecer o assentamento de Siracusa, na Sicília¹⁸. Evidentemente, tais movimentos foram responsáveis pela intensificação dos contatos, ora conflituosos, ora pacíficos, tanto dentro do mundo helênico, quanto no escopo ampliado do entorno do Mar Mediterrâneo, direta ou indiretamente causando impactos em diversos aspectos da vida dos helenos, tais quais a guerra ou o culto aos deuses¹⁹. Em terceiro e último, destacamos as tentativas de reorganização das comunidades, que, procurando mitigar as tensões entre os setores populares e as elites, promoviam medidas visando frear o aumento acelerado da desigualdade e a pauperização de uma grande parcela das populações²⁰ - cujo exemplo mais controverso talvez seja, novamente, Esparta.

Conforme indicado anteriormente, no entanto, as tensões que abalavam tais comunidades no período não se restringiam às relações entre as camadas populares e as elites. Elke Stein-Hölkeskamp ressalta como a ética de competição aristocrática resultava numa rivalidade acentuada por poder, status e influência no seio dos grupos dominantes - não à toa, a regulamentação das relações e disputas entre os membros das principais famílias esteve entre os principais elementos a motivar o estabelecimento dos

¹⁷ MORRIS, op. cit., p. 67-68.

¹⁸ Embora reconheçamos a relevância do fenômeno das colonizações para a compreensão do período arcaico, não cremos que, dado o foco da pesquisa, uma extensa discussão do tópico se faça necessária aqui.

¹⁹ A título de exemplo podemos destacar como a intensificação da circulação de pessoas, conhecimentos e produtos tem um impacto na produção artesanal no mundo helênico, repercutindo também nos hábitos de realização de ofertas aos deuses.

²⁰ Embora não sejam medidas propriamente de reorganização, as legislações suntuárias também estariam intimamente ligadas a tais esforços.

primeiros códigos de leis do mundo helênico²¹ -, o que, por sua vez, aumentava o peso dos mesmos sobre os mais pobres²². Através de estudos dos casos de Corinto, Mégara e Samos, a autora aponta para o fato de que os fatores de crise supracitados e os conflitos no interior das elites estiveram na base dos desdobramentos que levaram às ascensões dos tiranos, sendo explorados por aqueles que desejavam assenhorear-se do poder²³. Estabelecidos então em acordo com frações dos setores dominantes, deslocando do governo oponentes de mesma condição, os tiranos agiam de forma a assegurar a manutenção de seus poderes: fosse perseguindo seus opositores dentro das elites; fosse promovendo medidas que visassem assegurar apoio entre as demais camadas da população – como o suporte aos fazendeiros, estímulo das expedições de colonização, patrocínio de poetas²⁴, promoção dos cultos e festivais²⁵, além de intensa atividade de construção nas comunidades. Assim, o modo de ação dos mesmos se inscrevia nas formas e semânticas tradicionais de apresentação da elite, demonstrando poder e riqueza para reforçar seu status²⁶. A duração dos regimes tirânicos variou grandemente entre as comunidades do mundo helênico, não deixando, todavia, de imprimir uma forte marca no pensamento político pelos séculos que se seguiriam. As lutas para depor os tiranos estabelecidos, e as tentativas de evitar a ascensão de outros²⁷, resultaram na consolidação de instituições e no desenvolvimento de novas e diversas configurações políticas e sociais.

A intensificação dos contatos no Mar Mediterrâneo e as transformações em curso no interior das comunidades helênicas provocaram mudanças também na experiência religiosa. Antes de 750 a.C. os principais centros de culto das regiões sul e central da parte continental da Hélade eram sítios a céu aberto desprovidos de construções específicas²⁸. Ainda no século VIII a.C., François de Polignac identifica, todavia, indícios de um processo de mudança de atitude com relação às práticas

²¹ MORRIS, op. cit., p. 71.

²² STEIN-HÖLKESKAMP, Elke. "The Tyrants". IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p. 113.

²³ Ibid., p. 112-113; MORRIS, Sarah. "Imaginary kings: alternatives to monarchy in early Greece." IN: Morgan, Kathryn A. (ed.). *Popular Tyranny: Sovereignty and its Discontents in Ancient Greece*. University of Texas Press, 2003, p. 9.

²⁴ Como o fazem, por exemplo, Periandro de Corinto e Hierão de Siracusa.

²⁵ Aqui podemos citar a atuação dos Pisistrátidas em Atenas.

²⁶ STEIN-HÖLKESKAMP, op. cit., p. 113-114.

²⁷ Como no caso da legislação anti-tirania desenvolvida em Atenas, e das transformações que tem lugar na própria Esparta – como veremos mais a frente.

²⁸ MORGAN, op.cit., p. 53; Polignac faz referência também à maneira como os cultos são representados na *Odisseia*, em que não há delimitações de espaços para os deuses, sendo os ritos realizados em contato com elementos da natureza que estejam associados aos mesmos; cf. POLIGNAC, François de. *Cults, territory, and the origins of the Greek city-state*. University of Chicago Press, 1995a, p.14-20.

cultuais: objetos votivos tradicionalmente depositados junto aos mortos, pouco a pouco passavam a ser dispostas nas áreas sagradas aos deuses²⁹; frequentemente produzidas a partir materiais valiosos e pensadas para durarem, tais ofertas se acumulavam, tornando-se paralelamente veículos da competição aristocrática³⁰; a estrutura construída dos santuários que seria característica dos períodos posteriores desenvolve-se em torno de seus elementos centrais, enquanto o espaço dos mesmos se torna mais claramente delimitado³¹. Em direção aos séculos VII e VI a.C. é possível perceber transformações qualitativas, mas também quantitativas quanto aos santuários: se não podemos identificar um “boom” religioso uniforme, dados os diferentes ritmos de desenvolvimento das comunidades, certamente podemos falar de um crescimento geral do domínio religioso³². Tal tendência pode ser percebida tanto pelo aumento do número de santuários em contextos rurais e urbanos³³, frequentemente associada a um processo de territorialização que toma tais locais enquanto eixos³⁴; quanto na monumentalização dos espaços sagrados às divindades, seja pela opulência de objetos votivos retidos, ou pela promoção de uma arquitetura relativamente imponente e ornamentada. Desse modo, é possível perceber que as expansões e transformações no domínio religioso acompanham os ritmos de desenvolvimento político e social das comunidades, cuja reestruturação ao longo do período arcaico dá forma as instituições características das *poleis*.

O período a que chamamos de arcaico é então marcado por um conjunto de processos que, guardadas as diferenças de ritmo e características regionais, produzem transformações relacionáveis através do mundo helênico. No entanto, diante de

²⁹ Posteriormente, em um artigo, Polignac ressalta que tal fluxo era tradicionalmente interpretado como uma passagem de uma sociedade focada na expressão individual para uma outra centrada na expressão coletiva. Tal oposição, todavia, é atualmente muito questionada, uma vez que trabalhos das últimas décadas apontam para uma relação de complementaridade entre as práticas ligadas ao contexto funerário e dos santuários. Cf. POLIGNAC, 1995b, p.9-10; É válido ressaltar que quando da publicação original de seu livro, em 1984, pouco havia em termos de dados arqueológicos sobre o período geométrico, e, que, em função dos novos achados, algumas das conclusões a que o autor chega, não mais se sustentam. O próprio, inclusive, atualizou sua posição em favor de um processo mais gradual de transformações – em lugar de uma mudança repentina e generalizada. Cf. PEDLEY, John. *Sanctuaries and the sacred in the ancient Greek world*. Cambridge University Press, 2005, p.52-56.

³⁰ O que se encontra em estreita relação com as produções de técnica orientalizante. Cf. nota 4; PROST, F.; AURIGNY, H.; HOFFMANN, C. Saint-Pierre; BRISART, Th. “Sanctuaires et Offrandes en Grèce” IN: ÉTIENNE, Roland (dir.) *La Méditerranée au VIIe siècle av. J.-C. – essays d’analyses archéologiques*. Paris: De Bocard, 2010, p. 235-248.

³¹ POLIGNAC, 1995a, p.14-20.

³² PROST, AURIGNY, HOFFMANN, op. cit., p.228-232.

³³ ÉTIENNE, R. Athènes, espaces urbains et histoire. Des origines à la fin du III siècle ap. J.-C. Paris: Hachette, 2004, p.29.

³⁴ POLIGNAC, op. cit.; guardadas as particularidades de cada região no que concerne à estruturação do Estado e do domínio religioso.

similares questões, respostas consideravelmente diferenciadas foram elaboradas, contribuindo para o desenvolvimento do quadro que vemos no final do século VI e início do V a.C.: comunidades que conseguem perceber traços que historicamente as unam a nível político e cultural, mas que, simultaneamente, são marcadas por considerada singularidade. Diante de tal cenário, tomar uma referência única como modelo não poderia deixar de resultar em concepções enviesadas. Esparta, tal qual Atenas ou Corinto, esteve imersa em tal momento de mudanças, e, se, ao final do período, sua organização tomou contornos muito particulares, os mesmos não podem ser exagerados ou projetados para o passado.

1.2 – *Esparta Arcaica e a Miragem*

Michael Whitby define a *Miragem Espartana* como “as formas através das quais imagens idealizadas de Esparta eram propagadas, algumas vezes por espartanos, mas, de modo mais importante, por não espartanos, para representar o que eles desejavam que Esparta fosse”³⁵. Embora tal parcialidade dos autores antigos seja esperada³⁶ e os estudiosos do século XX já tivessem sido alertados para as dificuldades extras impostas por tal quadro no caso espartano³⁷, diversos elementos de tais representações idealizadas perduraram nas investigações acerca da *polis*. Conforme apontado anteriormente, a continuidade nos estudos modernos da predominância do referencial ateniense fez com que, ainda que os próprios autores antigos oferecessem visões variadas acerca do quão semelhante ou diferente Esparta seria das demais comunidades helênicas³⁸, as características particulares da mesma fossem frequentemente exageradas. Nas últimas décadas, todavia, mudanças tem se operado nesse cenário. Nesta seção, visando desconstruir tais imagens para melhor fundamentar nossa análise posteriormente, nos

³⁵ WHITBY, M., (ed.). *Sparta*. Edinburgh, 2002, p.11 apud. HODKINSON, Stephen. “Sparta – An Exceptional Domination of State over Society?” IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p.32. Traduzido na transcrição: “[...] the ways in which ideal images of Sparta were propagated, sometimes by Spartans but more importantly by non- Spartans, to represent what they wanted Sparta to be”.

³⁶ OSBORNE, Robin. “Hoards, votives, offerings: the archaeology of the dedicated object”. *World Archaeology* Vol. 36(1): *The Object of Dedication*. Taylor & Francis, p.1-10, 2004; HOOKER, James T. *The Ancient Spartans*. JM Dent & Sons Limited, 1980, p. 14.

³⁷ Em sua exposição acerca do problema, Hodkinson faz referência ao impacto do trabalho pioneiro de François Ollier, *Le mirage Spartiate* (1933-43). Cf. HODKINSON, op.cit., p. 32.

³⁸ *Ibid.*, p. 32-34.

dedicaremos à avaliação de alguns dos pontos em torno dos quais se estruturavam tais discursos na Antiguidade e na contemporaneidade.

De início devemos nos debruçar sobre a relação entre a identidade étnica dos espartanos e o desenvolvimento das configurações sociais, políticas e religiosas da *polis*³⁹. A associação entre Esparta e os dórios, bem estabelecida e difundida já durante o clássico, influenciou fortemente a análise de autores antigos e modernos, que buscaram em tal elemento a explicação para os primórdios de diversas instituições particulares da comunidade, bem como para as características de alguns cultos, projetando-as sobre um passado distante e vago⁴⁰. Todavia, o momento de mobilização de tal discurso identitário tem sido colocado em disputa, o que coloca em xeque sua pertinência explicativa para as particularidades – quando o são – espartanas.

A narrativa tradicional espartana tem início com o mito acerca de Hércules e Hipocoon⁴¹. O último haveria tomado o trono de Tindareu, governante legítimo de Esparta. Hércules se envolveria na querela e, após embates com os filhos de Hipocoon, retornaria o controle da região para Tindareu. Após sua morte, o trono deveria haver regressado às mãos de Hércules ou de seus descendentes, mas recaiu, num primeiro momento, sobre Menelau, filho de Atreu e marido de Helena, filha de Tindareu, e, posteriormente, sobre Orestes, que uniria tais domínios aos de seu pai Agamêmnon. Durante o reinado de Tisamenus, filho de Orestes, os Heráclidas teriam então avançado sobre o Peloponeso a frente dos dórios, habitantes da região central da Hélade, e retomado a posse sobre o trono. Tal história, todavia, não emerge assim repentinamente; embora, provavelmente, tenha tomado tal forma durante o período arcaico, a sua composição sugere a mobilização de elementos de origens variadas, aproximados intencionalmente, visando atender a necessidades específicas em diferentes momentos da história da *polis*⁴².

Iniciando a decomposição de tal narrativa, tomemos a questão da “invasão Dória”, objeto de frequentes debates. Tradicionalmente, as transformações visíveis na

³⁹ Florentina Fragkopoulou critica, por exemplo, a retroprojeção das relações tradicionalmente estabelecidas entre a diarquia e a filiação Heráclida, entre a organização tribal e o caráter dório de Esparta, ressaltando que em ambos os casos se coloca o problema do que haveria antecedido o que. Igualmente, a autora discute e refuta a subordinação da aparição de Hilotas e Periecos à questão étnica. Por fim, embasada nas similaridades existentes entre a *Hyakinthia* e outros festivais não-dórios, rejeita a especificidade étnica do santuário e do culto de Apolo em Esparta. cf. FRAGKOPOULOU, op. cit., p.33-117.

⁴⁰ Ibid., p. 25 e 98.

⁴¹ ALCMAN, *Patheneion I*, v. 1-35.

⁴² NAFISSI, Massimo. “Sparta” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p. 117-19.

cerâmica da Lacônia durante o século X a.C. são encaradas como indício das invasões da região por dórios oriundos do centro e norte da Hélade, supostamente responsáveis por levar ao fim o sistema palaciano Micênico⁴³. Todavia, tal interpretação tem sido alvo de críticas vindas especialmente dos campos da linguística e da arqueologia⁴⁴, de modo que novas perspectivas têm se estabelecido, pintando um cenário mais nuançado, tanto da desagregação do sistema de palácios, quanto dos processos de migração em direção ao Peloponeso, e/ou, eventualmente, tomando os dórios não como invasores recentes, mas como uma população há muito subjugada que aproveita um momento de caos político para rebelar-se⁴⁵. Ainda que, por um lado, consideremos a última proposta frágil, e, por outro, tomemos por base aqui um processo de migração mais difuso, em que os dórios não chegam ao Peloponeso enquanto uma entidade definida⁴⁶, notamos que no século X a.C. as aldeias que compõem Esparta já estavam estabelecidas no centro do vale do Eurotas⁴⁷ – bem como outros centros da Lacônia.

Tal organização inicial não pressupõe, no entanto, a elaboração de um discurso identitário fundamentado na etnicidade; esse, por sua vez, haveria de ser um desenvolvimento posterior. Massimo Nafisi defende que entre os séculos X e VIII a.C. uma identidade Dória se desenvolve em Esparta, estando marcada pela reminiscência de uma origem fora do Peloponeso, tendo já a filiação aos reis Heráclidas como um elemento central, e sendo acompanhada da criação de uma cultura material regional relativamente homogênea⁴⁸. Irad Malkin, todavia, trabalha com datas posteriores para a articulação e aproximação dos mitos de origem dos dórios e de fundação dos Heráclidas, projetando tal processo sobre o século VII a.C., e relacionando-o, em especial, aos conflitos com a Messênia⁴⁹. Uma rota similar a essa é tomada por Jonathan Hall, que aponta ainda como a elaboração sobre tais mitos convergiu no período para o

⁴³ CAVANAGH, W. "An Archaeology of Ancient Sparta with Reference to Laconia and Messenia". IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 62.

⁴⁴ Para uma síntese dos argumentos dispostos dos dois lados, cf. HALL, Jonathan M. *Hellenicity: between ethnicity and culture*. University of Chicago Press, 2002, 73-82.

⁴⁵ Respectivamente, cf. NAFISI, op.cit., p.117-119, CHADWICK, John. "Who were the Dorians?." IN: *Parola del Passato* 31, p. 103-117, 1976 e CHADWICK, J. "I Dori e la creazione dei dialetti greci." *D. Musti (cur.), Le origini dei Greci. Dori e mondo egeo*, 1985. Aqui, todavia, tendemos para o que é defendido por Nafisi, partilhando das críticas estabelecidas por Irad Malkin e Paul Cartledge quanto à propostas semelhantes a de Chadwick. Cf. MALKIN, Irad. *Myth and territory in the Spartan Mediterranean*. Cambridge University Press, 1994, p. 43-46; CARTLEDGE, Paul. *Sparta and Lakonia: a regional history 1300-362 BC*. Routledge, 2013, p.66-79.

⁴⁶ NAFISSI, op. cit., p.118.

⁴⁷ William Cavanagh cita como evidência disto a presença de cerâmica que data do século X a.C. – se podemos confiar na cronologia estabelecida – nas imediações do santuário de Orthia. CAVANAGH, op. cit., p.63-64

⁴⁸ NAFISSI, op. cit., p.118.

⁴⁹ MALKIN, op. cit., p.15-46.

estabelecimento da tradição da invasão Dória conforme a conhecemos hoje, embora seu próprio caráter composto funcione como indício de que o processo de migração em direção ao Peloponeso tenha tomado uma forma menos centralizada⁵⁰. Dado o estado atual das evidências, não acreditamos ser possível estabelecer de maneira segura e precisa conclusões acerca do momento inicial de articulação de tais discursos, devendo nos restringir a trabalhar com aquilo de que podemos ter certeza, isto é, que no século VII a.C. tais narrativas eram suficiente difundidas em Esparta para que a evocação de Tirteu tivesse sentido⁵¹. Qual seja o período em que suas bases são estabelecidas, os autores parecem concordar quanto ao motivo geral que provoca a apelação aos Heráclidas: conflitos e reivindicação de direito ao território; quer contra os messênios, quer contra outros povos da Lacônia, o supracitado amálgama entre as genealogias parece se inserir numa estratégia de expansão sobre o Peloponeso – a terra lhes pertenceria por ter sido concedida por Zeus ao ancestral de seus reis e porque eles a teriam conquistado.

Sem se confundir com o elemento étnico, todavia, percebemos que, de modo algo similar, durante o século VI a.C., em meio a constantes combates com Tegea sem resultados positivos, desenvolveu-se em Esparta o que se convencionou chamar de *filoaqueísmo*: uma política de aproximação com alguns heróis do passado aqueu do Peloponeso – nomeadamente, Orestes e Teissamenos –, visando reivindicar perante inimigos e aliados uma posição de liderança local. Aqui, o costumeiro expediente de apropriação e ressignificação de heróis, se converte num marco da mudança da estratégia política de Esparta frente às demais *poleis* da península: os Heráclidas evocavam a ação conquistadora; Orestes e Teissamenos representam uma orientação em favor da formação de alianças – do que o estabelecimento da paz com Tegea serve de exemplo⁵².

A recorrência de tais práticas contribui para explicitar a maneira como necessidades externas – políticas ou de outra natureza – podem impactar a elaboração

⁵⁰ HALL, op. cit., p. 73-82.

⁵¹ TIRTEU, fr. 2 W, vv. 12-15. Rafael Brunhara traduz a passagem da seguinte maneira: “Pois o Cronida em pessoa, esposo de Hera bem-coroadada, Zeus, deu aos Heráclidas esta cidade: junto deles, deixando Eríneo batida pelos ventos, à vasta ilha de Pélope chegamos.” Cf. BRUNHARA, Rafael, “A *stásis* na elegia grega arcaica e na poesia de Tirteu”. IN: ASUMPCÃO, Luis Filipe Bantim. *Esparta – Política e Sociedade*. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 104.

⁵² Reforçando a frequência com que tal estratégia era mobilizada, Malkin cita ainda, por um lado, as posteriores reivindicações de Odisseu frente a um atrito com Argos, e, por outro, as de Agamêmnon como motivo para liderar os helenos frente aos Persas; quanto ao culto de Menelau, discutiremos mais a frente. MALKIN, op. cit., p. p. 26-33; NAFISSI, Massimo. *La Nascita del Kosmos: Studi sulla storia e la società di Sparta*. Edizioni scientifiche italiane, 1991, p.140-141.

da autoimagem de um grupo - afetando também o modo como ele é percebido pelos outros. Conforme ressalta Fragkopoulou, a “capa Dórica”, que reveste a maior das partes das instituições da *polis* – se não todas – geralmente aparenta ser invenção da metade para o final do período arcaico⁵³. Diante disso e do, já citado, estado das evidências, reforçamos que o viés da etnicidade nos parece uma chave explicativa fadada a produzir armadilhas interpretativas.

Seguindo adiante, mas sem nos afastarmos do tema da expansão, nos colocamos de frente para um tópico de grande relevância para a compreensão da estrutura da *polis* de Esparta. No século V a.C. a menção aos Lacedemônios fazia referência não apenas aos Esparciatas – cidadãos ativos da *polis* –, como também a populações de outras localidades incorporadas e submetidas: os *periecos*⁵⁴. Para além desses, sujeitas a acentuada exploração, se encontravam comunidades da Lacônia e da Messênia, que, ao longo do período arcaico, foram reduzidas ao *status* de *hilotas*. Tais grupos, todavia, não estiveram sempre sob domínio – qual seja o grau – de Esparta, sua anexação estando associada ao processo de alargamento do controle da mesma sobre o Peloponeso e às suas transformações socioeconômicas. No entanto, nosso conhecimento sobre seu surgimento, seus papéis e as condições a que estavam sujeitos até o período clássico, é consideravelmente limitado, o que, dada sua evidente importância para a sustentação da estrutura da comunidade, suscita frequentes debates – aos quais nos dedicaremos brevemente abaixo.

Para Maximo Nafissi, a extensão da identidade Dórica e o desenvolvimento de tradições que ligavam as origens dos reis Espartanos aos Heráclidas, tal qual seu direito de sucessão a Tindareu, provavelmente tanto refletiam, quanto consolidavam o sucesso de sua política de expansão⁵⁵. Embora, conforme tenhamos ressaltado anteriormente, as evidências disponíveis não ofereçam o suficiente para que se possa estabelecer com segurança o momento em que tal discurso passa a ser mobilizado, nos parece que no século VII a.C. o mesmo se encaixava em ambos os papéis. De maneira similar, no entanto, a documentação pouco contribui para a elucidação dos primeiros momentos do alargamento do controle da *polis* sobre o Peloponeso; Nafissi fala em três conflitos melhor representados: Amicleia, Helos e Messênia. Quanto à primeiro, temos duas

⁵³ Vide nota 31. FRAGKOPOULOU, op. cit., p. 96-97

⁵⁴ Ainda que se debata a natureza e a configuração específicas dos laços entre *Periecos* e Esparciatas, nos parece evidente que em tal relação o poder pendia para o lado dos últimos. Cf. NAFISSI, Massimo. “Sparta” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p. 123-124

⁵⁵ *Ibid.*, 119-121.

narrativas principais, associando o processo de anexação da comunidade à Esparta ora ao retorno dos Heráclidas, ora ao reinado de Teleclus em meados do século VIII a.C. Tais tradições, não se tratam, todavia, de “memórias genuínas”, ressalta o autor, mas da tentativa de Esparta de transferir para a Lacônia o trono de Agamêmnon, e, conseqüentemente, os reinados de Orestes e Tisamenus, o que estaria em consonância com a política filoaqueia já abordada. A incorporação da segunda, por sua vez, é vista por alguns autores como o momento de criação do *status* de *hilota*. Tal hipótese, todavia, não encontra grande sustentação em outros documentos, de maneira que, frequentemente, estudiosos preferem buscar explicações para o surgimento do grupo em outros lugares – o que abordaremos mais a frente⁵⁶. Como quer que tais processos tenham transcorrido, o que parece certo é que, em meados do século VIII a.C., Esparta já detinha o controle sobre o vale do Eurotas, seu território estendendo-se do monte Taigeto ao Paron, e alcançando a costa ao sul. É após esse momento que a *polis* volta sua atenção para a Messênia; iniciando uma série de conflitos dos quais evidências mais significativas resistiram ao teste do tempo. Todavia, embora sejam sonoros, tais indícios são ainda consideravelmente restritos, distantes ou fragmentários, o que acaba produzindo um quadro marcado por incertezas – vide, por exemplo, a imprecisão acerca do número de guerras que teriam ocorrido entre as partes⁵⁷. O que podemos afirmar com alguma convicção é que há uma guerra entre o meio do século VIII e o primeiro quartel do VII a.C., que termina com a vitória de Esparta, e a tomada de parte do norte território Messênio⁵⁸. Todavia, no século VII a.C., após insucessos na continuidade da expansão em direção ao Norte do Peloponeso, esbarrando nas resistências de arcádios e argivos, uma revolta estoura na Messênia, provavelmente estimulada pela parcela da população que permaneceu livre, levando a outro conflito: a nova derrota sela a anexação da região por Esparta⁵⁹. O século VI a.C., conforme vimos, é palco de uma mudança de postura política da *polis* em relação aos seus vizinhos, não abandonando o enfrentamento, mas favorecendo cada vez mais a prática do estabelecimento de alianças, o que posteriormente resultaria na criação da Liga do Peloponeso.

⁵⁶ O autor faz menção ainda ao fato de que sob um ponto de vista histórico, Amicleia provavelmente já pertencia a uma “comunidade pré-política” que também incluía as vilas de Esparta. Cf. *Ibid.* p. 119-121.

⁵⁷ FRAGKOPOULOU, op. cit., p.34-36; NAFISSI, op. cit., p. 119-121.

⁵⁸ FRAGKOPOULOU, op. cit., p. 34-36; MORRIS, op. cit., p. 67-68; NAFISSI, op. cit., p. 119-121.

⁵⁹ Não nos alongamos aqui nas discussões acerca da Guerra da Messênia, pois não acreditamos que tal caminho contribuiria grandemente para a análise que pretendemos realizar. Cf. CARTLEDGE, op. cit., p. 88-110; FRAGKOPOULOU, op.cit., 84-87.

O processo de desenvolvimento institucional de Esparta, caminhando lado a lado com sua expansão sobre o Peloponeso, acabou por produzir algumas qualificações para assentar as populações incorporadas em seu quadro de funcionamento. Tais grupos se dividiam em *hilotas* e *periecos*, e, durante o final do período arcaico e início do clássico, se converteriam em elementos essenciais para a manutenção do poder espartano.

Tomando emprestada a definição de Thomas Figueira, podemos delimitar enquanto *hilotas* os agrupamentos de trabalhadores rurais em estado de servidão, que sustentavam os cidadãos espartanos – chamados Esparciatas ou *homoioi* –, liberando-os do trabalho da terra e da administração das propriedades⁶⁰. Tal explicação é certamente adequada a partir do século VI a.C., mas se nos direcionamos aos séculos que o antecedem, o quadro se complica, uma vez que, como de costume, em razão da parca documentação a respeito, nosso conhecimento acerca do grupo no período é muito limitado, o que resulta, conforme ressalta Fragkopoulou, em frequentes retrojeções de características posteriores como meio de cobrir os buracos da informação de que dispomos. O problema do como a helotização atingiu a forma que tem no período clássico, todavia, não é de fácil solução, permanecendo ainda hoje um debate em aberto⁶¹.

Se retornamos um pouco mais e nos indagamos quanto ao surgimento dos *hilotas* ou dos grupos que seriam assim convertidos, algumas linhas de interpretação se apresentam. Os defensores da visão mais tradicional afirmam que a helotização teria se dado antes do período arcaico, através da escravização em massa de uma população etnicamente homogênea, mantida em sua própria terra⁶². Tal abordagem, coerente com a antiga ênfase excessiva dada ao elemento étnico – opondo, no caso, Dóricos e não-Dóricos – no desenvolvimento da sociedade espartana, tem sido alvo de frequentes críticas, frequentemente preterida em favor de uma leitura que entende que, apesar de antecedida pela conquista⁶³, a formulação Clássica só é estruturada no século VI a.C.,

⁶⁰ FIGUEIRA, Thomas. “Helotage and the Spartan Economy”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 566.

⁶¹ Cf. DUCAT, J. *Les hilotas*, BCH Supp. 20. Paris, 1990; LURAGHI, N. and ALCOCK, S., (eds.). *Helots and their Masters: The History and Sociology of a System of Exploitation*. Cambridge, 2003.

⁶² Nafissi ressalta que uma tal proposta contradiria o costume helênico e não encontraria nenhum paralelo na história geral da escravidão; todavia, indica que van Wees oferece um contraponto. Cf. NAFISSI, op. cit., p. 122 e WEES, Hans van. “Conquerors and Serfs: Wars of Conquest and Forced Labor in Archaic Greece.” In: LURAGHI, N. and ALCOCK, S., (eds.). *Helots and their Masters: The History and Sociology of a System of Exploitation*. Cambridge, p. 33–80, 2003.

⁶³ Uma vez que a documentação não oferece base para que se elabore uma alternativa quanto ao modo pelo qual tais grupos vieram a ser colocados sob domínio espartano; cf. FRAGKOPOULOU, op.cit., p.

quando, durante o processo de reformas que Esparta atravessava, diversos tipos de trabalho dependente, livre e não livre, são submetidos a homogeneização⁶⁴. Tendo em vista o aparecimento tardio do termo *hilotas*⁶⁵ e a variedade de propostas dos autores antigos para a identidade dos povos dominados por Esparta na região sul do Peloponeso⁶⁶, tenderemos aqui para a proposta de uma instituição tardia, todavia, tributária das múltiplas condições que a antecederam⁶⁷.

Conforme indicado anteriormente, no período clássico, quando os autores falavam em lacedemônios, entendiam referir-se a um conjunto que englobava os espartanos e os *periecos*. Tal associação pode nos sugerir tanto algum nível de identidade entre os grupos⁶⁸, quanto a importância do último na sustentação da comunidade políade do primeiro. Apesar do indício de relevância, os estudos acerca dos *periecos* esbarram na maneira vaga como, mesmo durante os períodos clássico e helenístico, quando a documentação a respeito é mais abundante, as suas obrigações frente aos espartanos são comentadas. O que podemos afirmar é que, nos séculos V e IV a.C., tal grupo era constituído pelos homens livres de diversas comunidades da Lacônia submetidas politicamente. Assim sendo, lhes era imposto que, quando solicitados,

49. Ainda assim, alguns autores eventualmente buscam caminhos explicativos diferentes para tal processo, que, se não negam a conquista, retiram o peso da mesma, enfatizando outros elementos. Um exemplo é Nino Luraghi, que, focalizando o caso da Messênia, chama atenção para o processo de empobrecimento que é imposto sobre a região após as guerras com Esparta. Para o autor, a submissão que posteriormente se converteria em helotização é fruto do empobrecimento dos locais, e não diretamente da conquista. Cf. LURAGHI, N. 'Helotic slavery reconsidered', in C. A. Powell and S. Hodkinson (eds.), *Sparta - Beyond the Mirage*. Swansea: Classical Press of Wales, 2002, p. 240-241.

⁶⁴ NAFISSI, op.cit., p.121-123. Embora provavelmente tal processo tenha delimitado de maneira mais clara o status do *hilotas*, produzindo uma homogeneização do grupo, ressaltamos que um elemento de identidade ganharia força como diferencial dentro do grupo: a resistência dos messênios se pautaria na sua unidade enquanto tal, e não na partilha da status de *hilotas* com outros grupos. Assim sendo, algum nível de diferenciação se fazia presente. No entanto, se para além de tal elemento, ou reforçando-o, as diferenças tomavam outras formas, é difícil precisar.

⁶⁵ Note-se que não temos evidência do termo *hilotas* sendo utilizado por um autor espartano; a referência que temos para o emprego do qualificativo é de Tucídides. Cf. FRAGKOPOULOU, op.cit., 49.

⁶⁶ Ibid., p. 41-42.

⁶⁷ Acreditamos ser indício de tal configuração a combinação de elementos de servidão comunal e pessoal que caracteriza o helotismo. Tal associação é responsável desde a antiguidade pela dificuldade de qualificação dos *hilotas* de maneira clara enquanto servos públicos ou privados. Tal debate se encontra em aberto, e, embora trabalhos mais recentes tenham tendido a enfatizar os aspectos privados da relação entre os esparciatas e os *hilotas*, muitos autores ainda defendem que os mesmos eram propriedade do Estado. Não acreditando que tal questão contribui para o desenvolvimento de nossa análise, não nos deteremos sobre ela. cf. FIGUEIRA, op. cit.; FRAGKOPOULOU, op. cit., p. 39-52; NAFISSI, op.cit., p. 121-123.

⁶⁸ A documentação sugere que os *periecos* acabam assumindo também uma identidade dória, mas que não temos meios de avaliar a veracidade. FRAGKOPOULOU, op. cit., p.52-53; Nafissi e Ducat falam na possibilidade de uma solidariedade constituída com base em vários elementos, dando destaque para a atuação militar conjunta em proteção da território e em uma vida religiosa com elementos comuns. Cf. DUCAT, Jean. "The *Periokoi*". IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 612; NAFISSI, op. cit., p.123-124.

acompanhassem as campanhas militares de Esparta, e, que parte das terras de suas *poleis* fosse concedida aos reis espartanos⁶⁹. Somadas tal sujeição e a impossibilidade de tomar parte nas decisões políticas do Estado espartano, contrapostas à aparente autonomia administrativa local, estimulam o debate acerca do status preciso dos assentamentos *periecos* frente a Esparta: alguns autores tomam-nas enquanto parte integrante do Estado lacedemônio, considerando seus habitantes como uma espécie de cidadãos de segunda-classe; enquanto outros, apesar das imposições políticas dos esparciatas, entendem que elas compunham uma comunidade, mas não um Estado com Esparta, e que os *periecos* mantinham sua cidadania associada às *poleis* em que viviam, embora essas tivessem perdido uma parcela de sua soberania⁷⁰.

Tal caracterização, todavia, é mormente fundamentada em testemunhos do período clássico. Como apontamos acima, mesmo quando dispomos de mais referências, nosso conhecimento sobre os *periecos* é consideravelmente limitado. As principais linhas de interpretação para o surgimento de tais comunidades são: conquista ou integração de assentamentos independentes (dórios ou não); estabelecimento de Espartanos em novo locais fora do território da *polis*; ou pela penetração gradual de dórios em comunidades pré-dórias⁷¹. Qual seja o modo pelo qual tomaram forma, nos falta evidência suficiente para indicar com precisão o momento de institucionalização da categoria *perieco*, o que abre espaço para características tardias sejam projetadas sobre o início do período arcaico, conferindo aos mesmos grande importância no processo de formação do Estado Espartano⁷². Em contrapartida, estudos mais modernos têm tendido a considerar que, embora existissem comunidades pela Lacônia que de longa data se encontrassem numa relação de dependência econômica com Esparta, a institucionalização dos *periecos* seria um fenômeno mais recente, provavelmente associado, entre outros aspectos, ao processo de definição da cidadania espartana⁷³.

Durante o período arcaico, Esparta atravessou momentos de turbulência e profundas transformações também internamente. Séculos depois Aristóteles⁷⁴ ressaltaria como a *Eunomia* de Tirteu – que podemos inserir numa tradição de poemas ligados a

⁶⁹ FRAGKOPOULOU, op. cit., p. 53-56.

⁷⁰ Como no caso dos *hilotas*, não nos aprofundamos pois não nos parece que tal discussão contribuiria para a nossa análise posterior. cf. DUCAT, op.cit.; FRAGKOPOULOU, op.cit.; p. 53-54; NAFISSI, op.cit., p. 123-124.

⁷¹ FRAGKOPOULOU, op.cit., p.52-54; NAFISI, op.cit., p. 123-124.

⁷² Ibid., 59-60

⁷³ Ibid., 52-63; NAFISSI, op.cit., p. 123-124.

⁷⁴ ARISTÓTELES, *Política*, 5.1360b7.

*stásis*⁷⁵ – testemunha a situação crítica que se construía em função da guerra da Messênia, e da conseqüente desigualdade de condições materiais produzida na *polis*, o que acabaria resultando em demandas por redistribuição de terras⁷⁶. Para além disso, os juramentos trocados mensalmente entre reis⁷⁷ e éforos⁷⁸ no período clássico, nos quais os primeiros se comprometem a agir de acordo com as leis, e os segundos, pela administração, asseguram a manutenção da autoridade real intacta⁷⁹, sugerem um histórico de desconfiança em relação aos diarcas, e à acumulação de poder em suas mãos⁸⁰. Se aceitamos que a política filoaqueia, ao enfatizar o referencial da continuidade em lugar do da conquista Dória/Heráclida, era movida também por tal intenção e contribuiu para reduzir a influência ideológica dos reis, acompanhando a tendência de controlar seu papel dentro das comunidades e evitando que os mesmos viessem a nutrir aspirações tirânicas⁸¹, podemos estender tal clima de suspeição para a virada do VII para o VI séculos a.C. As tensões econômicas, sociais e políticas que perpassam tais textos e práticas não eram, conforme vimos, exclusivas de uma região, mas abrangiam todo o mundo Helênico no período arcaico, e, diante delas, cada *polis* produziu soluções que dialogavam com as especificidades de sua experiência. A seguir, abordaremos brevemente o caminho trilhado por Esparta diante de tais questões.

Ao final do século V a.C., o mais recente sucesso militar de Esparta diante de Atenas, reforçou a associação entre a constituição da *polis* e a suposta excelência que a mesma produziria em seu corpo cívico; ao mesmo tempo, o sistema político em que se inseriam tais homens era tido como dotado de grande estabilidade⁸², tendo sido criado num passado distante por obra de um mítico legislador - Licurgo. Tais ideias tiveram

⁷⁵ BRUNHARA, op. cit., p. 99-107.

⁷⁶ Sobre tais reivindicações e os *Partheniai*, cf. CARTLEDGE, op. cit., p.106-109; NAFISSI, Massimo. *La Nascita del Kosmos: Studi sulla storia e la società di Sparta*. Edizioni scientifiche italiane, 1991, p. 35-51.

⁷⁷ Diferente do restante do mundo helênico, o sistema espartano comportava duas casas reais que se desenvolviam em paralelo. Embora no período clássico o poder dos mesmos estivesse decididamente subordinado à *polis*, e, em grande medida, controlado pelos éforos, até o século VII a.C., ambos pareciam dispor de grande peso econômico e político – mesmo levando em consideração sua atuação junto à *gerousía*, o conselho do anciãos. Cf. NAFISSI, Massimo. “Sparta” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p. 124-132.

⁷⁸ Magistratura provavelmente criada entre o quartel final do século VII e o segundo do VI a.C. Eleita anualmente, acessível a qualquer membro do *dâmos*, parece surgir da necessidade de reforçar o cumprimento da lei em todos os setores da sociedade, incluídos aí os reis. Pouco a pouco o cargo aglutina atribuições e torna-se mais importante do sistema político da *polis*. Cf. NAFISSI, Massimo. *La Nascita del Kosmos: Studi sulla storia e la società di Sparta*. Edizioni scientifiche italiane, 1991, 114-124.

⁷⁹ XENOFONTE, *Constituição dos Lacedemônios*, 15.7.

⁸⁰ NAFISSI, op. cit., p.123-4.

⁸¹ *Ibid.*, p.143-4.

⁸² POWELL, Anton. “Sparta: Reconstructing History from Secrecy, Lies and Myth” IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 18-19.

um impacto nas interpretações dos historiadores, que, até a década de 1970 do século passado, tendiam a conceber a sociedade espartana como conservadora e resistente às mudanças sociopolíticas vividas pelas demais *poleis* do mundo helênico⁸³. Hoje, todavia, pesquisadores apontam no outro sentido, ressaltando que Esparta atravessou processos de transformação em muito similares aos das demais comunidades, passando, inclusive, por mudanças profundas durante o século VI a.C.⁸⁴, o que findaria por produzir as instituições de que temos nota no período clássico. Nem tão diferentes os homens, nem tão antigo o sistema. As invenções e mobilizações de elementos da tradição, todavia, são indícios de uma sociedade que opera para adequar o passado a seus novos valores⁸⁵.

Dois dos principais objetos de tais construções aparecem relacionados: Licurgo, o mítico legislador que seria responsável pelo estabelecimento do sistema político espartano; e a Grande *Rhetra*, dito oráculo recebido pelo mesmo que embasaria a constituição da *polis*⁸⁶, estabelecendo os papéis e as relações dos reis, da *gerousía*⁸⁷ e da assembleia. A atribuição de datas para a elaboração de ambos os discursos é difícil de precisar, mas o silêncio da *Eunomia* e Tirteu⁸⁸ a respeito é certamente um indício de que ambos teriam sido articulados da metade para o final do século VII a.C., ou no início do VI a.C.⁸⁹. Embora alguns autores a vejam como uma lei, a Grande *Rhetra*, devido a seu caráter aberto e geral, bem diferente das legislações arcaicas de que temos conhecimento, aponta no sentido de uma construção posterior que procurasse emular: ou o oráculo supostamente fornecido ao legislador, ou o texto apresentado por ele para aprovação do deus⁹⁰. Cartledge sugere que a revolta dos Hilotas que leva à segunda Guerra da Messênia, ou o surgimento de tiranias dos dois lados do istmo de Corinto,

⁸³ JONES, A. H. M., *Sparta*. Oxford, 1967, p. 34; FORREST, W. G., *A History of Sparta, 950–192 bc*. London, 1968, p. 53-54; JEFFERY, L. H., *Archaic Greece: The City-States c.700- 500 bc*. London, 1976, p. 111-114.

⁸⁴ HODKINSON, op. cit., p. 30-31; NAFISSI, Massimo. “Sparta” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p.124-125.

⁸⁵ NAFISSI, Massimo. “Lykourgos the Spartan ‘Lawgiver’ – Ancient Beliefs and Modern Scholarship”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 98-99.

⁸⁶ As narrativas sobre ambos os elementos se transformaram ao longo dos séculos e outras versões apareceram. Aqui destacamos, todavia, as que ter mais força nos discursos produzidos ao longo dos séculos VI e V a.C.

⁸⁷ Conselho composto por 28 anciãos e os dois reis espartanos; dotado de função probuleutica, atuava limitando o alcance das decisões da assembleia. Cf. NAFISI, op. cit., p. 98-99.

⁸⁸ Isto é, o fato de que não há no texto referência nominal a Licurgo ou a Grande *Rhetra* – ainda que esta última partilhe características com a ordem social descrita pelo poeta.

⁸⁹ NAFISSI, Massimo. *La Nascita del Kosmos: Studi sulla storia e la società di Sparta*. Edizioni scientifiche italiane, 1991, p.98.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 98.

podem ter influenciado na fabricação da mesma⁹¹. Nafissi fala em fortalecimento dos poder dos reis e da *gerousía*; ou resposta, ou antecipação a problemas similares àqueles que assolavam o mundo helênico no período. Seja como for, sua composição, que, embora não seja citada, apresenta paralelos com o que é exposto por Tirteu, aponta para um primeiro momento de definição das instituições políticas e dos critérios de cidadania⁹². O balanço exposto na Grande *Rhetra* é um provável indicativo do tipo de valores que eram associados a Licurgo no VIº século a.C., quando ele ainda não seria tido como o reformador que transformou o modo de vida em Esparta⁹³. Ao que parece, no entanto, sua imagem no período clássico toma tal contorno, o que, por sua vez, demandaria que mudanças consideráveis na sociedade espartana tivessem provocado uma rearticulação do mito do legislador. Tais alterações certamente tiveram lugar durante o século VI a.C., estando ligadas à distribuição de terras após a vitória definitiva sobre os Messênios, à consequente redefinição e expansão do corpo cívico, à criação ou fortalecimento da magistratura dos éforos⁹⁴ – reflexo da maturação política da comunidade⁹⁵ e resposta ao já citado perigo de tirania dos reis –, à atuação política de Chilon – com quem parece de acordo associar o estabelecimento da legislação suntuária em Esparta⁹⁶ –, à promoção do filoaqueísmo e os decorrentes efeitos ideológicos. Assim sendo, a longevidade e estabilidade das instituições que colocariam Esparta à parte das demais *poleis* não se confirma. O que vemos, conforme anteriormente apontado, é uma sociedade engajada em reescrever sua história para assentar novos valores e características, preocupada em desestimular a ação contrária dos descontentes interna e externamente.

O sucesso militar espartano, sua propaganda e o conhecimento limitado e enviesado dos autores clássicos e posteriores a respeito da *polis*, contribuiu para que narrativas semelhantes ganhassem corpo e se difundissem – frequentemente mantendo força entre os estudiosos modernos. No século V a.C., tal qual indicamos, Licurgo

⁹¹ CARTLEDGE, op. cit., 109-110.

⁹² NAFISSI, Massimo. “Sparta” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p. 126-128; NAFISSI, Massimo. “Lykourgos the Spartan ‘Lawgiver’ – Ancient Beliefs and Modern Scholarship”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 98-99.

⁹³ Id., 2017, p. 99.

⁹⁴ O silêncio de Tirteu e da Grande *Rhetra* a respeito dos mesmos sugere que ou tal cargo não existia durante o século VII a.C., ou não era dotado da relevância que adquire depois.

⁹⁵ NAFISSI, Massimo. “Sparta” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p.130-132; NAFISSI, Massimo. “Lykourgos the Spartan ‘Lawgiver’ – Ancient Beliefs and Modern Scholarship”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 99.

⁹⁶ Id., 1991, p.130-132.

passara a ser visto como um reformador responsável por uma mudança profunda no modo de viver em Esparta, estando associado em especial ao estabelecimento de costumes marcados pela igualdade entre os cidadãos – os chamados *homoioi* –, pela austeridade e pelo caráter militarizado – supostas marcas da *polis* no período clássico. Tal discurso, reforçado pela aura de alteridade que recai sobre Esparta, precisa, todavia, ser nuançado.

Voltando nossa atenção para a Esparta do século VII a.C., antes do longo processo de reformas que atravessaria a *polis*, vemos um quadro que em pouco difere das demais comunidades do mundo helênico. Como de costume, as evidências são relativamente escassas, mas o já citado poema de Tirteu apontaria para a existência de uma profunda desigualdade socioeconômica entre os espartanos⁹⁷; os poemas de Alcman e alguns dos objetos votivos encontrados durante as escavações dos santuários – joias, cerâmica decorada, bronze, marfim e mais – indicam tanto que tal elite apreciava o luxo⁹⁸, quanto que se reunia em banquetes em que o consumo de comida e vinho não era regulado⁹⁹. A imagem, conforme ressalta Powell, é a de uma *polis* aristocrática tal qual as demais no período¹⁰⁰.

Os processos de transformação de tal quadro, todavia, começam ainda, podemos supor, em finais do século VII a.C., com a distribuição das terras conquistadas da Messênia. Essa e as demais conquistas espartanas ajudaram a assegurar que mesmo o mais pobre dos cidadãos da *polis* fosse aliviado do peso do trabalho diário, mas não foram acompanhadas de medidas que objetivassem a equalização das condições materiais no interior do corpo cívico, uma vez que as terras da Lacônia permanecerem intocadas, excluídas da dita divisão¹⁰¹. Embora as reformas tenham produzido um momento de alívio para os setores menos abastados de Esparta, a distribuição desigual da propriedade da terra, alimentada por um sistema estruturado de modo a facilitar a concentração, permaneceu um problema, que se tornaria cada vez mais severo do século V a.C. em diante¹⁰². Em lugar de ações que visassem mitigar tal situação de disparidade

⁹⁷ O que é sugerido por Aristóteles na *Política*, na passagem 5.1360b7; cf. BRUNHARA, op. cit., p. 87-88.

⁹⁸ CAVANAGH, op. cit., p. 64 e 72.

⁹⁹ PIPILI, Maria. “Laconian Pottery” POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 146; WEES, Hans van. “The Common Messes”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017b, p. 249.

¹⁰⁰ POWELL, op. cit., p. 22.

¹⁰¹ NAFISSI, op. cit., p. 99; WEES, Hans van. “Luxury, Austerity and Equality in Sparta”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017a., p.203.

¹⁰² HODKINSON, op. cit., p. 46.

– tanto em terras, quanto em bens móveis –, foram instituídas leis que restringissem as maneiras pelas quais a elite poderia exibir sua riqueza¹⁰³. Certamente visando uma redução das tensões entre os diferentes grupos da comunidade, tais medidas provocaram transformações nas práticas funerárias, nas de banquete, na educação e mais¹⁰⁴.

Restritas as formas tradicionais de comensalidade com recortes de classe, o Estado espartano produziu um novo fenômeno para ocupar seu lugar: as *sissítias*¹⁰⁵. Símbolos da suposta igualdade¹⁰⁶ que ideologicamente caracterizaria o corpo cívico da *polis* após as reformas – marcada pela utilização do termo *homoioi* –, consistiam em banquetes diários coletivamente providos¹⁰⁷ por agrupamentos fixos, compostos por cidadãos de variados estratos e tribos. Dada sua orientação para o desenvolvimento da união política e da coesão da cidade¹⁰⁸, a participação em tais associações e o fornecimento dos recursos necessários para seu próprio sustento eram mandatórios, estando o exercício da cidadania condicionado a eles. As terras concedidas a cada cidadão deveriam ser capazes de produzir o suficiente para que o mesmo arcasse com sua colaboração nas refeições comunais, mas, uma vez que frequentemente não bastavam, tal sistema gerou continuamente perdas de direitos e exclusões, o que só tendeu a piorar com o desenvolvimento da situação da propriedade no Estado Lacedemônio, reduzindo progressivamente o corpo cívico da *polis*, e resultando no problema que determinaria sua decadência¹⁰⁹.

O último ponto que devemos abordar acerca da suposta igualdade produzida pelas reformas do final do período arcaico é o da educação pública dos jovens esparciatas. Visando o bom desenvolvimento físico para aqueles que viriam a ser os hoplitas da *polis* e o reforço das hierarquias que regiam a vida dos Espartanos, tal sistema colocava de lado outros elementos tradicionais da educação das elites helênicas, que, no entanto, não deixariam de ser ensinados por professores pagos em particular

¹⁰³ Ibid., p. 42.

¹⁰⁴ Tal cerceamento, todavia, não parece ter sido absoluto, de modo que restavam aos mais abastados meios de exibir sua riqueza; notoriamente, a oferta de objetos votivos aos santuários desempenhava tal papel. WEES, op. cit., p. 223;

¹⁰⁵ POWELL, op. cit., p. 16-17.

¹⁰⁶ Acerca da partilha da carne e da igualdade, cf. SCHMITT-PANTEL, P. “Sacrifice Meal and Symposion” In: MURRAY, O (org.). *Symptotica: A symposium on the symposion*. Oxford: Claredon Press, 1994, p.24

¹⁰⁷ A imagem tradicional é a de um banquete extremamente moderado em termos de ingestão de alimentos; todavia, têm-se sugerido que a falta de controle em pequena escala sobre as mesmas, teria criado abertura para que os participantes contribuíssem com mais do que aquilo necessário para uma refeição moderada. HODKINSON, op. cit., p.38.

¹⁰⁸ NAFISSI, op. cit., p. 175.

¹⁰⁹ HODKINSON, op. cit., p. 38 e 42; WEES, op. cit., 207-208.

pelas famílias¹¹⁰. O aporte das mesmas se fazia essencial ainda para a organização das *sissítias* para os mais novos¹¹¹, sustentando, portanto, o sistema de educação pela comunidade. Se, por um lado, a atuação das famílias é essencial, por outro, ela pode ser perniciosa. Haja vista que o bom desempenho dos adolescentes durante o percurso da educação pública poderia levá-los ao cargo de *Hippeis*¹¹² – dando início à espécie de *cursus honorum* da elite espartana que poderia resultar em outras posições de liderança e, em última instância, na entrada na *gerousia*¹¹³ –, a competição acaba sofrendo com pressões e influências externas¹¹⁴. Tal atuação das famílias determinava que a igualdade fosse uma característica superficial do sistema, que, em verdade, era estruturado de maneira a garantir a continuidade das elites tradicionais no poder.

Durante o século V a.C., o militarismo e a austeridade nas manifestações culturais podem vir a tornar-se elementos centrais da sociedade Espartana; todavia, não há evidência o suficiente para recuar tais características com segurança. As transformações de que tratamos aqui acontecem num intervalo de tempo relativamente grande: sistemas como a *sissítia* e a educação pública provavelmente tomaram forma ao longo do século VI a.C., certamente acompanhando a progressiva hoplitização do exército¹¹⁵; e, apesar das restrições de exibição de riqueza, o período foi marcado por uma produção artesanal local muito rica, que alimentava não apenas as ofertas nos santuários regionais, como também era frequentemente exportada¹¹⁶. A suposta igualdade que daria coesão ao corpo cívico espartano, no entanto, permaneceu um discurso sem bases concretas, conforme explicitado pelas discussões acima.

Um último tópico a tratar dentro do espectro da Miragem diz respeito à mulher espartana. A imagem tradicionalmente pintada pelos autores antigos – todos homens e,

¹¹⁰ HODKINSON, op. cit., p.30-31.

¹¹¹ Famílias detentoras de melhores condições, frequentemente contribuam por seus filhos e por filhos de outros espartanos que teriam perdido a cidadania e caído em desgraça. Ibid., p. 37-38.

¹¹² Corpo de guerreiros montados de elite no período clássico, cuja origem certamente remonta à passada atuação da elite espartana no campo de batalha; cf. NAFISSI, op. cit., p. 153-154.

¹¹³ Sobre a riqueza, o “mérito” e o acesso à *gerousia*, cf. ibid. p. 108-114 e 154-155.

¹¹⁴ HODKINSON, op. cit., p. 48.

¹¹⁵ NAFISSI, Massimo. “Sparta” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009, p. 128-130; WEES, Hans van. “The Common Messes”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017b, p. 250-254.

¹¹⁶ Cf. CAVANAGH, op. cit., p. 72-74; NAFISSI, Massimo. *La Nascita del Kosmos: Studi sulla storia e la società di Sparta*. Edizioni scientifiche italiane, 1991, p. 227-277; PIPILI, Maria. “Archaic Laconian vase-painting: some iconographic considerations.” *British School at Athens Studies*, 1998; PIPILI, M. “The Clients of Laconian Black-Figure Vases.” *Les clients de la céramique grecque. Actes du Colloque de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Paris, 30-31 janvier 2004*. 2006; PIPILI, Maria. “Laconian Pottery” POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017; WEES, Hans van. “Luxury, Austerity and Equality in Sparta”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017a, 211-213.

em sua grande maioria, estrangeiros – e por muito tempo reproduzida pelos estudiosos modernos é a de que as mulheres de Esparta seriam, por comparação às das demais *poleis*, mais livres e dotadas de autoridade. Tal representação, estritamente relacionada à série de outros equívocos acerca da *polis* abordada ao longo dessa seção, encontrava entre suas bases as competições atléticas em que as jovens tomavam parte, fosse no contexto do sistema de educação pública – que, assim como no caso masculino, acredita-se que tenha tomado forma durante o século VI a.C. – ou de ritual. Estudos mais recentes, todavia, têm considerado que tais práticas serviam fundamentalmente aos interesses de uma comunidade dominada pelos homens, de modo que, se não deixavam de ter função ritual, estavam também intimamente ligadas a preocupações eugênicas e à promoção do casamento como forma de garantir a reprodução do corpo cívico, e, conseqüentemente do poder militar¹¹⁷. Através do casamento, a mulher saía da esfera de controle de sua família para a do marido, e, enquanto a ausência mais frequente de sua contraparte possa ter lhe fornecido um grau maior de autoridade dentro do *oikos*, e a capacidade de herança resultado em maior influência em assuntos de família, tais fatores não podem ser exagerados ou generalizados, podendo ser aplicados apenas à mulheres dotadas de quantidades consideráveis de bens móveis e imóveis¹¹⁸. Assim sendo, apesar das diferenças superficiais sugeridas pelo modelo de educação, a vida da mulher Espartana pouco diferia daquelas das de outras *poleis*, sendo marcada por seus papéis fundamentais como filhas, mulheres e mães¹¹⁹.

Diante do exposto, fica claro que a imagem tradicionalmente associada à Esparta era severamente perpassada pelos juízos parciais, distanciados e frequentemente exagerados dos autores antigos, cujas interpretações por muito tempo influenciaram os pesquisadores modernos. Nas últimas décadas, todavia, tal cenário tem mudado e novas pesquisas tem contribuído para desmontar a chamada Miragem Espartana, relativizando a alteridade com a qual sempre fora caracterizada a *polis*.

1.3 – *Religião na Esparta Arcaica*

¹¹⁷ MILLENDER, Ellen G. “Spartan Women”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 506-508; POMEROY, Sarah B. *Spartan women*. Oxford University Press, USA, 2002, p. 03-04.

¹¹⁸ MILLENDER, op. cit., p. 512-514.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 518-519.

Rejeitando concepções que propunham uma identificação simples entre determinadas divindades e aspectos específicos da experiência humana, Marcel Detienne define o politeísmo como um sistema complexo de relações entre uma variedade de entidades e poderes sobrenaturais¹²⁰, de modo que, para analisar as características de um deus, se faz necessária também a avaliação das associações estabelecidas entre o mesmo e seus semelhantes¹²¹. Uma vez que, conforme ressalta Jon Mikalson, cada *polis* dispõe, em maior ou menor escala, de um panteão distintivo que se adéqua às suas necessidades¹²², em nosso percurso por elaborar acerca da rede de associações simbólicas que se estrutura no entorno de *Orthia*, não podemos nos furtar à uma breve discussão do panorama religioso de Esparta. Assim, sendo, dedicaremos esta seção ao desenvolvimento de tal tópico.

Antes, todavia, de nos voltarmos para as especificidades do panteão espartano, cabe aqui que coloquemos de maneira sucinta o como compreendemos as experiências religiosas dos helenos. Conforme ressalta Mikalson, a adoração helênica é fundamentalmente o fazer de feitos e o ofertar de presentes em honra às divindades¹²³, o que pressupõe uma ênfase na dimensão *prática*¹²⁴, num tipo de relação que pode ser compreendida segundo uma lógica de *dom* e *contra-dom*, visto que o cultuador, crendo ter recebido ou almejando alcançar benesses de uma entidade sobrenatural específica, lhe oferta sacrifícios, objetos votivos, performances, ou toma parte em ritos em sua deferência¹²⁵. Ainda que fosse possível que um deus fosse invocado em qual lugar ou circunstância, santuários pareciam ser reconhecidos enquanto lugares em que o ato de ofertar algo a um deus específico era particularmente efetivo¹²⁶, e, mesmo reconhecendo que o caráter distinto de cada um de tais espaços implicava em significativas diferenças estruturais, resultando na impossibilidade de estabelecimento de um modelo claramente definido¹²⁷, podemos ressaltar a presença de altares – construídos ou em consequência

¹²⁰ DETIENNE, Marcel. *Comparing the Incomparable*. [Trad: Janet Lloyd] Stanford: Stanford University Press, 2008, p.57-59.

¹²¹ Ibid. p. 64-65.

¹²² MIKALSON, Jon D. *Ancient Greek Religion*. Blackwell Publishing, 2005, p. 180.

¹²³ Ibid., p.23.

¹²⁴ Isso, todavia, não exclui o papel da crença. Cf. HARRISON, Thomas. “Belief vs. Practice” IN: EIDINOW, Esther; KINDT, Julia (eds.). *The Oxford Handbook of Ancient Greek Religion*. Oxford University Press, 2015, p. 21-28.

¹²⁵ MIKALSON, op.cit., p.24-26.

¹²⁶ OSBORNE, Robin. “Unity vs. Diversity” IN: EIDINOW, Esther; KINDT, Julia (eds.). *The Oxford Handbook of Ancient Greek Religion*. Oxford University Press, 2015, p.13-14.

¹²⁷ Ibid., p. 17.

de acúmulo de detritos – como elementos que apontam para a importância das ofertas, e, em específico, para a centralidade do sacrifício na experiência religiosa helênica.

A percebida relevância desse e de outros ritos – procissões, competições, performances dramáticas, etc – para a coesão interna das *poleis* levou ao desenvolvimento de uma influente visão que entende a religiosidade helênica como fundamentalmente comunal e absorvida pela estrutura *polis*¹²⁸. Ainda que seja reconhecida a efetividade de tal modelo para a compreensão de alguns aspectos da religiosidade helênica¹²⁹, autores e autoras têm apontado as limitações do mesmo para lidar com práticas tidas como marginais, mas que tinham lugar e dialogavam com as tradicionais¹³⁰. Assumindo a pertinência de tais críticas, e entendendo que a superposição de diferentes ordens de comunidades que coexistem sob a égide da *polis* pode implicar na projeção de cargas simbólicas com alguma variação sobre *Orthia* e seu santuário, acreditamos que, dada a condição da documentação a ser trabalhada nesta pesquisa – em especial no período arcaico – o mais adequado é que nos atenhamos ao sagrado na esfera *políade*.

Assim havendo estabelecido, podemos nos voltar então para o panorama religioso de Esparta. Apontamos, todavia, que, dado o estado de nossa documentação, o quadro que poderemos pintar acerca dos santuários e festivais que teriam lugar na *polis* será necessariamente marcado por lacunas e grandes incertezas. Ademais, apesar de nossa relutância em recorrer às projeções dos períodos Clássico, Helenístico e Romano, para que possamos produzir qualquer comentário acerca de algumas das práticas que teriam lugar no período Arcaico, se faz necessário que recorramos a autores tardios¹³¹. Desse modo, tais quais as representações posteriores dos ritos que teriam lugar no santuário de *Orthia* não podem ser forçosamente estabelecidas para intervalos mais recuados, não temos como afirmar que os demais cultos se davam entre os séculos VIII e VI a.C. como colocado pela documentação literária; ainda assim, tais leituras talvez permitam inferências acerca de características centrais de determinadas práticas e das divindades a elas associadas em Esparta.

¹²⁸ KINDT, Julia. “Polis Religion – A Critical Appreciation”. *Kernos* [Online], 22 | 2009, p. 13 & VLASSOPOULOS, Kostas. “Religion in Communities”. IN: EIDINOW, Esther; KINDT, Julia (eds.). *The Oxford Handbook of Ancient Greek Religion*. Oxford University Press, 2015, p. 257

¹²⁹ KINDT, op. cit., p. 34.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 18-28.

¹³¹ Não procuraremos, todavia, abordar a totalidade dos santuários citados por autores tardios como presentes em Esparta; colocando maior ênfase naqueles de que dispomos de documentação material do período arcaico.

Começando pelo santuário de *Orthia* – mas deixando para momentos posteriores a análise espacial e a avaliação dos objetos votivos em seu caráter mais específico – podemos destacar que a grande quantidade e variedade de objetos depositados que as expedições de escavação foram capazes de recuperar apontam no sentido de um culto dotado de grande relevância, o qual teria lugar envolvendo diferentes estratos da sociedade. Ainda que para o período arcaico nada nos permita confirmar a realização do ritual de roubo de queijos do altar¹³², ou dos espetáculos de chicoteamento dos jovens¹³³, se supomos que os aspectos centrais de tais ritos, a superação da infância e a inserção efetiva na sociedade, podem ser projetados para o passado – o que a análise da documentação nas próximas sessões e capítulos nos leva a crer que é plausível –, nada nos impede de presumir que algum tipo de *agôn* já desempenhava papel importante no culto em períodos recuados; para além disso, como será visto mais a frente, os votivos sugerem também o desenvolvimento de atividades com música e dança, além da realização de refeições. No que concerne às entidades que seriam adoradas em tal lugar, podemos certamente destacar *Orthia*, marcada, como veremos posteriormente, pelo paralelo com o modelo da *Potnia Thêron*, Senhora dos Animais, e em algum momento associada a Artemis; Ilítia, divindade relacionada às parturientes e evocada em artefatos depositados no santuário; e, a partir de meados do século VI a.C., entre a miríade de objetos de chumbo lá encontrados, se encontram representações de Poseidon, Hermes e de uma figura feminina armada, que supõe-se tratar de Athená.

A oeste, sobre a acrópole de Esparta, se encontrava o santuário de Athená *Poliouchos*, Protetora da *polis*, também conhecida, provavelmente a partir século VI a.C., como *Chalkioikos*, da Casa de Bronze, em razão do possível estabelecimento de adornos do material nos muros de seu templo¹³⁴. A disposição espacial no centro da comunidade e as características do processo de monumentalização que teria lugar são suficientes para atestar a relevância do culto no período arcaico e daí em diante, mesmo não dispondo de referência literária nenhuma acerca das características dos ritos que lá se dariam. Ainda que não disponha de quantidade e variedade semelhante a do santuário de *Orthia*, pode-se destacar a presença de grande número de vasos de cerâmica – dentre os quais uma parcela menor é adornada e estão presentes vasos em miniatura, mas também fragmentos de ânforas panAtenaicas –; uma pequena proporção de peças de

¹³² Cf. XENOFONTE, *Constituição dos Lacedemônios*, 2.9.

¹³³ Cf. PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, 3.16.9-11.

¹³⁴ *Ibid.*, 3.17.2-3.

marfim, osso e ferro; cerca de uma centena de figuras de chumbo, dentre os quais mais de oitenta por cento corresponde a guirlandas, mas, entre poucos animais, o cervo é dotado de maior frequência; e, por fim, os objetos de bronze, entre os quais chamam atenção uns poucos animais, sinos de bronze – acompanhados por contrapartes em terracota – e duas estatuetas que parecem representar Athená e Afrodite¹³⁵.

Seguindo adiante, deslocando-nos do centro da *polis* em direção ao sul, nos deparamos com uma colina onde se situa o santuário de Apolo em Amicleia, local também do culto do herói Hyakinto. Com um histórico de atividade cultural que remonta ao menos à segunda metade do século XIII a.C., e um período de interrupção antes do arcaico estando em disputa¹³⁶, o sítio sobre a colina certamente sofreu diversas transformações não só na sua estrutura física, mas no que tangem as práticas que lá tinham lugar e as representações projetadas sobre ele. Direcionando nosso olhar para o período arcaico nos é possível identificar dois momentos de mudança: (a), em meados do século VIII a.C., com a construção dos primeiros muros no entorno do espaço sagrado e o provável estabelecimento de uma forma rudimentar da estátua principal de culto; e, (b), entre o segundo e terceiro quartéis do século VI a.C., com a disposição de um novo muro, de um altar circular, do templo – *trono* de Apolo – e o aprimoramento da imagem colunar de Apolo, que, supõe-se, passaria a contar com capacete, arco e lança¹³⁷. Conforme ressalta Nicolette Pavlides, grande parte dos objetos votivos encontrados no sítio permanece não publicada, todavia, é possível destacar algumas características gerais como a presença considerável de vasos de cerâmica (especialmente de tipo geométrico e miniaturas, com ênfase em vasos de beber); o expressivo número de ofertas em metal (com destaque para o bronze encontrado em estatuetas, uma lira, um disco, fragmentos de trípodas, cabeças de lanças, joias, adereços e mais), principal material encontrado no local; e o pequeno número de pequenas figuras de chumbo – as mesmas tão comuns no culto de *Orthia* e no de Helena e Menelau¹³⁸. Como apontado anteriormente, ao menos ao final do arcaico, o santuário abrigava o culto de Apolo, mas também o de Hyakintho, que, segundo Pausânias, estaria enterrado sob o pedestal da estátua da divindade¹³⁹. Sendo a documentação literária toda tardia, e a material não permitindo inferências acerca de que culto se

¹³⁵ Acerca dos objetos encontrados no santuário, cf. DAWKINS, 1907, p. 148-153.

¹³⁶ PAVLIDES, Nicolette A. *Hero-Cult in Archaic and Classical Sparta: a Study of Local Religion*. The University of Edinburgh, 2011., p. 49-51.

¹³⁷ Cf. http://www.amyklaion.gr/?page_id=241. Último acesso em 08 de fevereiro de 2019.

¹³⁸ PAVLIDES, *op. cit.* p. 52-54.

¹³⁹ PAUSÂNIAS, *op. cit.*, 3.1.3.

realizara primeiro no local, o desenvolvimento histórico do mesmo está sujeito a controvérsias, de modo que alguns autores defendem uma manifestação tardia – século VI a.C. – do culto de Apolo¹⁴⁰, enquanto outros afirmam o mesmo acerca do de Hyakinto¹⁴¹. Tal diferença de percepção é um dos fatores¹⁴² que contribui para a variedade de visões acerca do principal festival realizado em Amicleia: a *Hyakinthia*¹⁴³. O mesmo é tradicionalmente associado ao culto de uma divindade ligada à vegetação e a renovação, ao culto dos mortos e uma entidade apotropaica, a ritos de iniciação e ao desenvolvimento de um drama ritual¹⁴⁴. Trabalhando sobre o caminho da iniciação, Michael Pettersson coloca o festival em associação com duas outras importantes festividades também ligadas a Apolo na *polis* – a *Gymnopedía*¹⁴⁵ e a *Karneia*¹⁴⁶ –, passando a lê-lo como parte integrante de um ciclo ritual que determina a superação da infância e integração dos jovens enquanto adultos na estrutura da sociedade

¹⁴⁰ FRAGKOPOULOU, op. cit., p. 104.

¹⁴¹ PAVLIDES, op.cit., p. 56.

¹⁴² Podemos citar também a dualidade da figura de Hyakinto, representado tanto como jovem, provável *eromenos* de Apolo; como enquanto adulto, pai de Polybea. Cf. PETTERSSON, Michael. *Cults of Apolo at Sparta – The Hyakinthiai, the Gymnopaideiai and the Karneia*. Stockholm: Svenska Institutet i Athen, 1992, p. 29-41.

¹⁴³ Citando Polícrates, Pettersson ressalta que a festividade se dava ao longo de três dias. No primeiro, tinha lugar o luto por Hyakinto, sendo proibido o uso de guirlandas, a ingestão de pães e bolos e o canto de peãs. Além disso, era realizado um sacrifício de caráter ctônico em honra ao herói morto no altar do santuário. Após isso o culto passava por uma transformação, tornando-se uma celebração que envolvia jovens de ambos os sexos, coros, danças e a participação de escravos. Nesse período, sacrifícios eram feitos para Apolo. O autor liga ainda o testemunho de Pausânias acerca da produção de um *chiton* novo para Apolo todo ano (3.16.2) a esta festividade. Ambos os momentos do culto são vistos como parte do ciclo de festividades que levaria à introdução dos jovens à sociedade espartana enquanto guerreiros e cidadãos: a primeira, separação; a segunda, liminaridade. Ibid., p. 10-11 e 77.

¹⁴⁴ Pettersson aborda as principais visões tradicionais acerca do culto. Cf. Ibid., p. 12-14.

¹⁴⁵ O festival parecia consistir de performances de canto e dança realizadas por jovens e cidadãos, e envolvia a comemoração de sucessos militares passados. Na visão de Pettersson, um estágio de liminar do ciclo de ritos que os espartanos atravessariam para tornar-se cidadãos; Ibid. Para a datação, cf. RICHER, Nicolas. *La Religion des Spartiates. Croyances et cultes dans l'Antiquité*, Paris, Les Belles Lettres, collection "Histoire", 2012, p. 404-405.

¹⁴⁶ De acordo com Demétrios de Skepsis, citado por Atenaios (4.141e-f) o festival consistia numa imitação de treino militar, que, segundo Pettersson, representava o estágio final d ritual de iniciação que transformava jovens em guerreiros e, conseqüentemente, em cidadãos. PETTERSSON, op.cit., p. 71-72. Nicolas Richer, no entanto, vê o festival como um rito de fertilidade que comemorava a chegada dos Dórios e Heráclidas ao Peloponeso, associando-o também à Hyakinthia, mas sob uma lógica de alternância de predomínio entre Apolo e Dioniso; RICHER, Nicolas. "The Religious System at Sparta". IN: OGDEN, Daniel. *A Companion to Greek Religion*. Blackwell Publishing, 2007, p. 247. Sobre a datação, cf. RICHER, op. cit., p. 432, n.52.

espartana¹⁴⁷. Numa visão discordante recente, Pavlides enfatiza o aspecto militar do culto, compreendendo no mesmo uma relação à anexação de Amicleia¹⁴⁸ por Esparta.

Retornando o Eurotas corrente acima e atravessando o rio em direção ao local onde a antiga Therapne teria tido lugar, encontramos em meio a um conjunto de colinas o santuário dedicado a Helena¹⁴⁹ e Menelau. Ainda que em períodos recuados o espaço construído seja de difícil especificação, culto já tinha lugar no local desde finais do século VIII a.C., e, durante o século VI a.C., em meio às demais transformações que atravessa Esparta, e, também, seus santuários, o *Menelaion*, como é conhecido, sofreria um processo de monumentalização, passando a dispor de um terraço retangular cercado por um muro e dotado de uma rampa de acesso ao topo da construção, que seria ou um altar ou suporte para as estátuas de culto dos heróis em questão. No que concerne aos objetos depositados no santuário¹⁵⁰, ainda que as quantidades variem, o quadro dos votivos encontrados apresenta grande semelhança com aquele que identificamos junto ao de *Orthia*, sendo caracterizado por Sarah Pomeroy como um microcosmo do mesmo¹⁵¹. Acerca do culto pouco pode ser elaborado¹⁵², mas, se avançamos até o período Clássico, encontramos em Heródoto a afirmação de que jovens meninas eram colocadas sob proteção de Helena, mulher de Menelau, o que tem sido interpretado como sugestão de que ela possuía um papel relacionado a seu crescimento e aos casamentos¹⁵³. Dada a qualidade dos objetos votivos e a associação de *Orthia* com *Ilítia*, imediatamente é possível que tracemos um paralelo entre o culto realizado em uma e em outra localidade, pressupondo ambos os cultos reuniam sob sua influência

¹⁴⁷ PETERSSON, op.cit., p. 77; Fragkopoulou concorda parcialmente com a visão de Pettersson, mas a vê como estreita; em sua concepção, para além de terminar a inserção no corpo cívico dos espartanos, o mesmo ciclo ritual também detinha um papel fundamental de contribuir para o balanço do Estado espartano em desenvolvimento, incluindo lateralmente no sistema os subgrupos da sociedade espartana. FRAGKOPOULOU, op.cit., p. 114.

¹⁴⁸ Ressalta-se a maior ênfase de Pavlides no trabalho com a documentação material, que parece receber pouca atenção de Pettersson. PAVLIDES, op. cit., p. 58-59. A ênfase no elemento militarista, no entanto, é rejeitada por Florentia Fragkopoulou para o período pré-clássico. FRAGKOPOULOU, op. cit., p. 101-102.

¹⁴⁹ Nos abstermos aqui de discutir em que momento o culto tomou tal forma – isto é, as identidades cultuadas foram identificadas enquanto Helena e Menelau - ou suas características anteriores. Sobre isso, cf. PAVLIDES, op.cit., p. 35, 47-48; FRAGKOPOULOU, op.cit., p. 208-209.

¹⁵⁰ Ressalte-se, todavia, que a publicação dos objetos votivos encontrados no santuário não está sistematizada ainda. PAVLIDES, op.cit., p.38.

¹⁵¹ POMEROY, op. cit., p.115. Pavlides ressalta também que o culto não parecia se associar a outros de caráter heróico em Esparta, o que poderia implicar que as figuras centrais do culto fossem dotado de caráter divino na *polis*. cf. PAVLIDES, op.cit., p.44-48.

¹⁵² As inferências são em parte semelhantes às que fazemos acerca do santuário de *Orthia*, as figuras de dançarinos e músicas poderiam implicar a realização de performances; a quantidade de vasos associados à bebida e a comida, todavia, não parece ser suficiente para que afirme com segurança acerca da realização de refeições. cf. PAVLIDES, op.cit., p. 46.

¹⁵³ RICHER, op. cit., p. 237 & PAVLIDES, op.cit., p. 35.

aspectos semelhantes da vida dos espartanos e espartanas, ou ao menos, como aponta Pavlides, que algum grau de semelhança era percebida pelos cultadores¹⁵⁴.

A nordeste de Esparta, numa distância de cerca de cinco km, podemos encontrar no ponto mais alto de *Tsakona*, na maior dentre um grupo de colinas adjacentes, um santuário que tem sido identificado como de *Zeus Messapeus*. Dado o efeito de diversos agentes erosivos que afetaram a integridade do local profundamente¹⁵⁵, é difícil traçar com precisão o histórico de transformação do mesmo; todavia, é possível identificar uma construção longa e estreita com estrutura colunar interna, cujas características dos fundamentos em pedra e os fragmentos de terracota arquitetural encontrados sugerem um processo de transformação profunda na primeira metade do século VI a.C¹⁵⁶. Quando aos objetos votivos não dispomos de grande detalhe, mas há indicação de que, por um lado, ofertas em metal semelhantes às dos demais grandes santuários (especialmente no que tange ao bronze e ao chumbo) são relativamente raras, enquanto, por outro lado, há abundância de figuras de terracota feitas à mão, muitas das quais representam figuras “grotescas” itifálicas, mas também mulheres grávidas e animais quadrúpedes¹⁵⁷. Tais qualidades do quadro votivo poderiam sugerir também uma associação com a fertilidade humana e animal¹⁵⁸.

Havendo abordado os santuários que pareciam dotados de maior relevância nas práticas culturais dos espartanos do período arcaico, nos voltamos agora para os de menores dimensões e/ou de documentação mais escassa, visando constituir um quadro do panteão local nos permita explorar as associações simbólicas que desenvolvem relação com *Orthia* – em função disso, estenderemos nosso olhar às divindades representadas em destaque na documentação textual do período, bem como para os

¹⁵⁴ PAVLIDES, op.cit., p. 44-45.

¹⁵⁵ CATLING, H. W. "A sanctuary of Zeus Messapeus: excavations at Aphyssou, Tsakona, 1989." *Annual of the British School at Athens* 85, 1990, p. 22-23.

¹⁵⁶ CATLING, R. W. V. "THE SURVEY AREA FROM THE EARLY IRON AGE TO THE CLASSICAL PERIOD (c.1050 – c.300 BC). IN: CAVANAGH, William, et al. "Continuity and Change in a Greek Rural Landscape: The Laconia Survey." *The British School at Athens. Supplementary Volumes* 26, 2002, p. 220. Há também uma construção retangular de menores dimensões e função desconhecida, mas que parece ser posterior à estrutura descrita do templo. CATLING, op. cit., p. 27.

¹⁵⁷ CATLING, R. W. V. "THE SURVEY AREA FROM THE EARLY IRON AGE TO THE CLASSICAL PERIOD (c.1050 – c.300 BC). IN: CAVANAGH, William, et al. "Continuity and Change in a Greek Rural Landscape: The Laconia Survey." *The British School at Athens. Supplementary Volumes* 26, 2002, p. 220 & CATLING, H. W. "A sanctuary of Zeus Messapeus: excavations at Aphyssou, Tsakona, 1989." *Annual of the British School at Athens* 85, 1990, p. 29-32.

¹⁵⁸ Catling ressalta, todavia, que pode-se identificar também entre os votivos a presença de armas e equipamento atlético, o que poderia, ainda que não necessariamente, indicar outras dimensões do culto. CATLING, op. cit., p. 220.

heróis¹⁵⁹. Primeiramente, podemos destacar a estátua de Apolo a nordeste de Esparta em *Thornax*, que, segundo Heródoto, teria motivado uma expedição dos espartanos até a Lídia em busca de ouro para o adorno, material que lhes seria dado como presente pelo rei Cresos¹⁶⁰; embora a história implique que tal culto fosse dotado de considerável relevância, nenhum vestígio material do mesmo foi encontrado até o presente. Situação similar se dá com o herói Heracles: dotado de grande relevância para a identidade do grupo, evocado por Alcman e Tirteu¹⁶¹, e de quem até o presente nenhum lugar de culto específico pode ser discriminado arqueologicamente para o período arcaico¹⁶². Já no que concerne a Agamêmnon e Cassandra, embora um santuário com estrutura definida não tenha sido encontrado, depósitos votivos na moderna Amicleia podem ser associados ao casal¹⁶³, que recebera culto heroico desde o século VII a.c., com aparente proeminência do aspecto masculino durante o período em questão¹⁶⁴. Retornando a Heródoto, podemos identificar um outro culto heroico que teria sido estabelecido no período arcaico: o de Orestes. Segundo o autor antigo, após sucessivas derrotas para Tegéia, Esparta envia emissários a Delfos, recebendo a orientação para retomar os restos mortais de Orestes, e, posteriormente, tendo-o feito, estabelecem culto ao herói¹⁶⁵, que, se projetamos para o passado o que diz Pausânias tardiamente, se dava em meio à agora da *polis*¹⁶⁶, sendo, portanto, dotado de grande significância cívica¹⁶⁷. Por fim, ressaltamos as menções na Grande Rhetra a Zeus e Atena Syllanios, cujos cultos não são atestados por outros documentos; a referência de Tirteu ao direcionamento do oráculo de Apolo para a estruturação política da comunidade¹⁶⁸; e, a menção de Alcman a Aotis, descrita em meio ao coro como “quem cura nossas mágoas”¹⁶⁹, o que, dado o contexto, certamente possuía relação com a superação da infância pelas jovens espartanas.

Ainda que se reconheça o aspecto necessariamente parcial que tal quadro compõe – haja vista os limites impostos pelas escavações e publicações – podemos

¹⁵⁹ Não devemos, todavia, nos aprofundar na análise dos cultos heroicos. Para um estudo mais direcionado, cf. PAVLIDES, op.cit., p. 144-169.

¹⁶⁰ HERÓDOTO, *Histórias*, 1.69.

¹⁶¹ ALCMAN, *Partheneion I*, vv. 1-35; TIRTEU, *Eunomia*, 2.1-2 e 7.1-2.

¹⁶² Acerca da aparente representação da apoteose de Heracles no trono de Apolo em Amicleia, cf. PAVLIDES, op.cit., p. 71-72.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 145.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 146.

¹⁶⁵ HERÓDOTO, op. cit., 1.67.

¹⁶⁶ PAUSÂNIAS, op. cit., 3.11.9

¹⁶⁷ PAVLIDES, op.cit., p. 79.

¹⁶⁸ TIRTEU, op. cit., v. 3.1-2

¹⁶⁹ ALCMAN, op. cit., v.74-91.

realizar um breve balanço do que foi identificado. Ressalta-se a contemporaneidade dos processos de monumentalização e de desenvolvimento dos cultos heroicos com aqueles de natureza política e social que transformariam profundamente a estrutura da *polis*. Cultos de Apolo, Atena e Zeus, bem como dos diversos heróis, parecem ter desenvolvido papel de grande relevância para a estruturação sociopolítica e para a autoimagem da comunidade espartana, como se pode perceber pela ocupação dos espaços limítrofes – Apolo em Amicleia, Zeus Messapeus – e centrais – Atena Poliachos/Chalkioikos – e pelas evocações nas narrativas sobre o estabelecimento de Esparta. O culto de *Orthia* parece desenvolver estreita relação com outros – como o de *Ilítia*, de *Helena* e *Menelau* e mesmo o ciclo de festivais em honra a Apolo –, que, tanto conjuntamente, quanto em separado, dispõem de influência sobre a passagem da infância para a idade adulta de jovens espartanos e espartanas.

1.4 – *O Santuário de Artemis Orthia*

Tendo abordado as características da religião no mundo Helênico, as relações entre os deuses, o culto e o espaço físico e imaginado da *polis*, além do panorama que se constrói de tais relações em Esparta no período arcaico, nos voltamos agora para o trabalho com o santuário de *Orthia*.

Os santuários citados anteriormente – tal como a grande maioria dos demais no mundo helênico – não foram erigidos nos moldes percebidos por viajantes do período clássico, helenístico ou romano desde o princípio das atividades de culto em seus respectivos locais. Muito pelo contrário, sejam particulares a uma *polis* ou dotados de relevância regional, tais lugares costumam apresentar características inicialmente muito simples – como um altar rústico, haja vista a já citada centralidade das práticas de sacrifício, e uma delimitação imaginária do espaço sagrado à divindade em questão, frequentemente estando presente algum elemento natural a ela associado; todavia, no decorrer dos séculos de atividade cultural, profundas transformações se abatem sobre esses espaços, estando ligadas ao que ocorre no interior da comunidade, mas também a processos que superam as fronteiras da mesma – como o desenvolvimento das *póleis*, as transformações no corpo cívico, as guerras, contatos comerciais ou culturais, tanto a nível regional, quanto com o ocidente e o oriente do Mediterrâneo. Como consequência ora mais, ora menos, direta de tais processos, é frequente que as áreas consagradas cresçam, tornem-se muradas, sejam dotadas de altares elaborados e templos venham a

ser levantados para abrigar estátuas de culto e as muitas riquezas que afluem para o local pela atividade dos cultuadores¹⁷⁰. A partir do século VIII a.C., é possível então perceber que tem lugar um processo de monumentalização dos santuários, afetando, não apenas suas estruturas, mas também a deposição e disposição de objetos votivos¹⁷¹.

Antes de nos dedicarmos à análise de tal processo de transformações no interior do santuário de Orthia, no entanto, nos deteremos sobre sua colocação espacial, visando estabelecer que valores simbólicos poderiam ser projetados sobre a deusa e seu santuário pelos cultuadores que o frequentassem, tomando por base sua localização.

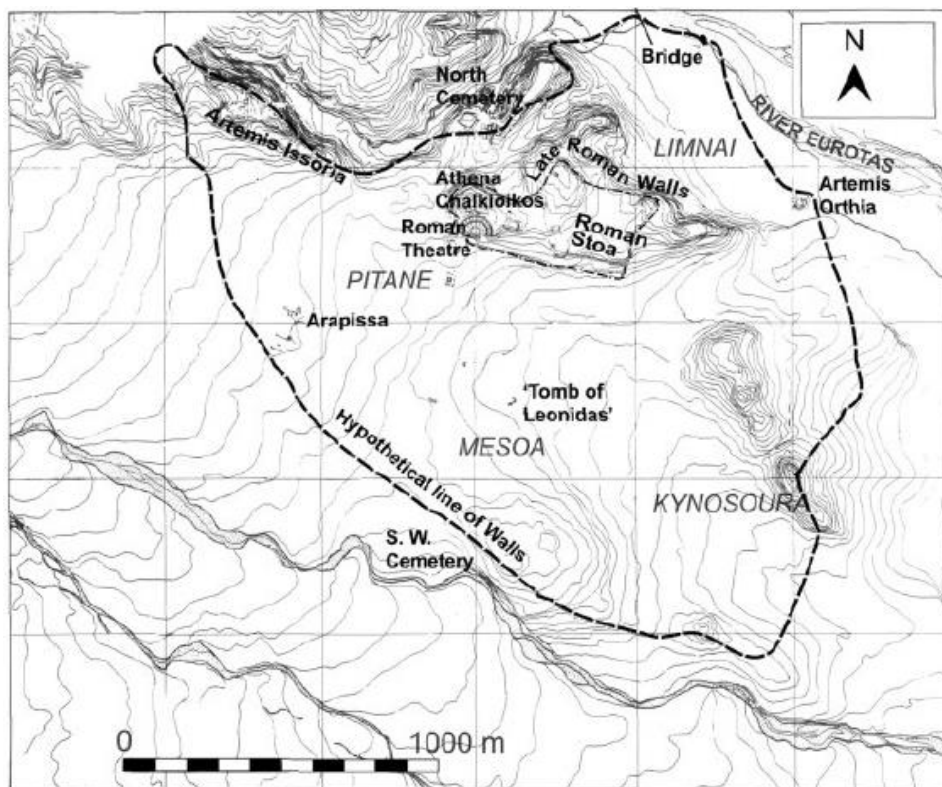


Figura 1: Mapa de Esparta antiga.

Retirado de: CAVANAGH, W. “An Archaeology of Ancient Sparta with Reference to Laconia and Messenia”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p.68

¹⁷⁰ Não queremos dizer com isso, todavia, que se estabelecería uma padronização da forma ou do ritmo de transformação dos santuários. Embora diversos elementos fossem comuns a tais locais no mundo helênico – e para além dele –, a análise de casos retirados de regiões várias aponta no sentido de soluções arquiteturais regionais e na importância do conhecimento acerca da prática cultural para a compreensão do espaço construído. Cf. HAGG, Robin; MARINATOS, Nanno (Eds). *Greek sanctuaries: new approaches*. Routledge, 2002, p.179-180; PEDLEY, op. cit., p. 7-10.

¹⁷¹ Que, chamamos novamente atenção, se relacionam não apenas à prática cultural ou religiosa, mas também às competições por poder e prestígio, seja entre as elites de uma mesma comunidade, seja de *poleis* diferentes. Conforme ressalta Nanno Marinatos, os santuários, especialmente os regionais, se constituíam numa arena perfeita para a competição aristocrática – que então tomava diversas formas. HAAG & MARINATOS, op. cit., p. 180-181.

Tendo por base o mapa da figura 1 podemos perceber que o santuário em questão se encontra a leste da acrópole, próximo à margem direita do rio Eurotas, numa região talvez pantanosa no período arcaico¹⁷², e certamente sujeita às cheias fluviais. Para além do limite natural criado pelo curso d'água, a posterior construção do muro helenístico no entorno da cidade sugere que o local possivelmente coincidissem com a fronteira percebida da comunidade – embora não possamos ter certeza disso para períodos mais recuados.

Voltando-nos então para a tradição poética, é possível identificar, especialmente nos épicos de Homero, uma série de elementos que compõem a representação social dos rios no período arcaico. Tomando primeiro a *Ilíada*, podemos dividir as referências presentes em três categorias: (a) caracterizações diretas dos rios, frequentemente envolvidas em símiles com a atuação dos guerreiros na planície de Tróia; (b) caracterizações do espaço em volta dos mesmos; (c) utilização de suas águas com fins de limpeza. Abaixo discutiremos brevemente cada um desses tipos.

Consideremos os dois momentos destacados a seguir: no primeiro, vemos Diomedes avançando contra os Troianos em meio ao combate; no segundo, Heitor guia seus aliados contra os helenos.

“É que ele irrompia pela planície, semelhante ao rio no auge da torrente invernososa, cujo caudal arrasta os diques; não o contêm as barreiras dos diques, nem os muros das viçosas vinhas contêm o rio que se precipita de repente quando o impele a chuva de Zeus, ficando assim destruídas muitas e belas obras dos homens.”
(*Ilíada*, V, v. 087 – 092)

“Cerrados avançaram os Troianos; liderava-os Heitor, sobrepujando, tal como o pedregulho de um rochedo, que o rio na corrente invernososa empurra da aba do cabeço, após com torrente espantosa rebentar os alicerces da pedra sem vergonha;”
(*Ilíada*, XIII, v. 136 – 139)

Aqui temos representações que se encaixam na primeira categoria destacada: um símile que associa Diomedes a imagem de um rio em período de cheia; outro que compara Heitor a uma rocha deslocada por um curso d'água em semelhante situação. Em ambos os casos a caracterização direta dá conta da força e do potencial destrutivo que as torrentes poderiam alcançar, e, conseqüente, do impacto causado nos entornos de seus caminhos.

¹⁷² Se aceitamos o juízo de Estrabão. Cf. ESTRABÃO, *Geografia*, 8.5.

Quanto à segunda categoria dispomos dos seguintes exemplos: no primeiro, um detalhamento das forças dos helenos que foram a Tróia, referência à terra natal de Enienes e Perebos; no segundo, um recorte do momento em que Sarpédon incita Glauco a acompanhá-lo no ataque.

“[...] habitavam a terra arável junto do desejável Titaresso,
que verte no Peneu a sua corrente de lindo fluir,
mas não mistura as suas águas com os remoinhos prateados
do Peneu, mas corre como azeite sobre as águas dele.”
(*Ilíada*, II, v. 751 – 755)

“Somos proprietários de um grande terreno nas margens do Xanto,
belo terreno de pomares e de searas doadoras de trigo.”
(*Ilíada*, XII, v. 313 – 314)

Embora a referência às margens venha associada a rios específicos, não parece haver motivo para não generalizar o elemento presente em tais representações. A menção à terra arável, aos pomares e às searas doadoras de trigo evoca a potência criadora que estaria relacionada aos cursos d’água, e que seria percebida através da fertilidade do entorno dos mesmos.

Examinemos agora o último exemplo retirado à *Ilíada*: na passagem abaixo, vemos Apolo, sob comando de Zeus, salvando e cuidando do corpo de Sarpédon.

“Levou-o para muito longe e deu-lhe um banho nas correntes do rio.”
(*Ilíada*, XVI, v. 679)

Para além da finalidade prática, o ato de banhar é dotado também de uma simbólica muito clara. A mistura da sujeira da terra, do suor e do sangue, materializa a poluição da morte, fazendo-a especialmente pungente à visão daqueles a quem o herói era caro. A lavagem do corpo, por sua vez, retira a sujidade, restaurando em alguma medida a imagem do guerreiro, e purificando-o em preparação para as próximas etapas do ritual.

Quando, após ter estabelecido a condição de tais representações na *Ilíada*, nos dedicamos à semelhante trabalho com a *Odisseia*, percebemos que, apesar do número consideravelmente menor de referências e das diferenças impostas pela temática narrativa da mesma, as representações dos rios são compostas de elementos similares. Abaixo destacaremos tais faces, ressaltando as semelhanças e diferenças com a *Ilíada*.

Na citação que se segue vemos Odisseu, que, escapando à ira de Posêidon, chega à embocadura de um rio da terra da Feácia, e, no encontro das águas entre esse e o mar, pede acolhida ao curso d'água.

“À medida que nadava veio ter à foz de um rio de lindo fluir, que lhe pareceu o lugar mais indicado, pois não tinha rochas e encontrava-se abrigado do vento. Percebeu que era um rio e logo lhe dirigiu esta prece: ‘Ouve-me, soberano, quem quer que sejas! De ti me aproximo como de alguém que muito desejo, fugindo do mar e das ameaças de Posêidon. Até aos deuses imortais é venerando aquele dentre os homens que chega depois de vaguar, como eu agora chego junto da tua corrente e dos teus joelhos, depois de dores incontáveis. Compadece-te, ó soberano! Sou teu suplicante.’”
(*Odisseia*, V, v. 441 – 450)

É possível identificar na passagem uma das fórmulas centrais da *Odisseia*: o encontro com o desconhecido – dotado, portanto, tanto de uma potencialidade positiva, quanto de uma negativa –, a renúncia à ameaça com a adoção de uma postura de submissão, e a demanda por proteção. Tal qual muitos outros contatos no épico, a relação entre Odisseu e o rio se estabelece sobre as bases dos ritos de hospitalidade. Por um lado, o uso da estrutura recorrente impõe sobre a representação do curso d'água, enquanto anfitrião de intenção desconhecida, um elemento de perigo. Por outro, a colocação do herói à embocadura no momento da súplica, sugere um caráter de liminaridade às torrentes. O rio é aqui a soleira do continente.

Abaixo destacamos um momento pouco a frente na narrativa, em que, tendo suplicado pelo socorro de Nausícaa, Odisseu pode, embora tenha rejeitado a ajuda das criadas da filha de Alcínoo, tomar um banho.

“Com a água do rio lavou o sal do seu corpo o divino Ulisses; o sal que lhe cobria os ombros largos e as costas; e da cabeça enxaguou os salgados vestígios do mar nunca cultivado.”
(*Odisseia*, VI, v.224-226)

Nesta passagem o caráter simbólico do ato de banhar-se é feito muito mais explícito pela referência à retirada do sal do mar que cobria o corpo do herói. Por extensão do ato, as águas do rio ganham um caráter purificador, sendo responsáveis por eliminar a poluição e restituir a imagem de Odisseu – isto é, evitando que sua vista venha a causar um estranhamento que poderia resultar em rejeição. Para além disso, a referência explícita ao mar enquanto espaço não cultivado (ἀτρυγέτοιο) reforça pela

oposição a fertilidade que era associada à representação do rio – ou, mais precisamente, de seus entornos.

Em nosso último recorte da *Odisseia*, acompanhamos o herói enquanto ele caça para levar comida a seus companheiros que aguardavam junto às naus.

“Mas enquanto caminhava, e estando já perto da nau recurva,
um deus se apiedou da minha solidão e mandou
ao meu encontro um enorme veado de altos chifres,
que vinha da sua pastagem no bosque em direção ao rio
para beber; [...]”
(*Odisseia*, X, v. 156 – 160)

Nesse excerto as referências à caça, ao animal e ao bosque em proximidade com o rio sugerem uma associação do mesmo com o espaço do selvagem.

Por fim, corroborando com a imagem construída pelos aedos homéricos, destacamos uma passagem de *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo. Abaixo, o autor oferece conselhos acerca do que fazer para não incorrer na ira dos deuses e ter uma vida propícia.

“Nunca atravesse a água que flui doce dos pelos rios
sempre em movimento até que você tenha feito suas preces, observando a corrente,
e banhado suas mãos na clara e amável água.
Todo aquele que cruza um rio com as mãos não lavadas da poluição,
os deuses estão zangados com ele, e lhe trazem problemas posteriormente.”
(*Os Trabalhos e os Dias*, v. 737-741)

Nesta passagem do texto vemos todo curso d'água representado enquanto um marco ou limite para além do nível natural, uma vez que a travessia demanda a execução de um rito, e sua rejeição poderia gerar retaliações dos deuses. Tal procedimento, por sua vez, chama atenção novamente para o caráter purificador de que seriam dotadas as águas do rio no imaginário helênico. O rio é, portanto, o limiar e o meio através do qual o viajante se despojará da poluição para que pudesse fazer a travessia.

Fazendo um balanço das representações contidas na *Iliada*, na *Odisseia* e em *Os Trabalhos e os Dias*, é possível destacar os elementos fortes da representação dos rios no mundo helênico no período arcaico: a potência destrutiva e a fertilidade – bem marcadas no primeiro texto, e referenciadas no segundo; a associação com um espaço

de liminaridade – presente no segundo e no terceiro; e o aspecto de purificador¹⁷³ – que pode ser percebido em todos os três.

Diante do exposto, se tomamos então a colocação espacial do santuário de Orthia – junto ao rio¹⁷⁴ e aparentemente numa área percebida como fronteira pela comunidade – e cruzamos com as representações presentes nas produções poéticas sobre os cursos d'água correntes no período arcaico de que temos nota, podemos concluir que o culto que aí tinha lugar poderia mobilizar uma carga simbólica associada à superação de um estágio de liminaridade. Para além disso, a disposição espacial sugere a possibilidade de projeção por parte dos cultuadores sobre a divindade, e, através dela, pela participação nos rituais, também sobre si mesmos, valores associados à fertilidade e às potências destrutivas dos rios – nesse último caso, fosse pelo abandono, ou pela canalização. Nesse contexto, o aspecto purificador das águas poderia ter a função de proteger os envolvidos e assegurar que tais transições decorressem da maneira esperada. A associação de tais elementos, supomos, estaria relacionada respectivamente à reprodução da comunidade, ao reforço de sua coerência interna e à defesa contra ameaças externas, de modo que o culto viesse a desempenhar um papel de grande relevância para a coletividade em desenvolvimento.¹⁷⁵

Tendo abordado a relação simbólica que o santuário estabelece com seus entornos, nos voltamos agora para a análise do desenvolvimento do espaço interno do mesmo. Conforme demonstrado na figura 2, o local atravessou uma série de transformações ao longo dos séculos, destacando-se as expansões, o aterramento e as transformações das estruturas culturais. Analisaremos abaixo o histórico das mudanças desde as primeiras evidências do culto até o século VI a.C.

¹⁷³ Um tal aspecto purificador, pode ser percebido, ainda que com ressalvas, em associação com a água – e não necessariamente os rios. Sobre as associações simbólicas que envolvem a água, Cf. MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. A simbologia da água no imaginário grego. *Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, v. 7, n. 12, 2008; THOMMEM, Lukas. *An Environmental History of Ancient Greece and Rome*. Cambridge University Press, 2009, p. 56.

¹⁷⁴ É importante que se destaque que, para além do aspecto simbólico, há uma dimensão prática envolvida na proximidade com o curso d'água também, uma vez que a água é um elemento importante na realização de diversos aspectos dos ritos que têm lugar nos santuários hêlenicos,; entre os quais, podemos destacar as libações e, especialmente, a purificação daqueles que tomam parte no culto. Cf. BURKERT, Walter. *Greek Religion – Archaic and Classical* [trad. John Raffan]. Blackwell Publishing, 1985, passim.

¹⁷⁵ Direcionamos nossa atenção para os três primeiros elementos da representação destacada acima por acreditar que o quarto, relativo à eliminação da poluição, se faz presente de maneira mais pervasiva no contexto da prática religiosa, de tal maneira que, embora fosse um ponto destacado das representações dos rios, não necessariamente se converteria num valor específico dos ritos lá realizados, ou da divindade à qual o santuário era consagrado.

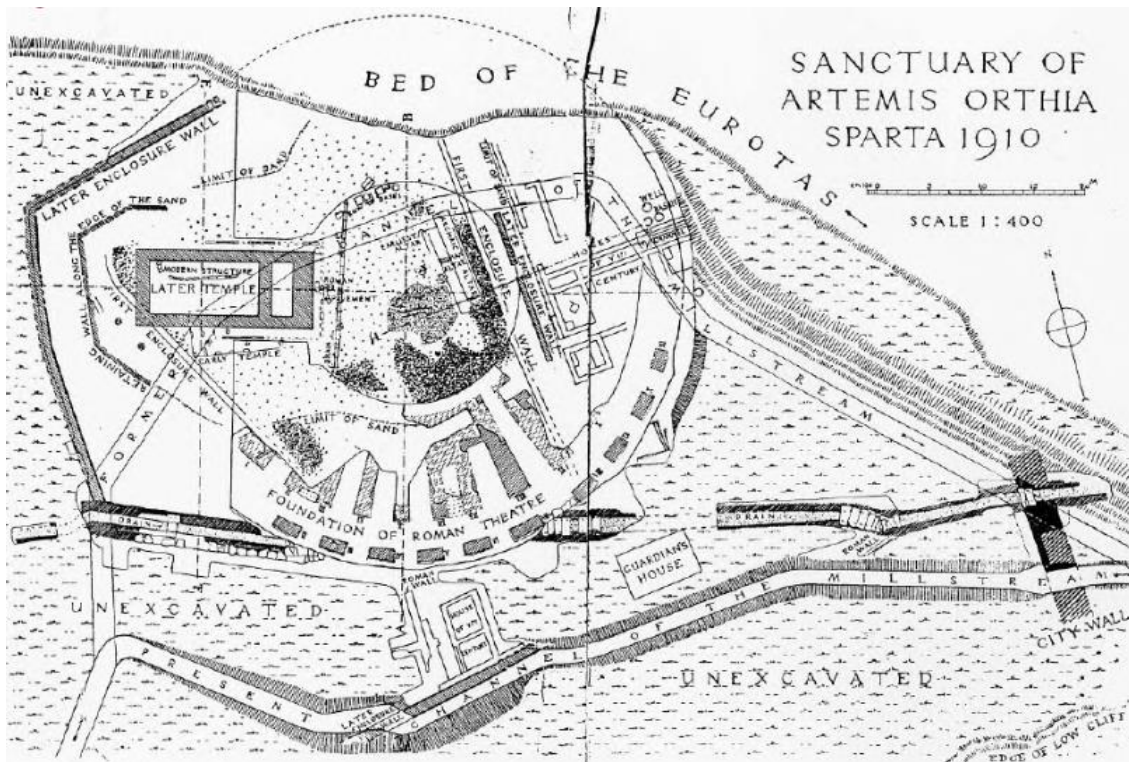


Figura 2: Planta baixa do Santuário de Orthia.

Fonte: DAWKINS, R. M. (org.) *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta*. London : MacMillan and Co., Limited, 1929, PLATE I.

O sítio do santuário parece ter sido estabelecido originalmente numa depressão próximo ao rio Eurotas entre os séculos X e VIII a.C.¹⁷⁶. No centro do que posteriormente viria a ser o pátio do mesmo no período romano, próximo ao local onde se instituiria a sucessão de altares que foram erigidos, a escavação detectou os traços mais antigos de atividade cultural no local: uma camada de terra enegrecida de cerca de meio metro de espessura e trinta metros quadrados de área disposta sobre o solo virgem, na qual se encontravam misturados fragmentos de ossos advindos dos sacrifícios de animais, pedaços de cerâmica geométrica e pequenas peças de bronze muito corroídas, ambos associados ao depósito de objetos votivos. A única estrutura construída encontrada na mesma profundidade é um pequeno pedaço de muro – indicado na figura 3 –, que, todavia, não é suficiente para que se suponha que o mesmo fosse cercado no período.¹⁷⁷

¹⁷⁶ O esquema cronológico inicialmente proposto pelos arqueólogos – que remontaria ao século X a.C. – foi alvo de várias críticas nas últimas décadas, a mais notória sendo a de Boardman em 1963. Aqui, pautaremos nossa análise no esquema revisado proposto pelo autor; cf. BOARDMAN, John. “Artemis Orthia and chronology”. *The Annual of the British School at Athens*, 58, 1963.

¹⁷⁷ DAWKINS, R. M. (org.) *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta*. London : MacMillan and Co., Limited, 1929, p. 5-6.

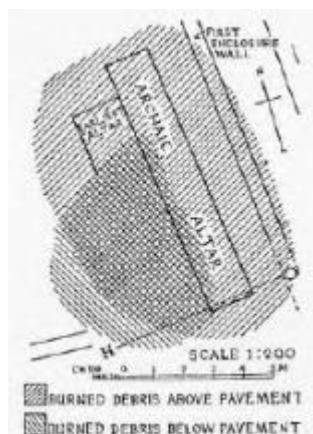


Figura 3: Plano do Santuário de Orthia – foco na área dos altares, destacando os vestígios queimados sob e sobre a primeira pavimentação.

Fonte: DAWKINS, R. M. (org.) *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta*. London : MacMillan and Co., Limited, 1929, p. 22.

Num segundo momento, que provavelmente toma forma na virada do século VIII para o VII a.C., é possível identificar um considerável crescimento para o santuário e a construção das primeiras estruturas arquitetônicas. Nesta fase a área sagrada parece ter sido cercada, e secções mais extensas do muramento de pedra foram escavadas, de maneira que se pode estabelecer uma extensão de cerca de trinta metros de Leste à Oeste e de ainda mais no eixo Norte a Sul – embora os limites não tenham sido fixados. O pátio do santuário teria sido revestido por uma pavimentação e o *primeiro altar* erigido sobre o espaço marcado pela terra enegrecida no período anterior – vide figuras 2 e 3. Os objetos votivos encontrados imediatamente sobre o pavimento, de tipo semelhante aos que estão abaixo dele, provavelmente podem ser associados a este estágio, mas, de maneira geral, não há como os separar com clareza daqueles depositados no momento posterior.¹⁷⁸

Podemos identificar uma terceira fase do santuário a partir da construção do *altar arcaico* em substituição ao anterior, e do *primeiro templo* – vide figuras 2 e 3 – que teria se dado entre ao longo do VII século a.C. – sem que se possa melhor precisar. Não há muramento associado ao período, o que talvez se dê pelo mesmo estar sob aquele correspondente ao momento seguinte do desenvolvimento das estruturas. Conforme apontado anteriormente, a área no entorno do *altar arcaico* – especialmente à Leste – detém um depósito considerável de terra enegrecida e objetos votivos que se confunde com a do estágio anterior; mas, para além dela, apresentam-se também grandes acúmulos nas cercanias do *primeiro templo* – em que notam-se, por exemplo,

¹⁷⁸ Ibid., p. 6-8.

os primeiros fragmentos associados ao que os arqueólogos classificaram como cerâmica de tipo Lacônico II, e considerável número de peças de marfim e de osso, que provavelmente foram descartadas em momento de eliminação dos excessos no interior da construção – e mais ao Norte do mesmo, num local em que se encontram dois blocos de pedra que certamente fizeram parte de alguma estrutura da qual quase nada se pode inferir, próximo ao local onde posteriormente seria estabelecido um agrupamento de bases romanas – onde se encontrariam os últimos objetos votivos ligados ao período. Embora os vestígios da construção sejam poucos, é possível elaborar um pouco sobre sua forma do *templo*: a terra avermelhada que se encontrava presente sugere que sobre a fundação de pedra foi disposta uma parede de tijolos não cozidos; uma laje se projetando da parede sul em direção ao centro da edificação aponta para a presença de uma pequena *cella* de um metro de profundidade em que provavelmente havia alguma elevação; a disposição e a qualidade das pedras da base indica que a sustentação do telhado era feita através do emprego de três fileiras de toras de madeira – situadas nas laterais e no centro da estrutura –, que o templo teria largura de aproximadamente quatro metros e meio e seria cortado longitudinalmente em duas naves¹⁷⁹.

Dentro dos limites do nosso recorte, o santuário atravessa ainda uma quarta fase. No primeiro quartel do século VI a.C. toda área em que o mesmo estava situado foi coberta por uma espessa camada de areia e cascalho, parcialmente suportada por um muro de contenção em seus limites, recobrando a estrutura anterior e elevando o nível do terreno, o que, embora não se possa ter certeza, supõe-se tenha sido uma resposta à destruição causada por uma enchente do Eurotas. Seja esse o caso ou não, o fato é que o processo de reconstrução do local – iniciado, aparentemente, logo em seguida – produziu um arranjo de dimensões consideravelmente maiores e, em se tratando do templo, aparentemente bastante adornado. Do mesmo, no entanto, permanece *in situ* apenas a fundação¹⁸⁰ – *templo arcaico* na figura 2 –, que dá conta de seus dezesseis metros de profundidade por sete de largura¹⁸¹ e da divisão entre a *cella* e a área externa, nada restando da estrutura que lhe foi sobreposta. Todavia, em meio à fundação do teatro romano foram encontrados fragmentos de colunas dóricas que podem ter feito parte da construção nesse momento; já em frente ao templo, foi resgatado um fragmento

¹⁷⁹ Ibid., p. 8-15.

¹⁸⁰ Que, aponta o relatório, seria a mesma utilizada posteriormente pelos romanos, de modo que certamente teria atravessado reformas e transformações. Cf. Ibid., p. 21.

¹⁸¹ Como os demais templos Espartanos, relativamente pequeno se comparado a outros erigidos no mundo helênico no período; Cavanagh chama atenção para o gosto não usual no que tange à edificação religiosa da *polis*. Cf. CAVANAGH, op. cit., p. 66 – 67.

de juba de leão em pedra calcária com sinais de haver sido ricamente colorida¹⁸², sugerindo uma decoração elaborada para o edifício no século VI a.C. – o que é reforçado pela presença de acrotérios policromáticos em disco¹⁸³. Para além do templo, certamente um novo altar foi erigido – provavelmente em localização semelhante aos anteriores e ao romano –, mas não foram encontrados vestígios que lhe deem definição. Comparado aos momentos anteriores, grandes seções das muralhas do santuário sobreviveram deste período, indicando que, entre a fase anterior e esta, nova expansão teria tido lugar. Por fim, os principais depósitos votivos se encontravam a norte e sul do templo, nas encostas criadas pelo depósito de areia e cascalho, constituindo-se do descarte daquilo que se acumulava em seu interior – dentre o que, destacam-se fragmentos de cerâmica dos tipos Lacônico III e IV¹⁸⁴, grande massa de máscaras de terracota, quase sessenta por cento das cerca de cem mil pequenas figuras de chumbo (presentes em menor quantidade antes e depois), as peças de osso que substituem as de marfim e os entalhes em pedra calcária¹⁸⁵.

Quando então observamos os processos de transformação que atravessa o santuário no período arcaico, é possível identificar algumas tendências: os limites do mesmo parecem expandir-se consideravelmente; as estruturas internas acompanham o movimento assumindo maiores dimensões e formas mais ornamentadas; a deposição de objetos votivos se torna mais frequente e variada, impactando o espaço; e os principais depósitos dos mesmos se afastam do altar e migram para junto do templo. Quanto aos dois primeiros pontos destacados acima, ainda que objetivamente as proporções do espaço construído sejam modestas se comparadas a de outros santuários importantes no intervalo em questão, acreditamos que, em função dos fragmentos de adorno encontrados e dos paralelos que podem ser traçados com o desenvolvimento dos demais santuários de Esparta e região, certamente apontam no sentido de um processo de *monumentalização*, que, por sua vez, indica a crescente organização e identificação da comunidade Espartana¹⁸⁶, podendo também sugerir alguma mudança na prática

¹⁸² Cf. Repertório, objeto 040.

¹⁸³ DAWKINS, op. cit., p. 118. Ver também GOLDBERG, Marilyn Y. “Archaic Greek Akroteria”. IN: *American Journal of Archaeology*, Vol. 86, No. 2, Apr., , 1982, p. 202, e, FRAGKOPOULOU, op.cit., p. 192-194.

¹⁸⁴ Pela praticidade na referência ao trabalho dos arqueólogos do santuário de Orthia, mantemos aqui tal nomenclatura, apesar das críticas feitas por Maria Pipili. Cf. PIPILI, Maria. “Laconian Pottery” POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 127-130.

¹⁸⁵ DAWKINS, op.cit., p. 5-6.

¹⁸⁶ Para não mencionar o sucesso do processo de expansão da *polis*. CARTLEDGE, op. cit., p.103-104.

cultural¹⁸⁷. Enquanto o último ponto é, mais provavelmente, uma consequência direta do terceiro, este, em associação com as mudanças nos tipos e materiais dos objetos votivos, nos permite supor não apenas um aumento no quantitativo, mas também uma mudança qualitativa na frequência do santuário – além de possíveis reconfigurações do ritual ou dos valores simbólicos associados à deusa, do que trataremos em outro momento.

Seja em função do estabelecimento da camada de areia, seja devido aos padrões de deposição e descarte, a quantidade e diversidade de objetos votivos recuperados no local correspondente ao período arcaico é digna de nota. Conforme indicamos anteriormente, fragmentos de vasos de cerâmica ornamentada e objetos de bronze, em sua maioria estatuetas e fíbulas, estão presentes enquanto votivos já na primeira fase do santuário, e, embora os últimos percam espaço no século VI a.C., os primeiros lá permanecerão, ainda que mude o estilo, em todo o intervalo ao qual nos dedicaremos. Até meados do VII a.C. é possível identificar contas de vidro, âmbar, objetos de pasta vítrea e pedras gravadas. Para além desses, estatuetas, placas e pentes em marfim parecem ter tido grande relevância durante o mesmo século, mas desaparecem no VI a.C. – embora seus correspondentes em osso continuem sendo ofertados. Antes da metade do século VII a.C. ainda, também se destacam a deposição de pequenas figuras de terracota, que, feitas à mão ou em moldes, perdurarão durante o período do estudo. Embora metais preciosos pareçam ter sido utilizados para folhear objetos dedicados em momentos mais recuados, a oferta de joias esteve restrita à segunda metade do VII a.C. Já as pequenas figuras de chumbo que se tornariam tão frequentes ao longo VI a.C., aparecem pela primeira vez antes da metade do VII a.C. Situação similar à das máscaras de terracota, que, todavia, em menor quantidade, já eram ofertadas anteriormente. Por fim, os trabalhos em pedra calcária parecem estar relacionados com o período da reconstrução e *monumentalização* do espaço no primeiro quartel do século VI a.C.

A coexistência no santuário de objetos votivos de marcada elaboração ou material valioso e outros de composição mais simples e acessíveis, sugere que desde momentos mais recuados do período arcaico o mesmo era frequentado tanto pela elite, quanto pelos setores mais populares de Esparta – sem que se exclua a possibilidade de que os membros mais abastados depositassem também objetos em materiais mais

¹⁸⁷ FRAGKOPOULOU, op.cit., p. 193.

baratos, dadas possíveis especificidades do rito¹⁸⁸. Todavia, a transformação que parece tomar forma entre o quartel final do século VII a.C. e meados do VI a.C., com a progressiva perda de espaço de objetos votivos de maior riqueza e a proliferação de dedicações em geral – com destaque para as pequenas peças moldadas em chumbo, que alcançam cifras impressionantes –, é de explicação mais incerta. Duas são as teorias principais que se apresentam: por um lado, Nafissi ressalta que tais movimentos marcavam a auto-afirmação dos hoplitas do *dâmos*, uma vez que, conforme vimos, os processos de distribuição das terras conquistadas, generalizaram, ao menos num primeiro momento, uma condição de vida característica das elites, gerando um alargamento da clientela para os artesãos que produziam para os cultuadores¹⁸⁹; por outro, Fragkopoulou, voltando-se especificamente para a quantidade de objetos de chumbo lá depositados, defende que, embora tradicionalmente associados com o século VI a.C., tais acúmulos seriam em verdade resultado da oferta contínua que se estenderia ao longo do período clássico, refletindo o fato da comunidade espartana ter se tornado o centro de decisão sócio-político da Lacônia, o que findaria por atrair cultuadores de regiões mais distantes até o santuário¹⁹⁰. Enfocando esta última hipótese, percebemos que ela se constrói com base em dois pontos: primeiro, a dificuldade de datação de muitos dos objetos recuperados pela escavação no santuário de Orthia – especialmente proeminente no caso das peças de chumbo¹⁹¹ – que permite à autora adiar o momento em que teriam sido ofertados; segundo, a aparente inexistência de diferenças entre as práticas cultuais dos espartanos e dos demais habitantes da Lacônia, que possibilita que se suponha que qualquer fração do que é ofertado não o tenha sido feito por habitantes da *polis*¹⁹². Nos parece, no entanto, que, dadas as dimensões da estrutura, nos momentos em que os ritos fossem realizados, dificilmente seria comportada grande massa para além dos habitantes de Esparta¹⁹³. Assim sendo, impõe-se que o fluxo citado pela autora se desse em outras ocasiões, e que, para que fosse relevante, superasse em engajamento com a divindade, ressignificada ou não, o dos próprios locais, o que não nos parece

¹⁸⁸ O que, inclusive, é uma possibilidade relevante no que concerne às máscaras de terracota e pequenas figuras de chumbo, por exemplo; isto é, que espartanos e espartanas mais e menos abastados as depositassem de maneira indistinta.

¹⁸⁹ NAFISSI, Massimo. *La Nascita del Kosmos: Studi sulla storia e la società di Sparta*. Edizioni scientifiche italiane, 1991, p. 253.

¹⁹⁰ FRAGKOPOULOU, op. cit., 252 – 253.

¹⁹¹ Ibid., p. 120-121 e 240-271.

¹⁹² Ibid., p. 61-63.

¹⁹³ Ressalte-se que falamos de um momento anterior à construção do anfiteatro que derrubaria os limites do santuário, permitindo a acomodação de uma quantidade consideravelmente maior de pessoas.

provável, dada a colocação espacial do santuário. Diante disso, a proposta de Nafissi, associada às transformações internas de Esparta, nos parece mais plausível.

Para além da camada social à qual pertencem aqueles que frequentam o santuário, algo também pode ser inferido acerca de seu gênero. Se nos voltamos para os fragmentos de cerâmica geométrica lá presentes, e, portanto, para o período mais recuado do culto, percebemos uma maior frequência de *pyxides* dedicadas¹⁹⁴; já entre os objetos de marfim e de osso é possível que se identifique alguns pentes; símbolos como a romã¹⁹⁵ e os machados de fio duplo¹⁹⁶, parecem ter ainda alguma preeminência na associação à divindade; e, por fim, em argila ou em chumbo, representações de cultuadoras da deusa estão entre as ofertas mais comuns. Tomadas em conjunto, as dedicações de tais objetos sugerem um peso simbólico do elemento feminino no culto e na rede de associações em que a deusa se estabelece desde os momentos mais antigos. Em contrapartida, embora incerto, grande parte das figuras de argila feitas à mão parecem representar homens, ainda que de maneira muito rudimentar; para além disso, o grande crescimento do número de deposições que é acompanhado do aparecimento e popularização das figuras de chumbo é responsável pela presença considerável das imagens de hoplitas sobre as quais há pouco falamos; ao longo do século VII a.C. relevos representando combates também ganham espaço; e, finalmente, um dos temas mais comuns entre as máscaras votivas que se destacam no século VI a.C. é o guerreiro. Desse modo, podemos afirmar que, se não estava presente, ou não era relevante, desde o princípio do culto, o elemento masculino também se desenvolve e ganha espaço ao longo dos séculos VII e VI a.C., passando a ocupar um espaço importante em meio às associações simbólicas da deusa.

A análise dos objetos votivos presentes no santuário nos permite então concluir que o culto, ao menos a partir do século VII a.C., desenvolve um apelo generalizado na comunidade espartana, sendo o santuário frequentado por membros da elite ou das

¹⁹⁴ DAWKINS, op. cit., p. 60. Pequeno vaso frequentemente utilizado para armazenar cosméticos e joias, comumente dado como presente de casamento às noivas.

¹⁹⁵ Para as relações estabelecidas entre a fruta, a fertilidade e o feminino – tal qual suas contrapartes –, cf. BENNETT, Matt. “The Pomegranate: Marker of Cyclical Time, Seeds of Eternity”. IN: *International Journal of Humanities and Social Science*, Vol. 1 No. 19; December 2011.

¹⁹⁶ Signo frequentemente associado ao feminino em contexto religioso, mas cuja função específica, de provável original minoica, se perdeu, de modo que não se pode ter clareza de seu significado durante o período arcaico – embora o objeto seja mobilizado por Eurípides em suas tragédias posteriormente.. Cf. NÓLIBOS, Paulina. “Clitemnestra e Helena: As Espartanas, o patriarcado e o poder nas aias da mulher”. IN: ASUMPCÃO, Luis Filipe Bantim. *Esparta – Política e Sociedade*. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 28-34.

camadas menos abastadas, e tendo relevância tanto na esfera masculina, quanto na feminina.

1.5 – *Considerações Finais*

Conforme nos foi possível perceber, o período ao qual diz respeito esta pesquisa corresponde a um momento de intensas transformações no mundo helênico. Em Esparta o mesmo é percebido: a *polis* está inserida na onda de mudanças que varre a região e prolifera pelo Mediterrâneo, mas vê tais movimentos se desenrolarem com características específicas que, pouco a pouco, construiriam as particularidades da Lacônia no período clássico. Nesse entremeio, as relações mais próximas com o Oriente e a Península Itálica contribuíram para o aumento da produção artesanal e o desenvolvimento de técnicas que perpassariam a grande quantidade de objetos votivos depositados nos santuários, bem como a monumentalização dos principais sítios de culto. Dirigindo nosso olhar especificamente para o local sagrado à *Orthia*, identificamos facilmente a crescente estrutura que sustentaria o culto e a quantidade expressiva de ofertas realizadas por espartanos e espartanas, visando atingir ou reconhecer o favor da deusa. A disposição espacial do santuário se distingue não apenas por uma importância social relacionada à demarcação dos espaços da *polis*, mas também por outra simbólica, haja vista, dadas sua colocação fronteira e a proximidade com as águas do Eurotas, a associação com a liminaridade. Esta última, em conjunto com uma análise preliminar dos artefatos votivos e da configuração do panteão espartano, nos permite conceber uma aproximação da divindade com outras entidades – principalmente Ilítia, Helena e Artemis, mas também Apolo, Zeus, e outros mais –, confirmando o conceito de paisagem religiosa. Portanto, podemos identificar que as dinâmicas que envolvem a transformação dos jovens em homens e mulheres, e, conseqüentemente, sua inserção efetiva na sociedade, estava, na visão dos espartanos e espartanas de todos os grupos sociais, sob influência de diversas potências e atrelada a seus santuários na região da Lacônia.

CAPÍTULO 2: REPRESENTAÇÕES DE ANIMAIS E ORTHIA

Conforme explicitado no capítulo 1, na passagem dos séculos VII e VI a.C., momento identificado com uma intensificação e transformações no culto, grande quantidade de objetos votivos parece ter sido depositada no santuário de *Orthia*. Dentre os artefatos encontrados pelos escavadores junto aos altares e templos destacam-se as representações de animais, tanto de maneira isolada, quanto colocados em associações a outros elementos, compondo grupos mais elaborados. No presente capítulo nos dedicaremos a analisar a simbologia desses objetos votivos vinculados ao culto e à deusa. Após um exaustivo levantamento dos diferentes tipos de artefatos, gerando, portanto, o nosso “Repertório”, daremos ênfase àquelas representações que se fazem mais presentes, a saber: as de leões, cavalos, aves e cervos.

Haja vista a escassez de documentação escrita de produção local que nos auxilie no escrutínio de tais objetos, nos dedicaremos, tal qual foi exposto na introdução, a compor um quadro do imaginário acerca dos elementos destacados nos amparando primeiramente em Homero e Hesíodo, e, estendendo nossa análise sobre Tirteu e Álcman. Desse modo, pensamos ser possível analisar as representações sociais mobilizadas pelos espartanos do período arcaico, comparando os dados fornecidos por ambos os tipos de testemunhos, o dos poetas e o dos artesãos da Lacedemônia.

2.1 – *Leões*

Leões estavam entre os animais mais frequentemente representados entre os objetos votivos encontrados no santuário de *Orthia*; eles se faziam presentes nos relevos em pedra calcária – um dos quais talvez fizesse parte, na verdade, do frontão do templo no século VI a.C.; na decoração da cerâmica de tipo Lacônico; em estatuetas de terracota e marfim; em placas do mesmo material ou em *fibulae* de bronze; em *intaglios* de selos; e em diversas composições ou peças simples de chumbo. Assim sendo, no imaginário espartano, a feroz besta relacionava-se ao culto da deusa.

A importância de sua representação, todavia, não está restrita a esse espaço, de modo que se nos voltamos para a produção poética do período arcaico, veremos frequentes alusões ao animal. Tomando primeiro as epopeias homéricas, é possível identificar uma diferença. No decorrer da *Iliada*, poucos são alvo de tantas referências quanto os leões. No entanto, se dirigimos nosso olhar para a *Odisseia*, encontraremos

uma presença muito mais modesta das alusões à fera. A explicação para tal contraste certamente se encontra nas diferentes temáticas centrais dos poemas épicos: enquanto o último coloca em cena a exploração – ainda que involuntária – e o contato com o desconhecido, sublinhando a tensão envolvida no processo e estruturando o relato através dos ritos de hospitalidade, apresentando um herói dotado de características de poeta, mercador e colonizador¹; o primeiro nos traz a beligerância constante que transparece nas longas passagens dedicadas aos embates entre aqueus, troianos e seus aliados, palcos para a exaltação de heróis guerreiros. É em momentos de combate e em estreita ligação com a atuação desses personagens que a grande maioria das associações com os leões será construída², nos permitindo delimitar importantes elementos das representações dos animais, e, por extensão, dos guerreiros que, por suas ações, a eles se assemelham. Tal característica, ainda que não seja a única, segue sendo a grande motivação de referências à fera quando nos afastamos das epopeias homéricas – embora sejam essas então muito menos frequentes –, conforme pode ser visto no embate narrado no *Escudo de Heracles* e na referência presente na *Eunomia* de Tirteu. Em contrapartida, o *Hino Homérico a Dioniso* (nº 7) e a *Teogonia* mobilizam outro atributo da representação, que, sem estar inteiramente desconectado do acima destacado, o ultrapassa.

As ocorrências do termo leão – ou de derivados – na produção poética do período podem ser organizadas em dois grupos principais: (a) símiles, tipo que corresponde à maior parte das menções ao animal, e, que, em função de sua estrutura, mobiliza de maneira direta mais elementos das representações do mesmo; (b) qualificativos, ou, mais especificamente, θυμολέων, “coração de leão”, característica pouco frequente e geralmente associada a poucos heróis. Existem, para além dessa classificação, umas poucas exceções que serão comentadas brevemente ao final.

2.1.1 Símiles

Iniciados por partículas, verbos e ou adjetivos indicativos de semelhança³, os símiles presentes em Homero e Hesíodo dão início a breves digressões que,

¹ Cf. DOUGHERTY, Carol. *The Raft of Odysseus – The Ethnographic Imagination of Homer’s Odyssey*. Oxford University Press: 2001.

² Tal regra não é, todavia, sem exceção; a título de exemplo temos HOMERO, *Odisseia*, IV, v. 791-792, quando Penélope, que teme por Telêmaco, é comparada a um leão acuado.

³ A saber: ὡς; ἔοικα; οἷος; ἥύτε, geralmente traduzidos como “tal como”, “como”, “semelhante a”, etc.

simultaneamente, afastam a atenção, e matizam as ações que têm lugar nos poemas⁴. Conforme apontado por Stephen Lonsdale, os animais não são apresentados de maneira puramente naturalística, mas também de uma maneira simbólica, de modo que, através dos epítetos e das repetições formulaicas, alguns se tornavam emblemas de “coragem” e outros de “covardia”⁵. Retirando-se do contexto do enfrentamento guerreiro, o intervalo da divagação frequentemente nos oferece uma janela através da qual podemos observar representações acerca dos leões e das relações estabelecidas por eles com a natureza na qual estão inseridos, bem como com os homens. Por associação, justamente por estarem empregados nessa função dupla, os símiles aqui trabalhados permitem que acessemos elementos relativos ao imaginário acerca da atuação dos guerreiros. Assim sendo, nesta seção procederemos à exposição e à análise de uma seleção desses símiles.

Como ponto de partida, tomemos as duas passagens destacadas abaixo: (a) corresponde ao momento em que Diomedes, estimulado por Athená, em meio a uma sequência de embates, mata Équemon e Crômio, filhos de Príamo; já (b) retrata o avanço dos troianos sobre o acampamento e as naus dos gregos.

Tal como o leão que salta no meio dos bois e parte o pescoço
de uma vitela ou de uma vaca a pastarem na verdura.
(*Iliada*, V, vv. 161-162)

Como leões carnívoros [ὄμοφάγοισι] se lançaram os Troianos
contra as naus, cumprindo as ordens de Zeus
(*Iliada*, XV, vv. 592-593)

Observando a primeira passagem em destaque, podemos ver sugerido um elemento forte da representação do leão, que fundamenta grande parte dos símiles centrados em torno do mesmo: através do ataque ao gado, a fera é apresentada como um animal que sobrevive em decorrência da caça. Enquanto caçador, na esfera da natureza, os principais animais que são colocados em relação com ele são os veados e as cabras;

⁴ Acerca dos símiles, também presentes entre as representações dos demais animais destacados, cf. BEN-PORAT, Ziva. “Poetics of the Homeric Simile and the Theory of (Poetic) Simile.” *Poetics Today*, vol. 13, no. 4, p. 737-769, 1992; COFFEY, Michael. “The Function of the Homeric Simile.” *The American Journal of Philology*, vol. 78, no. 2, 1957; MARTIN, Richard P. “Similes and Performance.” *Written Voices, Spoken Signs: Tradition, Performance, and the Epic Text*, edited by EGBERT BAKKER and AHUVIA KAHANE, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts; London, England, 1997; e READY, Jonathan L. “The Comparative Spectrum in Homer.” *The American Journal of Philology*, vol. 129, no. 4, 2008.

⁵ LONSDALE, Stephen H. *Creatures of speech, lion, herding, and hunting similes in the Iliad*. Stuttgart: B.G. Teubner, 1990, p. 35-36 Apud: RICHER, Nicolas. “Elements of Spartan Bestiary in the Archaic and Classical Periods.” IN: POWELL, Anton & HODKINSON, Stephen (Ed.). *Sparta: The Body Politic*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2010.

para além desses, o leão é representado caçando bois e ovelhas, o que frequentemente implica na construção de uma relação também com o homem – algo que será tratado mais adiante. Intimamente ligada à sua qualidade de caçador está aquela apresentada na segunda passagem em destaque: o termo *ὄμοφάγος* indica não apenas o consumo da carne, como também a ingestão dela crua, isto é, sem qualquer tipo de preparo, o que, por oposição ao consumo ritualizado⁶ do homem grego, impõe uma marca profunda de selvageria.

Ainda neste tópico, nós podemos voltar nossa atenção para o símile empregado quando, após interrogar Odisseu sobre quem eram seus companheiros e ele, o ciclope Polifemo agarra dois dos homens e os assassina, fazendo deles o jantar, em lugar de lhes oferecer acolhida. A imagem oferecida é a seguinte:

Comeu-os como um leão criado na montanha: nada deixou,
mas comeu as vísceras, a carne, os ossos e o tutano.
(*Odisseia*, IX, vv. 292-293)

Se, antes de nos dedicarmos aos versos acima, olharmos para Polifemo colocado no contexto da *Odisseia*, perceberemos que, num espectro que vá da total identificação à alteridade máxima, o encontro da criatura com Odisseu pode ser situado no último polo. A representação do mesmo é marcada pelo físico não-humano, pela rejeição da reverência aos deuses e, por fim, pela completa inversão do ritual de hospitalidade⁷: o ciclope é um selvagem. Dirigindo-nos então para os versos em destaque, vemos que, através da imagem do leão que devora a vítima por inteiro, uma similar desconsideração pelo divino tem lugar: a fera come mesmo a parte que, num sacrifício ritual, seria reservada aos deuses. Dessa maneira, identificamos que a representação do animal, assim como a de Polifemo, é marcada por uma voracidade que desconhece toda lei ou limite.

Dando prosseguimento à exposição, nos voltaremos para os seguintes momentos: (a) Apolo demanda a Zeus e aos demais deuses que o corpo de Heitor seja salvo da retaliação de Aquiles pela morte de Pátroclo; (b) Heitor, muitos cantos antes, põe diversos guerreiros em fuga durante a invasão ao acampamento grego; (c) Herakles, após matar Cisne, volta-se aguardando a chegada de Ares; (d) Euricleia, serva de

⁶ Sobre o sacrifício de animais, cf. EKROTH, G. "Animal Sacrifice in Antiquity" In: CAMPBELL, G.L. *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford: Oxford University Press, 2014; HITCH, S. & RUTHERFORD, I. *Animal Sacrifice in Ancient Greek World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

⁷ HOMERO, *Odisseia*, IX, vv. 177-542.

Odisseu, retorna ao cômodo onde o massacre dos pretendentes de Penélope ocorreu e vê Odisseu em pé em meio aos mortos. Os versos seguem-se assim:

[...] Como um leão, só quer saber de selvagerias:
um leão que encorajado pela sua estatura e força e altivo
coração se atira aos rebanhos dos homens, para arrebatá-los a refeição.
(*Iliada*, XXIV, vv. 041-043)

Mas Heitor atirou-se a eles como o leão malévolos [ὄλοόφρων] que se lança
contra os bois a pastar na fundura de um amplo pantanal,
bois às miríades! [...]
(*Iliada*, XV, vv.630-632)

Deixou-o então o longânime filho de Zeus
e espregueira a vinda de Ares destrói-mortais,
com olhares terríveis, qual leão ante uma presa
muito sôfrego rasga a pele com garras cruéis
e rápido arrebatou o ânimo sabido a mel,
de ardor assim ele enche o negro coração,
refulge terrível nos olhos, flancos e espáduas
fustiga com a causa, cava com as patas, ninguém
ousa enfrentar-lhe a vista, nem combatê-lo.
(*Escudo de Heracles*, v. 424-432)

Encontrou Ulisses no meio dos cadáveres dos mortos,
conspurgado de sangue e imundície, como um leão,
que acaba de comer um dos bois do estábulo
e tem o peito todo e as faces de ambos os lados
manchadas de sangue – visão terrível de se ver!
(*Odisseia*, XXII, vv. 401-405)

O primeiro símile exposto acima nos permite destacar dois pontos: (a) a estreita associação da fera com a selvageria reforça o que foi discutido logo acima, ligando-se à negação do costume, à desconsideração pelos deuses e à brutalidade, uma vez que qualifica a postura de Aquiles, que, profanando o corpo de Heitor, não permitia que lhe fossem dadas as devidas honras; e (b) a referência à grande força do leão se constitui num indicativo do elemento que sustenta sua representação como caçador, característica que, sendo permissora da ação violenta da fera, influencia a maneira como ela estabelece relações com a natureza que a cerca e com os homens. O exposto na segunda passagem destacada complementa e qualifica tais características, pois, sendo um selvagem, o leão é representado também como um animal que tem a mente voltada para a maldade e para a destruição (ὄλοόφρων), utilizando-se de sua força para pô-las em prática. As últimas duas passagens apresentam os elementos destacados acima combinados e apontam para o terror que estava associado à imagem da fera: por um lado, a ação voraz, violenta, destrutiva e intimidadora após o abatimento da presa; do

outro, a poluição do sangue espalhado pelo corpo após os atos de selvageria terem sido performados. Tais imagens e, em especial, a significativa reação de terror expressa na *Odisseia*, oferecem uma *janela* para que percebamos a tensão existente na construção de relações que põem lado a lado o homem e aquilo que, ideologicamente, lhe é fundamentalmente outro.

Antes de nos dedicarmos às supracitadas relações estabelecidas pelos leões, cabe aqui que voltemos nossos olhos aos componentes temporal e espacial das representações dos mesmos. Para tal, destacamos as seguintes passagens em que: (a) os troianos são postos em fuga nas planícies de Tróia por Agamêmnon; (b) Eneias mata Orsíloco e Créton, que causavam muitas baixas aos Troianos; (c) após matar Ímbrio, os ajantes conseguem arrastar seu corpo para despojá-lo de suas armas. As seguintes comparações nos são oferecidas:

Porém no meio da planície alguns ainda fugiam como vacas
que um leão pôs em fuga no negrume da noite; a todas pôs
em fuga, mas é a uma que aparece a morte escarpada:
primeiro com sua dentição possante lhe agarra o pescoço,
e depois devora-lhe o sangue e todas as vísceras.
(*Ilíada*, XI, vv.172-176)

Tal como dois Leões nos píncaros das montanhas
são alimentados pela mãe nas brenhas da funda floresta;
e ambos arrebatam vacas e robustas ovelhas,
dando cabo dos cercados dos homens, até que eles próprios
são abatidos às mãos dos homens com bronze afiado.
(*Ilíada*, V, vv. 554-558)

Tal como dois leões que a cães de dentes afiados
arrebataram uma cabra e a levam pelo cerrado matagal,
segurando-a nas mandíbulas por cima do chão.
(*Ilíada*., XIII, vv. 198-200)

Conforme previamente estabelecido, o leão tem a característica de caçador como um forte elemento de sua representação. Dentre as últimas três passagens em destaque, a primeira passagem nos permite entrever que, para além da relação com a força do animal, a atividade da caça também tem conexão com a noite. Tal associação permite que a ação seja qualificada como sorrateira e oportunista, uma vez que se busca atingir o inimigo em um momento de fragilidade, isto é, quando ele está indefeso, o que pode ser visto, por exemplo, na invasão levada a cabo por Diomedes e Odisseu ao acampamento dos Troianos e aliados, que culmina com a morte de diversos Trácios e o roubo de seus

cavalos⁸. As duas passagens seguintes, por sua vez, estabelecem um elo entre a fera e espaços específicos. O leão nasce e cresce na montanha⁹ e na floresta; por vezes vem para junto dos homens por comida, mas retorna a elas ou se esconde no matagal quando em fuga ou satisfeito. O vínculo com a fera é forte e impõe características às representações de tais locais: sendo o leão um selvagem, uma criatura cuja voracidade desconhece toda lei, os espaços que ele habita também receberão essa marca. Assim, constituindo-se no imaginário enquanto abrigos das feras, tais lugares, por oposição às cidades e vilas onde habitam os homens, carregarão os estigmas da selvageria, do perigo, e, conseqüentemente, do caos¹⁰.

Nos espaços supracitados, afastado dos homens, os leões estabelecem relações com diversos outros animais. Nos símiles destacados a seguir vemos a representação da maneira como, marcados pelos demais elementos apresentados, tais contatos se desenvolvem. Em (a) temos o momento em que Ájax chega ao socorro de Odisseu que era atacado por vários guerreiros Troianos; em (b), Heitor dando o golpe final em Pátroclo; e, em (c) Hércules e Cisne frente à frente, prontos para o combate.

[...] à sua volta os Troianos
arremetiam como morenos chacais nas montanhas de roda
de um chifrado veado ferido, a quem um homem atingiu
com uma flecha do seu arco; dele fuge o veado com a rapidez
das patas, enquanto o sangue jorra quente e os joelhos aguentam;
mas quando por fim a flecha veloz o subjuga, os chacais
sedentos de carne viva devoram-no nas montanhas,
num bosque sombreio; só que o deus traz contra eles um leão
assassino: os chacais fogem todos e o leão devora a presa.
(*Ilíada*, XI, vv. 473-481)

Tal como um leão vence pela força um inquebrantável javali,
quando nos píncaros das montanhas lutam ambos, orgulhosos,
por uma exígua nascente de água, pois ambos querem beber;
e muito resfolega o javali, mas o leão vence-o pela força –
(*Ilíada*, XVI, vv. 823-826)

Como dois leões ao redor da corça morta
Rancorosos atacam-se um ao outro,
Terrível era a grita e o ranger de dentes.
[...]
assim a gritar lançaram-se um contra o outro.
(*Escudo de Heracles*, vv. 402-412)

⁸ O símile comentado se encontra em HOMERO, *Ilíada*, X, vv. 297; o intervalo correspondente à incursão é o dos vv. 272-531.

⁹ Tal relação aparece também no epíteto μητέρα θηρῶν, mãe de feras, que o Monte Ida recebe em: HOMERO, *Ilíada*, XIV, v.283, e XV, v.151.

¹⁰ Certamente é de valia destacar a referência de Hesíodo ao fato de que aos animais cabe a selvageria, e, aos homens, a lei. Cf. HESÍODO, *Os Trabalhos e os Dias*, vv. 275-279.

Ao observar as passagens em destaque, vemos colocados em relação com a fera quatro animais distintos: o veado, o chacal, o javali e outro leão. Conforme previamente estabelecido, o veado é representado como uma das principais presas da fera nas regiões tidas como selvagens, o que faz da mesma a parte dominante da relação. O chacal, embora partilhe algumas características com a fera, quando colocado em associação com ela, é posto em fuga, evidenciado que, em contraposição a mesma, não dispõe de semelhante força permissora de ação violenta, o que o relega à condição de dominado. O tema da força é retomado na ligação estabelecida com o terceiro animal: o javali é representado como dotado de pujança comparável à do leão¹¹. Esse, no entanto, na representação do enfrentamento direto, o subjuga, afirmando novamente uma posição de dominância. Por fim, o leão é colocado contra o único animal que no imaginário helênico lhe poderia fazer frente: outro igual. Portanto, tomando tais relações em seu conjunto, é possível perceber que, muito em decorrência de sua potência, nas representações da hierarquia do espaço selvagem, o leão ocupa uma posição de prevalência.

Se nas relações que estabelece afastado dos homens a dominância do leão sobre as demais criaturas é clara, o mesmo não pode ser indicado para a representação do contato com os pastores e caçadores. Os versos destacados a seguir servirão de base para que exploremos a questão: (a) Diomedes é ferido por uma flecha, mas, retirando-a, retorna ao combate; (b) Ajax recua diante dos troianos; (c) Heitor guia os troianos na invasão do acampamento dos gregos; (d) Aquiles se recusa a entrar em acordo com Heitor:

[...]
agora sentia três vezes mais força: como o leão,
ao qual no campo o pastor feriu, quando saltou por cima
da vedação do curral das ovelhas, mas não venceu;
avivou-lhe antes a força, mas em seguida não lhe faz frente,
metendo-se dentro dos estábulos, o rebanho aterrorizado:
e empilhadas ficam as ovelhas, umas ao lado das outras;
porém o leão salta na sua fúria para a fora do curral.
(*Ilíada*, V, vv. 136-142)

Tal como quando do estábulo é escorraçado
o fulvo leão por cães e por homens lavradores,
que não o deixam levar a vaca mais gorda,
mas mantém vigília toda a noite; [...]"
(*Ilíada*, XI, vv. 548-551)

¹¹ Como é possível perceber em: HOMERO, *Ilíada*, V, v.783; XII, v. 042; XVII, vv. 021-022.

Tal como quando no meio de cães e de homens caçadores
um javali ou leão rodopia, exultante na sua força;
e estes se dispõem, uns aos outros como uma muralha
e se posicionam contra ele arremessando das mãos
dardos cerrados; porém o valente coração da fera
não se amedronta nem receia, pois sua coragem é sua desgraça;
(*Iliada*, XII, vv. 041-047)

Heitor, não me fales, ó louco!, de acordos.
Tal como entre leões e homens não há fiéis juramentos,
nem entre lobos e ovelhas existe concordância,
mas sempre estão mal uns com os outros –”
(*Iliada*, XXII, vv. 261-262)

A declaração de Aquiles indica nitidamente que o teor das relações que se estabelecem entre homens e leões é necessariamente conflitivo. Dito isto, suas representações ainda podem ser discriminadas em dois tipos: um em que os leões se deslocam das áreas selvagens para as regiões habitadas pelos homens (as duas primeiras acima); outro em que os homens vão de encontro às feras nas montanhas e florestas (a terceira). No que se refere à primeira categoria, podemos perceber o leão colocado em oposição às ovelhas e às vacas. Sobre essas, em virtude de sua força, exerceria dominância sempre, não fosse a interferência dos pastores, que, lutando contra a fera ou escondendo o rebanho, se esforçam para mitigar o impacto da vinda do animal. Sua chegada implica em perigo de morte e instaura o caos, abalando a ordem estabelecida, o que pode ser identificado na primeira citação deste grupo. Voltando-nos agora para a segunda categoria, é possível perceber que se, por um lado, o leão é colocado como caçador de frente para o homem, por outro, ele também pode ser representado enquanto caça do mesmo. Nesse caso, todavia, apesar da inversão de status, os elementos destacados até então permanecem presentes, de modo que o leão, por sua força e sua coragem, em Homero sempre representa a selvageria, a violência, e, conseqüentemente, o perigo de morte.

Tomando o conjunto dos elementos que podemos apreender dos símiles, vemos que as representações do leão costumam se estruturar sobre dois eixos: um primeiro, que opõe o caçador e a caça, visto especialmente nas relações estabelecidas entre a fera e outros animais; e, um segundo, que contrasta natureza e cultura, identificado principalmente nas relações estabelecidas e na diferença de hábitos com o homem. Nos intervalos de digressão o leão é então representado como um caçador voraz, sorrateiro e selvagem, que, abusando de sua grande força, impõe-se sobre e domina os outros

animais, levando o caos e a morte também aos homens. Dentre essas características, a associação com a selvageria, o caos e a morte têm certamente uma marca negativa, como aponta a associação com o Ciclope exposta anteriormente. No entanto, é importante destacar que, ao não se tratarem exclusivamente de representações sobre os animais, mas de paralelos traçados principalmente com os heróis em situações de enfrentamento, alguns desses elementos recebem nuances diferenciadas, podendo ter um aspecto positivo. Frequentemente, ao serem comparados com o leão, os heróis se encontram executando feitos tidos como valorosos, que contribuirão para a sua glória. Assim sendo, a força permissora da grande violência e a capacidade de levar o caos e a morte, se direcionadas, podem ser exaltadas, uma vez que vão de encontro ao que se espera da ação do bom guerreiro¹².

2.1.2 Qualificativo: θυμολέων

Conforme previamente indicado, tal referência – indireta – ao leão aparece com uma frequência bem menor do que a dos símiles discutidos acima. O termo θυμολέων, isto é, “coração de leão”, é mobilizado apenas umas poucas vezes entre os épicos homéricos e os poemas de Hesíodo: na *Ilíada*, (a) quando, provocando Sarpédon, Tlepólemo faz referência à sua descendência de Heracles¹³, e (b) quando Ájax, prestes a enfrentar Heitor em duelo, faz alusão à Aquiles¹⁴; na *Odisseia*, (c, d) quando Penélope, num curto intervalo de tempo, ora para as servas, ora em sonho, menciona Odisseu duas vezes¹⁵, e (e) quando o mesmo herói conta aos Feácios suas viagens até então, relatando que, em sua passagem pelo Hades, avistara Alcmena, mãe de Heracles¹⁶; e, na *Teogonia*, (f) quando o autor aborda a genealogia de Aquiles¹⁷. No caso dos épicos a expressão difere significativamente dos símiles também na maneira como é empregada: enquanto esses mais constantemente se encontram nas intervenções do narrador, aquela

¹² Schnapp-Gourbeillon entende de maneira semelhante o aspecto positivo das relações, parecendo, todavia, ao analisar em separado as associações presentes na *Ilíada*, descartar a presença de uma nuance negativamente valorizada na grande maioria dos casos; cf. SCHNAPP-GOURBEILLON, Annie. *Les lions d'Héraklès* In : *Le Bestiaire d'Héraclès: IIIe Rencontre héracléenne* [en ligne]. Liège : Presses universitaires de Liège, 1998, p.11.

¹³ HOMERO, *Ilíada*, V, vv. 638-643.

¹⁴ HOMERO, *Ilíada*, VII, vv. 226-228.

¹⁵ HOMERO, *Odisseia*, IV, vv. 724-725 e 814-815.

¹⁶ HOMERO, *Odisseia*, XI, vv. 266-268.

¹⁷ HESÍODO, *Teogonia*, vv. 1003-1007.

é sempre vista na “boca” dos personagens; se esses referenciam personagens em ação no momento, aquela evoca outros que não se encontram presentes.

Por intermédio das personagens o uso do termo parece estar sempre dotado de uma carga positiva. Desse modo, fazendo referência ao leão, a expressão evocaria, tal como nos símiles, as potencialidades do animal que se relacionam à atuação do bom guerreiro: a imponente, a força e a capacidade de causar o caos e a morte de maneira direcionada; isto é, aquilo que em meio ao combate lhe permitiria executar feitos tidos como valorosos. Se, todavia, procurarmos olhar para além do que, dentro da narrativa, é colocado pelas personagens, nós poderemos perceber uma nuance contrária. Dado o fato de que as histórias, ao menos em sua estrutura, eram certamente conhecidas do público, é possível ignorar a linearidade das mesmas ao analisar a recepção de um determinado vocábulo. Assim, tomando os três heróis aos quais o termo está relacionado, é possível distinguir um paralelo em suas representações: Aquiles, Heracles e Odisseu, apesar daquilo que os qualifica como grandes heróis, tomaram parte na execução de atos de grande violência que podem ser vistos como injustificados, excessivos ou selvagens. O primeiro se dedica a profanar o corpo de Heitor¹⁸; o segundo mata Ífito em sua casa, embora hóspede fosse¹⁹; e o terceiro, ao assassinar os pretendentes que espoliavam seus bens, elimina parte importante dos nobres de Ítaca e das demais ilhas à sua volta, causando a ira de suas famílias e quase jogando a comunidade numa guerra civil²⁰. Nos parece então que o adjetivo *θυμολέων* aponta para o lado positivo da associação com a fera, sugerindo, no entanto, que as mesmas características que podem levar tais guerreiros à glória também podem influenciar na ação desmesurada ou selvagem²¹, o que matiza negativamente suas representações.

Para além do uso do qualificativo *θυμολέων* nós temos uma passagem em Tirteu que apresenta características semelhantes. Em um fragmento da *Eunomia*, o poeta fala o seguinte:

¹⁸ HOMERO, *Ilíada*, XXII, vv.331-404; a isto Schnapp-Gourbeillon liga uma das poucas associações com o leão dotadas de nuances negativas na *Ilíada*: no caso de Aquiles, o qualificativo *θυμολέων* apontaria no sentido dos atos excessivos do herói, de sua ὕβρις, não chegando, todavia a qualificá-lo como selvagem; cf. SCHNAPP-GOURBELLION, op. cit., p. 11.

¹⁹ HOMERO, *Odisseia*, XXI, vv.024-030.

²⁰ HOMERO, *Odisseia*, XXII, vv. 008-329, e XIV, vv. 413-471.

²¹ Tal marca é apontada por Schnapp-Gourbeillon apenas nos casos em que o qualificativo é associado a Odisseu, tendo em vista as ocorrências se darem na *Odisseia*, onde a autora reconhece uma representação do leão marcada pela selvageria, em contraposição a uma representação mormente positiva e aristocrata explícita na *Ilíada*; cf. SCHNAPP-GOURBEILLON, op. cit., p. 11-12.

[...] tendo no peito o coração de um fúlvido leão (αἰθωνος δὲ λέοντος ἔχων ἐν στήθεσι θυμόν) [...]
(*Eunomia*, frag. 9 [10D.]

Embora a construção se dê de maneira diferente, a referência parece clara. Tal qual em outros momentos do texto, Tirteu inscreve sua exaltação dos guerreiros espartanos num referencial heroico homérico²². Do mesmo modo que o leão é modelo de força, coragem e potencial violento para Heracles, Aquiles e Odisseu, aqui ele o é para todos os jovens espartanos²³, o que é reforçado pela referência ao prazer de ferir pelas costas um inimigo que foge²⁴, como o faria a besta durante a caça. Todavia, se em Homero e Hesíodo, o qualificativo associa elementos positivos e negativos, marcando novamente a tensão que existe na aproximação com a fera, aqui, ele parece ser exclusivamente positivo: toda a ação violenta retratada no poema é um apelo à coletividade e direcionada a um inimigo, de modo que a agressividade e o potencial destrutivo são necessariamente euforizados enquanto responsáveis pela defesa da comunidade; pelos mesmos motivos, logicamente, sua rejeição é desforzada²⁵. Em lugar de enfatizar a poluição da morte que recai sobre o assassino, como vimos acima na *Odisseia*²⁶, aqui percebemos destacada a beleza e o valor do jovem que morre lutando por sua terra²⁷.

2.1.3 Exceções

Por fim, voltamos nossos olhos para as menções à fera que não se encaixam nas seções delimitadas acima. Uma vez que, em grande medida, são elaboradas a partir de pontos também presentes entre os símiles, faremos breve referência às de menor destaque e daremos ênfase àquelas presentes na *Ilíada*, visto que nos parecem mais significativas.

A primeira categoria engloba referências às transformações e criaturas monstruosas que apresentam características de leões. Tanto a mudança de Proteu,

²² Como, por exemplo, em *Eunomia*, 6, vv. 21/30; versos para os quais uma relação com a *Ilíada*, XXII, vv. 66-76, pode ser construída.

²³ Em especial, no entanto, para aqueles que compõem a infantaria pesada, como apontado pela passagem *Eunomia*, 7, vv.20-35.

²⁴ TIRTEU, *Eunomia*, 7, vv. 17-18.

²⁵ TIRTEU, *Eunomia*, 6, vv. 1-32; e 7, vv. 11-16.

²⁶ HOMERO, *Odisseia*, XXII, vv. 401-405.

²⁷ TIRTEU, *Eunomia*, 6, vv. 1-2 e 29-30; e 8, vv. 15-34.

emboscado por Menelau e seus companheiros²⁸, quanto à de Dioniso, retirado da água e trazido a bordo de um navio por piratas²⁹, apresentam um mesmo sentido: os deuses tomam formas que, no imaginário das mulheres e dos homens helenos, estavam associadas à violência e à destruição, visando assim causar terror e intimidar seus captos. Tais elementos são reforçados na *Teogonia* pela descrição dos monstruosos filhos da ninfa Echidna³⁰ ou pela de Tifeu³¹, que, apresentando em suas composições partes da fera, evocam semelhantes valores aos destacados acima.

Enfocando agora a *Ilíada*, três menções são dignas de destaque. As duas primeiras tem lugar no canto X, enquanto Agamêmnon está reunindo outros líderes do exército para deliberar um meio de ação contra os troianos; nesse contexto, o herói e, pouco depois, também Diomedes lançam sobre o corpo peles de leão³². Levando em consideração que os dois guerreiros citados estão entre os que mais são comparados à fera³³, tais objetos nos parecem uma manifestação física dos valores que são imputados a eles nos símiles ao longo do poema. Outra possibilidade de interpretação é que a presença da pele estabelecesse um paralelo com Heracles. Sobre tal herói, Schnapp-Goubillon indica que a presença da pele aponta para uma ambiguidade fundamental em seu coração: se, por um lado, ele combate o leão; por outro, ele mesmo é um leão³⁴. Dessa maneira, as peles poderiam ser lidas como indicativo da potência permissora de violência das personagens. No canto XVIII temos a última entre as imagens com que Hefesto ornamenta o escudo que prepara para Aquiles. No instrumento, representativo do cosmos e pontuado por elementos e situações das vidas dos homens gregos, vemos dois leões atacando um rebanho enquanto os pastores e seus cães tentam expulsá-los³⁵. Uma vez que, ao falar sobre os símiles, tal modo de representação já foi discutido, não nos deteremos aqui sobre ele novamente; todavia, é importante que seja notada a ênfase que, através da inclusão de tal cena, se dá a oposição previamente trabalhada entre natureza e cultura na reconstituição do imaginário acerca do leão. A fera é um vetor da selvageria e do caos que as sociedades humanas estariam sempre buscando repelir.

²⁸ HOMERO, *Odisseia*, IV, vv.454-461.

²⁹ HOMERO, *Hinos Homéricos*, 7, vv. 44-51.

³⁰ HESÍODO, *Teogonia*, vv. 319-329.

³¹ HESÍODO, *Teogonia*, vv. 829-835.

³² Agamêmnon em HOMERO, *Ilíada*, X, vv. 023-024; Diomedes em HOMERO, *Ilíada*, X, vv. 177-178

³³ Os heróis que mais frequentemente são envolvidos em símiles com o Leão na *Ilíada* são: Heitor, Diomedes, Aquiles, Agamêmnon, Menelau e Ájax, alguns outros sendo associados umas poucas vezes; na *Odisseia*, por sua vez, o destaque fica, como talvez fosse de se esperar, com Odisseu.

³⁴ SCHNAPP-GOURBEILLON, op. cit., p. 2.

³⁵ HOMERO, *Ilíada*, XVIII, vv. 579-584.

Por fim, destacamos que no *Escudo de Heracles*, entre os elementos representados na proteção do herói se encontram leões e javalis frente a frente, enraivecidos e prontos para o combate, no meio dos quais um dos primeiros já abatera dois dos últimos³⁶. Tal imagem evoca as já citadas relações entre a fera e os demais animais no imaginário helênico, reforçando sua pujança e consequente dominância na natureza.

2.1.4 Balanço

Analisadas as representações construídas sobre os leões e, através das associações, também sobre os guerreiros, nos é possível agora delimitar elementos que compõem o imaginário helênico acerca de tais grupos, bem como apontar se são dotados de uma carga positiva ou negativa.

Começando pela fera, conforme estabelecemos anteriormente, as representações se organizam sobre dois eixos nos quais se opõem: caçador e caça; cultura e natureza. O leão é representado como: caçador; voraz; sorrateiro; forte; dominante na natureza; dotado de intenções ruins, malévolas e selvagens. Em relação com o homem, é visto como um vetor do caos e da morte, e o embate entre os dois sintetiza a oposição entre cultura e natureza. Assim sendo, o que está colocado nos textos analisados acima nos leva a concluir por uma representação que é dotada de uma marca fundamentalmente negativa³⁷.

Nos direcionando agora aos heróis é possível perceber que parte dos mesmos elementos citados acima, através dos símiles, levando em consideração o contexto do mundo contado, passa a ser dotado de uma marca mormente positiva. Quando a desordem não vem do selvagem, mas das relações estabelecidas entre as próprias sociedades humanas, a força permissora de grandes violências e a potencialidade de causar o caos e a morte, se controladas e direcionadas, passam a ser elementos valorizados. Associar o guerreiro ao leão é ressaltar sua excelência no que concerne à ação violenta contra seus oponentes, é destacar sua capacidade de desordenar as fileiras inimigas, é, enfim, sublinhar sua aptidão para realizar feitos tidos como gloriosos, tal

³⁶ HESÍODO, *Escudo de Heracles*, vv. 168-177.

³⁷ Tal conjunto de qualidades corresponde também ao que se encontra nas *Fábulas* de Esopo, entre as quais podemos destacar: “O Jumento que Passava por Ser um Leão”, “O Leão Enclausurado e o Lavrador”, “O Leão e o Touro”, e “O Leão, o Jumento e a Raposa”. Aponta-se, porém, que nessas a fera é por vezes marcada também pela ação astuta.

como fica evidente em Tirteu. Todavia, conforme foi visto na análise do termo *θυμολέων*, ao menos nos textos homéricos, a vinculação com o animal também implica o risco da desmesura que resulte em selvageria, de modo que, se, por um lado, tal laço é representado enquanto positivo, por outro, não há o apagamento total da carga negativa de que o animal é dotado.

2.1.5 De volta ao santuário - análise da documentação material

Conforme previamente indicado, no período estudado, o leão é um dos signos de maior frequência entre os objetos votivos encontrados no santuário, estando presente em placas para fíbulas, pentes e pequenas estatuetas de marfim, em ornamentos de bronze, em vasos, estatuetas e uma máscara de cerâmica, em selos de ossos, e em figuras simples e composições de chumbo, o que sugere sua importância no contexto do culto. Na maior parte de tais casos a representação do leão aparece independente de outras. Aqui, todavia, direcionaremos nossa atenção principalmente para três composições³⁸ que a associam à da deusa, o que acreditamos ser de maior relevância para que possamos compreender a rede de associações em que Orthia está inserida e os valores que poderiam ser mobilizados pelos participantes do culto.

Os três itens a ser avaliados são: (a) uma placa de fíbula entalhada em marfim, que apresenta uma figura feminina alada em visão lateral, com *polos* e longas vestes ornadas, segurando uma ave pelo pescoço e um leão de cabeça para baixo pelas patas; (b) uma estatueta feita em chumbo a partir de um molde, que apresenta um grupo contendo uma figura feminina alada em visão frontal, com *polos* e longas vestes, segurando dois leões ao chão pelas caudas, ladeada por duas outras figuras femininas em visão lateral, vestidas de maneira semelhante e portando guirlandas; (c) uma estatueta em terracota feita a partir de um molde, que apresenta uma figura feminina em visão frontal, com *polos* e longas vestes adornadas, dispondo a mão sobre a cabeça e segurando a pata dianteira de um leão que se apoia nas traseiras a seu lado. Uma leitura prévia dos objetos votivos nos permite identificar que as duas primeiras peças listadas claramente teriam sido elaboradas tendo em vista o modelo de representação da *Potnia Theron*³⁹, senhora das feras, com a deusa situada entre dois animais que por ela são segurados. Na estatueta de terracota, por sua vez, é justamente a presença do leão que

³⁸ Dispostas no Repertório (respectivamente os objetos: 15, 19 e 12).

³⁹ Um modelo que, é importante que se ressalte, tem sua origem no oriente próximo.

nos ajuda a reconhecer a deusa, visto que à exceção das asas, sua representação é muito semelhante a das cultuadoras – o que pode ser percebido no atefato de chumbo –, mas, uma vez que, como vimos no escrutínio da documentação escrita, a relação entre humanos e tais bestas é fundamentada sobre o conflito e a comparação, nunca sendo harmoniosa, imaginar uma humana em tal composição causaria estranheza. Os materiais utilizados sugerem ainda que tais representações possuíam apelo entre variados estratos da população.

Voltando-nos agora para o aspecto simbólico de tais composições, entendemos que a presença dos animais sugere uma relação com a esfera do selvagem, laço esse que é reforçado ainda pela, já citada, localização do santuário numa região que se supõe limítrofe do espaço percebido enquanto centro da comunidade espartana. Por sua vez, a maneira como a divindade é colocada em associação com os mesmos – segurando-os pelo pescoço, pela cauda, ou com a mão em suas cabeças – aponta no sentido de uma relação de força que tende em favor dela, o que significaria dizer que Orthia exerceria uma dominação/domesticação sobre as feras e, por extensão, sobre a esfera do selvagem como um todo. Se, tendo por base o que foi discutido sobre o imaginário helênico acerca do animal, direcionarmos nossa atenção agora para sua relação com o leão, poderemos inferir que tal dominação sobre o selvagem também pode ser lida como um controle sobre a fera em específico, e, conseqüentemente, sobre aquilo que lhe é característico: a força permissora de violência e sua potencialidade ligada ao caos e à morte. Conforme vimos, na documentação escrita, tal besta, através da partilha desses traços, é colocado em um vínculo com o guerreiro, que, por sua vez, assim como o leão, conforme citado anteriormente, está entre os signos mais presentes nos objetos votivos depositados no santuário – especialmente de meados do século VII até o final do VI a.C. Desse modo, tendo em vista a representação da deusa e o que foi discutido, acreditamos que, por intermédio da mesma, a relação simbólica entre o animal e o guerreiro pudesse ser mobilizada também no contexto do culto; isto é, que homens espartanos depositassem objetos votivos no santuário, visando, por dom de Orthia, alcançar e exercer o controle sobre as potências ligadas ao leão, de tal maneira a serem capazes de agir sempre como bons guerreiros, tais quais os cantados por Tirteu, ou, antes, por Homero. Se, por fim, retomamos o aspecto liminar implicado pela presença próxima do rio, podemos supor ainda que tais dedicações⁴⁰ representassem não apenas os anseios de

⁴⁰ Não unicamente os três objetos votivos analisados aqui, mas todos os centrados na figura do leão, só ou em associação com a deusa.

adultos já estabelecidos na sociedade, mas, em especial, de jovens em momento de passagem e integração – buscando a excelência que poderia lhes valer uma posição de destaque.

2.2 – Cavalos

Tal qual ocorre ao leão, o cavalo está entre os animais mais frequentemente representados no santuário de Orthia: ele aparece em estatuetas de terracota; em eventuais imagens nos vasos de cerâmica; em estatuetas e *pynaxes* de pedra calcária; em peças semelhantes de bronze ou osso; em adornos e *pynaxes* de marfim; e, por fim, em composições de chumbo e em pequenas figuras independentes do mesmo material. Embora em grande parte dos casos seja representado sozinho, o cavalo também é disposto acompanhado de uma figura feminina – que, alada ou não, dada a relação direta com o animal, pode ser interpretada como a deusa – ou de outras masculinas – em geral, cavaleiros. Logo, de modo similar ao caso do leão, se torna evidente que, ainda que não necessariamente de modo particular, o animal parece ter uma carga simbólica relevante para o culto que aí tem lugar.

De modo semelhante, a produção poética do período arcaico está repleta de representações sobre os equinos, além de alusões ao animal em qualificativos de personagens, povos ou lugares. Assim como no caso dos leões, ao começarmos a abordagem pelas epopeias homéricas, é logo possível perceber uma diferença de frequência considerável entre os textos da *Ilíada* e da *Odisseia*. A segunda das epopeias oferece um espaço muito menor para as evocações do animal quando comparado à primeira, que, conforme explicitado anteriormente, é marcada pela beligerância constante apresentada nas longas passagens dedicadas aos combates entre aqueus, troianos e seus aliados nas planícies de Tróia. Em tais momentos, como veremos adiante, os cavalos exercem um papel fundamental como instrumento de guerra, além de estarem entre os principais alvos de espoliação pelos heróis, cujos epítetos, que frequentemente ressaltam a relação estabelecida por eles com os animais em questão, reforçam os valores que lhes são incutidos em tais representações. As características e conexões que se encontram estabelecidas nas epopeias homéricas são também os elementos centrais das referências presentes nos demais textos – a saber: os *Hinos Homéricos*, o *Escudo de Herakles* e *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo, e o

Partheneion I de Álcman; todavia, os diferentes contextos de produção e possíveis apresentações contribuem para dar nuances a representação do animal.

Para melhor estruturar nossa análise das referências as organizaremos nas seguintes categorias: (a) qualificativos diretos, demarcadores dos elementos da representação do animal e a partir das quais podemos começar a fazer inferências sobre os valores a ele associados; (b) sobreposições aos homens e mulheres, que estabelecem laços entre os indivíduos e os cavalos através da partilha de características; (c) qualificativos indiretos, que podem ser depreendidos com base na interpretação das situações em que os animais são dispostos nos poemas; (d) epítetos relacionados aos cavalos, que permitem que destaquemos os valores projetados sobre as personagens em função das relações estabelecidas por elas com os animais em questão. Ao fim, cruzaremos os dados obtidos com o que pode ser percebido a partir da averiguação dos objetos votivos presentes no santuário, visando estabelecer o lugar do cavalo no culto e na rede de associações simbólicas estruturadas no entorno de Orthia.

2.2.1 Qualificativos Diretos

Ao observar a miríade de referências ao cavalo nas obras poéticas anteriormente ressaltadas, é possível perceber a frequência com que tais menções vêm acompanhadas de caracterizações diretas do animal. Tenham o propósito de qualificar a ação, ou estejam presentes apenas em função da métrica, o que nos cabe aqui é destacar que, mobilizando elementos das representações partilhados pela sociedade, tais alusões delimitam não apenas as características do cavalo, como também apontam os rumos do viés que corta a percepção dos homens em função das relações estabelecidas com o mesmo. Diante disso, nesta seção analisaremos tais qualificativos.

Tomando inicialmente as referências que contém características tidas como distintivas do animal em questão, nos é possível compor a seguinte lista: “de casco não fendido”, μῶνυξ, utilizado trinta e três vezes na *Ilíada* e uma na *Odisseia*; “de pescoços arqueados”, ἐριαύχην, que aparece cinco vezes na *Ilíada* e uma entre os *Hinos Homéricos*; “de altas patas”, ἀερίπους, citado três vezes na *Ilíada* e uma entre os *Hinos*; “de fortes cascos”, κρατερῶνυξ, citado três vezes na *Ilíada* e uma vez na *Odisseia*; “poderoso”, πηγυός, citado duas vezes na *Ilíada*; e, “relinchante”, ὑψηχίης, citado duas vezes na *Ilíada*. Abaixo destacamos algumas passagens em que tais elementos se fazem presentes:

Mas contra Ares conduz primeiro os cavalos de casco não fendido (μόνυχας): [...]
(*Ilíada*, V, vv. 829)

Darei um carro e dois cavalos de arqueados pescoços (ἐριαύχενας),
[...]
a quem ousar (para si próprio ganhará a glória!)
aproximar-se das rápidas naus, para se informar sobre
se as naus velozes estão sendo guardadas como antes,
[...]
(*Ilíada*, X, vv. 305-312)

Todos se sentaram alinhados, cada um onde tinha
seus cavalos de altas (ἀερίποδες) patas e as armas embutidas.
(*Ilíada*, III, vv. 326-327)

Matou-o e ficou-lhe com as éguas de fortes cascos (κρατερώνυχας).
(*Odisseia*, XXI, vv. 030)

Nomearei perante todos vós os fulgurantes presentes:
[...]
vinte caldeirões resplandcentes, doze poderosos (πηγούς) cavalos
premiados (ἀθλοφόρους), que ganharam prêmios pela velocidade.
(*Ilíada*, IX, vv. 121-124)

Tão longe quanto na vaga névoa da distância vê com seus olhos
o homem sentado na atalaia, observando o mar cor de vinho –
tão longe assim saltavam na distância os cavalos relinchantes (ὕψηχέες).
(*Ilíada*, V, vv.770-772)

Tal qual indicamos anteriormente, ao observar tais passagens, percebemos que os elementos em destaque, dotados ou não de uma carga simbólica intencional, para além de delimitar genericamente características do cavalo, apontam no sentido da percepção dos helenos acerca do animal, colocando em evidência o que chamava mais atenção e permitindo que averiguemos os sentidos projetados sobre o mesmo. As referências aos cascos, pescoço, patas, força e relinchar deixam entrever os impactos que o cavalo tem sobre os olhos e ouvidos dos homens, sugerindo também juízos acerca de suas qualidades, tais quais sua beleza e velocidade – que serão abordadas pouco a frente.

Antes, todavia, é importante que nos voltemos para uma breve análise da característica “de casco não fendido”. Mais citado entre os epítetos referentes à aparência do cavalo por uma larga margem, tal elemento, somado em especial às referências ao “pescoço arqueado” e às “altas patas”, exalta o diferencial do animal, insinuando uma comparação com os demais dentre aqueles domesticados pelos helenos:

o cavalo é diferente, não está no mesmo nível dos outros, e, conforme veremos, as atividades em que ele é envolvido, tais quais as características que lhe são sobrepostas, vem constantemente reforçar a distinção sugerida pelo aspecto físico⁴¹; o animal em questão é companheiro por excelência⁴² e, por vezes, paralelo do herói homérico, de modo que não é difícil que se antecipe os fortes laços estabelecidos entre o cavalo e as elites⁴³.

Seguindo adiante na discussão acerca do como o animal era percebido pelos helenos, destacamos as seguintes passagens:

Três vezes em torno do morto conduziram os corcéis de belas crinas (ἐϋτριχας),
Carpindo; e entre eles Tétis lhes despertou o desejo de chorar.
(*Iliada*, XXIII, vv. 013-014)

Meus filhos, atrelai ao carro cavalos de belas crinas (καλλίτριχας)
Para Telêmaco, para que prossiga o seu caminho
(*Odisseia*, III, vv. 475-476)

Em tais versos vemos destacados dois termos de significado semelhante: εὖθριξ, que aparece três vezes na *Iliada*; e, καλλίθριξ, presente doze vezes na *Iliada*, três na *Odisseia*, além de uma vez no *Escudo de Heracles* e outra nos *Hinos Homéricos*. Ambos, ao frequentemente fazerem referência à qualidade das crinas dos cavalos, tais quais os epítetos anteriormente comentados, apontam para o modo como o animal era percebido, ressaltando a importância de sua beleza. A ênfase dada às características visuais do mesmo, podemos supor, talvez se explique em função da existência de uma relação entre o reconhecimento dos animais e o do guerreiro a quem pertencem⁴⁴, ou de uma associação entre a excelência na realização de suas funções e seus aspectos, ou

⁴¹ O que, ressaltamos, não significa dizer que o animal se diferencia em absolutamente todos os aspectos das demais criaturas; Mark Griffith, por exemplo, delimita as características, funções e valores atribuídos ao cavalo, demarcando também o como ele se relaciona, se assemelha e se afasta dos burros e das mulas. Nesse processo estabelece ainda um paralelo entre os cavalos e as elites e os burros e os setores populares; cf. GRIFFITH, Mark. "Horsepower and donkeywork: equids and the ancient Greek imagination (Part One)". *Classical Philology*, Vol. 101, No. 3, July 2006a & GRIFFITH, Mark. "Horsepower and donkeywork: equids and the ancient Greek imagination (Part Two)". *Classical Philology*, Vol. 101, No. 4, October 2006b. A distância entre o trabalho ideal dos cavalos, dos burros e jumentos, bem como a relação com a elite e os setores populares podem ser percebidos também nas *Fábulas* de Esopo, entre as quais podemos destacar: "O Cavalo e o Jumento", "O Cavalo e o Soldado", e "O Jumento que julgava feliz o cavalo".

⁴² GRIFFITH, op. cit., p. 324.

⁴³ Nós podemos fazer referência aqui ao tratamento dispensado por Andrômaca a Xanto, Podargo, Élton e Lampo, cavalos de Heitor. A cena então representada, que evoca uma dieta luxuosa para os animais, nos permite entrever o custo associado à criação dos mesmos; algo certamente proibitivo para os que detinham menos posses; cf. HOMERO, *Iliada*, VIII, vv.185-191.

⁴⁴ Como, por exemplo, Pândaro reconhece Diomedes pela armadura e pelos cavalos; cf. HOMERO, *Iliada*, V, vv.180-183.

enfim, mais provavelmente, está conectada ao fato de, em se tratando de um animal dispendioso e, conseqüentemente, restrito à elite, o bom tratamento e resultante beleza poder servir como mais um dos veículos da competição aristocrática por *status*. Assim, a beleza dos cavalos seria constantemente notada por de tal modo ser perseguida e cultivada.

Para além da beleza, outra característica do cavalo, mobilizada de modo muito mais frequente, aparece destacada abaixo:

Em seguida, à esquerda da batalha, encontrou sentado Ares furioso,
A lança reclinada contra uma nuvem; ali estavam seus cavalos velozes (ταχέ' ἵππω)
(*Ilíada*, V, vv. 355-356)

Depressa atrelaram ao carro os cavalos velozes (ὠκέας)
(*Odisseia*, III, vv. 478)

[...] pois a pé viera Idomeneu das naus recurvas,
e teria cedido grande prevalência aos Troianos,
se Quérano não tivesse vindo com os cavalos velozes (ποδώκεας)
(*Ilíada*, XVII, v. 612-614)

Pois diz-se que os Troianos são homens aguerridos:
lanceiros, peritos no arco e na flecha, e condutores
de cavalos velozes (ὠκυπόδων), que rapidamente dirimam
a grande contenda de uma guerra [...]
(*Odisseia*, XVIII, vv. 261-264)

Frente a qualquer outra, a velocidade é a característica mais referenciada dentre aquelas pelas quais o cavalo se destaca. Sob a forma ταχύς, aparece doze vezes na *Ilíada*⁴⁵ e duas entre os *Hinos Homéricos*; já ὠκύς é mobilizado trinta e três vezes na *Ilíada*, três na *Odisseia*, uma nos *Hinos Homéricos* e três em Hesíodo; ποδώκης se faz presente na *Ilíada* duas vezes, e uma em Hesíodo; e, por fim, ὠκύπους tem lugar doze vezes na *Ilíada*, duas na *Odisseia*, três nos *Hinos Homéricos* e quatro em Hesíodo. A elevada frequência indica que este elemento é um componente forte da representação social do animal e, tal qual nos casos anteriores, aponta o caminho da análise, uma vez que a ênfase do mesmo dialoga com a expectativa projetada sobre o cavalo no mundo material. Por um lado, um outro epíteto presente na *Ilíada*, ἀθλοφόρος⁴⁶, “vencedor de prêmios”, indica uma das possibilidades que acompanha a qualidade de veloz; assim como a beleza, a rapidez é desejada para o animal pois alimenta a competição aristocrática por *status*, aqui movida para a disputa de corridas de carros a

⁴⁵ Neste caso, todavia, onze das aparições se dão em função da composição ταχυπόλων.

⁴⁶ Presente seis vezes no texto indicado e mais uma no *Parthenion I* de Alcman.

cavalo. Por outro, a maior incidência de tais qualificações na *Ilíada* e no *Escudo de Hércules* não se dá à toa; a centralidade do conflito armado em ambos os textos nos permite discernir que para além de seu papel no concurso amigável, a velocidade também tem função importante nos *agones* definitivos.

Enfim, destacamos as passagens abaixo:

[...] Peões matavam outros peões,
que fugiam à força; cavaleiros, outros cavaleiros – e por baixo
subia da planície a poeira levantada pelas patas retumbantes (ἐρίγδουποι πόδες)
dos cavalos. [...]
(*Ilíada*, XI, vv. 150-153)

Estas éguas criara na Pereia Apolo do arco e prata,
ambas fêmeas, portadoras do pânico de Ares (φόβον Ἄρης φορεύσας).
(*Ilíada*, II, vv. 736-737)

Embora a maior parte dos epítetos citados façam referência ao impacto visual do cavalo, algumas qualificações se relacionam ao efeito do mesmo sobre os ouvidos dos homens. No *Partheneion I* de Alcman, a tradução de *καναχάποδα* enquanto “pés de trovão”⁴⁷ encontra respaldo na passagem da *Ilíada* que faz referência aos “pés com som de trovão” ou “patas retumbantes”, ἐρίγδουπος, dos cavalos. Embora ambas se relacionem à corrida dos animais, a primeira parece estar exclusivamente associada ao contexto da competição, enquanto, a segunda, também exclusivamente, ao da guerra. Desse modo, em Alcman o termo possa talvez indicar uma espécie de admiração, justificada, podemos supor, por uma relação entre estrondo gerado e a proeza física do cavalo; já no caso da *Ilíada*, o contexto do enfrentamento guerreiro dá outra nuance ao termo, de tal forma que a menção ao som causado pelo avanço dos cavaleiros pode ser lida em função do medo provocado ou da eminência da morte⁴⁸. Seguindo esta linha, o jogo das expectativas do qual o terror e o espanto fazem parte em se tratando das batalhas entre os heróis homéricos poderia ser envolvido na compreensão das referências ao relinchar dos animais, uma vez que o som emitido, tal como no caso das patas, poderia refletir os riscos e consequências da participação no conflito – todavia, nesse caso, é importante ressaltar que nenhuma das menções ao termo no texto se

⁴⁷ TSANTSANOGLU, Kyriakos. *Of Golden Manes and Silvery Faces*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2012, p. 144 e 161.

⁴⁸ A relação com o misto de admiração e terror talvez se torne mais evidente se levamos em consideração que o termo utilizado nessa passagem para fazer referência ao som produzido pelo avanço dos cavalos só é utilizado – ao menos nos textos homéricos – em associação a uma outra personagem: Zeus.

encontra em momentos de combate ⁴⁹. Admitidamente tais leituras são mais especulativas do que aquelas apresentadas anteriormente para os demais epítetos. No entanto, a referência às éguas “portadoras do pânico de Ares”, φόβον Ἄρηος φορεούσας, como as melhores entre aquelas presentes nas planícies de Tróia – uma vez que as de Aquiles se encontravam afastadas da guerra – aponta no sentido de uma qualidade esperada dos cavalos e de sua atuação nos enfrentamentos. Entendemos assim que, embora a evidência para uma relação específica com os sons produzidos pelo animal seja pouca, a capacidade de provocar o terror, um elemento aparentemente menor na composição representativa cavalo, deve ser lida de maneira difusa pelos demais elementos da mesma – o que é reforçado por alguns dos contextos e associações em que o cavalo está inserido.

A título de breve balanço podemos destacar que, conforme demonstrado, embora grande parte dos epítetos dos cavalos representem apenas características físicas que sirvam para diferenciá-los dos demais animais, há nos mesmos também um direcionamento das expectativas sobre eles projetadas e, por vezes, um reforço dos valores que lhes são associados. Assim sendo, nos foi possível demarcar através das referências à sua força, beleza e velocidade, as relações do animal com as elites, com as competições aristocráticas por status e com a guerra.

2.2.2 Sobreposições aos homens e mulheres

Muito menos frequentes que os qualificativos diretos, tais passagens ainda assim são de grande relevância, reforçando elementos importantes das representações dos cavalos, e, através do estabelecimento de laços com homens e mulheres, aprofundando os significados e dando nuances às mesmas. Nesta seção analisaremos tais sobreposições em suas diversas formas, mais ou menos diretas.

Começamos então pelo exposto na passagem a seguir:

Na altiva cabeça colocou um elmo bem trabalhado,
com penacho de cavalo: e terrível (δεινὸν) era o seu movimento.
(*Ilíada*, III, vv.336-337)

Nos poemas homéricos três termos fazem referência à ornamentação dos capacetes com pelos de cavalo: ἵππουρις, que aparece seis vezes na *Ilíada* e uma na

⁴⁹ A mais próxima (HOMERO, *Ilíada*, XXIII, v.027) se daria após o combate.

Odisseia; ἵπποδάσεια, presente sete vezes no primeiro e duas no segundo épico; e, enfim, ἵππόκομος, que se encontra apenas no primeiro dos poemas e por cinco vezes. Não é central para nossa pesquisa a composição real das panóplias utilizadas no período⁵⁰, mas sim a relação simbólica estabelecida no texto pela ênfase no adorno característico dos elmos homéricos; os pelos do cavalo dispostos nas cimeiras parecem criar um laço analógico entre os guerreiros e os animais em questão, de modo que elementos da representação de uns sejam projetados sobre os outros. Qualificar a agitação do penacho como δεινός, “terrível” ou “medonho”, pode sugerir que, tal qual o movimento do animal em carreira, o avanço dos guerreiros é capaz de incutir o medo que está relacionado ao risco da morte. É certo que, dada a situação de enfrentamento armado, tal sentimento, podemos imaginar, já se faria presente independente de qualquer associação com o cavalo; todavia, o que desejamos marcar aqui é que o mesmo poderia ser reforçado pela projeção de características dos animais – como a força ou velocidade além das capacidades humanas – sobre o heróis. Assim, a conexão estabelecida pela panóplia e a qualidade que lhe é sobreposta reforçam um difuso elemento presente na representação do cavalo: a capacidade de causar temor aos homens. Para além disso, conforme ressaltado anteriormente, a relação analógica instituída permite que tal característica seja projetada sobre os homens, de maneira que possamos apontar que fosse esperado do bom guerreiro que no campo de batalha inspirasse pavor tal qual um cavalo em carreira.

Seguindo adiante, dispomos da seguinte passagem:

Assim que se encontraram todos reunidos,
Levantou-se para lhes falar Aquiles de pés velozes (πόδας ὠκύς):
(*Ilíada*, I, vv.057-058)

Personagem central da *Ilíada*, Aquiles é alvo frequente de referência durante todo o poema, e, ainda que em grande extensão do mesmo não se encontre envolvido no combate, é constantemente qualificado como dotado de “pés velozes”, πόδας ὠκύς e ποδώκης, ou “veloz”, ὠκύς⁵¹. Ainda que a construção por vezes seja diferente, os epítetos, que demarcam a excelência guerreira de Aquiles, são semelhantes a alguns daqueles utilizados para os cavalos: ποδώκης e ὠκύπους, significando “de patas

⁵⁰ Para uma discussão sobre a panóplia homérica, cf. WEES, Hans van. “The Homeric Way of War: The *Iliad* and the Hoplite Phalanx (II)” In: Greece & Rome, 41, 1994.

⁵¹ Há ainda um outro epíteto comumente associado a Aquiles e que diz respeito à sua velocidade: ποδάρκης, “suficiente com os pés”. Nesse caso, todavia, não parece ocorrer nenhuma aproximação com a representação do cavalo.

velozes”, e, também, ὠκύς, “veloz”. Conforme ressalta Roger Dunkle, nos poemas homéricos o termo ὠκύς, em suas várias formas, é comumente associado a navios, flechas, cavalos, cervos, pássaros, rios e a Iris, mas, para além de Aquiles, muito raramente direcionado a humanos, de modo que podemos determinar que tal adjetivo denotaria uma velocidade que ultrapassa a capacidade humana⁵². Tal conexão se estende quando destacamos que em perseguição a Heitor, Aquiles é comparado a um “cavalo vencedor de prêmios com um carro”, ἵππος ἀεθλοφόρος σὺν ὄχεσφιν⁵³. Ainda que não apresente nenhuma característica diferente do que fora visto anteriormente, por um lado, tal relação contribui para reforçar a superioridade física do animal diante dos homens; por outro, tomando Aquiles como um modelo de excelência guerreira, podemos assumir que uma tal velocidade – do herói e dos cavalos – tenha servido como aspiração inalcançável de muitos⁵⁴.

Tal qual fizemos frequentemente ao abordar as passagens sobre os leões, nos dirigimos agora a um símile:

Tal como quando o cavalo no estábulo se saciou
à manjedoura e, quebrando os arreios, corre a galope
pela planície, desejoso de se banhar no rio de lindo fluir,
exultante: mantém a cabeça erguida, as crinas lhe esvoaçam
nos ombros e, confiante na sua beleza, levam-no os ágeis joelhos
para os lugares costumeiros e para as pastagens das éguas.
(*Iliada*, VI, vv. 506-511 & XV, vv. 263-268)

Os versos acima, através da analogia com o cavalo que sai do estábulo e corre pela planície, retratam, num primeiro momento, o retorno de Páris ao campo de batalha, e, num segundo, o de Heitor. Acerca do animal, é possível perceber que a representação mobiliza elementos já discutidos anteriormente, como sua beleza ou velocidade; todavia, para além destes, a situação descrita no símile permite ainda que façamos inferências sobre a relação simbólica que o cavalo estabelece com determinados espaços: o estábulo e a planície. O primeiro destes, restrito, forçando o animal à contenção, está associado também à presença e o domínio dos homens sobre a força da natureza. Já a segunda, pela construção de uma imagem de fuga, ainda que seja um espaço sobre o qual as sociedades costumam dispor de algum controle, estabelece uma

⁵² DUNKLE, Roger. “Swift-footed Achilles”. In: *The Classical World*, Vol. 90, No. 4, Mar. – Apr., 1997, p. 227, nota 3.

⁵³ Para uma análise da cena da perseguição, cf. *Ibid.*, p. 228-234. Para as comparações realizadas durante a perseguição, cf. HOMERO, *Iliada*, XXII, vv.022-024 e 159-164.

⁵⁴ Recordando, todavia, que o modelo de herói homérico em muito difere do tipo de excelência que seria esperado de um jovem soldado espartano do período arcaico, como evidenciado pela *Eunomia* de Tirteu.

conexão com a libertação das potências do animal. Tal qual no caso dos leões, a oposição entre o espaço da natureza e aquele da cultura se desenha aqui; no entanto, se as planícies por onde correm os cavalos se encontram aqui colocadas em oposição aos locais onde vivem os homens, também não estão no mesmo patamar das florestas e montanhas em que habitam as feras, distinção que reforça o distanciamento das representações do cavalo e do leão. Conforme apontado anteriormente, a sobreposição provocada pelo símile faz com que elementos do animal sejam projetados sobre o herói, indicando sua excelência e sugerindo a inadequação de que o mesmo permanecesse afastado do campo de batalha. Ao avaliar as mesmas passagens, Griffith ressalta que, dada a reputação de Paris, é difícil precisar se tais versos teriam sido criados com uma intenção inequivocamente positiva; todavia, o que se pode delimitar com segurança, é que, nesse caso, a representação do cavalo é marcada por indicativos de potência e desejo sexuais, que, por sua vez, são equacionados com a avidez dos guerreiros pelo combate⁵⁵.

Para findar a análise das sobreposições, é necessário que analisemos duas passagens de Álcman que dispomos abaixo:

[...] A meus olhos ela se destaca como um cavalo
inserido por alguém num rebanho de pécoras,
um desses fortes (πηγόν), bom de pista (ἀφεθλοφόρον), de passados ecoantes
(καναχάποδα),
fantasmagorias de sonhos sob o toldo de um rochedo.
(*Partheneion I*, vv. 045-049)

Não te dá conta? É um galopador paflagônio (Ἐνετικός)
Mas a crineira de minha prima Hagesícora
aflore na pureza do ouro.
Prata é seu semblante.
Por que me expressar em linguagem desabrida?
Ei-la: Hagesícora!
A segunda, com porte quase igual ao de Ágido,
Correrá, cavalo cício (Κολαζαῖος) avesso ao lídio (Εἰβηνῶ)
(*Partheneion I*, vv. 050-059)

Aqui têm lugar dois símiles: o primeiro, que associa a guia do coro a um cavalo vencedor de prêmios; o segundo, que associa diferentes jovens presentes no mesmo a variados tipos do animal. Tomando em conjunto as duas passagens, percebemos que os epítetos e características indicadas – sobre os quais já comentamos anteriormente –

⁵⁵ GRIFFITH, op. cit., p. 313-314. O autor aponta ainda que a exuberância de Paris, ou até mesmo de Heitor, apontam para uma energia masculina que é tida como altamente atraente, mas que também é facilmente suscetível a sair do controle gerar desastres. Assim, a linha tênue que entrecorta a associação do animal aos guerreiros recorda aquela discutida anteriormente no caso das representações do leão.

giram em torno de dois elementos fortes na representação do cavalo: sua beleza e sua velocidade. Mais importante que isso, todavia, é a sobreposição da representação do animal a figuras femininas, o que destoa das demais estabelecidas até então – e de outras que serão apresentadas mais a frente⁵⁶. Tal diferença tem dois impactos relevantes: por um lado, o modo de interpretar os elementos presentes na representação deve ser diverso daquele visto em se tratando da esfera masculina – aqui as menções a velocidade se relacionam exclusivamente às competições de corrida e podem estar relacionados a *ritos de passagem*⁵⁷ das jovens, enquanto as referências à beleza, embora possam ter relação com uma espécie de excelência que excede o físico, talvez dialoguem com a publicidade que influenciaria na obtenção de bons laços matrimoniais; por outro, percebemos que na Esparta arcaica era possível estabelecer uma relação simbólica positiva entre o cavalo e o feminino.

Desse modo, podemos perceber que, ainda que seja majoritariamente ligada ao universo masculino, onde a relação reforça elementos da representação do cavalo e permite a projeção dos mesmos sobre os guerreiros – consequentemente promovendo interpretações específicas ligadas ao contexto do enfrentamento armado –, a mobilização poética do animal também se estende à esfera do feminino, criando uma abertura para que se observe a representação por um outro viés, e permitindo que se jogue alguma luz sobre a situação da mulher espartana no período arcaico.

2.2.3 Qualificativos contextuais

Quando observamos a documentação literária do período arcaico, para além das qualificações diretas, das sobreposições e dos epítetos dos heróis – que analisaremos na seção seguinte –, é possível identificar uma série de temas que atravessam as representações do cavalo. Nesta seção analisaremos tais elementos, fios condutores das narrativas que envolvem o animal em questão.

O primeiro desses fica explícito nas passagens destacadas abaixo:

⁵⁶ A associação direta entre os cavalos e as mulheres não é, todavia, exclusiva de Álcman: Semônides, por exemplo, também lança mão da relação. No entanto, enquanto com o primeiro a sobreposição parece marcadamente positiva, no caso desse último a representação é fortemente negativa. Ainda que seja esse o caso, destaca-se que os elementos da beleza e da identificação com os setores de elite se fazem presentes, demonstrando sua força dentre os componentes da representação do cavalo. Cf. SEMÔNIDES, *Mulheres*, vv. 056-069.

⁵⁷ Conforme discutido por Van Gennep, tratam-se de ritos associados à transição de status das pessoas em uma dada sociedade, sendo estes de separação, liminaridade ou agregação. Cf. VAN GENNEP, A. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 25.

Muitos despojos nós reunimos daquela planície:
[...]
outras tantas varas de assim como cento e cinquenta éguas ruças,
todas as fêmeas e muitas amamentando seus poldros.
(*Ilíada*, XI, vv. 677-681)

Dárdano por sua vez gerou o rei Erictônio,
que se tornou o mais rico dos homens mortais.
Três mil cavalos tinha ele nas pastagens,
éguas que se regozijavam com seus tenros poldros.
(*Ilíada*, XX, vv. 218-222)

Das naus trouxe prêmios: caldeirões e trípodas,
cavalos e mulas, e robusto gado bovino;
mulheres de belas cinturas e o gado cinzento.
Para os céleres aurigas colocou primeiro gloriosos prêmios:
uma mulher para levarem, conhecedora de irrepreensíveis labores,
e uma trípode de orelhas com capacidade para vinte e duas medidas,
para quem fosse o primeiro; para o segundo colocou uma égua
de seis anos, indomada, que estava para parir uma mula; [...]
(*Ilíada*, XXIII, vv. 259-266)

“[...] nessa altura despedir-me-ei de ti com presentes gloriosos:
três cavalos e um carro bem polido.
(*Odisséia*, IV, vv. 589-590)

Na primeira das passagens acima, Nestor relembra um combate de sua juventude no qual seus companheiros e ele conseguiram tomar ao inimigo um considerável espólio em gado, além de grande quantidade em éguas e poldros, provocando a felicidade de seu pai. O rapto dos cavalos de um oponente morto ou não é um tema frequente na *Ilíada*, e, tais quais os homens de Pilos, em meio aos combates nas planícies de Tróia, os guerreiros de um lado e do outro exprimem frequentemente o desejo de tomar a montaria dos adversários, arriscando-se para tal. Se olharmos então para o segundo dos extratos elencados, em que Enéias narra sua genealogia e, no decurso, ressalta a riqueza de Erictônio que se manifestava na grande quantidade de cavalos que o mesmo detinha, podemos perceber, retornando à primeira passagem, que para além do aspecto simbólico de impor-se a um oponente, causando-lhe a derrota e potencializando sua própria honra⁵⁸, a tomada dos animais representava um ganho econômico considerável para os heróis. Uma vez que cavalos eram dotados de alto valor, não é surpresa que eles tenham lugar em dois outros tipos de narrativa que não o combate: o terceiro excerto dá conta dos prêmios reunidos por Aquiles para as competições em memória de Pátroclo; o

⁵⁸ Uma vez que, conforme apontamos anteriormente, os cavalos serviam como elementos diacríticos de seus donos, a posse de animais anteriormente utilizados por outrem poderia sinalizar uma narrativa de imposição guerreira.

quarto faz referência aos presentes de hospitalidade inicialmente ofertados por Menelau ao jovem Telêmaco. O que podemos perceber em ambas as situações é que os valores materiais e simbólicos se confundem, dado que a atribuição destes últimos se dá em parte em função daqueles. Assim sendo, nos parece possível afirmar que o elevado valor econômico do animal é um componente forte da representação social do mesmo.

Continuando a exposição, destacamos abaixo algumas passagens que se associam a um tema que se faz presente em quase toda a extensão da *Ilíada*:

Dispôs primeiro os cavaleiros com seus cavalos e carros;
por trás colocou muita e valente infantaria, que seria
o baluarte da guerra; no meio colocou os covardes,
para que tivessem de combater à força, à sua revelia.
(*Ilíada*, IV, vv. 297-300)

“[...] para que vejas,
como são os cavalos de Trós, que pela planície sabem
correr com rapidez, seja em perseguição, ou em debandada.
(*Ilíada*, V, vv. 221-223)

“[...] Neleu não
permitiu que me armasse e escondeu os meus cavalos.
É que afirmava que eu nada sabia dos trabalhos da guerra.
(*Ilíada*, VI, vv. 717-719)

Pois mandara-o para a guerra com cavalos e com carro,
mas nunca mais ele o recebeu à sua chegada.
(*Ilíada*, XVIII, vv. 237-238)

Toda a planície se enchera de homens e de cavalos
e refulgia de bronze. [...]
(*Ilíada*, XX, vv. 156-157)

Tomando inicialmente o terceiro dos excertos acima, podemos ver Nestor narrando como durante os anos de sua juventude, Neleu, seu pai, temendo pela vida do mesmo, escondera seus cavalos para que o filho não partisse para o combate. A importância do carro e dos animais para que o herói se envolvesse nos enfrentamentos transparece novamente na passagem seguinte: Aquiles e os mirmidões retomam o corpo de Pátroclo – vencido pela interferência de Apolo – e é feita menção ao como ele havia partido com as armas e os cavalos do companheiro. Na segunda das passagens expostas acima, discernimos na interação entre Pândaro e Enéias, que unem-se no carro deste último para tentar fazer frente a Diomedes que espalhava o caos entre seus aliados, a importância específica atribuída aos cavalos: auxiliar “em perseguição ou em debandada”. Aqui é possível que recordemos a antiga observação de Finley, segundo

quem, no período em que o texto fora produzido, os helenos não conseguiam conceber propriamente a utilidade do carro na batalha, de modo que os heróis homéricos em grande parte se restringiam a utilizá-lo para avançar em direção ao combate, ou para se retirar dele em caso de perigo⁵⁹. Seja como for, o primeiro e o último dos extratos acima pintam um quadro importante, a saber: em um, Agamêmnon organiza e comanda a ofensiva dos helenos contra os troianos, delimitando um espaço para cada grupo de suas forças e dispondo os cavaleiros de forma destacada a frente; no outro, os heróis de um lado e do outro se enfrentam e a ênfase recai sobre os homens, o bronze, e os cavalos. Independente da materialidade da transformação das formas de embate, o exposto indica que o imaginário acerca do mesmo retinha especial relevância à figura do cavalo.

Como extensão deste último elemento, podemos supor um outro que é sugerido pelas passagens destacadas abaixo:

Que feitos praticou e aguentou aquele homem forte
dentro do cavalo polido, em que estávamos todos nós,
os melhores dos Argivos, para trazer o destino da morte aos Troianos!
(*Odisseia*, IV, vv. 271-273)

[...] pois era seu destino perecerem, quando a cidade circundasse
o grande cavalo de madeira, dentro do qual estavam sentados
o melhores dos Aqueus para trazer aos Troianos a morte e o destino
(*Odisseia*, VIII, vv. 511-513)

Ambas as passagens narram o episódio da vitória dos helenos a partir o estratagema do cavalo de Tróia: na primeira, Menelau conta a Telêmaco como se deram os acontecimentos; na segunda, Demódoco canta aos Feácios. Conforme é sabido, o mito dá conta do como, uma vez recebidos, os invasores teriam saído de dentro do cavalo num momento oportuno, aberto os portais para dentro da cidade e prosseguido a matar todos os homens que conseguissem. Tendo abrigado e transportado os helenos, o cavalo pode ser visto aqui como portador da morte dos troianos. Se, todavia, observamos o papel do cavalo na guerra, percebemos que do ponto de vista simbólico tal representação não difere em muito do habitual. Do mesmo modo que do cavalo-monumento saem os guerreiros para o combate, dos carros puxados pelos cavalos saltam eles para o enfrentamento. Dessa maneira, é possível que associemos também à representação do animal um elemento associado ao contato com a morte.

Em retrospecto, podemos identificar que, em sua grande maioria, os contextos em que os cavalos estão inseridos nos poemas homéricos remetem ou ao seu valor

⁵⁹ FINLEY, Moses I. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1988, p. 042-043.

econômico, ou ao seu papel no enfrentamento guerreiro. Tomados em conjunto, a riqueza que parece ligada ao animal, tal qual o papel de destaque no combate daqueles que guiam carros, sugerem que a relação com as elites é um elemento forte na representação social do cavalo.

2.2.4 Epítetos relacionados aos cavalos

Enfim, em nossa análise da documentação literária acerca dos cavalos, nos voltamos agora para os qualificativos de terceiros em que a relação com o animal parece central para a compreensão de seu significado. Geralmente atribuídos a (a) heróis, (b) povos ou cidades, os epítetos mobilizam alguns elementos já trabalhados, mas também nos ajudam a estabelecer algo para além do que já foi colocado. Para a realização de tal análise, seguiremos as categorias estabelecidas acima.

Assim sendo, destacamos abaixo passagens em que heróis são qualificados de tal maneira que relações com cavalos são estabelecidas:

Mas quando chegaram ao local onde se juntava maior número
De valentes em torno da força de Diomedes domador de cavalos (ἵπποδάμοιο), [...]
(*Ilíada*, V, vv. 780-781)

Mas depois de terem afastado o desejo da bebida e comida,
Entre eles falou primeiro Nestor de Gerênia, o cavaleiro (ἵππότης): [...]
(*Odisseia*, III, vv. 067-068)

Encontrou em pé Menesteu, condutor de cavalos (πλήξιππον), filho de Peteu.
(*Ilíada*, IV, vv. 327)

Ímbrio, o lanceiro, filho de Mentor, dono de muitos cavalos.
(*Ilíada*, XIII, vv. 171)

Acaso cantar-te-ei em teus desejos e em teus amores,
como vieste desejando a jovem filha de Azante,
junto com Ísquis, filho do bom cavaleiro () Élato símil aos deuses?
(*Hinos Homéricos*, 3.208-210)

Na primeira das passagens expostas acima, vemos um dos epítetos mais frequentes dentre os que fazem menção ao animal em questão: “domador de cavalos”, ἵπποδάμος, aparece vinte e duas vezes na *Ilíada* em associação a heróis – maior parte das quais está relacionada a Diomedes e Heitor, que, por sua vez, estão entre os principais guerreiros a movimentar a ação no épico, destaques entre os helenos e

troianos, respectivamente –, mas também três na *Odisseia*, uma nos *Hinos Homéricos* e outra no *Escudo de Hércules*. No que tange o animal, a referência aí contida abarca não apenas um presente, em que as potências associadas ao cavalo se encontrariam domadas e poderiam ser exploradas, como também um passado, ligado ao espaço selvagem ou a infância, em que as mesmas se encontrariam desprovidas de controle, e, portanto, de moderação; nesse entremeio, os heróis aparecem como aqueles capazes de produzir a transformação de um estágio para o outro – pelo que um laço com Poseidon se estabelece⁶⁰ –, e, conseqüentemente, de dispor das qualidades do animal quando necessário. A habilidade exigida para o comando e a exploração das qualidades do cavalo na competição e na guerra é sugerida também pelos epítetos seguintes: “cavaleiro”, *ἵπότης*⁶¹, que aparece vinte e sete vezes na *Ilíada* e dez na *Odisseia*, principal característica de Nestor, provavelmente marcado por um elemento de experiência; e, “condutor” ou “chicoteador de cavalos”, *πλήξιππος*⁶², que tem lugar quatro vezes na *Ilíada* e uma nos *Hinos Homéricos*. Por fim, “dono de muitos cavalos”, *Πολύιππος*, presente uma vez na *Ilíada*, e, “de bons cavalos”, *εὖιππος*, encontrado uma vez nos *Hinos Homéricos*, parecem fazer referência de modo mais ou menos direto, respectivamente, a riqueza dos homens referenciados, haja vista o já citado alto valor do animal.

Seguindo adiante, dispomos abaixo passagens referentes aos epítetos de que são dotados determinados povos e cidades:

Os outros deuses e os homens, senhores de carros de cavalos (*ἵπποκορυσταί*),
dormiram toda a noite. [...]
(*Ilíada*, II, vv. 001-002)

Chega aqui, querida noiva, para observares as façanhas espantosas
de Troianos domadores de cavalos (*ἵπποδάμων*) e de Aqueus vestidos de bronze.

⁶⁰ Ressalta-se aqui a referência a Poseidon enquanto “domador de cavalos”, (*ἵππων τε δμητῆρ' ἔμεναι*), em: HOMERO, *Hinos Homéricos*. 22.005. Para além disso, podemos destacar as frequências de deposições de objetivos votivos associados ao animal nos santuários no período arcaico: o deus que parece ter recebido mais dedicações de cavalo nesse intervalo é Zeus; todavia, quando são levados em consideração apenas os objetos que apresentam cavalos com cavaleiros, Poseidon é aquele que se destaca; Atena, Hera e Artemis – esta última incorporando os objetos do santuário de *Orthia* – também merecem destaque. Cf. BEVAN, Elinor. Representations of animals in sanctuaries of Artemis and of other Olympian deities. University of Edinburgh, 1985, p. 201-203.

⁶¹ Há ainda uma expressão semelhante também geralmente traduzida por “cavaleiro”: *ἵππλάτης*, presente nove vezes na *Ilíada* e outras duas na *Odisseia*. Nota-se que ambas as formas parecem conter um elemento associado à experiência ou a idade mais avançada, uma vez que caracterizam principalmente Nestor, aparecendo umas poucas outras vezes ligadas a heróis de gerações anteriores à da guerra, e nunca marcam heróis jovens.

⁶² Com sentido semelhante, tem lugar por duas vezes nos *Hinos Homéricos* a expressão *ἐπιβήτορες ἵππων*, “condutores de cavalos”, associada aos Dióscuros.

(*Ilíada*, III, vv. 130-131)

Mas encolerizaram-se os filhos de Cadmo, chicoteadores de cavalos (κέντορες ἵππων), e quando ele regressava armaram uma forte cilada de cinquenta mancebos. [...]
(*Ilíada*, IV, vv. 391-393)

[...] não fosse algum dos Dânaos de rápidos poldros (ταχυπόλων) arremersar-lhe bronze contra o peito e roubar-lhe a vida.
(*Ilíada*, V, vv. 316-317)

Quando ambos chegaram à idade viril, seguira com os Argivos nas escuras naus para Ílion de belos cavalos (εὔπωλον), [...]
(*Ilíada*, V, vv. 550-551)

Uma vez viajei até a Frígia cheia de vinhas,
Onde vi muitos Frígios, donos de cavalos rutilantes (αιολοπόλους)
(*Ilíada*, III, vv. 184-185)

[...] Da sua parte,
foi para outra terra, para Argos apascentadora de cavalos ().
(*Odisseia*, XV, vv.238-239)

He blows across horse-breeding Thrace upon the wide sea and stirs it up, while earth and the forest howl.
(*Os Trabalhos e os Dias*, vv.507-508)

O primeiro dos epítetos destacados acima, ἵπποκορυστής, “senhores de carros e cavalos”, tem lugar cinco vezes na *Ilíada*: duas associadas aos “homens”, de modo a talvez sugerir um elemento diacrítico destes⁶³, dando conta da relevância da relação com o animal para as sociedades helênicas; e, as demais com Peônios e Meônios, onde o termo pode carregar ideia semelhante a supracitada, mas parece ter um caráter mais genérico. Na segunda das passagens acima vemos o qualificativo ἵππόδαμος, “domador de cavalos”, que, tendo anteriormente ressaltado a grande frequência com que tem lugar em ligação aos heróis, agora apontamos como se faz ainda mais frequente em laço com os troianos, sendo mobilizado vinte e quatro vezes na *Ilíada*. Percebemos assim que, os valores projetados sobre os guerreiros, podiam também ser estendidos a comunidades inteiras, seja como idealização, elemento de identidade ou outro. Lógica semelhante pode ser apontada no caso do epíteto κέντορες ἵππων, “chicoteadores de cavalos”, presente duas vezes na *Ilíada*, que pode ser relacionado ao πλήξιππος discutido anteriormente. As citações de número quatro, cinco e seis, que portam, respectivamente, as menções a ταχύπωλος, “de rápidos cavalos”, que tem lugar onze vezes na *Ilíada*,

⁶³ Seja enquanto Homens, por oposição a outras criaturas, ou enquanto povos específicos.

εὔπωλος, “de belos cavalos”, que aparece duas vezes no mesmo texto e outras três na *Odisseia*, e αἰολόπωλος, “de cavalos rutilantes”, que é utilizado uma vez na *Ilíada* e também nos *hinos homéricos*, reforçam o peso dos elementos velocidade e beleza na representação social dos cavalos; e, pela exaltação desses, sugerem a qualidade dos animais encontrados entre helenos e troianos, o que poderia também estar associado à riqueza ou ao poder das comunidades. Por fim temos, ἰππόβοτος, “apascentadora de cavalos”, presente oito vezes na *Ilíada* e uma nos *hinos homéricos*, e ἰππότροφος, “alimentadora de cavalos”, aparecendo uma vez em *Os Trabalhos e os Dias*, que, ao fazer referência à alimentação e criação dos cavalos, compreendem também uma determinada espacialidade que em muito difere daquela demarcada para o leão anteriormente: enquanto esse estivera associado com as montanhas e as densas florestas, o cavalo se encontra vinculado às planícies que cercam as *poleis*; enquanto epíteto das mesmas, tais termos parecem indicar então a capacidade de algumas regiões de sustentar a criação de tais animais, podendo, indiretamente, estar relacionados à fertilidade da terra, e, conseqüentemente, também à riqueza das comunidades.

Nesta seção reforçamos elementos da representação social do cavalo anteriormente destacados, introduzindo também novos pontos, de modo que alguns paralelos entre o animal e o leão possam ser traçados: por um lado, uma diferença já delimitada acima diz respeito à questão espacial, uma vez que o primeiro está associado à planície – portanto, mais próximo aos homens – e o segundo às montanhas e florestas – e, conseqüentemente, simbolicamente mais distante; por outro, o esforço de controle sobre uma potência selvagem une, através do modo como se dá a interação com as sociedades, as representações de ambos. Por fim, acreditamos poder ressaltar que a frequência com que heróis, povos ou cidades recebem epítetos relacionados aos cavalos sugere a relevância do animal para o imaginário heroico helênico.

2.2.5 Balanço

Tal qual foi feito quando abordamos as representações sociais do leão, tendo agora analisado aquelas sobre os cavalos e suas associações, podemos proceder à delimitação dos elementos que compõem o imaginário helênico acerca do animal e de suas relações com os homens e as mulheres, assim como estabelecer se são marcadas por uma carga positiva e/ou negativa.

Acerca do cavalo nos foi possível delimitar que sua beleza, força e velocidade são elementos fortes em suas representações sociais. Em relação a essas características, pudemos perceber que há também uma estreita relação com os contextos da competição e da guerra homérica, ambos diretamente ligados ao mundo masculino e aos setores de elite. Em relação ao homem, o cavalo aparece como companheiro domesticado, identificador e, por vezes, paralelo dos heróis, e, como tal, tendo em vista os textos analisados, parece estar dotado de uma marca fundamentalmente positiva.

No que concerne aos homens e, ao menos no caso de Esparta, também às mulheres, pela sobreposição dos cavalos sobre esses, ou pela incorporação de epítetos que traçam relações com o animal, podemos discernir que as representações também carregam uma carga positiva. A guerra é novamente o palco para que, assim como no caso dos leões, os homens incorporem características do animal que o ajudem no objetivo de aniquilar as forças oponentes, mas também para que suas habilidades de controle das forças selvagens que os cavalos representam em estado natural sejam postas à prova. Com a competição se constrói um cenário semelhante, mas englobando tanto os homens quanto as mulheres. Por fim, os cavalos aparecem como símbolo da riqueza dos homens, reforçando a associação entre o animal e a aristocracia.

Conforme destacamos ao final da seção anterior, a frequência com que cavalos tem lugar no texto, seja enquanto participantes da ação ou como parâmetro que ajuda a qualificar homens e mulheres, nos ajuda a compreender a relevância do animal no imaginário helênico do período arcaico.

2.2.6 De volta ao santuário - análise da documentação material

O cavalo, de modo semelhante ao leão, é um dos signos que aparece representado com maior frequência entre os objetos votivos presentes no santuário, podendo ser percebido em: relevos criados em placas de marfim, de osso e de pedra calcária; em pequenos objetos e estatuetas de terracota, de chumbo e marfim; em peças de bronze e, eventualmente, na cerâmica lá depositada. Embora a grande maioria dos objetos encontrados apresente o animal disposto sozinho, em alguns casos ele se faz reconhecer em associação a outros elementos como guerreiros ou a deusa. Seguindo a estrutura delimitada anteriormente, analisaremos a seguir alguns objetos em que essa última aparece junto ao cavalo, uma vez que nos parece a melhor maneira de compreender a rede simbólica que se estabelece e é mobilizada em torno de *Orthia*.

Os itens a serem avaliados são⁶⁴: (a) estatuetas de terracota que, combinando elementos feitos a partir de moldes e outros trabalhados à mão, apresentam uma figura feminina sentada de lado sobre um cavalo; (b) pequenos objetos de chumbo que articulam representações de uma figura feminina dispendo suas mãos sobre as cabeças de dois cavalos, estando o conjunto na parte de cima de uma barra ornamentada do qual pendem frutos de romã; (c) pingentes de terracota e um fragmento de um objeto de marfim que apresentam a face de uma figura feminina em olhar frontal entre duas cabeças de cavalos em posição lateral. Tal como foi feito ao avaliar as representações materiais dos leões, podemos aqui realizar inicialmente uma análise dos votivos. No caso do primeiro tipo de objeto, acreditamos que, apesar do arranjo com a figura feminina posta de lado, é possível interpretar a peça como a deusa⁶⁵ cavalgando. No segundo caso nos parece que novamente o modelo de representação da *Potnia Theron* está na base da construção das peças, ainda que o estado fragmentário não permita a identificação de asas, por exemplo, e, que, dada a natureza dos cavalos, alguma adaptação seja necessária no estabelecimento da relação entre a deusa e os animais. O mesmo modelo aparenta ainda inspirar as representações do terceiro grupo, que, no entanto, apresentam uma composição simplificada. Como no caso dos leões, os materiais utilizados para representar os cavalos – associados ou não à deusa – sugerem que o apelo de tais representações englobava diversos estratos da sociedade.

Dada a relevância do modelo da *Potnia Theron* nas representações da deusa em associação ao cavalo, é de se esperar que, ao menos em parte, a inserção do animal na rede simbólica que a circula se assemelhe aquela do leão. Embora novamente quem assuma a posição de dominância seja a deusa, os gestos de montar ou de dispor a mão sobre a cabeça do cavalo remetem à subjugação que amansa/domestica a natureza selvagem e instrumentaliza as potências do animal – para a guerra ou o esporte, por exemplo –, o que, conforme debatido acima, é um elemento presente também nos epítetos de diversos heróis e povos, além de em diversas das situações em que o cavalo é representação na documentação escrita. Tal qual no caso dos leões, é importante demarcar que, se, por um lado, a relação entre os guerreiros e o cavalo é de dominância, por outro, ela é de analogia. Assim, por semelhança, a relação que os mesmos estabelecem com a deusa é dupla: ora, como *Orthia*, domam o animal; ora, como o

⁶⁴ Cf. Repertório, respectivamente, objetos 014, 018, 013 e 017.

⁶⁵ Reforçamos aqui que entendemos que as figuras apresentadas em relação direta com o animal simbolizam necessariamente a deusa.

cavalo, tem suas potências controladas pela divindade. Tendo em vista o exposto e a colocação espacial do santuário, nos parece plausível repetir aqui a conclusão estabelecida quando da abordagem das representações do leão: a deposição de cavalos no santuário está associada, em alguma medida, a cultuadores do sexo masculino, provavelmente jovens em momentos de transição e integração ao corpo cívico da *polis*, que buscam, por intermédio da deusa, controlar em si as potências associadas ao animal, para que se convertam em bons soldados e cidadãos.

Enquanto, todavia, a representação do leão estava fundamentalmente ligada ao masculino, nós pudemos perceber ao longo da análise da documentação poética que há também, ao menos em Esparta, uma associação entre o cavalo e o feminino. Tal relação nos parece aqui ser reforçada por dois elementos: primeiro, o fragmento de objeto de marfim analisado que, assemelhando-se a parte superior de um pente⁶⁶, sugere o laço com as mulheres; segundo, a presença das romãs na parte inferior dos pequenos objetos de chumbo analisados. Quando levamos em consideração que (a) tal fruto, presente no santuário também na forma de dedicações individuais⁶⁷, está, na esfera simbólica, intimamente ligado à fertilidade, e, no prático, associado ao controle da natalidade⁶⁸, que (b) a colocação espacial do santuário se dá em uma área alagadiça e liminar, e, que (c) há também em seu interior deposição de objetos votivos associados a *Ilítia*, deusa relacionada aos partos, podemos afirmar que a associação do santuário a um momento de passagem, de integração ao corpo cívico, não parece estar restrita ao universo masculino, mas, enfatizando a capacidade da mulher de gerar a prole que perpetuará a comunidade *poliade*, se estende também sobre o feminino. Nesse caso é possível que suponhamos aqui, resgatando o paralelo entre as mulheres e os cavalos realizado por Álcman⁶⁹, que a relação que se estabelece com *Orthia* é similar àquela dos homens: a intervenção e o dom da deusa, que motivam os apelos e deposições de objetos votivos por devotas, estão relacionados ao controle sobre as potências ligadas ao animal, o que, por sua vez, estaria ligado à superação do momento da infância, associado ao selvagem, e à elevação ao status de mulher, com a consequente aceitação de seus respectivos papéis no seio da comunidade.

⁶⁶ Cf. Repertório, objeto 017.

⁶⁷ Cf. Repertório, objetos 057 e 058.

⁶⁸ Em sua análise do culto de Deméter e Koré em Corinto Mariana Virgolino aborda diversas vezes a relação da fruta com a fertilidade e a sexualidade. Cf. VIRGOLINO, Mariana Figueiredo. *Fertilidade e Prosperidade na Ástý de Corinto: o Santuário de Deméter e Koré nos Períodos Arcaico e Clássico*. Niterói, 2013, p. 106-107, 189 e 192.

⁶⁹ ALCMAN, *Partheneion I*, vv. 50-59.

2.3 – Aves

Seguindo adiante na nossa análise das representações dos animais que se destacam em meio aos depósitos votivos do santuário de *Orthia*, nos deparamos agora com as aves. Tal qual nos casos anteriores, o aparecimento das mesmas se distribui entre variados tipos de objetos e materiais: seja em composições ou em figuras simples, é possível identificar aves aquáticas principalmente nas fíbulas de marfim, placas de osso, cerâmica, entre as estatuetas de bronze, e em meio aos selos; as aves de rapina, por sua vez, ainda que em menor frequência, também podem ser vistas na cerâmica, nos selos, e nas fíbulas; por fim, destacamos a presença em meio à cerâmica e às figuras de bronze, mas, em especial, entre as figurinhas de chumbo, de representações do galo. Como fica claro pelo breve detalhamento acima, diferentemente do ocorrido com cavalos e leões, a cultura material permite aqui algum nível de discernimento dos tipos de aves representadas. Assim sendo, assumindo que tais diferenças representativas eram dadas em função das variadas cargas simbólicas projetadas sobre os animais no imaginário espartano – e helênico –, levaremos em conta tal classificação⁷⁰ ao analisar os laços estabelecidos entre as aves e o culto de *Orthia*.

Tal qual os leões e os cavalos, as aves são referenciadas de maneira frequente na produção poética dos séculos VIII a VI a.C., o que demonstra os papéis relevantes que desempenham no imaginário dos homens e mulheres do período. Tomando inicialmente as epopeias homéricas, é possível que identifiquemos um quadro um pouco diferente dos vistos anteriormente; embora a maior parte das menções ainda se encontre na *Ilíada*, a distância de sua frequência com relação à *Odisseia* é menor que nos demais casos trabalhados. Isto se dá em função do fato de que as temáticas que atravessam as representações das aves possuem características mais facilmente relacionáveis com as narrativas de ambos os poemas; as associações diretas ou indiretas com os guerreiros, favorecidas na *Ilíada*, se fazem presentes, mas eixos como a relação dos pássaros com os augúrios e com os mortos não sepultados tem igual apelo para os heróis da guerra constante e do longo retorno, compondo enquanto elementos fortes as representações

⁷⁰ Admitidamente, como veremos, a documentação literária apresenta um cenário ainda mais detalhado; todavia, não nos parece relevante para a análise segmentar mais do que o delimitado acima. A relevância dos contatos parece girar em torno dos grupos “Rapina” e “Aquáticos e de pequeno porte”, com a exceção sendo os “Galos”. O detalhamento maior ofertado pela documentação literária pode em grande medida ser acomodado em tais qualificações.

dos animais em questão. Tal qual explicitado no caso do cavalo, nos *Hinos Homéricos*, na obra de Hesíodo e no *Partheneion I* de Álcman as linhas estabelecidas nas epopeias estruturam as representações dos variados tipos de aves presentes.

Ao longo das páginas que se seguem estruturaremos nossa análise a partir de três eixos: (a) qualificativos diretos, que nos apontam as características físicas dos animais e permitem que comecemos a antever as relações que se estabelecem; (b) qualificativos contextuais, isto é, ações, papéis e locais das aves na natureza⁷¹; e, (c) sobreposições aos homens e mulheres, destacando os paralelos que podem ser delimitados em função das construções poéticas. Enfim, tendo realizado o escrutínio da documentação literária, retornaremos aos objetos votivos e cotejaremos as informações, procurando discernir o lugar das aves na rede de associações simbólicas que se estabelece no entorno de *Orthia*.

2.3.1 Qualificativos Diretos

Tal como nos casos anteriormente analisados, as representações das aves são frequentemente acompanhadas de caracterizações diretas dos animais, que, intencionalmente ou não, pela mobilização de componentes daquelas, chamam atenção para os pontos focais da figura dos pássaros no imaginário helênico, dando abertura para que venhamos a inferir a percepção dos homens e mulheres acerca deles, tal qual os valores que lhes são projetados. Assim sendo, analisaremos a seguir os qualificativos diretos que são impostos aos animais em questão.

Para iniciar a discussão, dispomos a seguinte passagem:

Tal como as muitas raças de pássaros (ὄρνιθων) providos de asas (πετεινός),
Gansos ou groux ou cisnes de longos pescoços,
Na pradaria asiática junto às correntes do Caístrio
Voam por aqui e por ali, radiantes com a força das asas,
Avançando à medida que gritam e toda a pradaria ressoa –
(*Ilíada*, II, vv. 459-463)

Não é simples encontrar uma passagem que faça referência a uma característica genérica que englobe o todo dos pássaros, sem a necessária distinção entre os de rapina, aquáticos ou outros. No intervalo destacado acima, o epíteto “dotado de asas”, πετεινός,

⁷¹ Adiantamos, todavia, que, alguns elementos das representações dos pássaros, embora dotados de grande força – como, por exemplo, a relação com os *augúrios* –, não serão examinados em detalhe, pois a documentação material do santuário não indica especial relevância a tais componentes na relação com a deusa.

aparece relacionado às aves aquáticas e de pequeno porte; todavia, sendo claramente uma característica partilhada por outros grupos também, podemos encontrar menções frequentes às mesmas – especialmente em caracterizações de aves de rapina –, o que aponta para a percepção dos helenos acerca do animal, destacando os componentes que mais chamam atenção, permitindo que comecemos a inferir acerca dos valores projetados sobre suas representações e as relações estabelecidas. Assim sendo, podemos assumir que a capacidade de voo e a relação com o céu exerciam algum fascínio sobre os homens e mulheres do período⁷².

Abaixo reproduzimos agora citações que nos auxiliem na composição das representações das aves de rapina:

Ai se sentou, densamente ocultado pelas ramagens do pinheiro,
semelhante a uma ave (ὄρνιθι) de voz aguda das montanhas, [...]
(*Ilíada*, XIV, vv. 289-291)

“Tu dizes-me para obedecer a aves de longas asas (οἰωνοῖσι τανυπετέρυγεσσι),
a que não volto o rosto nem dou importância [...]
(*Ilíada*, XII, vv. 237-238)

[...]
reunindo as suas forças, lançou-se como a águia (αἰετός) de voo sublime (ὕψιπετήεις),
que através das nuvens escuras se lança em direção à planície
para arrebatador um terno cordeiro ou tímida lebre -
(*Ilíada*, XXII, vv. 308-310)

Assim falando, afastou-se o loiro Menelau, olhando
em todas as direções como a águia (αἰετός), de quem se diz
ter a vista mais arguta de todas as aves voadoras do céu;
(*Ilíada*, XVII, vv. 673-675)

[...] pede-lhe uma ave (οἰωνόν), célere mensageiro, a ave (οἰωνῶν) que de todas
lhe é mais cara e pela força é a maior de todas (μέγιστον) [...]
(*Ilíada*, XXIV, vv. 292-293)

Lançou-se das montanhas do Ida como um célere falcão (ἴρηκι)
matador de pombas (φασσοφόνῳ), que é a mais veloz (ὄκιστος) de todas as aves.
(*Ilíada*, XV, vv. 237-238)

Tal como abutres de garras tortas e bicos recurvos (αἰγυπιοὶ γαμψώνυχες ἀγκυλοχεῖλαι)
lutam com altos gritos num penhasco elevado –
assim com gritos arremeteram um contra o outro.
(*Ilíada*, XVI, vv. 428-430)

⁷² Algo também sugerido por Nicolas Richer a partir da leitura de Alcman; Cf. RICHER, op. cit., p. 015.

Correspondendo à maior parte das menções ao animal em Homero e Hesíodo, as aves de rapina dispõem de um número considerável de qualificações diretas associadas a si e algum nível de delimitação interna entre seus componentes. Embora algumas características possam vir a englobar mais de um tipo – como, por exemplo, a referência às garras tortas e ao bico recurvo, γαμψώνυχες ἀγκυλοχεῖλαι, que podem se aplicar tanto ao abutre quanto à águia⁷³ e que estão presentes uma vez na *Ilíada*, três na *Odisseia* e mais uma no *Escudo de Hércules* – e outras apareçam de maneira ainda mais generalizada – como a referência destacada acima ao som emitido pelas aves, que tem lugar duas vezes na *Ilíada* –, há também aquelas que aparecem relacionadas de maneira mais específica. A águia, conforme podemos identificar acima, tem ressaltado seu olhar aguçado, e sua força e envergadura superiores as das demais – elementos indicados apenas na *Ilíada*, o primeiro, uma única vez, e, os demais, duas; o falcão, por sua vez, é identificado como o mais veloz dos caçadores celestes, além de “matador de pombas”, φασσοφόνω - esta última característica aparece unicamente uma vez na *Ilíada*, mas a anterior se faz presente quatro vezes no mesmo poema e outras duas na *Odisseia*. Aqui, todavia, nosso foco não é a especificidade de cada animal, mas a representação do grupo, e, assim sendo, ao tomarmos tais características em conjunto, é possível que delimitemos um quadro consideravelmente coeso para as aves de rapina: as referências ao bico e às garras recurvas, à envergadura e a força ou à velocidade contém em si a sugestão da ação e do conflito no ambiente da natureza; a maior parte dos elementos citados nas passagens elencadas acima acaba por estar direta ou indiretamente ligada à atividade definidora do grupo: a caça, onde pela imposição da força, tais aves levam suas presas à morte.

Seguindo adiante, elencamos tais recortes onde se encontram representadas algumas aves aquáticas:

“Mas tal como a fulva águia (αἰετὸς) se lança sobre uma raça
de aves voadoras (ὄρνιθων πετεηνῶν) que debicam junto de um rio:
gansos (χηνῶν) ou grou (γεράνων) ou cisnes (κύκνων) de longos pescoços
[...] (δουλιχοδείρων) – [...]”
(*Ilíada*, XV, vv. 690-692)

Enquanto falava voou do lado direito um pássaro (ὄρνις):
uma águia (αἰετὸς), segurando nas garras um ganso (χίηνα) branco,
ave amestrada do pátio (ἡμερον ἐξ ἀλῆης); [...]
(*Odisseia*, XV, vv.160-162)

⁷³ Cf. HOMERO, *Odisseia*, XII, 312-316.

A frequência de aparecimento das aves aquáticas na documentação literária utilizada é muito inferior àquela das de rapina, e, conseqüentemente, semelhante é o número de qualificações diretas que lhes são atreladas. Na primeira citação em destaque vemos a referência – presente duas vezes na *Ilíada* – aos “longos pescoços”, δουλιχοδείρων, de que são dotados tais animais; percebe-se que, diferentemente do que se dá com as águias, falcões, abutres e outros mais, a ênfase não está nos elementos que implicam ação ou conflito, como as asas⁷⁴, bico ou garras, mas sim em um que, por oposição, poderíamos talvez associar à passividade, à observável beleza dos animais ou à sua condição de presa – implicada pelos contextos, algo a que retornaremos. A passagem seguinte contribui para a composição deste quadro a partir do termo “amestrada” e a complementação “do pátio”, ἡμερον ἐξ αὐλῆς, que indica uma situação de retirada do contexto das relações do mundo da natureza, e, ao novamente representar o animal enquanto presa, sugere a conseqüente fragilidade enquanto característica de tais aves.

O princípio da análise já permite delimitar que embora partilhem características, aves de rapina e aquáticas apresentam representações muito diversas. Adiamos, no entanto, a elaboração de conclusões mais profundas por hora, entendendo que a continuidade da análise nos permitirá traçar um panorama mais completo.

2.3.2 Qualificativos Contextuais

Ao observarmos as referências às aves na documentação literária do período arcaico é possível que identifiquemos temas gerais que atravessem as representações dos animais, alguns dos quais se constituem em elementos fortes de sua composição. Nesta seção analisaremos tais temas, visando delimitar suas contribuições para o desenvolvimento do imaginário relativo aos pássaros.

Para iniciar a análise, selecionamos as seguintes passagens:

Tal como a filha de Pandáreo, o rouxinol (ἀηδών) da verdura,
canta entre as densas folhagens das árvores
a sua bela melodia ao renascer da primavera;
(*Odisseia*, XIX, vv. 518-520)

Enquanto falava, voou do lado direito uma ave (ὄρνις):
uma águia (αἰετός) de voo sublime. Logo gritou a hoste dos Aqueus,

⁷⁴ Apesar do que indica a passagem citada no início desta seção, onde o voar das aves está disposto em relação ao avanço dos guerreiros helenos.

encorajada pelo portento (οἰωνῶ).
(*Ilíada*, XIII, vv. 821-823)

Embora a análise da documentação material sugira que não nos detenhamos sobre tais aspectos da representação, é válido que de passagem se ressaltem as menções ao canto dos pássaros e à sua atuação como veículos dos augúrios – sendo o primeiro talvez um elemento mais fraco, ou pouco presente na documentação literária em função das temáticas centrais das narrativas aqui abordadas, e, o segundo, uma característica de grande força que trabalha sobre uma das dimensões das relações entre homens e deuses, além de por vezes estabelecer símiles dentro da narrativa⁷⁵, que permitem a qualificação de ações ou personagens pelos paralelos com as aves.

Para além destes elementos dois temas se destacam entre as representações das aves: o consumo de carniças, as relações entre caçadores e presas. A estes tópicos correspondem as seguintes passagens:

[...] assim por causa do Atrida Agamêmnon caíram as cabeças dos Troianos em fuga, e muitos cavalos de arqueados pescoços levavam a chocalhar carros vazios ao longo dos diques da guerra, saudosos dos cocheiros irrepreensíveis, que jaziam no chão, mais amados pelos abutres (γύπεσσιν) do que pelas suas mulheres.
(*Ilíada*, XI, vv.158-162)

Mas tal como a fulva águia (αἰετὸς) se lança sobre uma raça de aves voadoras (ὄρνιθων πετεηνῶν) que debicam junto de um rio: [...]
(*Ilíada*, XV, vv.690-691)

E tal como voa uma nuvem de estorninhos (ψαρῶν) ou gralhas (κολοιῶν) com gritos de perdição, quando vê aproximar-se o falcão (κίρκον) que às aves (ὄρνιθεσσιν) pequenas trás a morte –
(*Ilíada*, XVII, vv.755-757)

Tomando o primeiro desses, podemos destacar que as referências ao risco de cair em batalha e, os restos mortais não recebendo a devida atenção, sucumbir aos bicos e garras dos abutres tem grande presença nos poemas homéricos, estando relacionado ao medo do esquecimento dos heróis. Enquanto tal quadro permite a leitura de relações entre a ave de rapina e a morte ou a transformação material, nos parece aqui que os laços mais significativos se estabelecem a partir da oposição entre o domínio dos homens e aquele da natureza: o abutre é assim manifestação da potência selvagem que

⁷⁵ Com isso queremos dizer que, de modo semelhante ao que ocorre com os símiles, por vezes os augúrios representam uma pequena digressão na narrativa em que se estabelece uma comparação entre as ações de determinados animais e dos homens.

se impõe sobre os homens, tensionando a relação entre os dois polos – o que talvez fique evidente na citação acima em que as aves são dispostas em oposição aos familiares dos guerreiros. O segundo dos temas demarcados contribui para reforçar tais tensões. Conforme discutido na sessão anterior, os epítetos associados às aves de rapina se relacionam de modo geral, direta ou indiretamente, à atividade da caça; o que é complementado pela disposição de tais animais em situações de perseguição, seja através de augúrios, ou de símiles. Em contrapartida, às aves aquáticas e de pequeno porte a implicação de fragilidade e o status de presa demarcados acima se reafirmam, visto estarem frequentemente representadas enquanto alvo das perseguições das águias e falcões nas mesmas instâncias supracitadas.

Por fim, destacamos as seguintes passagens, em que se fazem presentes as associações espaciais estabelecidas no entorno de tais representações:

Assim falou Telêmaco e Zeus que vê de longe enviou
duas águias (αἰετῶ) dos píncaros de uma montanha.
(*Odisseia*, II, vv. 146-147)

Em torno da gruta crescia um bosque frondoso
de álamos, choupos e ciprestes perfumados,
onde aves (ὄρνιθες) de longas asas faziam os seus ninhos:
corujas (σκόπεδες), falcões (ἰρηκέες) e tagarelas corvos marinhos (κορῶναι εἰνάλιαι) [...]
(*Odisseia*, V, vv. 063-066)

Assim dizendo, o véu lhe ofereceu a deusa
e mergulhou de novo no mar agitado de ondas,
semelhante a um mergulhão (αἰθυίη); e escondeu-a a escura onda
(*Odisseia*, V, vv. 351-353)

Tal como as muitas raças de pássaros (ὄρνιθων) providos de asas (πετεινός),
gansos (χηνώων) ou grous (γεράνων) ou cisnes (κύκνων) de longos pescoços,
na padaria asiática junto às correntes do Caístrio
voam por aqui e por ali, radiantes com a força das asas,
avançando à medida que gritam e toda a pradaria ressoa –
(*Ilíada*, II, vv. 459-463)

Para além da certa identificação com os “céus”, dadas suas habilidades de voo, as aves, tomadas em conjunto, estabelecem relação com diversos outros locais. Todavia, tal como temos acompanhado ao longo da análise, aqui também se produz uma divisão entre as de rapina e as demais. Seguindo a maior frequência de referências às primeiras, o lugar mais citado em associação com os pássaros é a *montanha*, que, conforme discutimos anteriormente, se apresenta como um dos principais elementos espaciais associados à representação do *selvagem*, como exemplificado pelo epíteto do Monte

Ida, *mãe de feras*: tal qual apontado, as características associadas à ação violenta do exercício da caça desenvolvem uma relação com tal espaço através das criaturas que nele habitam, impondo aos locais um estigma de selvageria, de perigo e de caos. Tais marcas podem ser estendidas ainda a outros locais, como os *bosques* e os *mares*, onde, embora tais elementos não se encontrem dotados de semelhante potência, as associações com as incertezas, os riscos do desconhecido e as aves caçadoras se fazem presentes, demarcando o caráter selvagem das localidades a nível de representação. Em contrapartida, se observamos os locais associados às aves aquáticas, apesar do número reduzido de referências, é possível identificar uma relação com os corpos de água doce, que, conforme indicamos anteriormente, não deixando de estarem ligados ao espaço selvagem e, portanto, a uma potência destrutiva, dispõem de representações mais firmemente associadas a um caráter liminar e à fertilidade, sendo lugares com os quais os homens estabelecem relações menos conflituosas.

Como podemos perceber, por meio da análise do contexto em que são dispostas as representações dos pássaros, a delimitação das aves de rapina, aquáticas e de pequeno porte se aprofunda e a relação entre elas é melhor estabelecida, contribuindo para o discernimento de um quadro mais completo acerca da projeção de tais animais no imaginário helênico.

2.3.3 Sobreposições aos homens e mulheres

Seja em função dos símiles estabelecidos nos poemas, ou das representações de augúrios e sonhos das personagens, por diversas vezes as aves são sobrepostas aos homens e mulheres na documentação literária selecionada⁷⁶. Nesta seção analisaremos tais passagens que ora reforçam, ora sugerem nuances às representações das aves.

Tomemos inicialmente as seguintes passagens:

Tal como quando abutre de garras e bicos recurvos (αἰγυπιοὶ γαμψώνυχες
[...] ἀγκυλοχεῖλαι,) vêm das
montanhas para se lançar sobre outras aves (ὄρνιθεσσι), e estas voam
ao longo da planície debaixo das nuvens e sobre elas se atiram
os abutres, matando-as, porque elas não têm maneira de se defender
ou escapar, mas os homens se alegram de ver a matança –
(*Odisseia*, XXII, vv. 302-306)

⁷⁶ Ressaltamos ainda que na documentação é possível perceber ainda as aves sobrepostas a outros animais e aos deuses, todavia, não nos deteremos sobre tais elementos, uma vez que a documentação material não sugere que os mesmos sejam de grande relevância para a compreensão da rede de associações simbólicas que se estabelece no entorno de *Orthia*.

E tal como voa uma nuvem de estorninhos (ψαρῶν) ou gralhas (κολοιῶν) com gritos de perdição, quando vê aproximar-se o falcão (κίρκον) que às aves (ὀρνίθεσσιν) pequenas trás a morte –
(*Ilíada*, XVII, vv.755-757)

Tal como abutres de garras tortas e bicos recurvos (αἰγυπιοὶ γαμψόνυχες ἀγκυλοχεῖλαι) lutam com altos gritos num penhasco elevado – assim com gritos arremeteram um contra o outro.
(*Ilíada*, XVI, vv. 428-430)

Mas o Pelida retrocedeu a distância de um arremesso de lança, com o ímpeto de uma águia negra (αἰετοῦ ... μέλανος), ave de rapina caçadora, que é a mais rápida e mais forte dos pássaros voadores. Como a águia se precipitou e sobre seu peito o bronze ressoava de modo medonho. Desviava-se do dilúvio e fugia em frente, mas o rio seguia atrás com rugido descomunal.
(*Ilíada*, XXI, vv. 251-256)

Sobreposições como as destacadas são frequentes nos poemas homéricos, e, em especial, na *Ilíada*. A temática central destas – a identificação dos guerreiros com as aves de rapina – não é a única presente na documentação, mas corresponde a maior e mais significativa parcela da mesma. Sem que nos alonguemos em demasia, é possível identificar que, através das associações, as características anteriormente trabalhadas – a força, a velocidade, a capacidade de destruição, a associação com a esfera do selvagem – e a dinâmica caçador-presas são mobilizados ou sugeridos nas passagens em relevo, projetando sobre os heróis qualidades que, quando empregadas no embate com o inimigo, são vistas majoritariamente sob um viés positivo⁷⁷, podendo ser responsáveis pelo alcance da glória. Em contrapartida, conforme se pode observar na citação em que o avanço de Eneias desbarata as tropas helênicas, enquanto algumas aves são frequentemente mencionadas como referenciais de potência, outras podem ter lugar como indicativos de fragilidade ou covardia.

Seguindo adiante, destacamos as seguintes passagens de Álcman:

Plêiades [ou “pombas”, πεληάδες] contra nós, portadores do véu rumo a Órtria, no curs da noite ambrosíaca, símiles à estrela Sírrio no seu levante, combatem.
(*Partheneion I*, vv. 060-063)

O martim-pescador quisera ser, que o fosse,

⁷⁷ Embora não seja enfatizado, nós não devemos excluir a possibilidade de uma simultânea marca negativa sobre os animais em identificação com os homens, uma vez que, tal como no caso do Leão, as potencialidades do animal implicam um risco contínuo.

Num sobrevoo à flor das ondas rente a alciones,
Têmpera inflexível, ave sacra (ou “cisne”, κύκνος) salinopúrpura.
(*Partheneion I*, vv. 100-101)

Em tais versos é possível que identifiquemos a associação das jovens espartanas em procissão a pombas⁷⁸ e a comparação do canto de uma dessas àquele supostamente desempenhado pelos cisnes. Se retomamos aqui as ideias que, conforme visto acima, são geralmente dispostas em relação às aves aquáticas e de pequeno porte – isto é: a passividade, a fragilidade e a colocação como presa em relação às águias, falcões e semelhantes⁷⁹ –, podemos presumir, dada também a relação entre as aves de rapina e o universo masculino, tal qual o contexto ritual – e, portanto, de exposição – indicado na documentação literária, que a vinculação das jovens às pombas ou aos cisnes dialoga talvez com o processo de passagem do *status* de criança em mulher, consolidado na inserção em uma lógica de competição por matrimônio, o que implicaria colocar-se a vista dos cidadãos homens.

Em suma, por meio da análise de tais sobreposições, nos foi possível discernir na documentação literária trabalhada a existência de uma ligação entre as aves de rapina e o universo masculino euforizado – manifestada na mobilização direcionada da potência de destruição associada à selvageria –, e entre as aves aquáticas e de pequeno porte e o universo feminino, ou ao masculino, mas de modo depreciativo.

2.3.4 Balanço

Diante do quadro pintado nas seções anteriores acerca das representações das aves, nos é possível agora delimitar com alguma clareza suas colocações no imaginário helênico arcaico. Conforme vimos repetidamente na documentação trabalhada, a dinâmica caçador-presa atravessa o conjunto criando divisões: de um lado, temos as aves de rapina, correspondentes a maior parte das menções, intimamente associadas com a atividade da caça, representadas como fortes, velozes, dotadas de garras e bicos propícios para tal, especialmente localizadas nas montanhas, mas desenvolvendo alguma relação também com a floresta e os mares – sobrepostas aos homens em contexto de atividade guerreira; do outro temos as aves aquáticas e outras de pequeno

⁷⁸ A tradução de tal passagem de Alcman está sujeita a grandes divergências; entendemos que no contexto a tradução como “pombas” tem mais sentido. Mantemos o termo Plêiades em função da tradução para o português utilizada como referência.

⁷⁹ Novamente destacamos que a passagem da *Ilíada*, II, vv. 459-463, oferece uma exceção ao associar o movimento dos pássaros aquáticos ao avanço dos guerreiros.

porte, referenciadas com menos frequência, marcadas pela implicação de fragilidade e passividade, associadas em especial ao entorno dos rios, áreas liminares e férteis, e, ainda que apenas uma vez, também com o espaço privado – por um lado, relacionadas aos homens de modo depreciativo, por outro, às mulheres. Para além desta dinâmica, outros elementos compõe a representação dos pássaros, e, entre esses, destacam-se: o consumo de carniça, que tensiona a relação entre natureza e cultura; e, o envolvimento com os augúrios.

2.3.5 De volta ao santuário - análise da documentação material

Tal qual indicado anteriormente, de modo similar ao leão ou ao cavalo, as aves aparecem representadas em grande variedade de objetos depositados no santuário de *Orthia*, seja de forma isolada ou em combinações com outros elementos. Aqui, todavia, deteremos nossa análise sobre um pequeno grupo de *fibulae* de marfim⁸⁰ de meados do século VII a.C. que apresenta características semelhantes – em todos os exemplares em destaque está presente uma figura feminina alada que segura ao menos uma ave –, acreditando que tais composições ofereçam contribuição mais relevante para que compreendamos a rede de associações simbólicas que se estrutura em torno da deusa, uma vez que, supõe-se, representam-na em relação direta com os pássaros.

Havendo delimitado o rumo a ser tomado a seguir, é preciso antes que abordemos de maneira breve a questão do galo. Conforme possa ter sido percebido, a documentação literária destacada não dá conta da representação do animal. Todavia, se voltamos nossa atenção para as fábulas de Esopo vemos um animal que, embora por vezes representado como presa, era associado à agressividade e à competição, sendo também um dos poucos seres capazes de por leões em fuga⁸¹. Além disso, a cerâmica arcaica espartana apresentava enquanto possibilidade de seu repertório a reprodução de brigas de galos, tema que, segundo Nicolas Richer, provocava a reminiscência do *agon* heroico⁸². Estendendo seu olhar muito além do período arcaico, o autor ressalta ainda que, segundo Plutarco, generais vitoriosos em combate ofereciam galos em sacrifício⁸³. Levando então em consideração a representação do animal na cerâmica do século VI

⁸⁰ Cf. Repertório, objetos 015 e 016.

⁸¹ O que, entre as Fábulas de Esopo, pode ser percebido em “A Doninha e o Galo”, “Os Galos e a Perdiz”, “O Jumento, o Galo e o Leão”, “O Leão, Prometeu e o Elefante”, entre outros.

⁸² RICHER, op. cit., p. 21.

⁸³ RICHER, Nicolas. *La Religion des Spartiates. Croyances et cultes dans l'Antiquité, Paris, Les Belles Lettres, collection "Histoire", 2012, p. 043 nota 137 e p. 258-259.*

a.C. e em anedotas reproduzidas tardiamente, o autor aponta em momentos diferentes que o galo poderia evocar para o homem espartano a tenacidade no combate e a morte, ou a coragem sem limites e o desejo pela vitória total⁸⁴. Richer destaca ainda que o termo utilizado para “galo” em grego, ἀλέκτωρ, pode significar “aquele que repele (o perigo)”⁸⁵, de modo que um elemento apotropaico pode também ser considerado.

Retornemos agora ao caminho previamente estabelecido demarcando de maneira mais específica os objetos a serem trabalhados; esses contém: (a) representação de uma figura feminina alada com *polos* e vestes longas com a cabeça virada para o lado direito, segurando duas aves de difícil distinção pelo pescoço; (b) composição semelhante a anterior, mas que em lugar de um dos pássaros apresenta um leão pendurado pelas patas; (c) peça fragmentária com arranjo aparentemente similar, mas em que a figura feminina está voltada para o outro lado, e, na mão de que dispomos, porta uma ave aparentemente de pequeno porte, enquanto uma cobra lhe morde o antebraço; (d) novamente, figura fragmentada e parecida com as demais destacadas, com a cabeça voltada para a direita, e tomando pelo pescoço uma ave aquática. Realizando uma breve análise é possível que, de modo semelhante ao que ocorre em algumas das peças onde se viam representados leões ou cavalos, identifiquemos o modelo da *Potnia Theron* como central para o desenvolvimento da seleção de objetos aqui trabalhados. Voltando-nos agora para as representações das aves, algumas dificuldades se apresentam: embora no modelo (d) o longo pescoço do animal sugira de maneira mais evidente tratar-se de uma ave aquática, nos modelos (a), (b) e (c) a identificação é menos clara. Em (c) as dimensões poderiam indicar tratar-se de uma pomba – ou outra ave de pequeno porte –, todavia, dadas as características do conjunto, não é possível afirmar com segurança que tal critério seja suficiente para a delimitação. Aquelas presentes em (a) e (b) apresentam características muito semelhantes, de modo que, possivelmente, podem ser entendidos como o mesmo tipo de animal; todavia, é a outra fera que a deusa tem em mãos que pode nos ajudar na identificação do pássaro: se podemos traçar um paralelo entre a ave segura pelo pescoço e o leão seguro pelas patas, dada a análise realizada sobre a documentação literária, é possível que suponhamos ser a ave de rapina, tendo em vista as semelhanças existentes entre os dois – animais caçadores, que se impõem pela força, que levam o caos e a destruição, um na terra, o outro nos céus. Por fim, destacamos que as aves de rapina parecem estar presentes de maneira mais frequente em objetos

⁸⁴ Respectivamente: Ibid., p. 129 nota 36; Id., 2010, p. 021-022.

⁸⁵ Id., 2010, p. 019.

produzidos com materiais associados à elite, mas que as aves aquáticas e os galos se distribuem também por outros materiais no século VI a.C.

Prosseguindo com a análise simbólica das composições, devemos manter em mente a divisão estabelecida entre os tipos de aves e a colocação de cada grupo em relação com a *Potnia Theron*, que, tal como visto com os outros animais, ocupa um papel central nas representações dos pássaros, de modo que a disposição destes na rede simbólica que se estrutura no entorno da deusa deva assemelhar-se em alguma medida aquelas do leão e do cavalo. Assim sendo, levando em consideração a já discutida postura de dominância da deusa sobre os animais, tomemos primeiro a representação das aves de rapina: se a submissão do leão indicava o domínio sobre a criatura que reinaria no mundo selvagem sobre a terra, as águias, falcões ou semelhantes presos pelos pescoços sugerem o controle sobre aqueles que têm autoridade sobre os céus; a ingerência sobre a força permissora da violência e a capacidade de levar o caos e a morte estão novamente em questão aqui. O vínculo do guerreiro com as aves, presente na documentação literária, poderia assim ser mobilizado no culto de modo muito semelhante ao daqueles com os leões: jovens em momento de transição e adultos espartanos depositariam tais objetos votivos no santuário na expectativa de, por intermédio da deusa, alcançar e controlar as potências ligadas aos animais em questão, tornando-se capazes de agir como os exemplares guerreiros cantados por Homero. Voltando-nos agora para as aves aquáticas vemos o sentido da composição se transformar; da influência sobre a potência destrutiva, passamos para aquela sobre a potência criativa: a *fertilidade* sugerida enquanto valor relevante pela disposição espacial do santuário é aqui reforçada como tal pela representação da imposição pela força da deusa sobre as aves de pescoços longos⁸⁶, características da localidade. Logo, semelhante ao que fora visto anteriormente e levando em consideração também a relação caçador-presa que concerne à representação das aves e de suas contrapartes humanas, a oferta de objetos votivos relacionados a tais pássaros por jovens ou adultas espartanas parece orientar-se pelo anseio de, por interferência da deusa, obtenção de bons matrimônios e geração de prole, visando a inserção na comunidade cívica pela boa execução de seus papéis enquanto mulheres.

2.4 – *Cervos*

⁸⁶ Não esquecendo dos demais signos associados a tal ou ao feminino no santuário, como visto anteriormente.

Conforme demonstrado no capítulo anterior, durante o período arcaico o santuário de *Orthia* passa por grandes mudanças, crescendo e desenvolvendo diversas estruturas. Tais transformações que acompanham outros processos em curso no mundo helênico e em Esparta, tem impacto não apenas na configuração espacial do santuário, como também nos padrões de deposição de objetos votivos, de modo que tipos e materiais mudem consideravelmente. Ao longo da maior parte do período estudado, os cervos apareciam em eventuais representações na cerâmica, em peças de bronze ou em objetos de marfim – sendo inclusive discutível uma aproximação à figura da deusa⁸⁷. Todavia, durante o século VI a.C. o número de ofertas de figuras de chumbo cresce vertiginosamente, e, entre as figuras de animais dedicados, surgem as de cervo, logo suplantando as de cavalo, leão e galo, tornando-se as mais comuns em tal meio; mudança que dificilmente é dissociada de impactos nas redes de associações simbólicas que se articulam a partir da deusa.

Ainda que bem menos frequentes do que os demais animais trabalhados – e completamente ausentes de Tirteu e Alcman – os cervos contam com um número considerável de aparições na documentação literária selecionada. Tal qual nos casos anteriores, a maior parte das representações está presente nos épicos homéricos, com a *Iliada* apresentando o dobro de menções da *Odisseia*, o que, novamente, se relaciona com a temática dos poemas e as consequentes possibilidades oferecidas. Complementando o quadro, algumas poucas referências se dão nos *Hinos Homéricos* e no *Escudo de Héacles*, reforçando pontos destacados nos outros textos.

A seguir analisaremos as representações dos cervos na documentação destacada, organizando nossa exposição de tal maneira: (a) qualificativos diretos, adjetivos atribuídos aos animais nos poemas; (b) qualificativos contextuais, cujos valores envolvidos podem ser depreendidos do escrutínio das situações em que as representações são dispostas; (c) sobreposições aos homens e mulheres, que permitem que avaliemos os paralelos e projeções que se estabelecem com relação aos humanos com base nas características associadas aos animais; (d) epítetos relacionados aos cervos, que chamam atenção para a relação entre esses e os homens. Ao final, como tivemos feito, retornaremos à documentação material para cruzar os dados obtidos,

⁸⁷ Cf. Repertório, objeto 016.

visando delimitar em parte o papel dos cervos nas redes de associações simbólicas que se estruturam em torno de *Orthia*.

2.4.1 Qualificativos Diretos

Ainda que menos frequentes ou variadas, o padrão das representações dos cervos acompanha aquele estabelecido nas análises dos demais animais: de maneira intencional ou não, caracterizações diretas fazem com que nossa atenção se volte para os elementos de destaque da figura do animal no imaginário helênico. Desse modo, visando iniciar a análise dos valores que lhe são projetados, analisaremos os qualificativos associados ao animal em questão na documentação literária.

Começemos tomando as seguintes passagens:

[...] e tal como o leão faminto que se regozija ao encontrar
uma grande carcaça de veado chifrado (ἔλαφρον κεραὸν) ou de cabra selvagem,
e vorazmente a devora, embora contra ele se lancem
cães de caça e vigorosos mancebos –
(*Ilíada*, III, vv. 023-026)

“[...] com as patas dianteiras um cão segurava um gamo mosqueado (ποικίλον ἔλλόν)
que se contorcia, coisa que a todos causava admiração;
(*Odisseia*, XIX, vv. 228-229)

Mas enquanto caminhava, e estando já perto da nau recurva,
um deus apiedou da minha solidão e mandou
ao meu encontro um enorme veado de altos chifres (ὑψίκερων ἔλαφρον μέγαν),
que vinha da sua pastagem no bosque em direção ao rio
para beber; oprimia-o a força do sol.
(*Odisseia*, X, vv. 156-160)

Acima dispomos de uma pequena seleção de características físicas que poderiam ser significativas para a identificação do estágio da vida ou sexo dos animais. O primeiro desses elementos, “chifrado”, κεραὸν, provavelmente indicativo de machos adultos, que talvez representassem um desafio ou uma recompensa maior na caçada, se faz presente quatro vezes na *Ilíada* e uma na *Odisseia*⁸⁸; o segundo, “grande”, μέγαν, que tem lugar uma vez na *Ilíada* e outras duas num curto intervalo da *Odisseia*, reforça o apontado acima, sugerindo que o tamanho da criatura chamava atenção e era valorizado, tendo em vista o posterior consumo da carne; por fim, o último, “mosqueado”, ποικίλον, aparecendo apenas uma vez na *Odisseia*, pode estar associado a animais mais jovens,

⁸⁸ Onde na verdade o que temos é a variação do qualificativo exposta acima: “de altos chifres”, ὑψίκερων.

mas a documentação não oferece o suficiente para que possamos afirmar isso com segurança. Ainda assim, é possível demarcar que, para além do uso de termos variados para gamos ou cervos adultos, algumas das características que lhes eram impostas ajudavam a reforçar as diferenças entre ambos.

Continuando, observemos agora tais citações:

Saiu como um leão criado na montanha, confiante na sua pujança,
cujos olhos fulminam apesar da chuva e do vento, e que se mete
entre vacas, ou ovelhas ou corças selvagens (ἀγροτέρας ἐλάφους), pois assim a fome
lhe manda, a ponto de chegar ao redil e atacar os rebanhos –”
(*Odisseia*, VI, vv. 130-133)

Por que assim ficais de pé, atarantados (τεθηπότες), como gamos (νεβροί)
que após terem percorrido uma grande planície se cansam
e ali ficam estacados, sem qualquer força no espírito?
(*Ilíada*, IV, vv. 243-245)

Os Troianos avançam contra as nossas naus, eles que
antes pareciam corças amedrontadas (φυζακινῆς ἐλάφοισιν), que na floresta
se tornam presa de chacais, panteras e lobos,
enquanto vagueiam impotentes, sem espírito combativo.
(*Ilíada*, XIII, vv. 101-104)

E tal como Artêmis, a arqueira, se desloca pelas montanhas,
pela cordilheira do Taígeto ou então pelo Erimanto,
comprazendo-se com a caça ao javali ou às corças velozes (ὠκεΐης ἐλάφοισι),
e com ela brincam as ninfas, filhas de Zeus detentor da égide,
habitantes do campo, e Leto se regozija no espírito;
(*Odisseia*, VI, vv. 102-106)

Os quatro qualificativos diretos restantes apresentam tipos mais variados que os anteriores. Na primeira citação vemos o uso do termo “selvagens”, ἀγροτέρας, presente apenas uma vez na *Odisseia*, sendo dotado de uma carga simbólica diferente daquela discutida anteriormente: aqui o mesmo não implica a força permissora da violência anteriormente destacada, mas apenas o afastamento de elementos humanos e a inserção na esfera da natureza. As duas passagens seguintes indicam traços dotados de maior semelhança: de um lado, “atarantados”, τεθηπότες, do outro, “amedrontados”, φυζακινῆς, cujas variações estão presentes duas vezes cada na *Ilíada*, sugerindo a impotência dos cervos diante de outros animais ou do homem. Por fim, destacamos a característica “veloz/célere/rápida”, ταχείης, que tem lugar duas vezes na *Ilíada* e outra na *Odisseia*, e, ὠκεΐης, que aparece apenas uma vez na *Odisseia*, sobressaindo em momentos em que o animal precisa escapar aos agentes que procuram impor-se a ele por meio da força.

Para além das características físicas perceptíveis visualmente, os demais elementos da representação do cervo destacados acima indicam o eixo que parece central para sua imagem, de modo que, pela intuída relação de forças que coloca o animal sob a mira de feras e do homem, podemos supor uma semelhança com a condição de *presa* vista quando da análise das aves aquáticas e de pequeno porte.

2.4.2 Qualificativos Contextuais

Conforme indicado acima, os qualificativos diretos deixam transparecer a importância da colocação na posição de *presa* para a representação dos cervos. Partindo dessa base, os qualificativos contextuais nos permitem elaborar melhor acerca das relações estabelecidas pelo animal com os espaços em que vive e os demais seres com os quais entra em contato. Nesta seção analisaremos, portanto, passagens que nos permitam delimitar melhor tais laços, contribuindo para a composição da rede de associações que se estrutura no ao redor de *Orthia*.

Assim sendo, destacamos as passagens abaixo para dar continuidade à análise:

Os Troianos avançam contra as nossas naus, eles que
antes pareciam corças amedrontadas (φυζακινῆς ἐλάφοισιν), que na floresta
se tornam presa de chacais, panteras e lobos,
enquanto vagueiam impotentes, sem espírito combativo.
(*Ilíada*, XIII, vv. 101-104)

Logo enviou uma águia, mais seguro dos alados portentos,
segurando nas garras um gamo (νεβρὸν), cria de uma rápida corça (ἐλάφοιο ταχείης).
(*Ilíada*, VIII, vv. 247-250)

Tal como a corça (ἔλαφος), que na toca de um possante leão
deita os gamos (νεβροῦς) ainda não desmamados
e por montes e vales vai errando em busca
de pastagem, e depois disso chega o leão à toca
para fazer desabar sobre os gamos um destino cruel
(*Odisseia*, IV, vv.335-339)

Antíloco atirou-se a ele como um cão que lança
sobre um gamo (νεβροῦ) ferido, que o certeiro caçador alvejara
ao saltar para fora do antro, deslassando-lhe os membros –
(*Ilíada*, XV, vv.579-581)

Nas citações em destaque é possível perceber o cervo colocado em posição de *presa* diante dos chacais, panteras, lobos, das águias, dos leões e dos homens; enquanto nas representações deste último e das feras são destacadas a agência e o potencial

destrutivo, aquele parece estar fadado à fuga e, dada a marcada impotência, a ser subjugado. No meio da natureza então, o cervo, similar a outros como a cabra não domesticada e a lebre, está entre as posições de maior fragilidade, estando sujeito à imposição pela força e à morte nas garras dos predadores ou do homem que invade o espaço selvagem atrás de comida ou de glória. Enquanto abordamos o tópico, é importante que se destaque ainda que a atividade humana da caça pelo esporte tem um paralelo divino da atuação da deusa *Artêmis*, cuja representação tem tal elemento como ponto forte⁸⁹.

Sobre os espaços em que habitam, selecionamos as seguintes citações:

[...] e a mãe [corça],
embora por acaso esteja ali perto, não lhes pode valer
mas ela própria se aproxima a tremer e se lança depressa
na corrida pela mata cerrada e pelo bosque, apressando-se
alagada em suor devido à arremetida da fera possante –
(*Iliada*, XI, vv. 115-119)

“[...] E eles como lobos
carnívoros, em cujo espírito existe uma fúria inominável –
lobos que nas montanhas mataram um grande veado chifrado (ἔλαφον κεραὸν μέγαν)
e o devoraram, todos eles com as bocas vermelhas de sangue;
(*Iliada*, XVI, vv. 156-159)

A dinâmica caçador-presas, por sua vez, não pode se dissociada dos ambientes que ocupam aqueles que nela estão envolvidos; reunindo tanto os predadores como o leão e a águia, quanto as presas, como os cervos e as cabras, as montanhas e bosques são lugares centrais em tal relação, sendo complementados pelas menções de outros como os rios. O quadro pintado pela circulação do animal, como sugerido pelo epíteto destacado na seção anterior, é aquele do espaço selvagem, em que as relações são reguladas pelo potencial de violência dos predadores e de resistência das presas. Nessa rede de contatos estabelecida, o homem se encaixa como um agente externo, ora assumindo posição semelhante a dos predadores locais, ora se sobrepondo também a eles.

2.4.3 Epíteto relacionado aos cervos

⁸⁹ Cf. HOMERO, *Odisseia*, VI, vv. 102-106, & HOMERO, *Hino Homérico* n° 27.

Na documentação literária selecionada, um único epíteto parece construir sentido através da relação com os cervos. Nesta breve seção elaboraremos um comentário a respeito do mesmo.

Destacamos abaixo as seguintes passagens:

[...] gemendo constantemente como o leão barbudo, // cujas crias arrebatou algum caçador de corças (ἐλαφηβόλος) // na densa floresta; e o leão, chegando depois, aflige-se // e percorre muitas clareiras no rastro do homem, // na esperança de o apanhar, pois raiva sinistra o domina –
(*Ilíada*, XVIII, vv. 318-322)

Canto a ruidosa Ártemis de flechas de ouro,
a virgem venerada, a Arqueira, que abate os cervos (ἐλαφηβόλον) com suas flechas.
A própria irmã de Apolo da espada de ouro, [...]
(*Hino Homérico*, 27. Vv.01-03)

Conforme vimos anteriormente, a relação caçador-presa tem grande relevância em meio às representações do cervo, uma vez que boa parte de seus qualificativos e dos contextos em que é evocado desenvolvem laços com tal dinâmica. O epíteto aqui em destaque mobiliza a discutida inserção do homem em meio a já estabelecida rede de contatos na esfera selvagem, pela qual o homem assume lugar semelhante aos das feras frequentemente dispostas se impondo sobre o animal em questão. O sentido e o valor do adjetivo não parecem, todavia, residir na associação indireta com as feras, mas sim no enfoque do ato da caça, seja por necessidade ou esporte, que, por sua vez, é euforizado. Por fim, é possível demarcar que tal caráter positivo é reforçado ainda pela associação que novamente tem lugar com a deusa *Artêmis*.

2.4.4 Sobreposições aos Homens

Por fim chegamos às variadas formas de sobreposição da representação dos cervos àquelas dos homens, que, através dos paralelos, permitem que valores comumente associados ao animal sejam projetados sobre os guerreiros, contribuindo ainda para o reforço dos componentes da imagem da criatura. Nesta seção abordaremos tais laços.

Assim sendo, destacamos as passagens abaixo:

Tal como o leão esmaga as crias inocentes da célere corça (ἐλάφοιο ταχείης),
agarrando-as com sua dentição possante depois de chegar
à toca, para depois as privar da sua tenra vida;
(*Ilíada*, XI, vv. 113-115)

Pesado de vinho! Olhos de cão! Coração de gamo (ἐλάφοιο)!
(*Ilíada*, I, vv. 225)

Pôs-lhe sobre os ombros a pele esfolada de veado veloz (ταχείης [...] ἐλάφοιο),
deu-lhe um bastão e um alforge miserável,
cheio de buracos e suspenso de uma correia torcida.
(*Odisseia*, XIII, vv. 436-438)

Na primeira das passagens acima, é possível perceber a dinâmica *caçador-presa*, que evocamos repetidamente na análise das representações do cervo, projetada sobre as relações entre os guerreiros: Agamêmnon, como leão, mata e despoja das armaduras Isso e Ântifo, como gamos. Tal qual se dá com o comandante dos helenos e o leão, também vemos com outros heróis e lobos ou cachorros; a ênfase não é, portanto, na especificidade daquele que assume ou lugar de agente, mas na relação de força desigual estabelecida entre os dois polos: um, superior no combate, toma forma da fera detentora do potencial do violência, outro, inferior, momentaneamente ou não, assume o papel da presa ideal – que, mais frequentemente estará associada ao cervo⁹⁰. Dando sequência, tomemos então a segunda citação onde vemos o emprego do qualificativo “coração de gamo”, κραδίην δ’ ἐλάφοιο. Ao analisar anteriormente composição semelhante, nos foi possível identificar que, pela relação com o leão, determinados heróis eram vistos como fortes e corajosos, mas capazes também de ações desmesuradas – a expressão, um elogio, era dotada então de valores positivos, mas com a sugestão de outros negativos. Aqui, todavia, o quadro que se apresenta é diferente, pois, os termos em destaque compõem claramente uma ofensa; em oposição ao caso do leão, a representação dos cervos em associação aos guerreiros é sempre marcadamente negativa, podendo estar, como aqui, ligada à fraqueza ou à covardia. Enfim, nos direcionamos à terceira passagem e a “pele esfolada de veado veloz”. Novamente o paralelo com a análise do leão pode ser estabelecida: se a pele da fera manifestava fisicamente a potência destrutiva dos heróis pelo laço com o animal, poderíamos supor que aqui igualmente a pele do cervo projeta sobre o filho de Laertes valores associados ao animal. Nesse caso, todavia, os mesmos não o cobririam enquanto verdade, mas sim enquanto parte da mentira que se procura contar: Odisseu, o mendigo, a presa em situação de fragilidade diante dos pretendentes, as feras supostamente dotadas da potência para lhe fazer mal.

⁹⁰ Ressalte-se, todavia, que eventualmente outros animais são mencionados em semelhante situação, como as cabras selvagens ou as lebres.

Antecipando o balanço a ser estabelecido a seguir, é possível destacar que o escrutínio das sobreposições entre os homens e os cervos reforça ainda mais os elementos anteriormente demarcados como centrais para a representação do animal.

2.4.5 Balanço

Tendo delimitado os principais componentes das representações dos cervos na documentação literária selecionada, torna-se possível que estabeleçamos sua colocação no imaginário helênico arcaico. Tal qual nos casos dos leões e das aves, o eixo caçador-presa é central também para composição da imagem dos cervos: enquanto no meio da natureza os primeiros ocupam exclusivamente a posição do caçador, frequentemente impondo-se sobre os demais animais; as segundas dividem-se entre ambos os polos, parte aparecendo como caçadora e outra como presa; os últimos estão relegados sempre à condição de perseguidos e vencidos. Desse modo, a representação dos mesmos dialoga com tal posição: o animal é caracterizado como frágil, de fácil intimidação e rápido na fuga; não sendo domesticado, estão associadas a ele as áreas selvagens das montanhas e bosques, além de outras liminares como os rios. Dada tal configuração, o estabelecimento de um paralelo com os guerreiros não poderia em caso algum ser dotado de marca positiva; tal laço nada parece implicar além de fraqueza, covardia, ou inferioridade com relação aos inimigos.

2.4.6 De volta ao santuário - análise da documentação material

Conforme apontado anteriormente, a representação de cervos entre os objetos votivos presentes no santuário se dá durante a maior parte do período estudado, sendo notável um grande crescimento de ofertas associadas ao animal durante o século VI a.C., com a proliferação massiva das pequenas figuras de chumbo. Diferentemente do que ocorre com os demais, todavia, o cervo não aparece em composições com a divindade, a maior parte de suas representações tomando forma de objetos independentes – como é habitual para as o tipo de peça em que ele é preeminente. Tal situação cria algumas dificuldades para a interpretação do signo em meio à rede simbólica, obrigando-nos a trilhar um caminho mais tangencial para proceder ao escrutínio do mesmo. Nós poderíamos assumir que, apesar de não associados materialmente, o cervo ocuparia espaço semelhante aos demais animais avaliados, no

entanto, valores associados a criatura não se prestam a tal linha de interpretação – tal laço dificilmente seria procurado pelos guerreiros, e as mulheres não são diretamente implicadas também. Como sabemos, todavia, em algum momento difícil de precisar, começa a se estabelecer em Esparta uma aproximação entre *Orthia* e *Artêmis*, deusa que, assim como vimos, desenvolve uma relação com o animal em questão na documentação literária do período. Para além disso, tal qual aponta Bevan, ainda que no Arcaico o cervo não seja exclusivamente associado à deusa, deposições de figuras independentes do animal são mais frequentes em seus santuários do que naqueles de quaisquer outros deuses⁹¹, e, durante o período, um laço mais seletivo parece ter se desenvolvido entre a deusa e a criatura⁹². Assim sendo, podemos concluir que, inserindo-se no processo de transformação espacial do santuário, da situação social, política e econômica de Esparta, e, num escopo mais amplo, das divindades no mundo helênico, o crescimento expressivo do número de representações de cervos entre os objetos votivos encontrados no santuário de *Orthia* sinaliza o processo em curso durante o século VI a.C. de amálgama entre as divindades⁹³.

2.5 – Considerações Finais

Ao longo deste capítulo, observando os objetos votivos encontrados no santuário de *Orthia*, nos propusemos a discutir as representações dos animais que parecem desenvolver relações mais aprofundadas com a deusa e seu culto, visando analisar os elos que compõem a rede de associações simbólicas que se estruturam na esfera da divindade, bem como suas transformações. Com base no escrutínio da documentação material, literária e em paralelos com diversos autores, nos foi possível estabelecer os possíveis valores projetados sobre os signos, o como interagem com a figura de *Orthia* e suas prováveis mobilizações pelos cultuadores e cultuadoras.

⁹¹ BEVAN, op. cit., p. 107; destacamos esse dado em específico pela semelhança com os achados no santuário de *Orthia*, todavia, a autora ressalta a existência de deposição em outros santuários associados a *Artêmis* de composições que unem a deusa e o animal em questão.

⁹² Ibid., p. 108-110; e importante marcar, todavia, que a principal evidência indicada pela autora para tal é justamente o aumento expressivo de figuras de chumbo associadas ao cervo no santuário de *Orthia* durante o século VI a.C..

⁹³ Tal processo é sugerido já pelas arqueólogos que escavaram o santuário, mas não é desenvolvido extensamente nos relatórios; Bevan também apoia tal visão a respeito do tópico; cf. DAWKINS, 1929, p.283-284 e BEVAN., op. cit., p. 112-113. Apontamos, no entanto, que não há como precisar o início ou o final de tal processo, uma vez que *Artêmis* é apenas uma das deusas a partilharem características com o modelo da *Potnia Theron* que parece dominante no santuário no período arcaico, e que o emprego do termo *Artemis Orthia* como principal denominação associada ao santuário é consideravelmente posterior ao período estudado aqui.

Quanto ao leão nos foi possível perceber que sua representação é marcada pelas dinâmicas “caçador – presa” e “cultura – natureza”, sendo marcada, por um lado, por sua força e coragem, e, por outro, pelas intenções destrutivas, sendo o animal visto como dominante nos espaços selvagens e oferecendo risco constante ao homem. Quando, por associação com a fera, tais valores são projetados sobre os guerreiros, vemos exaltada a força e a capacidade de causar o caos, haja vista que o alvo de ambas é, frequentemente, o inimigo em uma guerra. Se, no entanto, a potência que garante a vitória nos embates é tida em alta conta, o risco do destempero e da agressão mal direcionada – que fira aos seus – é constantemente observado; assim sendo, aqueles que lutam desejam pujança comparável, mas também o como controlá-la adequadamente. A deusa, por sua vez, quando colocada em combinação com a fera, tal qual *Potnia Theron*, exerce uma postura dominante, segurando-a pelas patas ou pelo rabo; através de tal representação, vemos o domínio desta sobre o espaço selvagem e sobre as potências encarnadas na figura do leão. Dessa maneira, podemos supor que tais relações pudessem ser mobilizadas também em momentos de culto, na medida em que homens jovens – ressalte-se mais uma vez o aspecto liminar de que era dotado o espaço – e adultos espartanos depositariam no santuário suas ofertas buscando atingir, por intermédio da deusa, a força do leão e controle para não praticar ações desmesuradas.

Sobre o cavalo pudemos perceber o destaque dado a sua beleza, força e velocidade, sua estreita associação com contextos de competição e de guerra, e a relação com a riqueza e a aristocracia num conjunto de representações de tom marcadamente positivo, onde os temas da “potência” e do “controle” voltam à tona, e que evocava relações com o masculino e o feminino. De modo semelhante ao ocorrido com o leão, quando o animal é colocado junto à *Orthia* na documentação material, a representação explicita a relação de forças que tende em favor da deusa – mãe da divindade sobre a cabeça da criatura ou cavalgando-a, por exemplo. Dadas as semelhanças com o caso do leão, compreendemos que para os homens jovens e adultos a lógica presente em votivos em que o cavalo fosse uma das figuras centrais se parecesse também com àquela referente à fera, de maneira que suas intencionalidades estivessem ligadas aos desejos de intermédio para obtenção da “força” e do “controle”/“domesticação” que lhes permitiria alcançar a excelência. Por fim, identificamos que na rede de associações simbólicas de *Orthia* o cavalo, como sugerem as romãs colocadas em associação com o animal e a deusa, possui ainda uma relação com feminino que parece se realizar no

processo de superação da infância e incorporação, passagem ao status de mulher e cidadã.

Em seguida analisamos as aves, sendo capazes de identificar a relevância dos temas em destaques: o consumo da carniça, os augúrios, e os embates entre caçadores e presas. Percebemos que este último tópico corta o conjunto dos animais de maneira relevante, separando os pássaros entre os de rapina e os demais. Os primeiros, dotados de potencial destrutivo semelhante ao dos leões, dominantes no céu; os aquáticos e de pequeno porte, marcados pela passividade e fragilidade, por vezes associados à fertilidade. Um grupo geralmente relacionado aos guerreiros de forma positiva, o outro, ligado aos mesmos de modo negativo, ou, eventualmente, também às mulheres. Vimos também que, independente do grupo, ao serem colocadas em composição com *Orthia*, às aves é imposta a mesma postura: submissão – marcada frequentemente pela mão da deusa a envolver o pescoço das criaturas. Assim sendo, compreendemos que a deposição de tais peças sugere sentidos e lógicas similares às dos animais trabalhados anteriormente: jovens do sexo masculino e feminino depositam no santuário seus dons imbuídos da intenção de conseguir o favor da deusa para atingir a força destrutiva ou criativa que lhes permitirá cumprirem seus papéis na sociedade. Avaliamos ainda a figura do galo que, escapando à documentação literária selecionada, é, todavia, conforme discorreremos, representada com grande frequência em objetos independentes no santuário, o que supomos, desenvolva laços com o *agon* guerreiro ou com elementos apotropaicos.

Ao final, lidamos com as representações dos cervos, para os quais o eixo “caçador – presa” também é dotado de grande relevância, sendo os animais em questão relegados à posição do caçado, e, em decorrência disso, frequentemente imaginados como impotentes, de modo que a associação com o guerreiro, quando ocorre, é dotada de contornos pejorativos. Diferentemente do ocorrido com os demais animais, como vimos, o cervo não tem lugar em composições ladeado por *Orthia*, mas cresce vertiginosamente em números de deposição em chumbo no século VI a.C., ultrapassando em volume todos os outros. Tal fato, enfim, evidencia o processo de transformação no culto e na rede simbólica da deusa corrente no final do período arcaico.

Em suma, a análise das representações dos principais animais presentes no conjunto dos objetos votivos depositados no santuário de *Orthia* nos permite entrever a importância do modelo da *Potnia Theron* em meio à rede de associações simbólicas que

se estrutura em torno da deusa. As imagens da divindade subjugando leões, domesticando cavalos e controlando as aves implicam em geral um domínio sobre a esfera selvagem, mas, em específico, sugerem também o controle sobre as potências particulares dos animais em destaque, sejam essas criadoras, ou destrutivas. As ofertas materiais permitem ainda que infiramos sobre a intencionalidade dos cultuadores e cultuadoras, desejosos, cremos, da influência da deusa para desenvolver os valores positivos associados aos animais elencados, e reprimir os riscos associados aos negativos. Ainda que a especificidade dos ritos que teriam lugar no santuário não possa ser definida, dada a disposição espacial do mesmo discutida no capítulo anterior e os temas supracitados, podemos supor que, ao menos entre os séculos VII e VI a.C., o local e a deusa estivessem relacionados ao processo de superação da infância e incorporação efetiva dos jovens na sociedade espartana enquanto homens e mulheres com papéis esperados a desempenhar. Por fim, o rápido crescimento da figura do cervo durante o século VI a.C. aponta para uma transformação no culto e na rede de associações simbólicas da deusa, que se dá, provavelmente, em função do amálgama em curso de *Orthia* com *Artêmis*, resultando na incorporação de novos elementos, perda de outros e em ressignificações.

CAPÍTULO 3: FIGURAS HUMANAS, A CERÂMICA E AS MÁSCARAS

A análise do imaginário acerca dos animais mais frequentemente representados entre os objetos votivos dedicados no santuário de *Orthia* nos permitiu avaliar elementos que parecem dotados de grande relevância na rede de associações simbólicas que se estrutura no culto da deusa. Todavia, ainda que estes se apresentem marcadamente numerosos, as expedições da *British School at Athens* no local trouxeram à tona e registraram grande variedade não abordada até então neste texto. Assim sendo, no presente capítulo nos dedicaremos à investigação de parte destacada de tais objetos, visando contribuir para a composição do quadro que viemos construindo ao longo de nossa pesquisa; para tal, nos voltaremos em especial para: (.1) as representações de homens e mulheres; (.2) a cerâmica de vasos; e (.3) as imitações de máscaras.

3.1 – *Representações de Homens e Mulheres na Cultura Material*

Em meio à miríade de objetos votivos presentes no santuário de *Orthia* e correspondentes ao intervalo estudado, as representações de figuras com traços humanos tem posição de destaque; previamente, mencionamos apenas as representações de guerreiros, de devotas e aquelas identificadas com a deusa, mas tais ofertas são dotadas de considerável variedade, visível nas formas, materiais e popularidade. Nesta seção nos dedicaremos à análise das figuras masculinas e femininas, primeiro quando dispostas em separado, e, em seguida, nas aparições em conjunto.

3.1.1 Representações masculinas

As representações de figuras masculinas se distribuem por grande parte dos tipos de materiais encontrados no sítio, embora, quando comparados aos demais artefatos votivos analisados, estejam presentes de maneira evidente entre as qualidades mais simples e “grosseiras”: a cerâmica feita à mão e as pequenas peças de chumbo produzidas em massa. Abaixo discorreremos brevemente acerca de tais objetos, procurando estabelecer suas relações com a deusa e as atividades cultuais que tinham lugar no santuário quando possível.

A primeira categoria que devemos abordar é a das figuras de terracota produzidas à mão de maneira rudimentar¹ – e, portanto, supostamente relacionadas a grupos que dispunham de menos recursos, ainda que as reformas que tomem curso em Esparta durante o período arcaico tornem tal interpretação mais incerta. Dos quase trezentos exemplares encontrados, a grande maioria parece representar homens – haja vista a presença de barba e o estado itifálico de algumas das figuras –, que se distribuem entre os seguintes tipos: corpo colunar e braços abertos de composição muito simples; agachados; em pé, com uma mão sobre a cabeça e outra na genitália; em pé, com as pernas apartadas, provavelmente associadas a estatuetas de cavalos; em composição com que o que parece representar uma pequena mesa; e, de maneira excepcional, um homem carregando um animal sobre os ombros, outro tocando flauta e um terceiro portando um saco. Entre tais modelos, os dois primeiros listados dispõem de números consideravelmente superiores aos demais; todavia, a grande quantidade de fragmentos que não podem ser claramente alocados a um grupo impede que a frequência dos tipos seja definida com clareza. Enquanto as figuras de corpo “colunar” talvez possam ser lidas como representantes genéricos dos cultuadores, as associadas a cavalos indiquem anseios ligadas à performance guerreira, a do homem que porta o animal e a do flautista, respectivamente, referenciem os sacrifícios e música que se realizariam durante as atividades culturais, pouco mais pode ser inferido a partir de tais votivos.

Ainda entre as figuras de terracota, mas, desta vez, feitas a partir de moldes, é possível identificar uma pequena quantidade de representações de homens nus², que, em sua maioria, têm os braços dispostos para baixo em postura semelhante a de *kouroi*, muito embora grande parte apresente a barriga protuberante ou esteja quebrada na altura do joelho. Ainda que novamente disponhamos de pouco para tentar traçar uma interpretação acerca de tais imagens, se tomarmos como base a relação simbólica com os *kouroi*, é possível estabelecer um laço entre tais objetos e os jovens envolvidos no processo de abandono da infância e ingresso na vida adulta. Alguns exemplares de representações de jovens nus também têm lugar entre as peças de marfim, todavia, a semelhança com o modelo dos *kouroi* é menor, com um dos objetos apresentando uma composição bem diminuta e simples, enquanto o outro apresenta feições mais exageradas e segura cachos do cabelo com as mãos.

¹ Cf. Repertório, objeto 007.

² Cf. Repertório, objeto 005.

Seguindo adiante, podemos destacar as representações dos homens enquanto guerreiros³ – as mais comuns entre as figuras masculinas –, presentes tanto em materiais valiosos durante o VII século a.C., como, muito frequentemente, em meio as peças de chumbo que ganham muita força ao longo do VI a.C. Dentre estas, a primeira categoria é a das aparições na cerâmica: ainda que não de maneira tão frequente quando as representações de animais, os fragmentos encontrados nos permitem entrever homens vestidos com armaduras ou montados à cavalo⁴. Tais tipos de composição também se fazem presentes entre as *fibulae* de marfim, onde é possível discernir ainda representações que colocam o homem frente a animais reais ou míticos⁵. Por fim, conforme apontado anteriormente, é grande o número de pequenas figuras de chumbo que podem ser identificadas enquanto guerreiros – majoritariamente portadores de escudo e lança, mas há casos em que seguram arcos. Tomadas em conjunto, tais representações dão conta da relevância do elemento masculino na rede de associações simbólicas que se estrutura no âmbito da deusa, e, da relação desse com a prática bélica, o que, seguindo o sentido que pudemos construir até então a partir da análise dos objetos votivos encontrados no santuário, tem lugar em função do laço que se estabelece entre o exercício de tal atividade, o alcance do status de homem e integração efetiva na comunidade, gozando da cidadania plena⁶.

Para além dos casos discutidos acima, as representações masculinas tomam algumas formas excepcionais cujo encaixe em uma categoria ampla é mais difícil, tanto por sua especificidade, quanto por seu número relativamente reduzido. O primeiro destes exemplos se encontra ainda entre as estatuetas de bronze do período geométrico⁷, em que podemos identificar a figura de um homem sentado com a mão no queixo. Voltando-nos agora para as peças de marfim, vemos frequentemente imagens talhadas na base de representações de animais deitados, algumas das quais representam homens em posturas variadas, como, por exemplo, dançando; além de tais peças, é possível identificar entre as *fibulae* e como releve sob a base de uma figura de animal deitado representações de um homem alado segurando duas aves pelo pescoço ou pelas patas, em composições semelhantes ao modelo da *Potnia Theron*. Por fim, tal qual entre as

³ Cf. Repertório, objetos 001, 002, 003 e 004.

⁴ Cf. Repertório, objeto 069.

⁵ Ressaltamos que as representações encontradas nos pentes de marfim dispostos no santuário frequentemente apresentam temática semelhante.

⁶ Sem que se esqueça as especificidades do caso espartano e as transformações que tem lugar durante o período arcaico, o que talvez tenha relação com a popularização de tal forma de representações de guerreiros em chumbo.

⁷ Cf. Repertório, objeto 010.

figuras feitas à mão de terracota, é possível que identifiquemos músicos entre as pequenas peças de chumbo, tocadores da flauta ou da lira⁸; ademais, em semelhante material e tipo de produção, distinguimos a presença de representações de outros deuses – marcadamente⁹, Poseidon, portando um tridente, e Hermes, de posse do caduceu. Quanto ao primeiro objeto citado, não nos parecem evidentes relações simbólicas que possam vir a ser estabelecidas a partir do mesmo dentro do contexto específico do culto da deusa. Já as eventuais representações de dançarinos ou músicos parecem referenciar de modo genérico às práticas que poderiam ter lugar no santuário. As figuras de outros deuses, podemos supor, se justificariam por uma eventual convergência simbólica, de modo que os valores ou potências projetados sobre *Orthia* também estivessem relacionados a outras divindades, ou, também, por uma proximidade espacial dos locais de culto. As peças destacadas restantes, os homens alados¹⁰, provavelmente tratam-se de contrapartes orientais da *Potnia Theron*, que, dada a pequena frequência de representações, não parecem ter papel de grande relevância na rede de associações que se estabelece no contexto cultural da deusa em Esparta, mas que contribuem para reforçar a influência simbólica e artística do oriente sobre o mundo helênico durante o período arcaico, em especial durante o “fenômeno” orientalizante, no VII século a.C.

3.1.2 Representações femininas

Havendo analisado as representações masculinas, nos voltamos agora para as femininas; também distribuídas por grande parte dos tipos materiais encontrados no santuário, mas dotadas de números consideravelmente mais expressivos – uma vez que se incluem aqui também as possíveis imagens de *Orthia*. Tal como feito acima, discorreremos acerca das representações femininas, estabelecendo, quando aparente, sua relação com a rede de associações simbólicas que se estrutura no âmbito da deusa e com seu culto.

No capítulo anterior, ao percorrer o imaginário acerca dos principais tipos de animais que tem lugar no santuário e o modo como esses estabelecem laços com a figura de *Orthia*, nos foi possível, apesar da frequente semelhança da imagem da deusa com as de suas devotas, delimitar alguns elementos que, de modo geral, indicam que um

⁸ Cf. Repertório, objeto 011.

⁹ Cf. Repertório, objeto 056.

¹⁰ Cf. DAWKINS, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929, PL. XCIX.

determinado objeto trata-se de ou contém uma representação da divindade: a presença de asas atreladas à figura feminina e/ou a colocação de animais em relação direta com a mesma¹¹. Nesses moldes, conforme visto no capítulo anterior, nos foi possível identificar uma série que se distribui entre os objetos de terracota, marfim e chumbo. Entre os artefatos votivos do primeiro material destacado podemos ressaltar: estatuetas feitas a partir de moldes que apresentam a deusa em pé com *polos* e vestes longas, segurando com a mão a pata de um leão, enquanto dispõe a outra sobre sua cabeça; pequenos objetos, também feitos a partir de moldes, que talvez constituíssem pingentes onde se veem cabeças femininas em meio a outras duas de cavalos; figuras que combinam cabeças feitas a partir de moldes e corpos feitos à mão, colocadas de lado sobre cavalos também feitos à mão¹². O segundo material é representado por uma considerável quantidade de *fibulae* de marfim que apresentam imagens influenciadas pelo modelo oriental da *Potnia Theron*, apresentando uma figura feminina alada segurando pelas patas ou pescoços aves aquáticas, de rapina e leões¹³. Enfim, em meio ao terceiro material é possível identificar: uma gama de representações de pequenas figuras femininas com asas, usando *polos* e longas vestes, eventualmente segurando animais ou guirlandas¹⁴; exemplares de pingentes que associam uma figura feminina, cabeças de cavalo e frutos de romã; e figuras sólidas em que a deusa alada segura leões pelas patas ou pelas causas, eventualmente estando acompanhada de devotas que a ladeiam portando guirlandas¹⁵. Conforme disposto anteriormente, as posturas específicas em que a deusa é colocada em relação aos animais sugerem domínio sobre as potências selvagens por eles representadas, o que reforça o aspecto de *Potnia Theron* em sua identidade.

Enquanto as imagens supracitadas oferecem leituras evidentes da presença da deusa, há ainda uma série de outros objetos que podem ser lidos como tal, ainda que não contenham os elementos destacados acima. Em primeiro lugar podemos apontar uma série de estatuetas de terracota, feitas a partir de moldes – em sua grande maioria, ao

¹¹ Um porém deve ser estabelecido, entretanto, quanto ao critério da relação com os animais, uma vez que, ainda que bem eventualmente, há representações de aves associadas a outras divindades femininas entre os objetos votivos dedicados no santuário.

¹² Cf. Repertório, respectivamente, objetos 012, 013 e 014.

¹³ Cf. Repertório, respectivamente, objetos 015, 016 e 017.

¹⁴ Objeto cujas miniaturas em chumbo correspondem à parte dominante do que foi depositado no santuário. É certo que tais guirlandas possuíam sentidos específicos associados a deusa e aos ritos performados no santuário, todavia, em decorrência do estado da documentação, não nos é possível elaborar em detalhe acerca dos valores que lhes eram atrelados.

¹⁵ Cf. Repertório, respectivamente, objetos 020, 018 e 019.

menos, com poucos exemplos semelhantes feitos à mão – que apresentam figuras femininas em pé, com os braços junto ao corpo, usando longas vestes, por vezes dispondo também de *polos*¹⁶. Somadas a elas podemos indicar uma placa de marfim e pequenas peças em osso que apresentam figuras femininas com características semelhantes, e que, por sua vez, são acompanhadas de outras onde a representação se vale apenas de um rosto com *polos* e um relativamente longo corpo “colunar” segmentado¹⁷. Tais objetos, dadas suas frequências e supostos paralelos com o *xoanon* da deusa, foram considerados representações de *Orthia*¹⁸. Seguindo adiante, podemos identificar um pequeno grupo de votivos onde se percebe a colocação de duas figuras femininas entronadas lado a lado, havendo, em um dos casos ainda a representação de dois pequenos cavalos sob o assento¹⁹, composições semelhantes àquela encontrada por Marinatos na análise do santuário da *Potnia Theron* de Prínias em Creta²⁰, o que talvez sugira um relação entre o modelo e as características do tipo de divindade cultuada no local. Embora não possamos ter clareza a respeito disto, se assumimos que uma das figuras representaria *Orthia*, podemos supor que a outra seria *Ilítia*, cujo nome tem lugar em objetos encontrados no santuário²¹. Assim sendo, a colocação dos cavalos na composição reforçaria o caráter dominante da deusa estabelecido no capítulo anterior. Para além das duplas entronadas, foi encontrada no santuário considerável quantidade de figuras femininas sentadas em tronos feitas à mão em terracota²², na base de animais deitados de marfim, e, também, em entalhes de osso, que, seguindo o exposto acima, provavelmente representariam *Orthia*²³.

Destacamos agora a existência entre os objetos votivos encontrados no santuário de uma pequena quantidade de representações em terracota e uma peça de pasta vítrea onde se identificam figuras femininas nuas cujos braços se encontram dispostos ao lado do corpo, ou cobrindo a genitália, algumas tendo sido produzidas à mão, enquanto

¹⁶ Cf. Repertório, objeto 022.

¹⁷ Cf. Repertório, objetos 027 e 029.

¹⁸ DAWKINS, op. cit., p.146 e 218.

¹⁹ Cf. Repertório, objeto 031.

²⁰ MARINATOS, Nanno. *The Goddess and the Warrior. The Naked Goddess and Mistress of Animals in the Early Greek religion*. London-New York, 2000, p. 085-086.

²¹ Como por exemplo, num dado de bronze, similar a outro dedicado em nome de *Orthia*; Cf. DAWKINS, op.cit., p. 202 e 370.

²² Nós poderíamos adicionar a este grupo as representações que unem cabeças feitas em moldes e corpos sentados feitos à mão, muito embora os tronos desses modelos tenham se perdido. Outra possibilidade para tais peças, todavia, é de que estivessem dispostas sobre cavalos, tal qual outro tipo analisado anteriormente.

²³ Cf. Repertório, respectivamente, objetos 023 e 030.

outras o foram a partir de moldes²⁴. Retornando a análise de Marinatos acerca do santuário de Prinias, ressaltamos que, tal qual no caso das duplas de figuras femininas entronadas, semelhantes imagens são percebidas no local; tratando-se assim, segundo a autora, de outra faceta das representações da *Potnia Theron*, combinando o poder da sexualidade e aquele necessário para subjugar os animais, a deusa despida, tal qual a vestida, estaria associada aos guerreiros a cavalo²⁵. À luz desse paralelo, nos é possível presumir que a representação discutida se encaixa na rede de associações simbólicas que se estrutura no culto de *Orthia*, reforçando os elementos abordados no capítulo anterior acerca das relações entre os guerreiros, os animais e a divindade.

Tendo até então abordado majoritariamente objetos que parecem representar *Orthia*, nos voltamos neste momento para figuras de outro grupo. Em primeiro lugar podemos destacar uma pequena quantidade de peças de bronze que apresentam figuras femininas com vestes longas e braços arqueados portando objetos²⁶. Posturas semelhantes a essa podem ser identificadas nas representações em outros materiais. Entre a miríade de pequenos votivos de chumbo, feitos em massa a partir de moldes, mulheres, dispostas de lado, com longas vestes e *polos*, carregando objetos não identificáveis, tem posição destacada, sendo um dos temas mais frequentemente vistos em tal meio²⁷. Ainda entre os objetos de chumbo, nos voltando para as figuras sólidas, é possível que discernamos algumas peças que aparecem apresentar composição igual às de bronze supracitadas – todavia, nesse caso, o estado de conservação das mesmas nos impede de determinar com clareza as características da representação²⁸. Por fim, podemos destacar dois exemplares em marfim e osso: um, sob uma das figuras de animais deitados produzidas, há um relevo em que se veem duas mulheres, dotadas de longas vestes, mas sem *polos*, que se encontram viradas uma para a outra, portando objetos e de mãos dadas; dois, em algumas placas é possível distinguir uma figura feminina dotada de longa veste e polos voltada para o lado e portando objetos²⁹. Tomando o conjunto dos exemplos, apontamos que o que se encontra de posse das figuras femininas pode ser dividido em três categorias: guirlandas, as mais frequentes

²⁴ Cf. Repertório, objeto 024.

²⁵ MARINATOS, op. cit., p. 011-013 e 071-073. A autora não deixa de ressaltar a influência oriental na produção de tais representações no mundo helênico.

²⁶ Cf. Repertório, objeto 026.

²⁷ Cf. Repertório, objeto 033.

²⁸ Cf. Repertório, objeto 032.

²⁹ Cf. Repertório, objetos 034 e 028.

entre as figuras de chumbo e no geral; objetos redondos de difícil identificação³⁰, presentes entre as peças de bronze, marfim e em alguns exemplares de chumbo; e, folhas de palmeira, presente em apenas um modelo entre os votivos de chumbo. Tais representações, que, muito provavelmente, podem ser lidas como figuras das cultuadoras, dão conta, por seu volume, da extensão da participação feminina do culto, além de sugerir padrões de oferta relacionados à atividade cultural que tinha lugar no santuário.

Veremos agora a miscelânea de objetos difíceis de sortear entre os demais grupos. Em primeiro lugar, podemos destacar a existência de *protomai* em bronze, marfim, osso, e chumbo, geralmente representando rostos de figuras femininas, por vezes, dotados de *polos* e contemplados com incisões na face de trás³¹. Em segundo, ressaltamos a existência de um pequeno amuleto retangular em prata que apresenta uma representação feminina entronada, dotada de vestes, coroa e véu, com a mão esquerda levantada, e que tem dois pássaros a seu lado; identificada como Hera pelos arqueólogos³², a representação aponta a identificação das aves com outras divindades, tal como poderia sugerir a associação entre a *Potnia Theron* e outras deusas³³. Em terceiro, podemos apontar entre as pequenas figuras de chumbo, representações de mulheres tocando flauta, o que, tal qual no caso masculino, aponta para o tipo de atividade que teria lugar no santuário³⁴. Em quarto lugar, destacamos duas peças de marfim: um provável pingente que apresenta duas figuras femininas dotadas de longas vestes, aparentemente viradas uma para a outra e de mãos unidas; uma placa que contém uma representação semelhante, mas na qual as mulheres se encontram com os braços cruzados³⁵. Tais imagens reforçam a associação do culto também com o feminino e a participação de jovens e mulheres espartanas no mesmo. Por fim, em quinto lugar, apontamos para dois pequenos fragmentos de uma placa de marfim onde podemos identificar uma figura feminina, dadas as longas vestes, que porta uma guirlanda e parece dispô-la sobre a cabeça de uma criança³⁶. Tal representação talvez

³⁰ Uma possibilidade, todavia, seria a identificação de tais objetos com romãs, dada a representação de tal fruta se fazer presente de diversas outras formas no santuário, conforme indicado anteriormente.

³¹ Cf. Repertório, exemplar em bronze pode ser visto no objeto 025.

³² DAWKINS, op.cit., p.384; Cf. Repertório, objeto 021.

³³ No entanto, não se quer com isso excluir a possibilidade de que o objeto tenha sido dedicado fundamentalmente em função de seu valor material, haja vista as já discutidas implicações da competição aristocrática por status.

³⁴ Cf. Repertório, objeto 035.

³⁵ Cf. Repertório, o segundo exemplar destacado pode ser visto no objeto 037.

³⁶ Cf. Repertório, objeto 064.

desenvolvesse relação com algum rito que tivesse lugar no santuário; todavia, dado o estado da peça, muito pouco é ofertado para que se elabore uma interpretação mais profunda.

3.1.3 Representações de Homens e Mulheres em Associação

Havendo analisado as representações masculinas e femininas que podem ser encontradas no santuário de *Orthia*, nos voltamos agora para aquelas que combinem os dois elementos em sua composição³⁷. Presentes quase exclusivamente entre os objetos feitos em marfim, tais representações parecem ser mais incomuns do que as demais trabalhadas até então, sendo o conjunto estabelecido a partir de peças únicas ou com pouquíssimos exemplares semelhantes. Abaixo descreveremos os objetos e, quando possível, procuraremos estabelecer interpretações que desenvolvam relações com a rede de associações simbólicas que se estrutura no entorno de *Orthia*.

O primeiro entre tais objetos que destacamos é um pente de marfim de topo arredondado que, em uma de suas faces, dispõe da representação de um homem sentado em um trono de frente para três figuras femininas dotadas de longas vestes, uma das quais porta um elmo, enquanto as demais são acompanhadas por aves – uma de pequeno porte, a outra aquática³⁸. Tal composição, que sugere a escolha de *Páris*, não parece operar nenhuma relação de sentido específico com o culto da deusa – visto que nenhuma das supostas deusas representadas assume características mais especificamente associadas à *Orthia*, e que *Artêmis* também não se encontra presente –, mas nos ajuda a perceber os laços de alguns pássaros com outras divindades femininas³⁹, e, também, pela temática da competição quanto à beleza, produzida sobre um objeto cuja função é o

³⁷ Deixaremos de fora de tal análise, todavia, duas placas de marfim encontradas no santuário de *Orthia*. Nelas, embora homens e mulheres estejam presentes, a relação entre eles não parece de maior relevância para o valor simbólico do objeto, e ambas parecem estabelecer relações com o contexto funerário, destoando dos demais objetos encontrados no santuário, o que poderia sugerir que tais objetos tivessem sido doados exclusivamente por seu valor, e não por uma associação simbólica com a deusa, o santuário ou o culto. Sobre tais placas, cf. FRAGKOPOULOU, Florentia. “Sanctuary dedications and the treatment of the dead in Laconia (800–600 BC): the case of Artemis Orthia”. IN: Cavanagh, H. ; WG Cavanagh et J. Roy, (éd.): *Honoring the Dead in the Peloponnese*. Proceedings of the Conference held at Sparta, 23-25 April, 2009, p. 84-94.

³⁸ Cf. Repertório, objeto 061. Nota-se que em sua outra face o pente apresenta a representação de um homem posto de cabeça para baixo entre duas esfinges.

³⁹ Bevan ressalta como representações de aves aquáticas eram frequentemente ofertadas à divindades femininas. Cf. BEVAN, Elinor. Representations of animals in sanctuaries of Artemis and of other Olympian deities. University of Edinburgh, 1985, p. 042-044.

cuidado pessoal, especialmente das mulheres, reforça o elemento feminino na rede simbólica do santuário e do culto.

O segundo objeto a ser destacado é uma placa de marfim cujo formato se aproxima do de um semicírculo⁴⁰. Nela podemos identificar uma borda dotada de treze espaços que parecem designados para o preenchimento com materiais preciosos, peixes demarcando o mar, um barco com uma inscrição dedicatória para *Orthia* e repleto de guerreiros que fazem os preparativos para a partida, enquanto um dos homens, seguro à popa, parece despedir-se uma mulher – sua cōnjuge, supomos –, que se encontrada ladeada por uma ave de pequeno porte. Embora tal representação não pareça desenvolver relação específica com os elementos centrais do culto discutidos até então, é possível perceber relações indiretas com alguns dos componentes fortes debatidos: há referência à guerra e ao casamento, e, portanto, ao homem e a mulher espartanos em exercício dos papéis principais que lhes eram impostos pela sociedade. A deposição de uma tal peça poderia estar relacionada a demandas individuais, ou, também, à competição aristocrática por *status*, dado o fato de que certamente se tratava de um objeto de elevado valor.

O terceiro e o quarto objetos que podemos destacar são placas de *fíbula* de marfim⁴¹: em uma, os fragmentos permitem entrever uma figura feminina e uma masculina, uma de frente para a outra, ambas segurando juntamente duas guirlandas, dispostas no centro da imagem; em outra, a composição se dá de maneira semelhante, mas apenas a mulher segura uma única guirlanda, enquanto o homem segura seu pulso. Tal tipo de representação, sugestiva de um casamento, reforça a relação entre a deusa e a superação da infância pela inserção na sociedade enquanto homens e mulheres, uma vez que o casamento era uma etapa importante no processo de maturação, marcando, em Esparta, a entrada efetiva no seio da comunidade *políade*⁴². Ainda que não disponhamos de suficiente para elaborar acerca de interpretações, cabe ressaltar que outra peça se constrói a partir de um modelo que apresenta semelhanças – marcadamente, um homem e uma mulher de frente um para o outro, com um objeto centralizado: o quinto objeto, outra placa de *fíbula* em marfim, em que a figura centralizada é remanescente de uma planta de tipo indefinido.

⁴⁰ Cf. Repertório, objeto 065.

⁴¹ Cf. Repertório, respectivamente, objetos 036 e 037.

⁴² MARINATOS, op. cit., p. 105.

O sexto e o sétimo objetos que trabalharemos são uma placa de marfim que apresenta uma figura masculina vestida centralizada e com a face voltada para frente, mas os pés colocados de lado que, por sua vez, é acompanhada por duas figuras femininas dotadas de longas vestes e de *polos*⁴³, dispostas viradas para o centro e segurando as mãos do homem; e uma outra de terracota, em que podemos perceber uma composição similar, mas onde as figuras se encontram nuas e voltadas para frente, as mulheres cobrindo a genitália com a mão⁴⁴. Encontrada em outros santuários associados à *Potnia Theron*, conforme ressaltava Marinatos, o modelo, cujos paralelos podem ser encontrados nas regiões do Egito e da Síria, pressupõe a presença de duas deusas – geralmente representadas nuas no oriente, mas frequentemente vestidas pelos helenos – protetoras e um guerreiro⁴⁵. Não cremos ser possível precisar a identidade das figuras em questão; todavia, o sentido apotropaico e a relação de tal tipo de composição com os santuários associados a *Potnia Theron*, reforçam o laço entre *Orthia* e os jovens guerreiros espartanos.

3.1.4 Balanço

Ainda que a documentação de que dispomos e os paralelos que possam ser traçados não nos permitam avançar muito sobre as lacunas existentes no que concerne à interpretação de grande parte dos objetos votivos encontrados no santuário de *Orthia*, por meio da análise das representações masculinas e femininas presentes entre os objetos ofertados para a deusa nos foi possível aprofundar nossa compreensão acerca da rede de associações simbólicas que se estrutura no âmbito da divindade. Os paralelos com o modelo da *Potnia Theron* em outras localidades nos permitiram melhor discernir as relações estabelecidas entre a divindade e os guerreiros, bem como a análise das figuras femininas nos permitiu entrever outros aspectos da representação de *Orthia* e reforçar os elementos previamente discutidos sobre a mesma e acerca das participações das mulheres e dos homens espartanos no culto.

3.2 – As transformações da cerâmica

⁴³ Assim podemos supor completando as formas por comparação a partir dos fragmentos.

⁴⁴ Cf. Repertório, respectivamente objetos 038 e 039.

⁴⁵ MARINATOS, op. cit., p. 079-086.

Os vasos de cerâmica correspondem, de maneira geral, a uma parcela importante dos objetos escavados junto aos santuários antigos, tendo sido aí depositados imbuídos de uma intenção votiva, ou pelo descarte após a utilização em meio aos ritos que tem lugar em cada local⁴⁶. De um modo ou de outro, eles podem nos ajudar a compreender elementos das atividades que se desenvolvem no culto, aspectos das redes de associações simbólicas relacionadas às divindades a eles associadas, e dos processos em curso na sociedade que o cerca. Assim sendo, nesta seção nos voltaremos à realização de um histórico das transformações da cerâmica no santuário de *Orthia* até finais do século VI a.C.

Enquanto alguns fragmentos associados ao estilo *protogeométrico* possam ser encontrados no santuário da deusa (em menor escala, estabelecendo comparação com o que foi recuperado em Amicleia⁴⁷), nosso foco aqui se volta primeiramente para o *geométrico*, que toma forma na Lacônia por volta de 750 a.C., sendo marcantes as “influências” coríntia e argiva – evidentes, por exemplo, na importação de vasos de tipo *protocoríntio*, que se dá, ainda que timidamente, a partir dos anos finais do século VIII a.C., e na eventual introdução de figuras humanas e fileiras de animais, especialmente no período transicional, já que num primeiro momento representações figurativas são raras⁴⁸. Diferentemente dos demais santuários principais de Esparta onde tais tipos de cerâmica são encontradas, os fragmentos escavados no espaço sagrado à *Orthia* são majoritariamente cobertos pelo revestimento em barbotina, ainda que grande parte também apresente decoração muito simples – com destaque para os exemplares ornados apenas com linhas paralelas; tal condição levou os responsáveis pela escavação a considerar os achados deste local posteriores aos dos demais⁴⁹. Outra particularidade da cerâmica geométrica disposta no santuário é que, ao menos até pouco depois do final do século VIII a.C., a maior parte dos fragmentos encontrados indicavam que o vaso mais ofertado era a *pyxis*⁵⁰, o que poderia apontar para uma relação mais estreita com o feminino em períodos mais recuados.

⁴⁶ Ressalta-se todavia que tal diferença é difícil de precisar no santuário de *Orthia*, uma vez que não pareceu ser um dos focos dos relatórios produzidos pela equipe de escavação.

⁴⁷ PIPILI, Maria. “Laconian Pottery” POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017, p. 124-125.

⁴⁸ COOK, R. M. *Greek Painted Pottery*. Londres e Nova York: Routledge, 1997, p. 26 & DAWKINS, op.cit., p. 54 & PIPILI, op.cit., p. 124-125.

⁴⁹ DAWKINS, op.cit., p. 62-63.

⁵⁰ Ibid., p. 60. O relatório não explicita se tal dado é extensível ao período transicional, ressaltando apenas que tal estilo figurou principalmente em vasos de dimensões maiores e que a proporção de achados que a ele correspondem é comparativamente pequena. Cf. Ibid., p. 66. Sobre as formas de preferência associadas ao período geométrico, cf. PIPILI, op.cit., p. 124-125.

Seguindo adiante, podemos identificar o estilo que se convencionou chamar de Lacônico I⁵¹, que toma forma por volta de 650 a.C, pontuado, segundo aponta Pipili, por experimentação e inovação, que podem ser vistas, por exemplo, na introdução do pigmento roxo e na difusão de uma barbotina branca⁵². Contemporâneo do período de grande difusão da cerâmica *protocoríntia*⁵³ – único outro tipo regional presente nos grandes santuários de Esparta –, o estilo apresenta “influência” do mesmo e marcas orientalizantes⁵⁴, presentes nas ainda incipientes representações figurativas⁵⁵, enquanto, todavia, em grande parte é tomado por uma padronagem decorativa relativamente uniforme⁵⁶ e, em alguma medida, ainda geométrica⁵⁷. O que chama nossa atenção, no entanto, é a transformação das formas dos vasos ofertados: os arqueólogos ressaltam que a *pyxis*, anteriormente dominante, é abandonada no estilo Lacônico, e os principais modelos encontrados em quantidade no santuário são o prato, a bacia, a *lakaina* e o *skyphos*. Muito embora tal mudança aponte no sentido de alterações mais amplas na produção cerâmica espartana, não é excluída a possibilidade de que modificações de maior ou menor escala se operassem no culto, uma vez que a *pyxis* não é substituída por vasos com atribuições semelhantes, mas por outros dotados de funções associadas ao consumo do vinho e da comida.

A passagem do Lacônico I para o Lacônico II é convencionalmente estabelecida por volta de 620 a.C.. Nesse período a “influência” da cerâmica orientalizante coríntia se intensifica e é introduzida a técnica de figuras negras⁵⁸, sendo também reforçados os demais elementos presentes no momento anterior. Ainda que as representações figurativas não sejam tão frequentes, fileiras de animais e representações de humanos ganham força, além de terem lugar os primeiros *gorgoneions* da cerâmica Lacônica⁵⁹. Não nos deteremos sobre tal estilo, todavia, pois a presença de vasos do mesmo no santuário de *Orthia* é mínima quando comparada a dos demais – o que pode estar

⁵¹ Entre os vasos de cerâmica dispostos no santuário parecem encontrar-se consideráveis números de miniaturas simples, que aparecem raramente antes do Lacônico I, e perdem força durante o século VI a.C. Embora entendamos que a miniaturização reforça o aspecto simbólico particular do bem ofertado, não dispomos de suficiente para avaliar que sentidos seriam projetados sobre tais objetos. Sobre miniaturização e valor simbólico, cf. PILZ, Oliver. “The uses of small things and the semiotics of Greek miniature objects”, *Pallas* [Online], 86 | 2011.

⁵² PIPILI, op.cit., p. 125-126.

⁵³ COOK, op.cit., p. 43-44.

⁵⁴ Acerca da definição do período, cf. COULIÉ, Anne. *La Céramique Grecque aux époques géométriques et orientalisante (XIe – Vie siècle av. J.-C.)*. Paris: Picard, 2013, p.106-107.

⁵⁵ PIPILI, op.cit., p. 125-126.

⁵⁶ DAWKINS, op.cit., p. 70.

⁵⁷ PIPILI, op.cit., p. 125-126.

⁵⁸ COOK, op.cit., p. 45 & PIPILI, op.cit., p. 126.

⁵⁹ DAWKINS, op.cit, p. 73 & PIPILI, op.cit., p. 126.

relacionado a reconstrução do sítio no primeiro quartel do século VI a.C –, de modo que há muito pouco para que se possa elaborar sobre.

Por volta de 580 a.C. teria início o estilo que os arqueólogos responsáveis pela escavação dos santuários de Esparta denominaram Lacônico III⁶⁰, que aqui será discutido em união ao Lacônico IV, estendendo-se, portanto, até o final do século VI a.C, uma vez que a cerâmica produzida nesse intervalo apresenta características muito próximas, ainda que seja marcante uma queda de qualidade da produção após a metade do período⁶¹. Identificado por Pipili como o ápice do desenvolvimento do estilo de figuras negras em Esparta, as produções das poucas oficinas revelavam forte influência das realizações de caráter orientalizantes coríntias e do leste helênico, além de influência ática nos últimos dois quartéis⁶² – quando a cerâmica ateniense começa a ganhar destaque e ocupar os espaços de outras cerâmicas regionais nos mercados mediterrâneos. Tomando o quadro geral da produção do período, podemos ressaltar que os vasos em questão eram dotados de decorações figurativas simples, rica ornamentação floral e vívida policromia⁶³, tendo destaque nos sítios fora de Esparta os cálices de haste alta⁶⁴. Quando nos voltamos para os santuários da *polis*, todavia, a situação difere bastante: a supracitada forma proeminente no exterior, parece aqui preterida e as decorações dos vasos consistem em poucas representações figurativas de humanos, simples florais, eventuais *gorgoneions*, ou, mais frequentemente, nenhuma ornamentação⁶⁵. Os modelos mais frequentes desde o Lacônico I continuam dispendo de espaço destacado – salvo o *skyphos*, do qual tomam lugar a *oinochoe* e a *kylix* –, e, ainda que possamos identificar leões, aves aquáticas, galos e esfinges em filas, além de frisos onde a ação guerreira parece ter lugar, o estado fragmentário dos achados nos proíbe de ir muito além; mesmo que os temas presentes estejam em acordo com os elementos distribuídos entre os mais variados objetos votivos depositados no santuário, não dispomos de suficiente para avaliar a força de tais elos temáticos.

Através de tal exame nos foi possível delimitar que durante o período estudado a produção cerâmica na Lacônia passou por transformações consideráveis, incluindo o

⁶⁰ É a esse intervalo também que os arqueólogos relacionam algumas exceções encontradas entre a cerâmica do santuário de *Orthia*, como, por exemplo, dois *pithoi*, representando cenas de combate, que parecem ter sido inspirados por vasos de metal. Cf. DAWKINS, op. cit., p. 88-94.

⁶¹ Ibid., p. 94; COOK, op. cit., p. 45.

⁶² PIPILI, op. cit., p. 127-128.

⁶³ Ibid., p. 127-128.

⁶⁴ Estes correspondiam a 85% dos vasos que podem ser ligados a algum pintor ou oficina, e foram majoritariamente encontrados fora de Esparta.

⁶⁵ DAWKINS, op.cit., p. 88 & PIPILI, op.cit., p. 129-130.

desenvolvimento de uma escola própria, permeada de “influências” coríntias e orientais. Ainda que o estado fragmentário e as lacunas na documentação detenham o aprofundamento de uma análise simbólica, pudemos perceber que o que era depositado no santuário também passou por mudanças, num processo que pode ser lido como fruto da transformação geral do quadro produtivo, ou como sugestão de mudança no culto que lá teria lugar – abandonando uma ligação mais próxima com o aspecto feminino em função de laço mais geral com os homens e mulheres da comunidade.

3.3 – *As máscaras de terracota*

Dentre a grande quantidade e variedade de objetos votivos encontrados no santuário, uma categoria historicamente tem chamado especial atenção, sendo alvo de diversas tentativas dedicadas de interpretação ao longo de pouco mais de um século. Produzidas em terracota, frequente, mas não necessariamente, a partir de moldes, em maioria permanecendo não pintadas, as máscaras⁶⁶ – que podem ser divididas em alguns grupos, conforme veremos a seguir – foram encontradas principalmente em depósitos de descarte a sul e a norte do templo, estando relacionadas principalmente ao intervalo que vai do final do século VII a.C. ao início do V a.C. As análises das centenas de votivos⁶⁷ – associadas a outros objetos – explicitam, conforme ressalta Jonah Rosenberg, uma divisão nas leituras sobre o culto de *Orthia*: alguns autores e autoras veem a deusa associada a um rito de iniciação de *efebos*; outros e outras veem-na ligada especialmente a um culto feminino⁶⁸. Nesta seção, discutiremos algumas dessas análises, procurando estabelecer o que é possível inferir a partir das máscaras de *Orthia*.

Os primeiros exemplares foram encontrados ainda durante a expedição de escavações de 1906, de maneira que, no relatório relativo a tal empresa, Bosanquet, analisando os objetos, propõe que as máscaras, em uso análogo ao barro que Artemis e suas ninfas teriam usado para cobrir os rostos e escapar às investidas de Alfeu, teriam

⁶⁶ Chamamo-las aqui assim para fim de simplificação, ainda que, conforme ressalta Rosenberg, dado o tamanho de alguns exemplares e material restritivo à movimentação intensa – entre outros problemas – tais objetos dificilmente eram usados enquanto tal, mais provavelmente sendo diretamente dedicados – atuando, portanto, como representações das máscaras efetivamente utilizadas. Cf. ROSENBERG, Jonah, Lloyd. “The Masks of Orthia: Form, Function and the Origins of Theatre”. IN: *The Annual of the British School at Athens*, 110 (1), 2015, p. 251.

⁶⁷ 807 máscaras se incluímos na conta também os fragmentos cujo tamanho era pequeno demais para que a classificação fosse muito segura; nem de perto a quantidade impressionante de objetos de chumbo, mas ainda assim uma número expressivo.

⁶⁸ ROSENBERG, op.cit., p.256

um propósito de disfarce e proteção dentro do contexto dos ritos descritos por Polux e Hesíquio⁶⁹. Notando, todavia, as especificidades do grotesco de algumas das peças – o que chamou de *realismo*, ou o distanciamento do tipo da *górgona* –, o autor sugere, também, a possibilidade de que as mesmas estivessem relacionadas a algum tipo de performance cômica⁷⁰. Já em 1929, com os esforços de escavação no santuário terminados há quase duas décadas, na publicação que revisitou e ampliou o que fora exposto até então, Dickins retorna às máscaras, e, de posse de uma documentação mais extensa, produz uma classificação, separando as peças em: (a), “mulheres idosas”, imberbes, carecas, enrugadas e provavelmente femininas; (b), “jovens”, imberbes masculinas; (c), “guerreiros”, barbadas masculinas; (d), “retratos”, *realistas*; (e) “sátiros”, orelhas pontudas; (f) “górgonas”, língua e presas expostas; (g), “caricaturas”, exageros e grotescos⁷¹. Elaborando em cima do que havia sido proposto por Bosanquet, Dickins relaciona as máscaras de “mulheres idosas”, “caricaturas”, “sátiros” e “górgonas” às danças ritualísticas que teriam local no santuário, ressaltando que as peças em terracota eram doadas em substituição às máscaras utilizadas, contribuindo para a criação do hábito de oferta de máscaras, cujo desenvolvimento futuro levaria ao aparecimento dos demais tipos destacados⁷².

Avançando algumas décadas, as máscaras encontradas no santuário de *Orthia* integrariam – ainda que de maneira tangencial – as análises de autores destacados, de modo que diferentes teorias sobre seu papel em meio ao culto seriam desenvolvidas. Em 1986, Claude Calame, num artigo voltado à análise da máscara trágica, aborda brevemente a questão dos objetos votivos encontrados no santuário junto ao Eurotas, destacando, com base em documentação escrita, suas contrapartes feitas em madeira que seriam utilizadas em ritos de iniciação tribal para adolescentes que ocorreriam no local⁷³. Pouco antes, em 1984, Françoise Frontisi-Ducroux, trabalhando o eixo da *paideia* esparciata e enfocando os ritos de emboscada no entorno do altar da deusa –

⁶⁹ BOSANQUET, R. C. "II.—Excavations at Sparta, 1906: § I.—The Season's Work." *Annual of the British School at Athens* 12, 1906, p.338-339.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 342.

⁷¹ DAWKINS, op.cit., p. 169.

⁷² *Ibid.*, p. 174-176.

⁷³ CALAME, Claude. "Facing Otherness: The Tragic Mask in Ancient Greece." *History of Religions*, vol. 26, no. 2, 1986, p. 125–142, p. 133-134. Em 1977, num livro em que discute os coros de jovens meninas, Calame aborda o culto de *Orthia*, e, ainda que pouco dedique à questão das máscaras, discute as possíveis relações das mesmas a atividades culturais envolvendo meninos e meninas; cf. CALAME, Claude. *Choruses of Young Women in Ancient Greece – Their Morphology, Religious Role, and Social Function* [Trad. Derek Collins and Janice Orion]. Londres e Nova York: Rowman & Littlefield Publishers, 1997, p. 155-168.

descritos, num primeiro momento, por Xenofonte, já no século IV a.C. – e o termo *bomolochia*, que, segundo a autora, geralmente assume o sentido de “palhaçada” e está ligado a um comportamento burlesco, projeta a possibilidade de uma relação entre este último e as numerosas máscaras de características grotescas presentes no santuário, estando ambos estabelecidos em um contexto de superação da infância e integração efetiva dos jovens homens à comunidade cívica⁷⁴. Ainda em 1984, Jean-Pierre Vernant, também direcionando sua atenção para a *Paideia* esparciata e a ascensão dos jovens ao *status* de *homoioi*, reconheceria a relação entre as máscaras, a divindade – identificada por ele enquanto Artemis –, e a esfera do selvagem; todavia, defenderia que a oposição que deve ser enfatizada não seria a civilizado / selvagem, mas sim a *homoioi* / hilota, em meio a qual o jovem disporia de um lugar intermediário, marcado pela possibilidade de alcance da condição de “igual”, enquanto o outro grupo estaria permanentemente submetido à exclusão. Dessa maneira, a “selvageria” estaria associada aos hilotas, sendo, por sua vez, projetada sobre as máscaras grotescas, o que permitiria aos jovens espartanos, em contexto ritual no santuário de *Orthia*, experimentar a identificação e alteridade simultaneamente⁷⁵. Pouco depois, já em 1987, Jane Burr Carter, traçando origens próximo orientais para as máscaras encontradas no santuário e para o culto da deusa, estabelece uma nova classificação que considera apenas dois grupos principais envolvidos num drama ritual que giraria em torno da divindade: os “heróis”, provavelmente representantes de consortes da divindade, e os “grotescos”, protetores de *Orthia*, ou inimigos dos guerreiros⁷⁶.

Conforme indicado anteriormente, as interpretações construídas pelos autores destacados apontam em sentidos muito diversos, ora ligados a cultos masculinos, ora a femininos, envolvendo a associação com a selvageria ou com os *hilotas*, e sendo marcado por danças e dramas rituais. Tal diversidade expõe em alguma medida a grande dificuldade de trato e interpretação das máscaras – e, por extensão de grande parte da cultura material encontrada no santuário de *Orthia* referente ao período arcaico –, que impele os autores a recorrerem à exploração de paralelos distantes e projeções estabelecidas com base em documentações de apoio produzidas muito posteriormente e

⁷⁴ FRONTISI-DUCROUX, Françoise. *La Bomolochia : autour de l'embuscade à l'autel*. IN: *Recherches sur les cultes grecs et l'Occident*, 2 [en ligne]. Naples: Publications du Centre Jean Bérard, 1984, p. 29-30.

⁷⁵ VERNANT, Jean-Pierre. “Une divinité des marges : Artémis Orthia In : *Recherches sur les cultes grecs et l'Occident*”, 2 [en ligne]. Naples : *Publications du Centre Jean Bérard*, 1984, p.14-15.

⁷⁶ CARTER, Jane Burr. “The Masks of Ortheia”. IN: *American Journal of Archaeology*, Vol. 91, No. 3, Jul., 1987, p. 357-359 e 382-383.

pelas mãos de estrangeiros⁷⁷, ou em locais e contemporâneas, mas cuja associação específica com o culto é alvo de considerável controvérsia⁷⁸.

Voltando-nos para as classificações das máscaras, acreditamos que é possível estabelecer uma configuração intermediária entre as duas apontadas anteriormente. Enquanto a primeira divisão abordada trabalha com categorias cujas diferenças são de difícil precisão – um problema acentuado pelo estado fragmentário de boa parte da documentação –, segmentando excessivamente os grupos, a segunda, ao propor o reconhecimento apenas dos “idealizados” e dos “grotescos”, desenvolve uma oposição mais clara, mas que acaba por apagar diferenças que podem ser significativas; assim sendo, entendemos que é possível que se leve em consideração tal base dual, mas marcando a existência de subcategorias definidas: jovens imberbes e homens adultos entre as supostamente *euforizadas*; grotescos, sátiros e górgonas entre as que seriam *desforizadas*.

Diante de tal classificação, nos parece mais provável que as máscaras estivessem relacionadas ao elemento masculino da rede de associações simbólicas que se estabelece no entorno de *Orthia*, e, dados os demais elementos abordados ao longo de nossa dissertação, também a uma espécie de rito associado à superação do estágio da infância e integração no corpo cívico enquanto homem adulto. O estabelecimento do significado específico das máscaras *desforizadas* é, todavia, de difícil precisão – a relação com os *hilotas* não nos parecendo tão evidente quanto acreditara Vernant. Com isso não queremos rejeitar a presença feminina no santuário e sua relevância no culto da deusa, acreditando que, no entanto, tais aspectos diversos talvez tivessem lugar em diferentes momentos, assumindo também formas variadas⁷⁹.

Acerca da possibilidade de desenvolvimento de um drama ritualístico no santuário, não acreditamos haver o suficiente para precisar tal afirmação. Rosenberg faz referência ao aspecto expressivo das máscaras grotescas, sugerindo talvez o desenvolvimento de uma farsa cômica, algo que já houvera sido apontado como possibilidade também por Bosanquet, e que vai de encontro ao que seria descrito por Ateneu⁸⁰. Todavia, novamente, a documentação que dá suporte a tais propostas é muito

⁷⁷ Nos referimos aqui, por exemplo, às descrições dos e referências aos rituais que teriam lugar no santuário realizadas por Xenofonte e, posteriormente, Pausânias e Plutarco.

⁷⁸ Aqui, pensamos no *Partheneion I* de Alcman.

⁷⁹ Como é sugerido também por Rosenberg ao notar que as interpretações sobre o culto e também a documentação material apontam no sentido da relação tanto com o masculino quanto com o feminino. ROSENBERG, op. cit., p.256.

⁸⁰ Ibid., p. 252 e 254-6.

posterior, e, conseqüentemente, a projeção sobre o período arcaico frágil. Dadas as bases de que dispomos, nos parece seguro afirmar que havia o desenvolvimento de performances associadas às máscaras no santuário; todavia, nos parece faltar sustentação para elaborar algo além disso.

3.4 – *Considerações Finais*

No decorrer de tal capítulo voltamos nossas atenções para uma parcela relevante dos objetos votivos encontrados no santuário de *Orthia*, discutindo as representações de figuras masculinas e femininas através dos mais diversos materiais, as transformações na cerâmica depositada no local, e as máscaras de terracota. Por meio dessa análise pudemos aprofundar nossa compreensão sobre a rede de associações simbólicas que se estrutura no entorno da deusa e inferir possibilidades sobre as atividades que teriam lugar no santuário.

Ao avaliar as representações masculinas, nos foi possível identificar grande quantidade de votivos, de caráter mais ou menos rústico, muito frequentemente associadas à atividade guerreira de maneira explícita – portando armas, montando cavalos –, mas também em ligação com atividades que podem desenvolver relação com as práticas do culto – portando instrumentos musicais –, além de figuras mais genéricas, mas indicativas do elemento masculino no santuário. Chamam atenção ainda as poucas representações de jovens despidos, a presença de peças identificadas com outros deuses – como Poseidon e Hermes –, e o aparecimento de uma contraparte masculina alada de *Orthia* – exemplar da deposição de objetos orientais e da “influência” destes sobre as produções artesanais espartanas. Ao nos voltarmos para as figuras femininas, identificamos grande quantidade de representações explícitas da deusa – marcada pelas asas ou pela associação direta com os animais, indicativos do modelo da *Potnia Theron* –, além de outras onde não se pode afirmar com clareza – e que poderiam ser identificadas como cultuadoras ou outras divindades, como Afrodite, Hera ou Ilítia. Ademais, contamos com objetos claramente representativos de mulheres envolvidas no culto – seja portando artefatos votivos de difícil identificação, ou instrumentos musicais. Entre as representações que associam homens e mulheres, destacam-se aquelas que parecem relacionadas a casamentos, e outras derivadas de modelos orientais e, aparentemente, dotadas de um caráter apotropaico.

A análise dos vasos de cerâmica trazidos à tona pela escavação do santuário nos permitiram perceber a assimilação de signos orientais e coríntios no desenvolvimento do estilo próprio Lacônico. Para além disso, embora o estado fragmentário e as lacunas quanto ao contexto dos achados não nos permitam elaborar significativamente acerca do aspecto simbólico dos votivos, a transição de um momento em que a *pyxis* era o vaso mais frequente, para outro em que pratos, *lakainas* e similares ocupam tal espaço, pode sugerir que num momento mais recuado o santuário, o culto e a deusa detinham uma associação mais estreita com o feminino, mas que tais laços mudaram em favor de uma ligação mais ampla com os homens e mulheres da sociedade.

Lidando com as máscaras de terracota, abordamos a categorização e as características dos grupos, concluindo por uma reformulação da mesma na linha de outras propostas anteriormente, separando então as máscaras principalmente em *euforizadas* e *desforizadas*, com base em que defendemos que dentro do culto da deusa, tais objetos parecem estar mais relacionados ao elemento masculino. Para além disso, avaliamos diversas hipóteses acerca de tal categoria de objetos, ressaltando que dispomos de pouco para estabelecer mais do que se envolvimento em algum tipo de drama ritualístico.

Assim sendo, concluímos que, embora as lacunas acerca de parte do material votivo depositado no santuário não pareçam superáveis, dispomos do suficiente para supor que durante o intervalo retratado, levando em consideração as sabidas e outras possíveis mudanças que tenham vindo a ocorrer, *Orthia* e as atividades culturais que tiveram lugar em seu santuário desenvolviam uma relação com os momentos de superação da infância e ingresso efetivo no círculo da sociedade como homens e mulheres com expectativas projetadas sobre si e funções específicas a desempenhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No começo desta pesquisa nós nos colocamos em uma expedição; não através dos mares perigosos, em direção às terras estrangeiras, como frequentemente é o caso com os heróis helenos, mas de encontro a uma floresta, que, como as dos míticos caçadores discutidos nas primeiras páginas dessa Dissertação, apresentam mistérios que trazem à tona o risco da perdição. Um lugar como este não se deixaria desvendar facilmente aos que procuram, através da análise de fragmentos e resquícios, vislumbrar aquilo a que perseguem. As dificuldades e obstáculos metafóricos que nos eram impostos se traduziram em problemas muito reais para o desenvolvimento do trabalho, entre os quais podemos destacar (a) o estado de grande parte das publicações acerca dos achados arqueológicos referentes ao santuário de *Orthia* e a alguns dos demais nas cercanias, (b) a parca documentação literária espartana do intervalo privilegiado pela nossa análise, e (c) a dificuldade de encontrar produções acerca de Esparta que se voltassem para o período arcaico como mais que um prelúdio do clássico. No entanto, apesar das contrariedades, que estabeleciam limites restritos acerca do que poderíamos alcançar em nossa busca, essa pesquisa não termina sem resultados importantes. Nós começamos essa jornada almejando recompor a rede de associações simbólicas que se estrutura no âmbito da deusa *Orthia*, procurando compreender a natureza de seu culto, como ela se situa no panteão espartano, como se relaciona com a topografia em que está disposto seu santuário, quem tomava parte no mesmo e que valores projetavam sobre a deusa; e, ainda que as lacunas da documentação imponham às nossas conclusões um caráter mais parcial do que intencionávamos a princípio, nós podemos afirmar que alcançamos o objetivo traçado.

Por meio do capítulo 01, em função da espacialidade em que está disposto o santuário, dos demais deuses para os quais temos evidência de culto em Esparta arcaica, e de uma análise preliminar dos objetos votivos encontrados no mesmo, nos foi possível identificar o desenvolvimento de uma relação da deusa com a superação da liminaridade, o que permitiu o estabelecimento de laços entre *Orthia* e as demais divindades que parecem associadas à questão da transição da infância para a idade adulta – *ritos de passagem* –, e, conseqüentemente, da integração enquanto homens e mulheres que tem papéis a desempenhar em função da comunidade. Por sua vez, tal percepção aliada ao referido exame das ofertas à deusa, nos permitem supor que os principais grupos associados ao ritual eram os espartanos e espartanas que vivenciavam

tal percurso de transformação, e que projetariam sobre a divindade e o culto suas expectativas relativas a tal processo.

No capítulo 02 nos voltamos mais especificamente para as representações de animais, tão numerosas entre os objetos votivos depositados no santuário, visando expandir nossa compreensão acerca dos valores evocados por elas quando em associação com a deusa. Ao analisar aquelas referentes ao leão, identificamos a dualidade da criatura que representa força e coragem dominantes, espelhando a ação do bom guerreiro, mas também uma intenção destrutiva, que leva a ações desmesuradas e traz constantemente o caos às sociedades humanas. Ao observar os cavalos, pudemos perceber a exaltação de sua beleza, força e velocidade, além da associação com a competição, a guerra, a riqueza e aristocracia, de modo que o laço com o masculino, evocado nas comparações, sobreposições e ações conjuntas com soldados em conflito, se faz novamente dominante, ainda que ligações com a estética e a fertilidade das mulheres se façam presentes em Esparta. Quando nos voltamos para as aves verificamos temas semelhantes em questão: as aves de rapina marcadas por sua força e agência destrutiva, associadas aos guerreiros; as aves aquáticas e de pequeno porte, relacionadas à passividade, fragilidade e, em alguma medida, pela conexão com o espaço que habitam, também com a fertilidade; os galos, provavelmente vinculados ao *agôn* masculino. Identificamos nas representações desses animais em submissão à *Orthia*, caracterizada como *Potnia Thêron*, as temáticas das *potências*, presentes nas qualidades dos animais, e do *controle*, advindo do intermédio da deusa, desejados pelos jovens espartanos e espartanas, que poderiam então desempenhar os papéis que deles são esperados na sociedade. Por fim, em função da profunda mudança das frequências de representações e o crescimento das figuras de cervos, pudemos identificar que ao menos ao final do período arcaico, o culto atravessa um processo de transformação significativo.

Com o capítulo 03, dedicamos nossa atenção à análise de uma gama de outros objetos votivos de grande frequência e relevância: as muito variadas representações de homens e mulheres; os vasos de cerâmica e suas transformações; e as máscaras de terracota. Por intermédio de tais observações nos foi possível reforçar a associação entre *Orthia* e os grupos de cultuadores supracitados, destacando que num período mais recuado a associação do culto com o feminino parecia mais forte, mas que isso tende a mudar no decorrer do período arcaico; identificamos a tendência de que vasos ligados à ingestão de bebida e comida se tornassem mais frequentes que aqueles de outros tipos; e

reconhecemos que as máscaras presentes no santuário parecem vinculadas a dimensão masculina do culto, ainda que não possamos precisar características da performance ritualística que possivelmente tinha lugar no local.

Enfim, diante da extensa documentação trabalhada, no que concerne à rede de associações simbólicas que se estrutura no entorno de *Orthia*, nós certamente podemos discernir alguns pontos. O primeiro ponto é que nos parece seguro afirmar que a deusa e seu culto desenvolvem relação estreita com o processo de transição da infância para a idade adulta, tanto dos espartanos, quanto das espartanas. O segundo é que as práticas que têm lugar em seu santuário parecem corresponder a parte de uma dinâmica de transição mais ampla e que engloba outros ritos e entidades, como Helena, Ilítia, Apolo de Amicleia, Zeus Messapeus, e Artêmis – destacados em nossa análise, não excluindo a possibilidade de outras adições. O terceiro diz respeito à retroalimentação simbólica entre o culto da deusa e o local em que ele se desenvolve; isto é, as práticas que tinham lugar no santuário, os objetos votivos depositados, e a inserção da divindade em um conjunto que detém influência sobre tal elemento da vida em Esparta, por um lado, fortalecem a significância da disposição espacial do culto numa região de limite, provavelmente pantanosa e próxima às correntes do Eurotas, e, por outro, são reforçadas por ela, criando uma *paisagem religiosa* que evoca a divindade em associação com ideias de transformação, destruição e criação. O quarto e último ponto é que os jovens e adultos espartanos e espartanas que tomavam parte no culto da deusa pareciam projetar nela uma “influência” sobre o desenvolvimento e o controle de potências que lhes permitiriam agir em conformidade com os papéis imputados a eles pela sociedade – como a força e a coragem que são importantes no sucesso do guerreiro, ou a fertilidade ligada às mulheres que garantiria a continuidade de cada família e do corpo cívico –, almejando também, possivelmente, alcançar posições de destaque em seu meio. Dessa maneira, o culto de *Orthia*, podemos supor, dados o peso da rede de associações simbólicas estabelecida e o principal aspecto da vida sobre o qual versa, era dotado de grande relevância na vida daqueles que habitavam Esparta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. Documentação Arqueológica

BOSANQUET, R. C. (et al.) "Laconia: II. Excavations at Sparta, 1906". *Annual of the British School at Athens* 12, 1906.

CATLING, R. W. V. "THE SURVEY AREA FROM THE EARLY IRON AGE TO THE CLASSICAL PERIOD (c.1050 – c.300 BC). IN: CAVANAGH, William, et al. "Continuity and Change in a Greek Rural Landscape: The Laconia Survey." *The British School at Athens. Supplementary Volumes* 26, iii-465, 2002.

DAWKINS, R. M. (et al.) "Laconia: I. Excavations at Sparta, 1907". *Annual of the British School at Athens*, 13, 1907.

DAWKINS, R. M. (et al.) "Laconia: I. Excavations at Sparta, 1908". *Annual of the British School at Athens*, 14, 1908.

DAWKINS, R. M. (et al.) "Laconia: I. Excavations at Sparta, 1909". *Annual of the British School at Athens*, 15, 1909.

DAWKINS, R. M. (et al.) "Laconia: I. Excavations at Sparta, 1910". *Annual of the British School at Athens*, 16, 1910.

DAWKINS, R. M. (org.) *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta*. London. MacMillan and Co., Limited, 1929.

B. Documentação Textual

ALCMAN. Partheneion I. IN: TSANTSANOGLU, Kyriakos. *Of Golden Manes and Silvery Faces*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2012.

ALCMAN. Partheneion I. IN: VIEIRA, Trajano. *Lírica Grega, Hoje*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

ESOPO. Fábulas. IN: AVELEZA, Manuel. *As Fábulas de Esopo*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 1999.

ESTRABÃO. *The Geography*. London. George Bell & Sons. 1903.

HESÍODO. *The Homeric Hymns and Homeric*. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1914.

HOMERO. *Hinos Homéricos*. IN: ROSA, Edvanda Bonavinda da (et al.); RIBEIRO Júnior, Wilson Alves (org.) *Hinos Homéricos: Tradução, Notas e Estudo*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

HOMERO. *Ilíada* [Trad: Frederico Lourenço]. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO *Odisseia* [Trad: Frederico Lourenço]. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

PAUSÂNIAS. *Description of Greece* [Trad: by W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A.], in 4 Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1918.

PLUTARCO. *Plutarch's Lives*. [Trad: br Bernadotte Perrin]. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1914.

SEMÔNIDES. “Frg. 7W”. IN: ASSUNÇÃO, T. R.; BRANDÃO, J. L. *Semônides de Amorgos e o Mimnermo: Fragmentos*. Belos Horizonte: Ensaios de Literatura e Filologia, 1984.

XENOFONTE. *Xenophon in Seven Volumes*, 7. E. C. Marchant, G. W. Bowersock, tr. *Constitution of the Athenians*. Harvard University Press, Cambridge, MA; William Heinemann, Ltd., London. 1925.

C. Bibliografia

BENNETT, Matt. “The Pomegranate: Marker of Cyclical Time, Seeds of Eternity”. IN: *International Journal of Humanities and Social Science*, Vol. 1 No. 19; December 2011.

BEN-PORAT, Ziva. “Poetics of the Homeric Simile and the Theory of (Poetic) Simile.” *Poetics Today*, vol. 13, no. 4, p. 737-769, 1992.

BEVAN, Elinor. Representations of animals in sanctuaries of Artemis and of other Olympian deities. University of Edinburgh, 1985.

BOARDMAN, John. “Artemis Orthia and chronology”. *The Annual of the British School at Athens*, 58, pp. 1-7, 1963.

BORASTON, J. Maclair. “The birds of Homer”. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 31, p. 216-250, 1911.

BRUNHARA, Rafael, “A stásis na elegia grega arcaica e na poesia de Tirteu”. IN: ASUMPÇÃO, Luis Filipe Bantim. *Esparta – Política e Sociedade*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

BURKERT, Walter. *Greek Religion – Archaic and Classical* [trad. John Raffan]. Blackwell Publishing, 1985.

CALAME, Claude. “Facing Otherness: The Tragic Mask in Ancient Greece.” *History of Religions*, vol. 26, no. 2, 1986, pp. 125–142.

CALAME, Claude. *Choruses of Young Women in Ancient Greece – Their Morphology, Religious Role, and Social Function* [Trad. Derek Collins and Janice Orion]. Londres e Nova York: Rowman & Littlefield Publishers, 1997 (original de 1977).

CARTER, Jane Burr. “The Masks of Ortheia”. IN: *American Journal of Archaeology*, Vol. 91, No. 3, Jul., 1987, pp. 355-383

CARTLEDGE, Paul. *Ancient Greece: A history in eleven cities*. Oxford University Press, 2009.

CARTLEDGE, Paul. *Sparta and Lakonia: a regional history 1300-362 BC*. Routledge, 2013.

CATLING, H. W. "A sanctuary of Zeus Messapeus: excavations at Aphyssou, Tsakona, 1989." *Annual of the British School at Athens* 85, p. 15-35, 1990.

CAVANAGH, W.G.; LAXTON, R. R. "Lead Figurines from the Menelaion and Seriation" IN: *The Annual of the British School at Athens*, Vol. 79, p. 23-36, 1984.

CAVANAGH, W. G., CROUWEL, J., CATLING R. W. V., & SHIPLEY, G. (eds). *Continuity and Change in a Greek Rural Landscape. The Lakonia Survey, vol II*. London: British School at Athens, 1996.

CAVANAGH, W. G., CROUWEL, J., CATLING R. W. V., & SHIPLEY, G. (eds). *Continuity and Change in a Greek Rural Landscape. The Lakonia Survey, vol I*. London: British School at Athens, 2002.

CAVANAGH, W. "An Archaeology of Ancient Sparta with Reference to Laconia and Messenia". IN: IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017.

CHADWICK, John. "Who were the Dorians?." IN: *Parola del Passato* 31, p. 103-117, 1976.

CHADWICK, J. "I Dori e la creazione dei dialetti greci." *D. Musti (cur.), Le origini dei Greci. Dori e mondo egeo*, 1985.

COFFEY, Michael. "The Function of the Homeric Simile." *The American Journal of Philology*, vol. 78, no. 2, pp. 113–132, 1957.

CONSTANTINIDES, Soteroulla. *Lakonian Cults – The Main Sanctuaries o Sparta (800 b.C. – to the Roman Period)*. London: University of London, 1988.

COOK, R. M. *Greek Painted Pottery*. Londres e Nova York: Routledge, 1997.

COULIÉ, Anne. *La Céramique Grecque aux époques géométriques et orientalisante (XIe – Vie siècle av. J.-C.)*. Paris: Picard, 2013.

DAVIES, John K. “The Historiography of Archaic Greece” IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009.

DETIENNE, Marcel. *Comparing the Incomparable*. [Trad: Janet Lloyd] Stanford: Stanford University Press, 2008.

DOUGHERTY, Carol. *The Raft of Odysseus – The Ethnographic Imagination of Homer’s Odyssey*. Oxford University Press: 2001.

DUCAT, J. *Les hilotes, BCH Supp. 20*. Paris, 1990.

DUCAT, Jean. “The *Periokoi*”. IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017.

DUNKLE, Roger. “Swift-footed Achilles”. In: *The Classical World*, Vol. 90, No. 4, Mar. – Apr., pp. 227-234, 1997.

EKROTH, G. "Animal Sacrifice in Antiquity" In: CAMPBELL, G.L. *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

ÉTIENNE, R. *Athènes, espaces urbains et histoire. Des origines à la fin du III siècle ap. J.-C.* Paris: Hachette, 2004

FERRARI, Gloria. *Alcman and the Cosmos of Sparta*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

FIGUEIRA, Thomas. "Helotage and the Spartan Economy". IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017.

FINLEY, Moses I. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1988.

FLOWER, Michael A. "Spartan Religion". IN: *Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017

FORREST, W. G., *A History of Sparta, 950-192 bc*. London, 1968.

FRAGKOPOULOU, Florentia. "Sanctuary dedications and the treatment of the dead in Laconia (800–600 BC): the case of Artemis Orthia". IN: Cavanagh, H. ; WG Cavanagh et J. Roy, (éd.): *Honoring the Dead in the Peloponnese*. Proceedings of the Conference held at Sparta, 23-25 April, 2009.

FRAGKOPOULOU, Florentia. *Spartan Sanctuaries and Lakonian Identity Between 1200 and 600 bc.*. King's College London – December 2010.

FRONTISI-DUCROUX, Françoise. *La Bomolochia : autour de l'embuscade à l'autel*. IN : *Recherches sur les cultes grecs et l'Occident*, 2 [en ligne]. Naples: Publications du Centre Jean Bérard, 1984 (généré le 21 avril 2017). Disponible sur Internet: <<http://books.openedition.org/pcjb/144>>. ISBN: 9782918887461. DOI: 10.4000/books.pcjb.144.

FRONTISI-DUCROUX, Françoise. *Dédale: Mythologie de l'Artisanen Grèce Ancienne*. Paris: La Découverte, 2000.

GOLDBERG, Marilyn Y. "Archaic Greek Akroteria". IN: *American Journal of Archaeology*, Vol. 86, No. 2, Apr., p. 193-217, 1982.

GRIFFITH, Mark. "Horsepower and donkeywork: equids and the ancient Greek imagination (Part One)". *Classical Philology*, Vol. 101, No. 3, pp. 185-246, July 2006a.

GRIFFITH, Mark. "Horsepower and donkeywork: equids and the ancient Greek imagination (Part Two)". *Classical Philology*, Vol. 101, No. 4, pp. 307-358, October 2006b.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfología e história*. [Trad, de Frederico Carotti.] São Paulo: Cia. das Letras 1989.

HAGG, Robin; MARINATOS, Nanno (Eds). *Greek sanctuaries: new approaches*. Routledge, 2002.

HALL, Jonathan M. *Hellenicity: between ethnicity and culture*. University of Chicago Press, 2002.

HARRISON, Thomas. "Belief vs. Practice" IN: EIDINOW, Esther; KINDT, Julia (eds.). *The Oxford Handbok of Ancient Greek Religion*. Oxford University Press, 2015.

HITCH, S. & RUTHERFORD, I. *Animal Sacrifice in Ancient Greek World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HODKINSON, Stephen. "Sparta – An Exceptional Domination of State over Society?" IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017.

HOOKER, James T. *The Ancient Spartans*. JM Dent & Sons Limited, 1980.

JEFFERY, L. H., *Archaic Greece: The City - States c.700 - 500 bc*. London, 1976.

JONES, A. H. M., *Sparta*. Oxford, 1967.

KINDT, Julia. "Polis Religion – A Critical Appreciation". *Kernos* [Online], 22 | 2009, Online since 26 October 2012, connection on 03 November 2017. [URL : <http://kernos.revues.org/1765> ; DOI : 10.4000/kernos.1765]

LÉGER, Ruth-Marie. *Artemis and Her Cult*. University of Birmingham, 2015.

LONSDALE, Stephen H. *Creatures of speech, lion, herding, and hunting similes in the Iliad*. Stuttgart: B.G. Teubner, 1990.

LUONGO, Francesca. “Cui bono? Perché tornare a riflettere sulle fasi arcaiche del santuario di Artemis Orthia a Sparta?” IN: *ASAtene LXXXIX*, serie III, 11, tomo 1, p. 79-94, 2011.

LURAGHI, N.. 'Helotic slavery reconsidered', in C. A. Powell and S. Hodkinson (eds.), *Sparta - Beyond the Mirage*. Swansea: Classical Press of Wales, 2002.

LURAGHI, N. and ALCOCK, S., (eds.). *Helots and their Masters: The History and Sociology of a System of Exploitation*. Cambridge, 2003.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. A simbologia da água no imaginário grego. *Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, v. 7, n. 12, 2008.

MALKIN, Irad. *Myth and territory in the Spartan Mediterranean*. Cambridge University Press, 1994.

MALKIN, Irad. *A small Greek world: networks in the Ancient Mediterranean*. Oxford University Press, 2011.

MARINATOS, Nanno. *The Goddess and the Warrior. The Naked Goddess and Mistress of Animals in the Early Greek religion*. London-New York, 2000.

MARTIN, Richard P. “Similes and Performance.” *Written Voices, Spoken Signs: Tradition, Performance, and the Epic Text*, edited by EGBERT BAKKER and AHUVIA KAHANE, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts; London, England, 1997

MIKALSON, Jon D. *Ancient Greek Religion*. Blackwell Publishing, 2005.

MILLENDER, Ellen G. "Spartan Women". IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017.

MOREL, J-P. "Early Rome and Italy" In: SCHEIDEL, W., MORRIS, I. & SALLER, R. *The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MORGAN, Catherine. *Early Greek states beyond the polis*. Routledge, 2003.

MORGAN, Catherine. "The Early Iron Age" IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009.

MORRIS, Ian. "The Eighth-Century Revolution" IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009.

MORRIS, Sarah. "Imaginary kings: alternatives to monarchy in early Greece." IN: Morgan, Kathryn A. (ed.). *Popular Tyranny: Sovereignty and its Discontents in Ancient Greece*. University of Texas Press, 2003.

NAFISSI, Massimo. *La Nascita del Kosmos: Studi sulla storia e la società di Sparta*. Edizioni scientifiche italiane, 1991.

NAFISSI, Massimo. "Sparta" IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009.

NAFISSI, Massimo. "Lykourgos the Spartan 'Lawgiver' – Ancient Beliefs and Modern Scholarship". IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017.

NÓLIBOS, Paulina. "Clitemnestra e Helena: As Espartanas, o patriarcado e o poder nas aos da mulher". IN: ASUMPCÃO, Luis Filipe Bantim. *Esparta – Política e Sociedade*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

OSBORNE, Robin. "Hoards, votives, offerings: the archaeology of the dedicated object". *World Archaeology* Vol. 36(1): *The Object of Dedication*. Taylor & Francis, p.1-10, 2004.

OSBORNE, Robin. "Unity vs. Diversity" IN: EIDINOW, Esther; KINDT, Julia (eds.). *The Oxford Handbook of Ancient Greek Religion*. Oxford University Press, 2015.

PARKER, Robert. *On Greek Religion*. Londres: Cornell University Press, 2011.

PAVLIDES, Nicolette A. *Hero-Cult in Archaic and Classical Sparta: a Study of Local Religion*. The University of Edinburgh, 2011.

PEDLEY, John. *Sanctuaries and the sacred in the ancient Greek world*. Cambridge University Press, 2005.

PETTERSSON, Michael. *Cults of Apolo at Sparta – The Hyakinthiai, the Gymnopaïdiai and the Karneia*. Stockholm: Svenska Institutet i Athen, 1992.

PILZ, Oliver. "The uses of small things and the semiotics of Greek miniature objects", *Pallas* [Online], 86 | 2011, Online since 30 October 2011, connection on 05 January 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pallas/2068>

PIPILI, Maria. "Archaic Laconian vase-painting: some iconographic considerations." *British School at Athens Studies*, 1998.

PIPILI, M. "The Clients of Laconian Black-Figure Vases." *Les clients de la céramique grecque. Actes du Colloque de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Paris, 30–31 janvier 2004*. 2006.

PIPILI, Maria. "Laconian Pottery" POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017.

POLIGNAC, François de. *Cults, territory, and the origins of the Greek city-state*. University of Chicago Press, 1995a.

POLIGNAC, François de. "Repenser la 'cité'? Rituels et société en Grèce archaïque." *Studies in the Ancient Greek Polis*, p. 7-19, 1995b.

POLIGNAC, François de. "Sanctuaries and Festivals" IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009.

POLIGNAC, François de. "Espaço Cultural e Paisagem Religiosa: entre Rito e Representação" IN: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira (Org.) *Imagem, Gênero e Espaço – Representações da Antiguidade*. Niterói: Alternativa, 2014.

POMEROY, Sarah B. *Spartan women*. Oxford University Press, USA, 2002.

POWELL, Anton. "Sparta: Reconstructing History from Secrecy, Lies and Myth" IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017.

PROST, F.; AURIGNY, H.; HOFFMANN, C. Saint-Pierre; BRISART, Th. "Sanctuaires et Offrandes en Grèce" IN: ÉTIENNE, Roland (dir.) *La Méditerranée au VIIe siècle av. J.-C. – essays d'analyses archéologiques*. Paris: De Bocard, 2010.

RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009.

RANGOS, Spyridon. *Cults of Artemis in Ancient Greece*. University of Cambridge, 1995.

READY, Jonathan L. "The Comparative Spectrum in Homer." *The American Journal of Philology*, vol. 129, no. 4, pp. 453–496, 2008.

RICHER, Nicolas. "The Religious System at Sparta". IN: OGDEN, Daniel. *A Companion to Greek Religion*. Blackwell Publishing, 2007.

RICHER, Nicolas. "Elements of Spartan Bestiary in the Archaic and Classical Periods.'" IN: POWELL, Anton & HODKINSON, Stephen (Ed.). *Sparta: The Body Politic*. Swansea: The Classical Press of Wales, p. 1-84, 2010.

RICHER, Nicolas. *La Religion des Spartiates. Croyances et cultes dans l'Antiquité*, Paris, Les Belles Lettres, collection "Histoire", 2012.

ROSENBERG, Jonah, Lloyd. "The Masks of Orthia: Form, Function and the Origins of Theatre". IN: *The Annual of the British School at Athens*, 110 (1), 2015, pp. 247–261

SCHLAM, Carl C. "Diana and Actaeon: Metamorphoses of a Myth". IN: *Classical Antiquity*, Vol. 3, No. 1, Apr., p. 82-110, 1984.

SCHMITT-PANTEL, P. "Sacrifice Meal and Symposion" In: MURRAY, O (org.). *Symptica: A symposium on the symposion*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

SCHNAPP-GOURBEILLON, Annie. *Lions, héros, masques: les représentations de l'animal chez Homère*. Paris: François Maspero, 1981.

SCHNAPP-GOURBEILLON, Annie. *Les lions d'Héraclès* In : *Le Bestiaire d'Héraclès: IIIe Rencontre héracléenne* [en ligne]. Liège : Presses universitaires de Liège, 1998 (généré le 14 décembre 2017). Disponible sur Internet: <<http://books.openedition.org/pulg/833>>. ISBN : 9782821828957.

SCHEID, John & POLIGNAC, François de, « Qu'est-ce qu'un « paysage religieux » ? Représentations culturelles de l'espace dans les sociétés anciennes », *Revue de l'histoire des religions* [En ligne], 4 | 2010, mis en ligne le 01 décembre 2013, consulté le 08 juillet 2017. URL : <http://rhr.revues.org/7656>

SÊGA, Rafael Augustus. "O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici". IN: *Anos 90*, Porto Alegre, n.13, julho de 2000.

SNODGRASS, Anthony M. *Archaic Greece: The age of experiment*. University of California Press, 1981.

STEIN-HÖLKESKAMP, Elke. “The Tyrants”. IN: RAAFLAUB, Kurt A. & VAN WEES, Hans (eds.). *A Companion to Archaic Greece*. John Wiley & Sons, 2009.

THOMMEM, Lukas. *An Environmental History of Ancient Greece and Rome*. Cambridge University Press, 2009.

TSANTSANOGLOU, Kyriakos. *Of Golden Manes and Silvery Faces*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2012.

VAN GENNEP, A. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VERNANT, Jean-Pierre. “Une divinité des marges : Artémis Orthia In : Recherches sur les cultes grecs et l’Occident”, 2 [en ligne]. Naples : *Publications du Centre Jean Bérard*, 1984 (généré le 08 novembre 2017). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/pcjb/142>>. ISBN : 9782918887461. DOI : 10.4000/books.pcjb.142.

VIRGOLINO, Mariana Figueiredo. *Fertilidade e Prosperidade na Ástý de Corinto:o Santuário de Deméter e Koré nos Períodos Arcaico e Clássico*. Niterói, 2013

VLASSOPOULOS, Kostas. *Unthinking the Greek polis: ancient Greek history beyond Eurocentrism*. Cambridge University Press, 2007.

VLASSOPOULOS, Kostas. “Religion in Communities”. IN: EIDINOW, Esther; KINDT, Julia (eds.). *The Oxford Handbok of Ancient Greek Religion*. Oxford University Press, 2015.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. “Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento” IN: *Revista Interamericana de Psicologia*, Vol. 41, Num, 3m, p. 379-390, 2007.

WEES, Hans van. “The Homeric Way of War: The *Iliad* and the Hoplite Phalanx (II)” In: *Greece & Rome*, 41, pp 131-155, 1994 [publicado online em: 07 September 2009].

WEES, Hans van. "Conquerors and Serfs: Wars of Conquest and Forced Labor in Archaic Greece." In: LURAGHI, N. and ALCOCK, S., (eds.). *Helots and their Masters: The History and Sociology of a System of Exploitation*. Cambridge, p. 33–80, 2003.

WEES, Hans van. "Luxury, Austerity and Equality in Sparta". IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017a.

WEES, Hans van. "The Common Messes". IN: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. John Wiley & Sons, 2017b.

WHITBY, M., (ed.). *Sparta*. Edinburgh, 2002.

REPERTÓRIO

Na publicação anual da *British School at Athens* referente a 1906, Robert Bosanquet, então diretor da mesma, afirmava que o ano que havia passado marcava a origem do que parecia ser o mais extenso e produtivo trabalho levado a cabo pela escola até então⁸¹. A expedição que tinha como foco inicial o trabalho com a acrópole e seu entorno, ao encontrar o santuário de *Orthia*, logo redirecionou seus esforços, demandando também a presença de mais arqueólogos. A partir de então, o principal trabalho se estendeu até 1910, sendo os resultados de cada temporada de escavações – em diversos pontos de Esparta e no entorno – publicados anualmente pela instituição. Anos depois, em 1929, sob organização de Richard Dawkins, uma nova publicação acerca do santuário foi produzida com o objetivo de apresentar os resultados completos da escavação, com tantas representações dos objetos votivos e informações acerca das datas dos mesmos quanto possível⁸². A leitura desta última, para a qual contribuíram diversos dos pesquisadores que haviam participado das expedições, nos permite perceber que suas principais preocupações eram o desenvolvimento de análises estilísticas e o estabelecimento de uma cronologia para o sítio – o que foi feito com base na estratigrafia do mesmo.

O trabalho dos arqueólogos da *British School at Athens* na região e na publicação é certamente de valor inestimável para o estudo da *polis* espartana; todavia, não é isento de críticas. Em 1963 Boardman ressaltava a relutância dos pesquisadores em aceitar a cronologia estabelecida em função, especialmente, da análise estratigráfica do sítio. O autor ressalta que assumir um ritmo de deposição regular – o que fora feito nos relatórios – não é realístico, ainda mais em se tratando de um sítio submetido a condições tais quais vistas no santuário de *Orthia*⁸³. A título de correção, sugere então que se coloque maior ênfase nos dados de associação dos depósitos de objetos votivos a determinados estilos de produção cerâmica, e, revisando a informação sobre os mesmos, propõe ajustes no esquema cronológico inicialmente estipulado⁸⁴.

⁸¹ BOSANQUET, R. C. (et al.) "Laconia: II. Excavations at Sparta, 1906". *Annual of the British School at Athens* 12, 1906, p. 277.

⁸² DAWKINS, R. M. (org.) *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta*. London. MacMillan and Co., Limited, 1929, p. v.

⁸³ BOARDMAN, John. "Artemis Orthia and chronology". *The Annual of the British School at Athens*, 58, 1963, p. 1.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 1-4.

Em 1984, Cavanagh e Laxton, dando destaque às figuras de chumbo encontradas no *Menelaion* – de mesmo tipo daquelas resultantes da escavação junto ao santuário de *Orthia*, mas em quantidade muito menor – fazem nova crítica à ênfase colocada sobre a estratigrafia para o estabelecimento da cronologia dos objetos votivos lá depositados, ressaltando que as características do sítio implicam em que algum nível de contaminação fosse esperado⁸⁵. Críticos também de um tratamento estritamente tipológico, que demonstram oferecer dados contraditórios⁸⁶, os autores propõem um caminho cruzando informações das duas abordagens supracitadas com a seriação, e, analisando em paralelo a literatura do período, findam por propor uma nova revisão.

As críticas mais contundentes aos resultados publicados pelos arqueólogos, todavia, tomam forma no trabalho “Spartan Sanctuaries and Lakonian Identity between 1200 and 600 b.C.” de Florentina Fragkopoulou⁸⁷. A autora ressalta como: as observações e notas dos arqueólogos são vagas; pouca atenção foi dada à documentação do contexto em que os objetos votivos eram encontrados; o método de escavação do utilizado no período produz informações estratigráficas confusas, além de dificuldades de estabelecer sequências de achados e relações com o contexto do santuário. A imprecisão das informações ofertadas pelos arqueólogos, aponta Fragkopoulou, impacta nas conclusões qualitativas e quantitativas que podem ser estabelecidas – de modo a restringir seu alcance⁸⁸. Em um anexo dedicado à discussão das figuras de chumbo encontradas em Esparta, a autora faz uma revisão das propostas cronológicas estabelecidas para o santuário de *Orthia*⁸⁹, e, comparando o estabelecido pelos arqueólogos responsáveis pela escavação, Boardman e o modelo cronológico proposto por Maria Pipili para a cerâmica lacônica, produz a seguinte tabela:

	Esquema dos Escavadores	Esquema de Boardman	Esquema de Pipili
Geométrico	Junto com Proto-Coríntio e Lacônico	VIIIº século – 650 a.C.	Final do IXº século – 650 a.C.

⁸⁵ CAVANAGH, W.G.; LAXTON, R. R. “Lead Figurines from the Menelaion and Seriation” IN: The Annual of the British School at Athens, Vol. 79, 1984, 1984, p. 23/24.

⁸⁶ Ibid., p. 25 e 33/34.

⁸⁷ FRAGKOPOULOU, Florentia. *Spartan Sanctuaries and Lakonian Identity Between 1200 and 600 b.C.*. King’s College London – December 2010.

⁸⁸ Ibid., p. 120/121.

⁸⁹ Ibid. p. 240/242; a proposta de de Cavanagh e Laxton de antecipação da camada de areia para 600/590 também é comentada, mas, dado o fato deles não oferecem um esquema completo, sua posição não é incorporada à tabela.

	I (Subgeométrico). IXº século – 675 a.C.		
Lacônico I	700 – 635 a.C.	650 – 620 a.C.	650 – 620 a.C.
Lacônico II	635 – 600 a.C.	(até a camada de areia) 620 – 570/560 a.C.	620 – 580 a.C.
		Como estilo: 620 – 580 a.C. Camada de areia: 570/560 a.C.	

Tabela 1: Comparação dos esquemas cronológicos para o santuário de *Orthia*.
Retirado de: FRAGKOPOULOU, 2010, p. 241.

A autora ressalta que o esquema de Boardman, embora crítico da postura dos arqueólogos da *British School at Athens*, se além à estrutura proposta pelos mesmos, enquanto, por outro lado, o de Pipili incorpora uma análise dos parâmetros sócio-políticos que se relacionam com os momentos de desenvolvimento da cerâmica de tipo Lacônico⁹⁰. Todavia, conforme é possível perceber, não há uma diferença drástica entre a cronologia estabelecida por cada um dos dois, de modo que importa mais para este estudo é a distância estabelecida para aquela formulada num primeiro momento.

Neste trabalho utilizaremos como referência o estipulado por Pipili, mas encarando os marcos estabelecidos com maior fluidez, devido à dificuldade de determiná-los com precisão. Dada a natureza do mesmo, incorporamos no repertório apenas objetos votivos que são associados ao intervalo do final do século IX ao do VI a.C. e à localidade do santuário de *Orthia* em Esparta. Tal qual destacado anteriormente, a escavação trouxe à tona uma miríade de dedicações – especialmente para o período recortado; de maneira resumida, foram encontrados: (a) vasos de cerâmica em estado fragmentário, esmaltados de maneira uniforme ou cobertos com representações geométricas e figurativas; (b) placas e estatuetas de terracota produzidas à mão ou criadas a partir de moldes já estabelecidos; (c) máscaras de terracota que parecem reproduzir outras que teriam sido usadas em rituais; (d) entalhes em pedra calcária entre ofertas e parte da decoração do templo; (e) bronzes trabalhados em estatuetas ou objetos

⁹⁰ Ibid., p. 242.

de adorno; (f) marfim e osso esculpidos para uso como peças de adorno, selos, estatuetas e mais; (g) chumbo modelado em grandes estatuetas ou em pequenas figuras com características de produção em massa; (i) vasos de pasta vítrea; (j) uma variedade de contas de vídeo, âmbar, pedras engravadas, fragmentos de escultura e diversos outros tipos em pequenas quantidades.

Acreditando ser esse o modo que cria melhores condições para a análise empreendida, optamos por organizar o repertório em função das representações figurativas distribuídas entre a massa de objetos votivos presentes no santuário. Quando aquelas não parecerem particularmente relevantes para o culto – isto é, quando parecerem atender exclusivamente a critérios estilísticos – ou não estiverem presentes, as peças estarão dispostas segundo seu material de produção ou uso. Em casos de peças que poderiam ser alocadas sob mais de uma categoria, a classificação obedecerá o contexto em que elas venham a ser evocadas no trabalho. A ordenação se dá segundo o estabelecido abaixo.

Índice

01. Figuras Masculinas	172
.1 – <i>Guerreiros</i>	172
.2 – <i>Outros</i>	176
02. Figuras Femininas	183
.1 – <i>Aladas e em Companhia de Animais</i>	183
.2 – <i>Outras</i>	194
03. Figuras Masculinas e Femininas em Conjunto	209
04. Animais	214
.1 – <i>Leões</i>	214
.2 – <i>Cavalos</i>	220
.3 – <i>Aves</i>	225
.4 – <i>Conjuntos</i>	228

05. Miscelânea	230
.1 – <i>Deuses</i>	230
.2 – <i>Romãs</i>	232
.3 – <i>Fíbulas</i>	233
.4 – <i>Pentes em marfim e osso</i>	236
.5 – <i>Selos em marfim e osso</i>	237
.6 – <i>Guirlandas</i>	239
.7 – <i>Outros</i>	240
06. Conjuntos Organizados por Material	242
.1 – <i>Vasos de Cerâmica</i>	242
.2 – <i>Máscaras de Terracota</i>	250

01. FIGURAS MASCULINAS

.1 - GUERREIROS

OBJETO 001:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXIV.

Suporte e Material:

Placa de pedra calcária.

Descrição:

O fragmento apresenta um guerreiro avançando para a esquerda.

Localização:

Não indicada.

Datação:

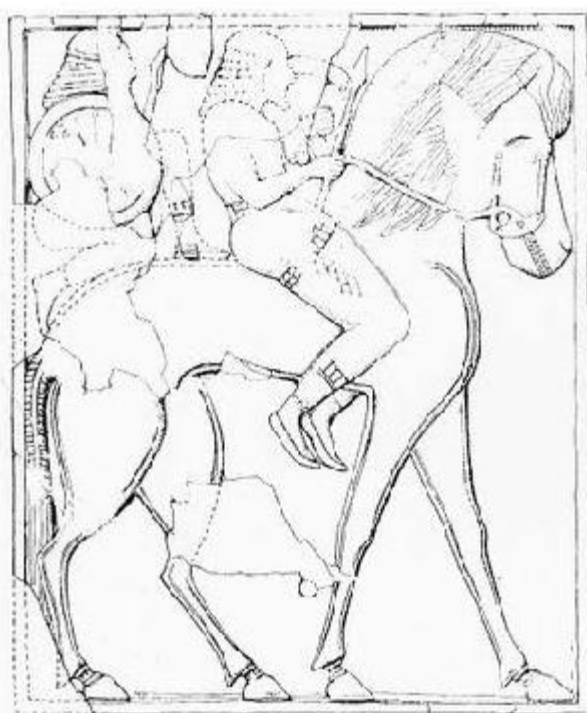
Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Os objetos são encontrados associados à camada de areia disposta sobre o santuário antes da construção do templo tardio. Assim sendo, pode estar associado à cerâmica de tipo Lacônico II ou III.

Um segundo fragmento que apresenta dois guerreiros, um de frente para o outro, foi encontrado.

OBJETO 002:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XCII, CIV.

Suporte e Material:

Placas em marfim; a 1ª, de natureza não definida; a 2ª, de fíbula.

Descrição:

As reproduções apresentam guerreiros a cavalo.

Localização:

1ª, interior da área delimitada pelo templo tardio; 2ª, não informada.

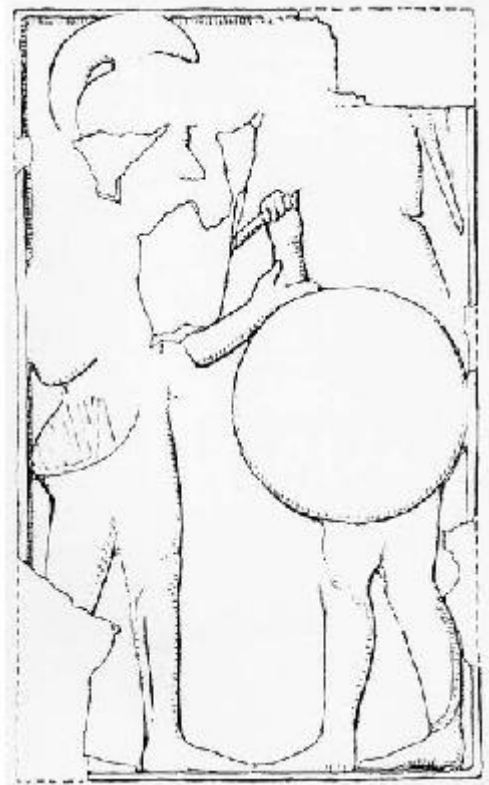
Datação:

1ª, Entre 675 e 650 a.C. (?); 2ª entre 650 e 620 a.C..

Comentário:

A 1ª placa foi retirada de um depósito que apresenta certo grau de confusão, de modo que há dificuldade em discernir se ela estaria associada apenas à cerâmica de tipo Geométrico, ou também às de tipo Proto-Coríntio e Lacônico I. A 2ª placa foi encontrada entre os três tipos citados acima.

Para além das placas aqui reproduzidas, no mesmo intervalo da 2ª, há ainda um exemplar com um homem aparentemente desarmado sobre o cavalo. Posteriormente, já no século VI a.C., há dois exemplares, um em marfim e um em osso, de homens em carros a cavalos.

OBJETO 003:**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CVII e CVIII.

Suporte e Material:

Placa em marfim; natureza não definida.

Descrição:

O fragmento apresenta dois guerreiros, um de frente para o outro.

Localização:

Não indicada.

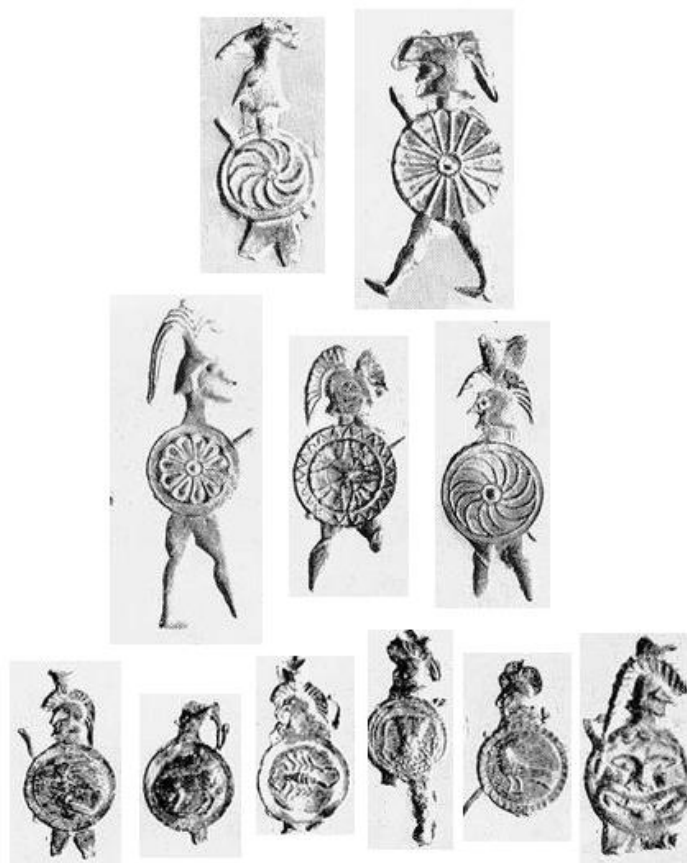
Datação:

Entre 650 a.C. e 620 a.C.

Comentário:

Foi encontrada somente com cerâmica de tipo Lacônico I. Outro fragmento apresentando um guerreiro brandindo a espada foi encontrado junto à cerâmica de tipo Laconian II.

OBJETO 004:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929; PL. CLXXXIII, CXCI e CXCVII.

Suporte e Material:

Objetos de chumbo de frente feita em molde e verso liso.

Descrição:

As reproduções apresentam guerreiros portando elmo, lança e escudo. A 1ª fileira corresponde a Lead I, a 2ª a Lead II e a 3ª a Lead III-IV. Em Lead I e II os escudos são geralmente decorados com rosetas e redemoinhos; em Lead III-IV tais variações se mantêm, mas surgem os animais e as górgonas.

Localização:

Não indicada.

Datação:

1ª, 650 a.C. a 620 a.C.; 2ª, 620 a.C. a 580 a.C.; 3ª, 580 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

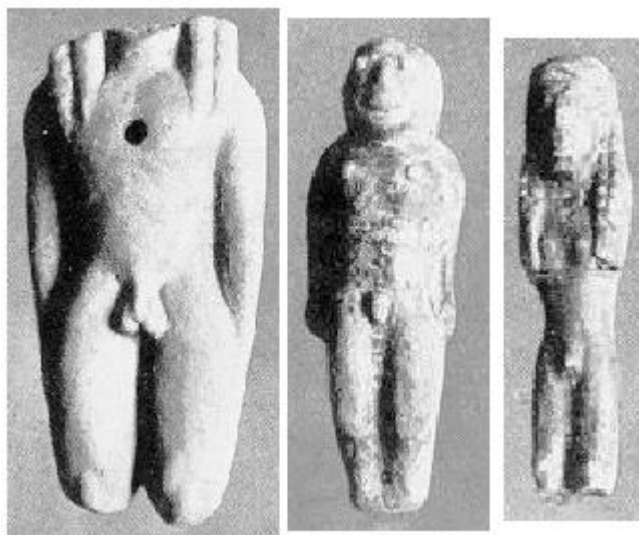
Tomadas em conjunto, os de guerreiros foram encontradas entre cerâmicas de tipo Lacônico I e VI – estando aqui reproduzidas apenas até Lead IV.

O relatório não oferece informações completas sobre as frequências das figuras, o que dificulta uma análise da popularidade das mesmas. Tendo em vista os limites assim impostos, demarcaremos o número de variações de cada tipo junto a quaisquer outros comentários quanto à frequência feitos pelos arqueólogos; são elas: [Lead I] 15 variações; [Lead II] 18, das quais ao menos três são continuidades do período anterior; [Lead III-IV] 26, das quais ao menos duas são continuidades do período anterior, figuras menores se tornam as mais frequentes.

Categoria esteve sempre entre as mais numerosas, descontando as guirlandas.

.2 – OUTROS

OBJETO 005:

**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XXXVII.

Suporte e Material:

Estatuetas de terracota feitas em molde.

Descrição:

As reproduções apresentam variações da representação de uma figura masculina nua; destacam-se o buraco no peito no 1º modelo e a barriga protuberante no 2º.

Localização:

Não indicadas.

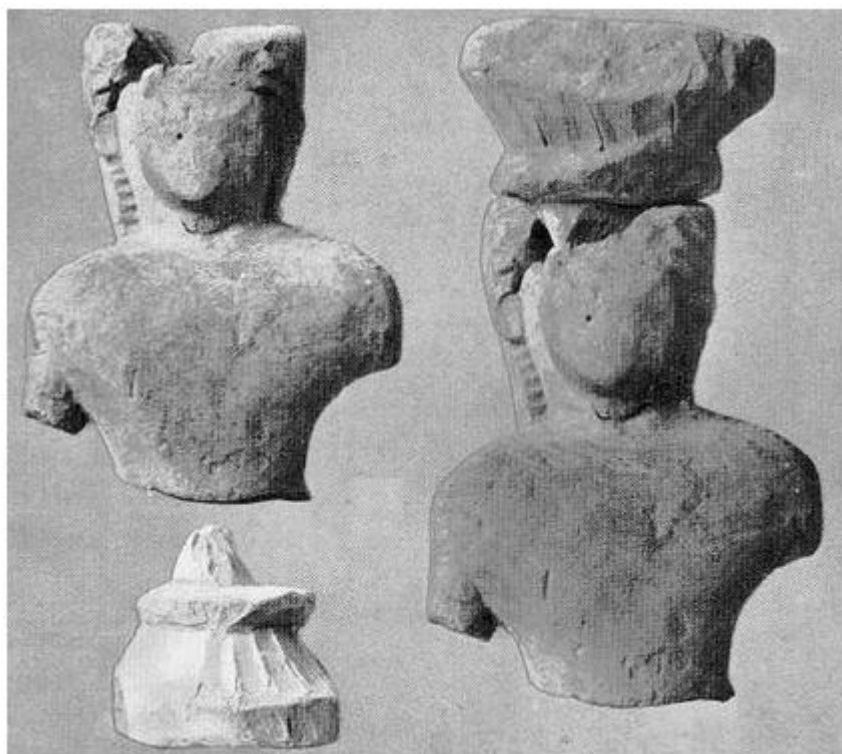
Datação:

1º, 650 a.C. a 620 a.C ; 2º, 650 a.C. a 500 a.C.; 3ª, 550 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as estatuetas são encontradas desde a cerâmica de tipo Lacônico I até IV, com a maioria, no entanto, estando na presença de Lacônico I. Foram encontrados dois exemplares do 1º modelo, sendo um – variação com os braços dobrados – de data incerta; oito exemplares do 2º modelo e um outro semelhante; e dois exemplares do 3º modelo, sendo um de data incerta também.

OBJETO 006:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXIII.

Suporte e Material:

Estatueta de pedra calcária.

Descrição:

A reprodução apresenta um busto de um homem quebrado na altura da cintura, com ambos os braços e face destruídos. No topo da cabeça há um buraco que parece ser feito para acomodar o *polos* feito em separado.

Localização:

Não indicada.

Datação:

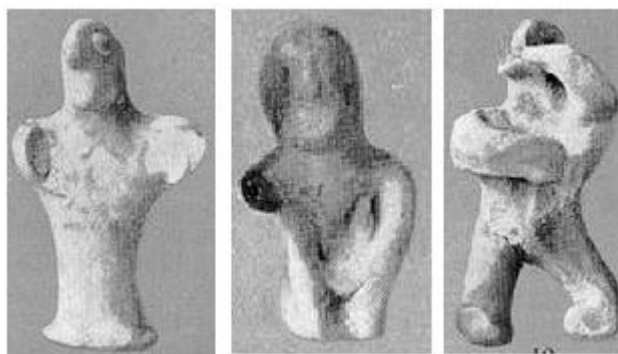
Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Os objetos são encontrados associados à camada de areia disposta sobre o santuário antes da construção do templo tardio. Assim sendo, pode estar associado à cerâmica de tipo Lacônico II ou III.

Um segundo exemplar do *polos* foi encontrado, mas não terminado.

OBJETO 007:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XL.

Suporte e Material:

Estatuetas de terracota feitas à mão.

Descrição:

As reproduções apresentam variações da representação de uma figura masculina; o 1º modelo dispõe de cabeça e braços rudimentares, além de um corpo colunar em que eventuais quebras sugeririam exemplares itifálicos; o 2º é composto de figuras itifálicas agachadas; o 3º abarca figuras com uma mão levantada ao nível da cabeça e outra sobre a genitália – frequentemente itifálicas.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

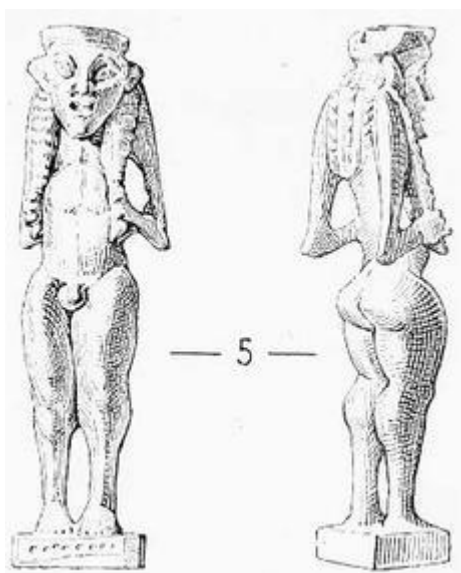
1º, entre final do século VIII a.C. e 500 a.C.; 2º, de pouco antes de 650 a.C. até 350 a.C. – com maior concentração no século VI a.C., todavia; 3º, entre 650 a.C. e 620 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as estatuetas são encontradas desde a cerâmica de tipo geométrico a Lacônico VI, com a maioria, no entanto, estando na presença de Lacônico I a IV. Foram encontrados 57 exemplares do 1º modelo – com os quais podemos colocar outros 10 que, semelhantes a cruces sem detalhes, parecem versões degeneradas do mesmo; 51 exemplares do 2º - e aproveitamos para citar 6 outros em posição similar qualificados como grotescos, e ainda mais 11 que parecem representar figuras femininas, ambos sem reproduções de qualidade nos relatórios; menos frequente, apenas 7 exemplares foram encontrados do 3º modelo.

Para além dos modelos citados acima, foram encontrados: duas figuras que poderiam estar originalmente sobre cavalos – datados da primeira metade do VII século a.C.; 22 exemplares que representariam um homem sentado de frente para uma mesa – mais frequentes no VII século a.C., mas com alguns exemplares no VI a.C.; 122 fragmentos inclassificáveis; e, enfim, 3 exemplares únicos cuja datação não é informada – um homem carregando um animal, outro tocando flauta e um terceiro carregando um saco.

OBJETO 008:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CLXX.

Suporte e Material:

Estatueta de marfim.

Descrição:

A reprodução apresenta uma figura masculina nua e segurando parte do cabelo. Semelhanças podem ser traçadas com exemplares em cerâmica.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

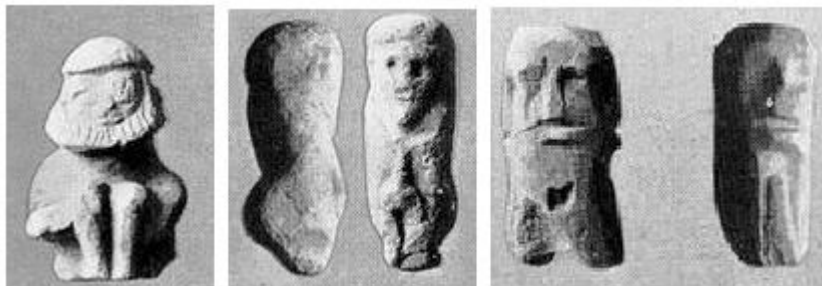
Entre final do século VIII a.C. e 620 a.C.

Comentário:

Foi encontrada entre cerâmicas de tipo Geométrico, Proto-Coríntio e Lacônico I.

É possível identificar outra representação de um homem nu - de técnica mais simples – e uma estatueta de um homem agachado.

OBJETO 009:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXIII e LXIV.

Suporte e Material:

Estatuetas de pedra calcária.

Descrição:

As reproduções apresentam três estatuetas de pequenas proporções: a 1ª representa um homem adulto agachado; a 2ª, a visão de lado e de frente de uma figura itifálica; 3ª, dois pontos de vista sobre uma peça com quatro faces, cada qual apresentando um rosto, um órgão sexual – feminino e masculino alternados – e duas pernas.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Os objetos são encontrados associados à camada de areia disposta sobre o santuário antes da construção do templo tardio. Assim sendo, podem estar associados à cerâmica de tipo Lacônico II ou III.

Um exemplar do que pode ser outro homem agachado foi encontrado, mas não terminado. Além deste, outros cinco objetos que podem vir a ser representações de homens foram encontradas.

OBJETO 010:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXXVII.

Suporte e Material:

Estatueta de bronze.

Descrição:

Figura masculina sentada com uma mão disposta sobre o queixo ou barba.

Localização:

Não informado.

Datação:

Final do século VIII a.C.

Comentário:

Encontrado em associação à cerâmica geométrica, em um estrato indicado como recuado.

OBJETO 011:

**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CLXXXIII, CLXXXIX, e CXCVI.

Suporte e Material:

Pequenas figuras de chumbo.

Descrição:

Figuras masculinas com instrumentos musicais; 1º, portando uma lira; 2º, tocando um *aulós*.

Localização:

Não informado.

Datação:

1ª, 650 a 580 a.C.; 2ª 650 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

Tomados em conjunto, foram encontrados com cerâmicas de tipo Lacônico I a IV.

O tocador de lira dispõe de três variações em Lead I, duas em Lead II e não se faz presente entre Lead III e IV. O tocador de *aulós* apresenta três variações em Lead I e II, dispondo de cinco em Lead III e IV.

02. FIGURAS FEMININAS**.1 – ALADAS OU EM COMPANHIA DE ANIMAIS****OBJETO 012:**



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 149 e PL. XXXII.

Suporte e Material:

Estatuetas de terracota feita em molde.

Descrição:

As reproduções apresentam estatuetas feitas a partir do mesmo molde; é possível identificar uma figura feminina em pé, utilizando um longo *chiton* e portando um *polos*. Junto a ela se encontra o que se assemelha a um leão apoiado nos membros posteriores; a figura feminina segura uma de suas patas e dispõe a mão sobre sua cabeça.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

De pouco antes de 650 a.C. até aproximadamente 500 a.C.

Comentário:

As estatuetas são encontradas desde a cerâmica de tipo Lacônico I a IV. Apenas 1 exemplar foi encontrado completo, mas outros 11 fragmentos certamente pertencem ao mesmo tipo.

A associação direta com o leão nos parece um indicativo da identidade da figura enquanto *Orthia*.

OBJETO 013:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XXXII.

Suporte e Material:

Pingente de terracota feito em molde.

Descrição:

A reprodução apresenta a cabeça de uma figura feminina sem *polos* entre duas cabeças de cavalo.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

De 620 a.C. até aproximadamente 500 a.C.

Comentário:

A maioria dos exemplares é encontrada desde a cerâmica de tipo Lacônico II a IV (7 dos 9). Das demais, uma é de contexto incerto, outra ligada à cerâmica proto-coríntia e Lacônica I. Os autores parecem desconsiderar esta última ao estabelecer a datação, provavelmente tomando-a por uma intrusão. Todavia, pequenas cabeças de cavalo semelhantes às vistas no pingente são identificadas já entre a cerâmica de tipo geométrico e Lacônica I.

A associação direta com o cavalo nos parece um indicativo da identidade da figura enquanto *Orthia*.

OBJETO 014:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XXXIII.

Suporte e Material:

Estatueta de terracota que combina partes feitas a partir de molde e partes feitas à mão.

Descrição:

A reprodução apresenta uma figura feminina disposta de lado sobre um cavalo.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

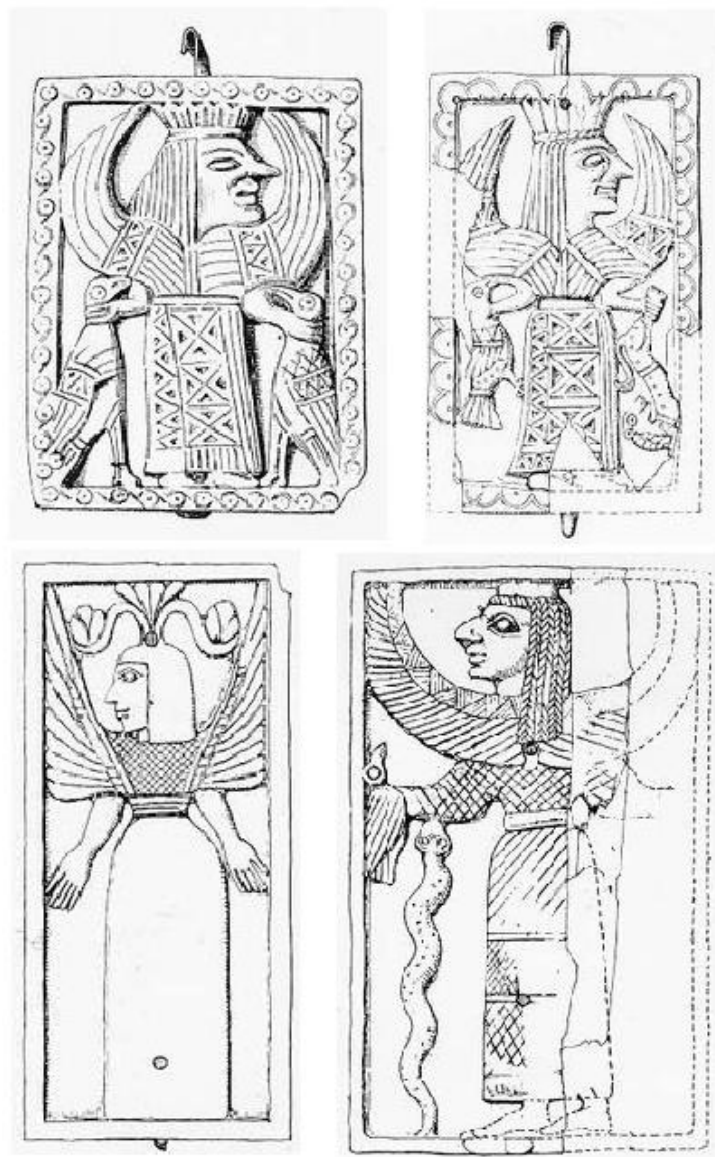
Aproximadamente de 650 a 550 a.C.

Comentário:

As estatuetas são encontradas desde a cerâmica de tipo Lacônico I a III. Apenas 6 peças podem ser assim classificadas com precisão. Todavia, tal número pode ser mais expressivo e se estender por um intervalo maior caso alguns dos 30 fragmentos de mulheres sentadas sobre objetos que se perderam sejam complementares às numerosas estatuetas de cavalo que apresentam indícios de algo quebrado sobre as costas.

A associação direta com o cavalo nos parece um indicativo da identidade da figura enquanto *Orthia*.

OBJETO 015:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XCI, XCII e XCIII.

Suporte e Material:

Placas de fíbula em marfim.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras femininas aladas, dotadas de um *chiton* e, salvo no caso da 3ª, um *polos*. A do 1º modelo segura uma ave em cada mão; a do 2º segura uma ave e um leão; a do 3º não está representada junto a animais, mas diferencia-se pelo

adereço sobre a cabeça; o fragmento da 4ª nos permite vê-la segurando uma ave e tendo uma cobra agarrada ao seu braço.

Localização:

Não indicada.

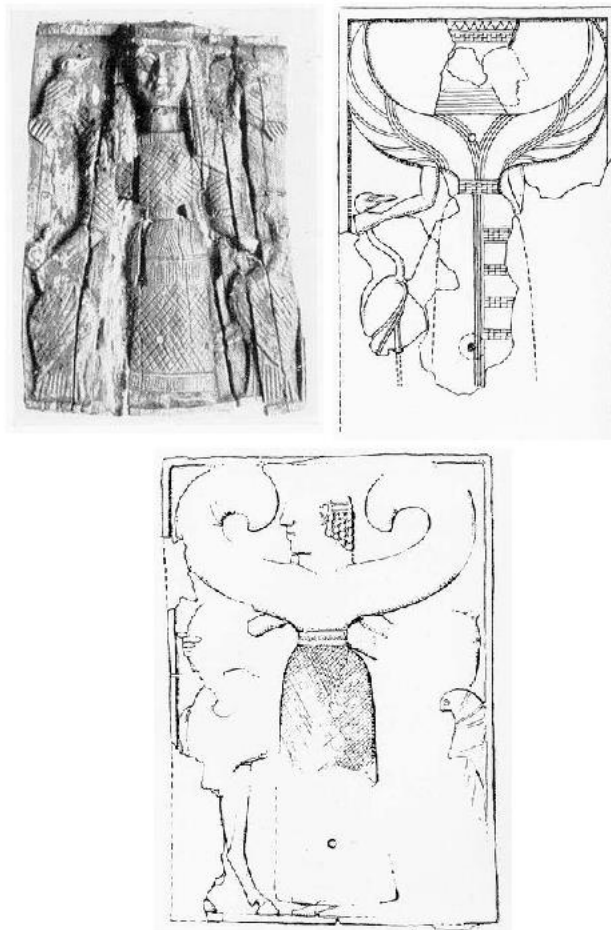
Datação:

Entre 675 e 650 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as placas de fíbula reproduzidas aqui foram encontradas somente com cerâmica de tipo Geométrico. No relatório há referência a dois outros exemplares semelhantes que parecem estar associados ao mesmo período.

OBJETO 016:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XCVIII e CVII.

Suporte e Material:

placass de fíbula em marfim.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras femininas aladas, dotadas de um *chiton* e um *polos* - salvo no caso da 3ª em que o estado fragmentário não permite uma conclusão. A do 1º modelo segura uma ave em cada mão, tendo mais duas aves pousadas sobre seus ombros; a do 2º segura uma ave aquática em uma mão, a parte da placa referente à outra não tendo sido recuperada; a do 3º segura um objeto redondo não identificável, e, supõe-se, dispõe a mão sobre um cavalo que se coloca atrás dela.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre 650 a.C. e 620 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as placas de fíbula reproduzidas aqui foram encontradas somente com cerâmica de tipo Lacônico I. No relatório há referência a outro exemplar semelhante à primeira.

OBJETO 017:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CLXXII.

Suporte e Material:

Objeto de marfim; natureza não definida.

Descrição:

A reprodução apresenta a cabeça de uma figura feminina entre duas cabeças de cavalo. O conjunto parece estar associado a um objeto circular. Semelhanças podem ser traçadas com exemplares em cerâmica.

Localização:

Não indicadas.

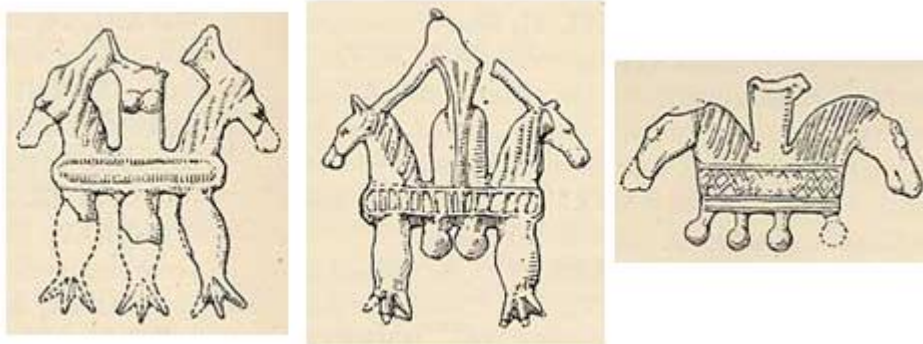
Datação:

Entre 650 a.C. e 620 a.C.

Comentário:

Foi encontrado com cerâmicas de tipo Geométrico, Proto-Coríntio e Lacônico I.

Entre as diversas figuras de marfim de natureza não definida, encontramos ainda duas representações de cavalos, uma de leão, uma de cobra, uma de boi, duas de aves. Outras talvez se encaixem nessas categorias, mas o estado fragmentário de algumas peças não permite definição.

OBJETO 018:**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 266.

Suporte e Material:

Ornamentos de Chumbo.

Descrição:

As reproduções apresentam ornamentos com, na parte de cima, uma figura feminina entre duas cabeças de cavalo, e, na parte de baixo, botões de romã.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

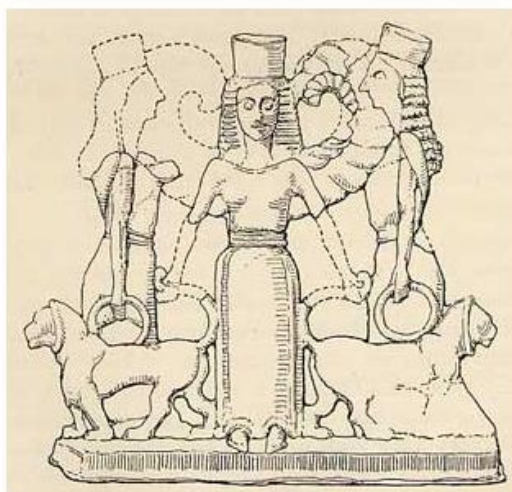
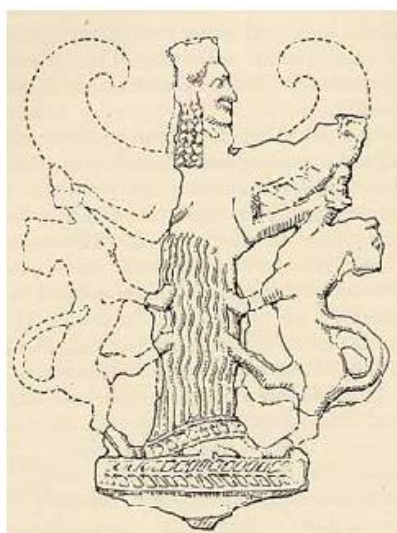
1º e 2º, entre 650 a.C. e 580 a.C.; 3º, entre 580 a.C. e 500 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, foram encontradas entre cerâmicas de tipo Lacônico I e IV.

Ornamentos e Imitações de Joias constituem a principal categoria de Lead 0, mantendo relevância em Lead I, começando a decair em Lead II e de maneira mais acentuada em III-IV até praticamente desaparecerem em Lead V. As frequências de cada tipo de peça não são informadas, todavia, pelas conexões com objetos em outros materiais, destacamos os pingentes de cabeça de boi, as contas de romã, os ornamentos de leões deitados e os pinos de fíbula.

OBJETO 019:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 260.

Suporte e Material:

Fíbula e Estatueta de Chumbo.

Descrição:

As reproduções apresentam uma figura feminina alada, usando um longo *chiton* e um *polos*, e ladeada por dois leões: na 1ª, ela os segura pela pata; na 2ª, ela os segura pela cauda e o grupo é composto também por duas cultuadoras, ambas portando guirlandas e vestidas de maneira semelhante à figura central.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

1º, entre 650 a.C. e 620 a.C.; 2º, entre 650 a.C. e 580 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, foram encontradas entre cerâmicas de tipo Lacônico I e II. Para além dos objetos aqui reproduzidos, o relatório contém outro exemplar semelhante ao 1º tipo, e a indicação de que outras 4 exemplares do 2º tipo foram encontrados.

OBJETO 020:

Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929; PL. CLXXXII, CLXXXVIII, CLXXXIX, CXCXV.

Suporte e Material:

Objetos de chumbo de frente feita em molde e verso liso.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras femininas aladas, portando um longo *chiton* e um *polos*; frequentemente seguram guirlandas e uma variável foi encontrada com um leão em mãos. A 1ª fileira corresponde a Lead I, a 2ª a Lead II e a 3ª a Lead III-IV.

Localização:

Não indicada.

Datação:

1ª, 650 a.C. a 620 a.C.; 2ª, 620 a.C. a 580 a.C.; 3ª, 580 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as figuras femininas aladas foram encontradas entre cerâmicas de tipo Lacônico I e VI – estando aqui reproduzidas apenas até Lead IV.

O relatório não oferece informações completas sobre as frequências das figuras, o que dificulta uma análise da popularidade das mesmas. Tendo em vista os limites assim impostos, demarcaremos o número de variações de cada tipo junto a quaisquer outros comentários quanto à frequência feitos pelos arqueólogos; são elas: [Lead I] 17 variações, uma das quais estará presente até Lead III-IV (a segunda da primeira fileira reproduzida acima); [Lead II] 29 variações, das quais ao menos duas são continuidades do período anterior; [Lead III-IV] 12 variações, uma das quais é continuação de Lead I.

No período de Lead III-IV outras figuras em chumbo associadas a divindades são depositadas no santuário; são elas: de com arco, 1 tipo; deusa com arco e égide, 1; com lança e égide, 12; com escudo, lança e égide, 1; com cervo e leão, 1; deus com tridente, 5; com tridente e peixe, 2; com tridente e carneiro, 2; com caduceu e carneiro, 2; com clava, 1.

Categoria esteve sempre entre as mais numerosas, descontando as guirlandas.

OBJETO 021:

**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. CCIII.

Suporte e Material:

Amuleto retangular de prata.

Descrição:

Representação apresenta uma figura feminina entronada, dotada de vestes, coroa e véu, com a mão esquerda levantada, e que tem dois pássaros a seu lado.

Localização:

Não informado.

Datação:

Primeira metade do século VII a.C.

Comentário:

Arqueólogos responsáveis pela escavação do santuário defendiam tratar-se de Hera e seus pavões.

.2 – OUTRAS

OBJETO 022:

**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 147 e PL XXVIII, XXX e XXXI.

Suporte e Material:

Estatuetas de terracota feitas em moldes.

Descrição:

As reproduções apresentam variações da representação de uma figura feminina; via de regra as estatuetas empregam um longo *chiton*, todavia a definição do cabelo e as presenças de *polos* e pés vão de acordo com o modelo.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

1ª, entre 650 e 620 a.C.; 2ª, entre final do século VIII a.C. e 580 a.C.; 3ª, entre 650 e 500; e 4ª, entre 620 e 550.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as estatuetas são encontradas desde a cerâmica geométrica até a de tipo Lacônico IV. São 22 exemplares do primeiro modelo, 45 do segundo, 37 do terceiro e 5 do quarto. Os dois primeiros modelos reproduzidos apresentam semelhanças com alguns *protomai* e com algumas cabeças encontrados que poderiam vir a constituir

outras estatuetas. Somadas essas peças, chegamos respectivamente a 34 e 58 exemplares. Nenhuma das estatuetas do quarto modelo teve a cabeça preservada.

Para além das reproduzidas acima, outras dezessete figuras parecem oferecer representações semelhantes às destacadas, ainda que não possam ser reduzidas a estes modelos. Destacam-se 1 busto e 14 estatuetas feitas à mão e de escala um pouco maior.

Os arqueólogos que escavaram o santuário acreditam ver nas peças Artemis Orthia, argumentando que não há motivo para supor que o culto tivesse um caráter mais feminino que masculino, e, por isso, não deveriam ser devotas.

OBJETO 023:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XXXII.

Suporte e Material:

Estatueta de terracota feita à mão.

Descrição:

A reprodução apresenta uma figura feminina sentada em um trono, utilizando um longo *chiton* e, sugerem alguns exemplares, um *polos* ou *stephanos* – que, todavia, não foram encontrados.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

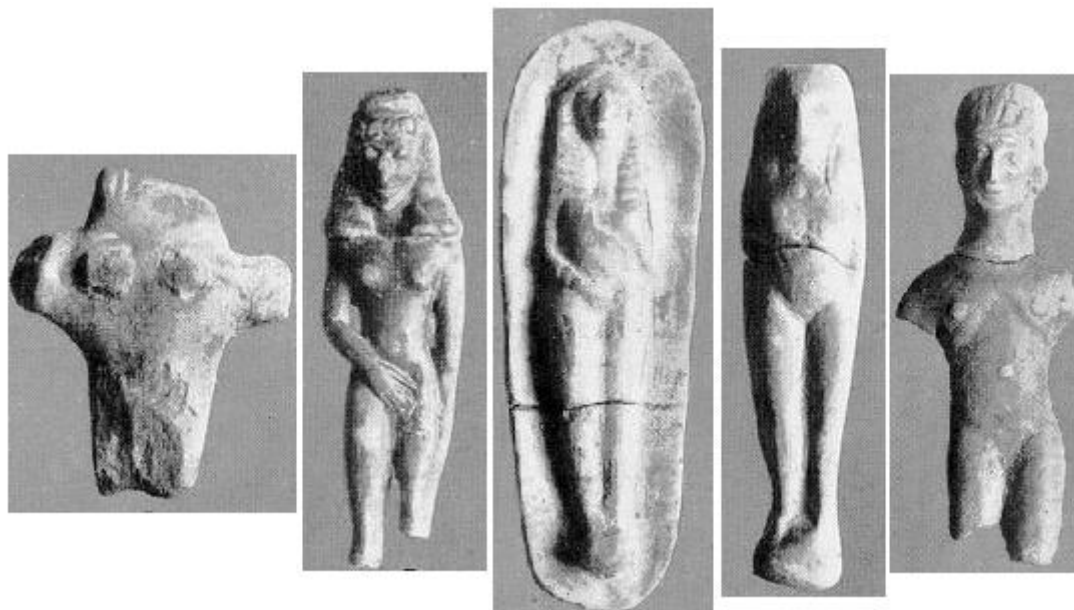
Aproximadamente de 650 a 580 a.C.

Comentário:

A maioria dos exemplares é encontrada desde a cerâmica de tipo Lacônico I a II – todos salvo dois, um anterior e um posterior. São 16 peças confirmadas, a maioria muito

fragmentária, além de 19 pernas de trono e 10 cabeças que parecem ter pertencido ao mesmo tipo de figura.

OBJETO 024:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XXXVI.

Suporte e Material:

Estatuetas de terracota feitas em molde – exceto a primeira, que é feita à mão.

Descrição:

As reproduções apresentam variações da representação de uma figura feminina nua; destacam-se o *polos* baixo usado na segunda figura e a postura compartilhada entre essa e a terceira – dispondo uma mão sobre a genitália.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

1º, Entre final do século VIII a.C. e 650 a.C.; 2ª e 3ª, 650 a.C. e 620 a.C.; 4ª, 620 a 580 a.C.; 5ª, 580 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as estatuetas são encontradas desde a cerâmica geométrica até a de tipo Lacônico IV, com a maioria, no entanto, estando na presença de Lacônico I.

Foram encontrados dois exemplares do 1º e do 2º modelos, e, em ambos os casos, um dos exemplares possui datação incerta; do 3º e do 5º apenas um exemplar de cada foi catalogado; e, do 4º, há a confirmação de cinco exemplares e a possibilidade de mais um.

OBJETO 025:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXXXIX.

Suporte e Material:

Protomai de bronze.

Descrição:

A reprodução apresenta a cabeça de uma figura feminina.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

Entre 650 a.C. e 620 a.C.

Comentário:

Foram encontradas entre a cerâmica de tipo sub-geométrico a Lacônico I.

O relatório contém reproduções de três exemplares para o período.

OBJETO 026:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XC.

Suporte e Material:

Estatueta de bronze.

Descrição:

A reprodução apresenta uma figura feminina com um objeto não identificável nas mãos.

Localização:

Não indicada.

Datação:

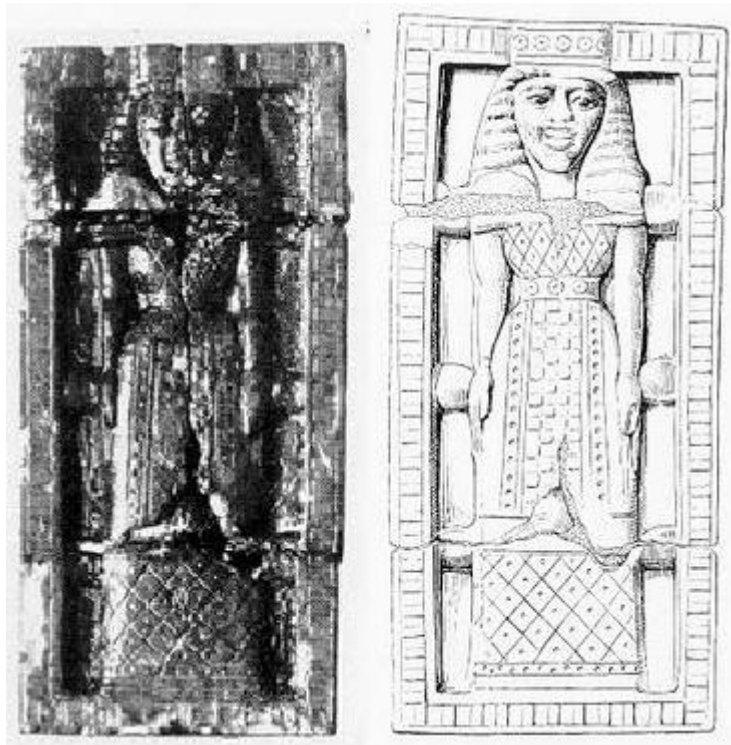
Entre 580 a.C. e 550 a.C.

Comentário:

Foram encontradas desde a cerâmica de tipo Lacônico III.

O relatório contém a reprodução de mais um exemplar.

OBJETO 027:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XCVI.

Suporte e Material:

Placas em marfim; natureza não definida.

Descrição:

As reproduções apresentam uma figura feminina portando um longo *chiton* e um *polos*.

Localização:

Não indicada.

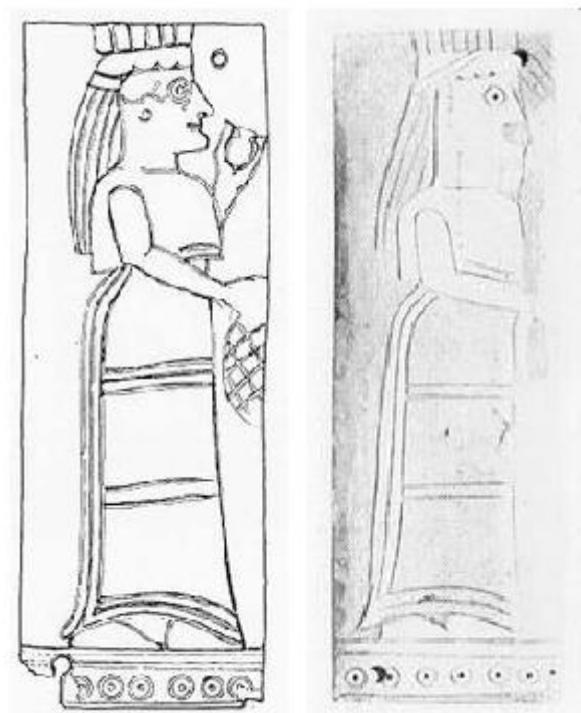
Datação:

Entre 650 a.C. e 620 a.C.

Comentário:

Foi encontrada entre as cerâmicas de tipo Geométrico, Proto-Coríntio e Lacônico I.

OBJETO 028:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXII.

Suporte e Material:

Placas em osso; natureza não definida.

Descrição:

As reproduções apresentam uma figura feminina, dotada de *chiton* e *polos*, portando um objeto não identificado e, supõe-se, uma romã.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre o 620 a.C. e meados do século V a.C..

Comentário:

Foram encontradas desde as cerâmicas de tipo Lacônico II e V. Para além do representado, foram encontrados outros quatro exemplares.

OBJETO 029:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXVIII e CXIX.

Suporte e Material:

Estatuetas de osso.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras femininas dotadas de *polos*; a 1ª e a 3ª apresentam um corpo colunar, enquanto a 2ª dispõe de braços e utiliza um longo *chiton*; a diferença entre a 1ª e a 3ª reside no fato dessa última ser produzida a partir de um segmento cortado de osso, possuindo, portanto, a parte de trás oca.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

1ª, entre 650 a.C. e 425 a.C.; 2ª, entre final do século VIII a.C e 350 a.C. (?); 3ª, 580 a.C. a 500 a.C.

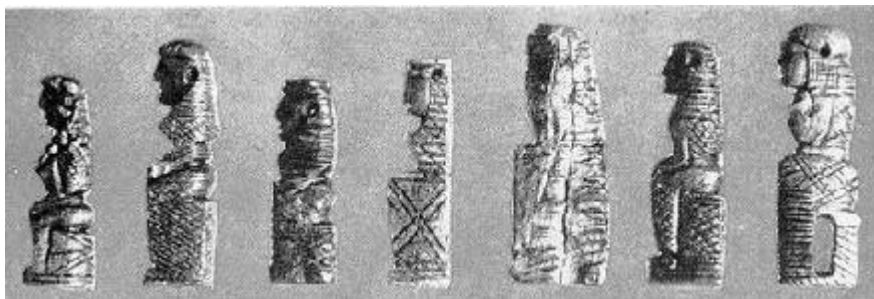
Comentário:

Tomadas em conjunto, as estatuetas são encontradas desde a cerâmica geométrica até, seguramente, a de tipo Lacônico V, ou, talvez, Lacônico VI. A dúvida reside na

distribuição das estatuetas do 2º modelo, que, embora apresentem maior concentração no século VII a.C. (7 das 11 peças), dispõe tanto de 1 exemplar apenas com cerâmica geométrica, quanto de outro com cerâmica de tipo VI – objetos esses que, comentam os arqueólogos, parecem fora de lugar. Do 1º modelo foram encontrados 16 exemplares, 9 dos quais pertencem ao século VII a.C. e outros 4 ao VI a.C.; e, do 3º, 13 exemplares foram encontrados – com estes, todavia, podemos encaixar ainda outras 4 cabeças que parecem pertencer ao último modelo. Há ainda uma figura com representação semelhante mas que não encaixa precisamente em nenhum dos modelos.

Por fim, 14 *protomai* – dos quais apenas 1 é em marfim – foram encontrados entre meados do século VIII a.C. e final do século VII a.C – com maior concentração em associação à cerâmica de tipo Laconian I. Apesar da raridade do *polos*, em sua maior parte se assemelham a versões mais simples das estatuetas representadas acima.

OBJETO 030:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXXII.

Suporte e Material:

Estatuetas em osso.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras sentadas num trono.

Localização:

Não indicada.

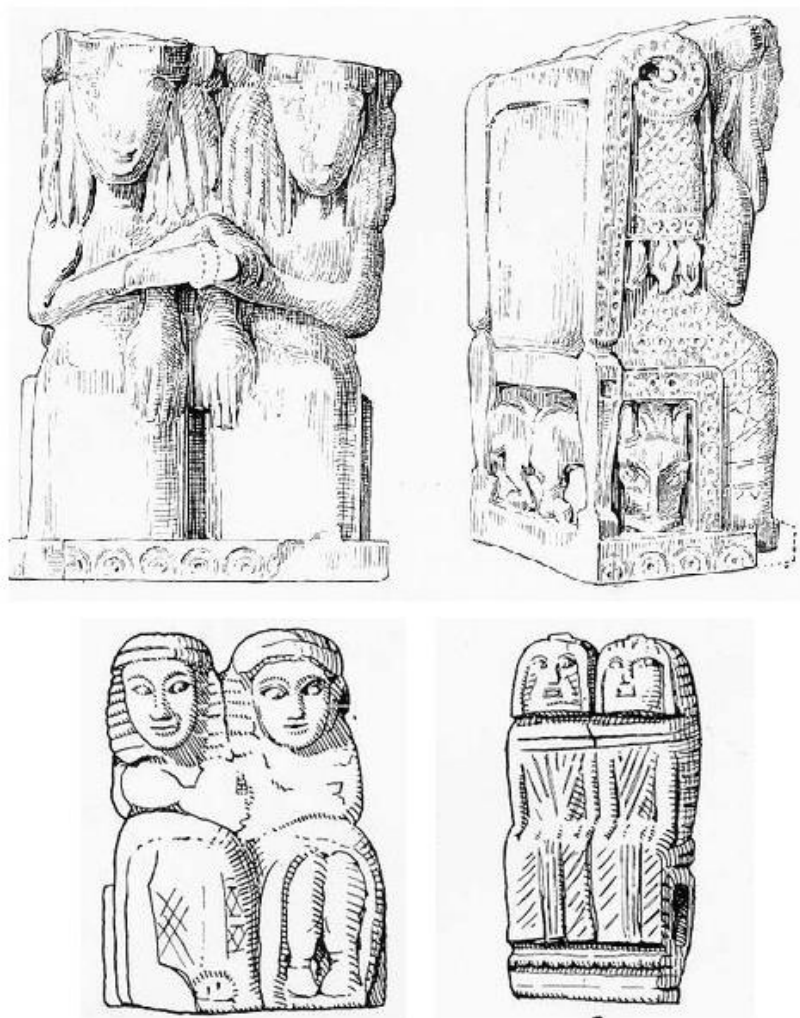
Datação:

Entre final do século VIII a.C. a 580 a.C.

Comentário:

Foram encontradas entre as cerâmicas de tipo geométrico e Laconian II – com maior concentração nos depósitos que associam Geométrico, Proto-Coríntio e Lacônico I. Dos 21 exemplares, 15 podem ser datados, mas a correlação com as peças reproduzidas não é fornecida.

OBJETO 031:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXXIV e CXXV.

Suporte e Material:

Estatuetas em marfim.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras femininas sentadas em pares sobre tronos. A 1ª se destaca pela presença dos cavalos sob o trono.

Localização:

1ª, margem do rio; 2ª e 3ª não informado.

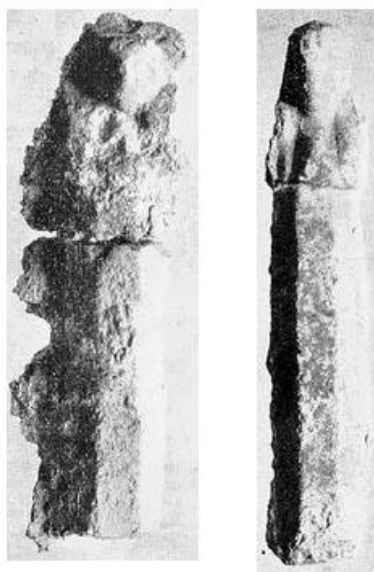
Datação:

1ª, datação não atribuível; 2ª, Entre 675 a.C. e 650 a.C. 3ª, entre 650 e 620 a.C.

Comentário:

Dos três exemplares, apenas dois podem ser datados: o 2ª modelo foi encontrado apenas com cerâmica Geométrica; o 3º, entre Geométrica, Proto-Coríntia e Lacônica I.

OBJETO 032:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXCII e CXCIII.

Suporte e Material:

Estatuetas de Chumbo.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras femininas; o estado de conservação não permite a definição de detalhes, mas as peças aparentam semelhança com representações em bronze, marfim e cerâmica.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

1º, 620 a.C. a 580 a.C.; 2º, 580 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, foram encontradas entre cerâmicas de tipo Lacônico II a IV.

Para além dos objetos acima, o relatório contém a reprodução de outro 2 exemplares no mesmo intervalo do 1º tipo, e de outros 3 no mesmo intervalo do 2º tipo.

OBJETO 033:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929; PL. CLXXXI, CLXXXII, CXC e CXCIV.

Suporte e Material:

Objetos de chumbo de frente feita em molde e verso liso.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras femininas, portando um longo *chiton* e, frequentemente, um *polos*; eventualmente carregam guirlandas, palmas, romãs ou alabastras. A 1ª fileira corresponde a Lead I, a 2ª a Lead II e a 3ª a Lead III-IV.

Localização:

Não indicada.

Datação:

1ª, 650 a.C. a 620 a.C.; 2ª, 620 a.C. a 580 a.C.; 3ª, 580 a.C. a 500 a.C.

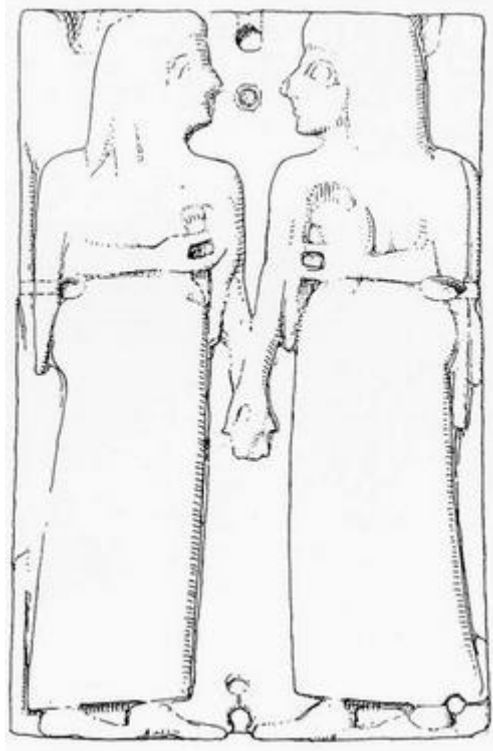
Comentário:

Tomadas em conjunto, as figuras femininas aladas foram encontradas entre cerâmicas de tipo Lacônico I e VI – estando aqui reproduzidas apenas até Lead IV.

O relatório não oferece informações completas sobre as frequências das figuras, o que dificulta uma análise da popularidade das mesmas. Tendo em vista os limites assim impostos, demarcaremos o número de variações de cada tipo junto a quaisquer outros comentários quanto à frequência feitos pelos arqueólogos; são elas: [Lead I] 21 tipos; [Lead II] 30, cinco das quais já estavam presentes em Lead I; [Lead III-IV] 29, figuras menores se tornam as mais frequentes.

Categoria esteve sempre entre as mais numerosas, descontando as guirlandas.

OBJETO 034:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. CL.

Suporte e Material:

Relevo sob estatueta de animal deitado em marfim.

Descrição:

Representação é composta de duas figuras femininas dotadas de longas vestes, voltadas de frente uma para outra, portando objetos não reconhecíveis e de mãos dadas.

Localização:

Não informado.

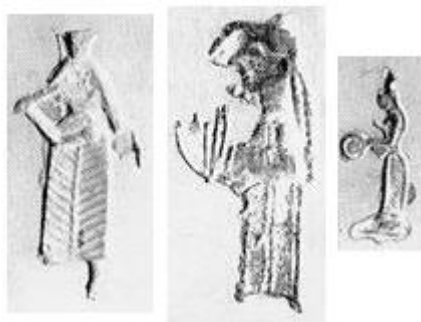
Datação:

Primeira metade do século VII a.C.

Comentário:

Relevo disposto sob a figura de um leão mordendo o pescoço de um cervo.

OBJETO 035:

**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CLXXXIII e CLXXXIX.

Suporte e Material:

Pequenas figuras em chumbo.

Descrição:

Representações apresentam mulheres tocando instrumentos musicais: 1ª, *aulós* 2ª, lira; 3ª, címbalo.

Localização:

Não informado.

Datação:

1ª, 650 a.C. a 500 a.C.; 2ª, 620 a.C. a 500 a.C., 3ª, 580 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto as representações foram encontradas em camadas associadas as cerâmicas de tipo Lacônico I a IV.

O primeiro tipo, *aulós*, tem duas variações em Lead I, três em Lead II e duas em Lead III-IV; o segundo tipo, lira, tem uma variação em Lead II e uma em III-IV; o terceiro e último tipo, címbalo, detém uma variação apenas em Lead III-IV.

03. FIGURAS MASCULINAS E FEMININAS EM CONJUNTO**OBJETO 036:**



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 154.

Suporte e Material:

Placa de terracota.

Descrição:

A reprodução apresenta uma figura feminina e uma masculina lado a lado de mãos dadas e segurando uma guirlanda.

Localização:

Encontrada sob a fundação do teatro romano.

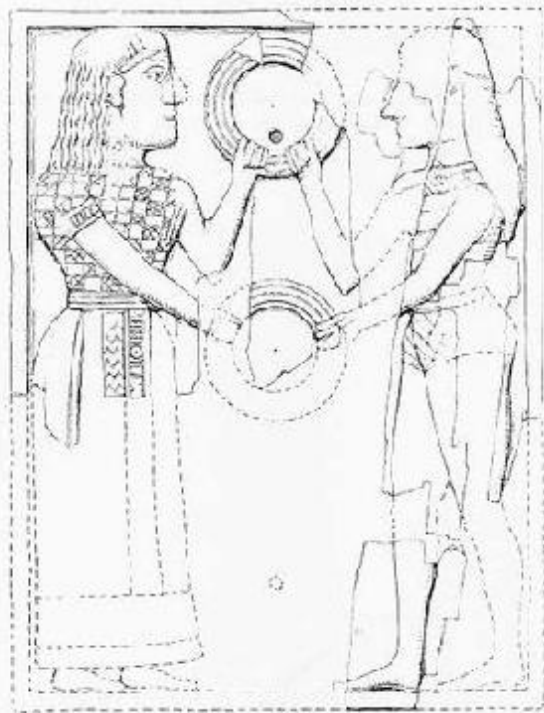
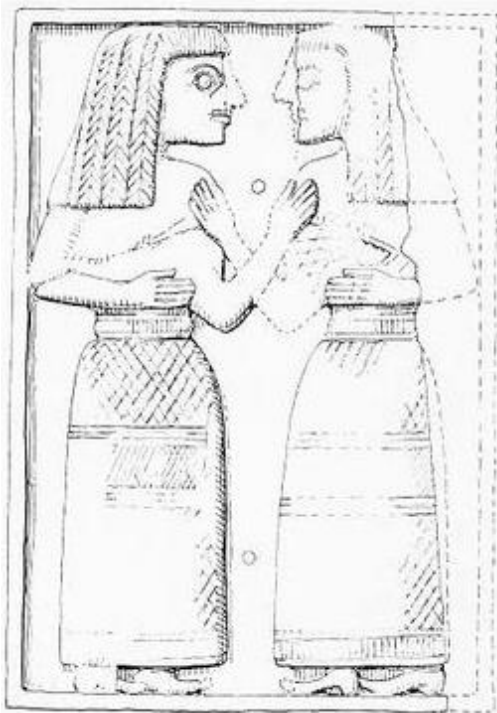
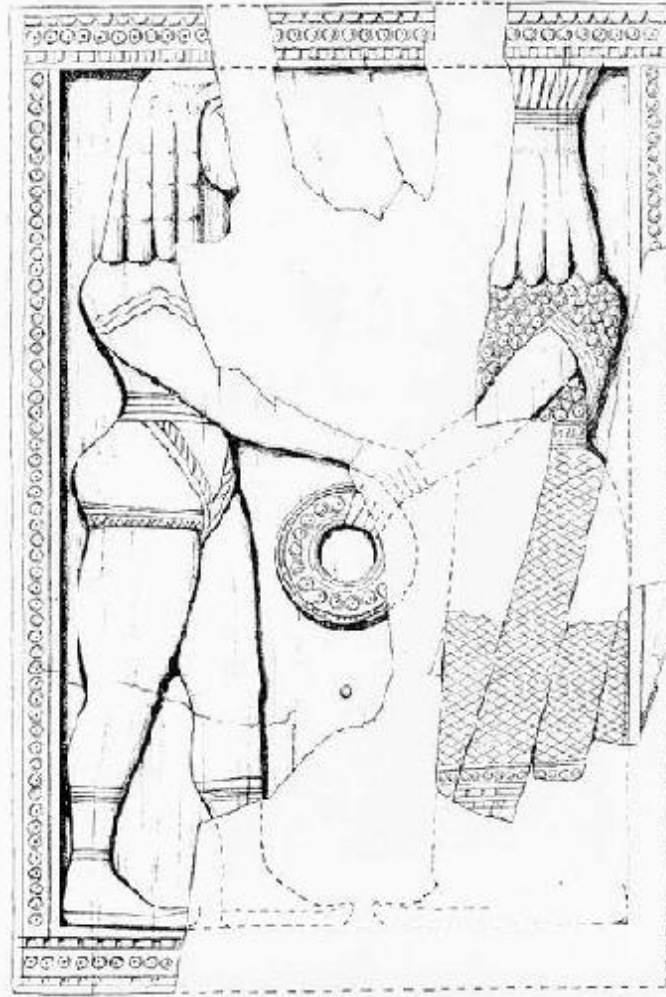
Datação:

Entre final do século VIII a.C e 650 a.C.

Comentário:

O depósito em que a peça foi encontrada apresenta considerável confusão. Todavia, as características da mesma levam à associação com a cerâmica de tipo geométrico, e, por conseguinte, ao estabelecimento do intervalo delimitado acima.

OBJETO 037:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XCII, CIV.

Suporte e Material:

Placas de fíbula em marfim.

Descrição:

As reproduções apresentam homens e mulheres interagindo: a 1ª, uma figura masculina segurando o pulso de uma feminina, que, por sua vez, segura uma guirlanda; 2ª, duas figuras femininas lado a lado, cada uma com a mão sobre o ombro da outra; 3ª, uma figura feminina e outra masculina que juntos seguram duas guirlandas, uma ao alto e outra mais abaixo.

Localização:

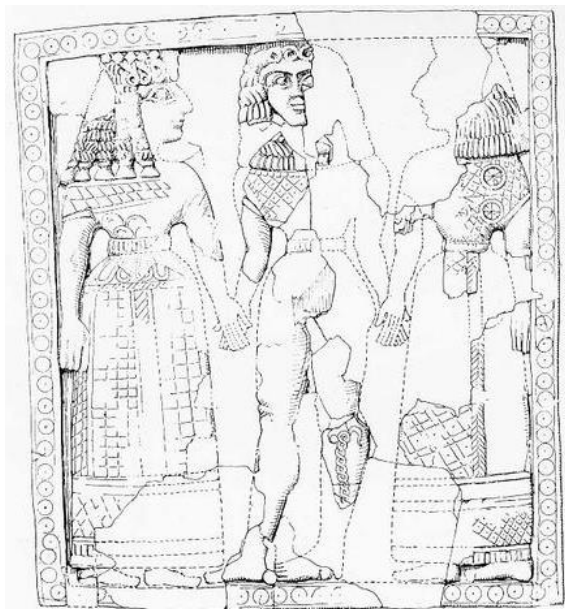
Não indicada.

Datação:

1ª e 2ª, entre 650 e 620 a.C.; 3ª, entre 620 e 580 a.C.

Comentário:

As duas primeiras placas foram encontradas entre as cerâmicas de tipo Geométrico, Proto-Coríntio e Lacônico I. A 3ª, todavia, se encontrava em um nível contendo apenas Lacônico I.

OBJETO 038:

Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XCV.

Suporte e Material:

Placa em marfim.

Descrição:

Representação apresenta uma figura masculina vestida centralizada e com a face voltada para frente, mas os pés colocados de lado que, por sua vez, é acompanhada por duas figuras femininas dotadas de longas vestes e de *polos*, dispostas viradas para o centro e segurando as mãos do homem

Localização:

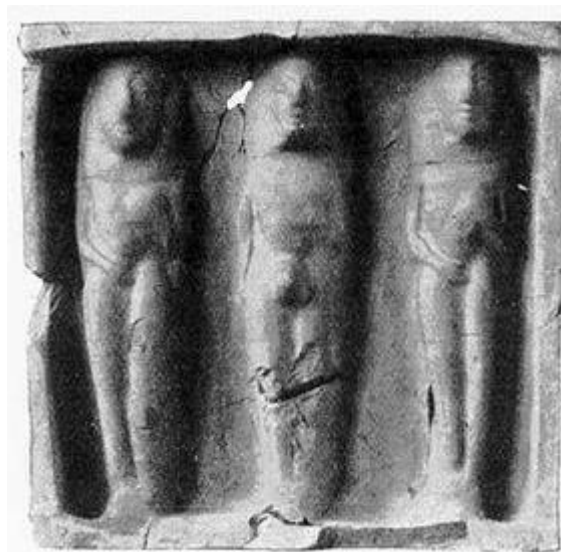
Não informado.

Datação:

Primeira metade do século VII a.C.

Comentário:

Autores indicam que a placa pertence há um grupo encontrado com cerâmica de tipo geométrico, proto-coríntio e Lacônico I.

OBJETO 039:**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 159-160.

Suporte e Material:

Placa em terracota.

Descrição:

Representação apresenta uma figura masculina nua, centralizada e voltada para frente com os braços ao lado do corpo; a mesma é ladeada por duas figuras femininas nuas que dispõem as mãos sobre as genitálias.

Localização:

Não informado.

Datação:

Por volta de 580 a.C.

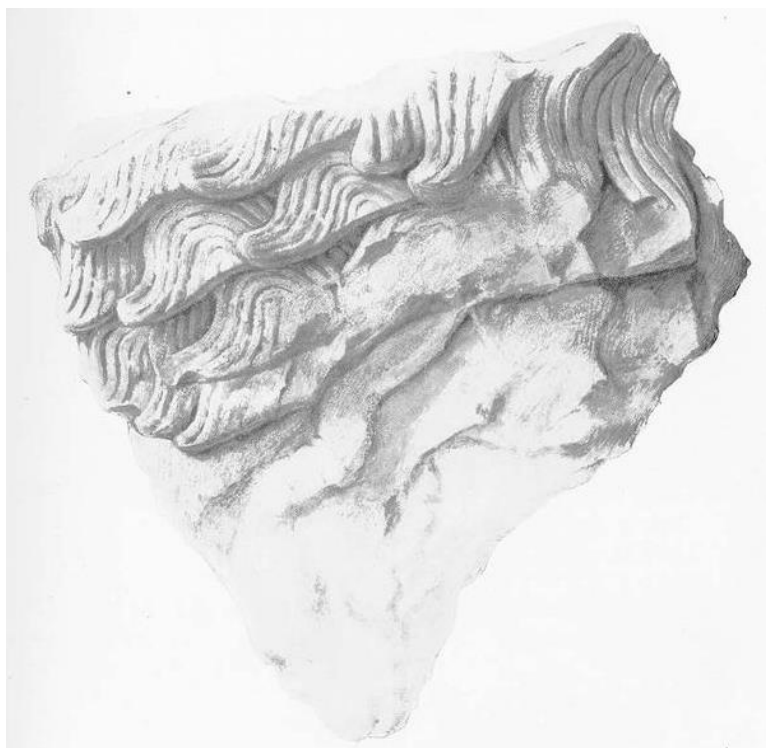
Comentário:

Encontrado em meio à camada de areia.

04. FIGURAS DE ANIMAIS

.1 – LEÕES

OBJETO 040:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. V.

Suporte e Material:

Relevo do frontão do templo (?) em pedra poros.

Descrição:

Fragmento é composto de um pescoço de animal sobre o qual recai o que parece ser uma juba. Supõe-se que, completo, representaria um leão.

Localização:

Em frente à estrutura do templo tardio.

Datação:

Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Parece estar associado à construção do templo após a deposição da camada de areia.

Um segundo exemplar em condições semelhantes foi encontrado.

OBJETO 041:**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XLII.

Suporte e Material:

Máscara de terracota

Descrição:

A reprodução apresenta uma máscara do que se assemelha a um leão; peça possui um furo atrás de cada orelha.

Localização:

Não indicada.

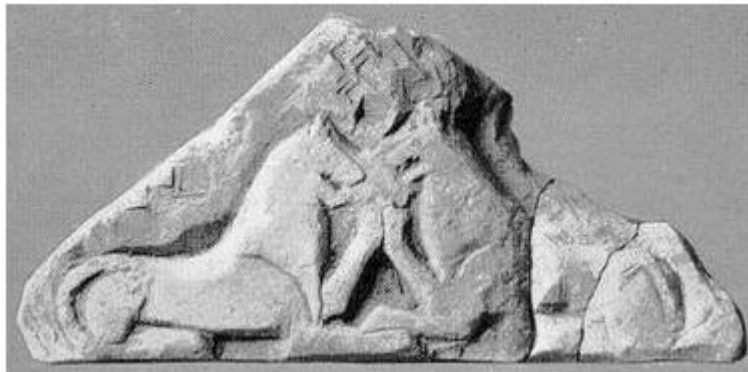
Datação:

Entre final do século VIII a.C e 650 a.C.

Comentário:

Foi encontrada em um depósito que abrange cerâmica de tipo geométrico, proto-coríntio e Lacônico I.

OBJETO 042:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXIX.

Suporte e Material:

Relevo triangular de pedra calcária.

Descrição:

A reprodução apresenta um relevo triangular em que dois leões estão dispostos um de frente para o outro.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

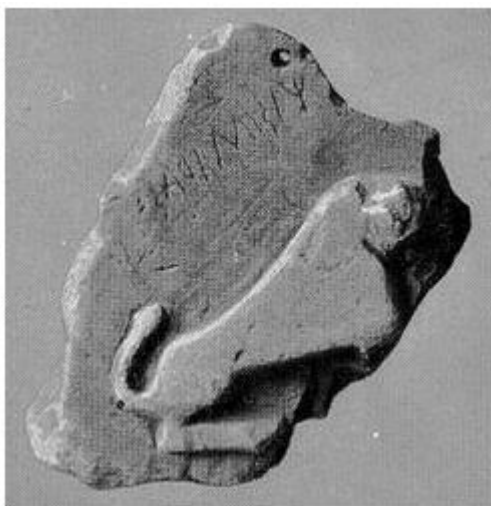
Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Os objetos são encontrados associados à camada de areia disposta sobre o santuário antes da construção do templo tardio. Assim sendo, pode estar associado à cerâmica de tipo Lacônico II ou III.

Além do reproduzido, outro exemplar semelhante foi encontrado.

OBJETO 043:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXIX.

Suporte e Material:

Relevos de pedra calcária.

Descrição:

A reprodução apresenta um leão em relevo; alguns exemplares são acompanhados de inscrições.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

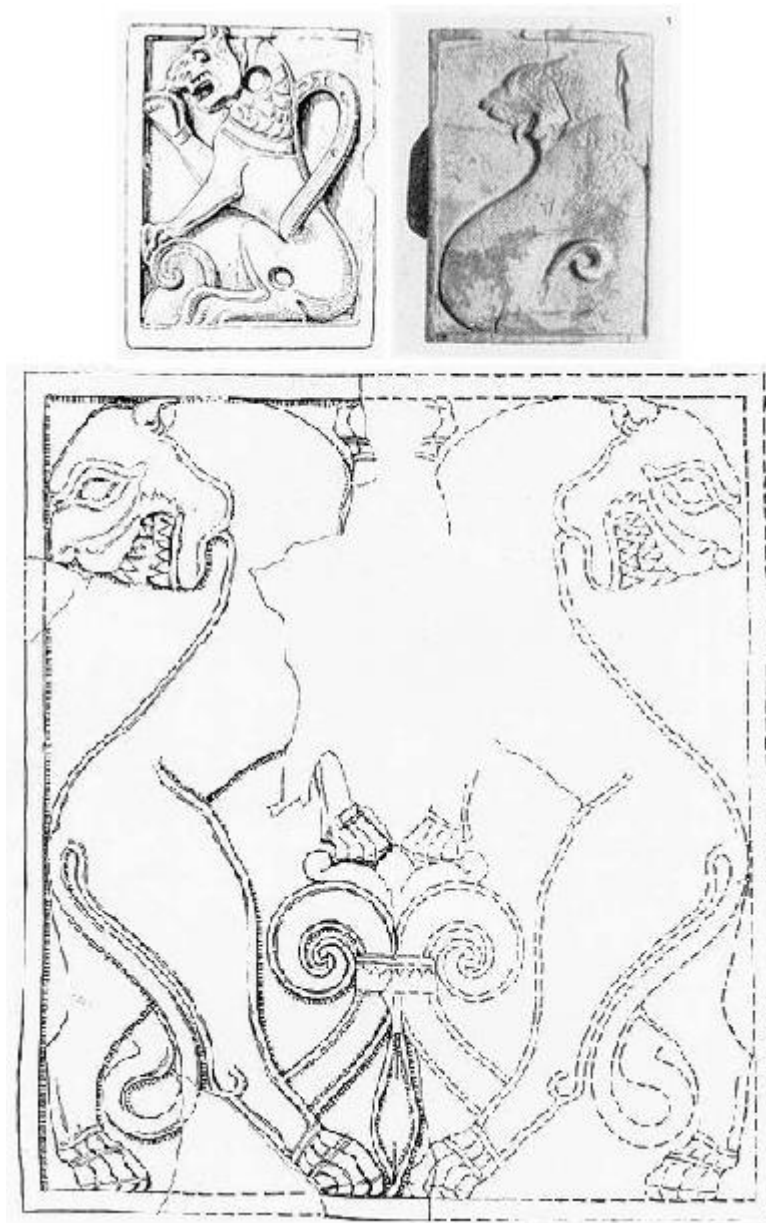
Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Os objetos são encontrados associados à camada de areia disposta sobre o santuário antes da construção do templo tardio. Assim sendo, pode estar associado à cerâmica de tipo Lacônico II ou III.

Além do reproduzido, outros 4 exemplares foram encontrados.

OBJETO 044:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XCVI e CXI.

Suporte e Material:

Placas em marfim: 1ª, de fíbula; 2ª, de natureza desconhecida; 3ª maior e de natureza desconhecida.

Descrição:

As reproduções apresentam leões.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

A 1ª e a 2ª, entre 650 a.C. e 620 a.C.; a 3ª, em torno de 580 a.C.

Comentário:

O 1º e o 2º modelos foram encontradas entre as cerâmicas de tipo Geométrico, Proto-Coríntio e Lacônico I. O 3º, todavia, foi encontrado entre as últimas peças depositadas antes da camada de areia, portanto, associado ao Lacônico II.

OBJETO 045:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXCII.

Suporte e Material:

Estatueta de Chumbo.

Descrição:

A reprodução apresenta a cabeça de um leão.

Localização:

Não indicada.

Datação:

620 a.C. a 580 a.C.

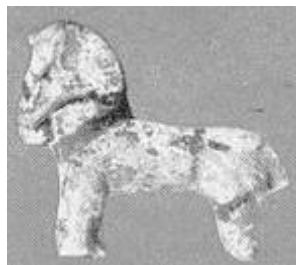
Comentário:

Foi encontrada entre cerâmicas de tipo Lacônico II.

O relatório contém ainda uma representação de leão deitado entre as figuras sólidas de chumbo associadas à cerâmica de tipo Laconian III e IV.

.2 - CAVALOS

OBJETO 046:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XLI.

Suporte e Material:

Estatueta de terracota feita à mão.

Descrição:

A reprodução apresenta a figura de um cavalo - alguns dos exemplares possuem imperfeições nas costas que podem sugerir a presença de um cavaleiro/a.

Localização:

Não Indicadas

Datação:

Entre final do século VIII a.C e 350 a.C. (?)

Comentário:

Foram encontradas 58 figuras de cavalo; 9 de gado; 6 de aves; 7 de cachorros; 4 de bodes; 3 de carneiros; 5 de ovelhas; 3 tartarugas; e 7 de identificação incerta. Todavia, a datação específica de para cada tipo não é fornecida, em seu lugar sendo apresentada uma distribuição geral de todas as figuras de animais. Esta é: 10 exemplares são encontrados com apenas com cerâmica geométrica; 8 com cerâmica geométrica e proto-coríntia; 16 entre Lacônico III e VI; os 68 restantes são encontrados entre Lacônico I e II.

OBJETO 047:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XLII.

Suporte e Material:

Objeto de cerâmica; natureza não definida.

Descrição:

Fragmento apresenta a cabeça de um cavalo.

Localização:

Não indicada.

Datação:

620 a.C. a 580 a.C.

Comentário:

Foi encontrada em um depósito que abrange cerâmica de tipo Lacônico IV e V.

OBJETO 048:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXV.

Suporte e Material:

Estatueta de pedra calcária.

Descrição:

A reprodução apresenta um fragmento de pedra calcária com um cavalo representado a partir de incisões.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Os objetos são encontrados associados à camada de areia disposta sobre o santuário antes da construção do templo tardio. Assim sendo, pode estar associado à cerâmica de tipo Lacônico II ou III.

Outros 5 fragmentos de exemplares que aparentam apresentar características similares foram encontrados.

OBJETO 049:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXVI.

Suporte e Material:

Placas de pedra calcária com relevo.

Descrição:

A reprodução apresenta um cavalo representado em placa; alguns exemplares são acompanhados de dedicações.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

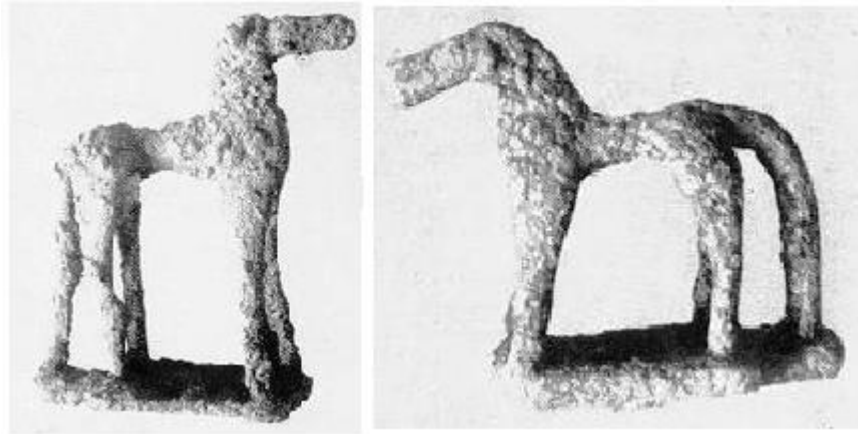
Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Os objetos são encontrados associados à camada de areia disposta sobre o santuário antes da construção do templo tardio. Assim sendo, pode estar associado à cerâmica de tipo Lacônico II ou III.

Do total de 38 representações de animais em pedra calcária, 18 são cavalos representados em relevo. Somados aos 6 exemplares indicados acima, temos o cavalo como o animal mais frequentemente representado neste tipo de material. Para além desses, foram encontrados 7 leões – reproduzidos a seguir -, 2 javalis, 1 cachorro, 1 carneiro, uma esfinge e 2 animais de identidade incerta.

OBJETO 050:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXXVI.

Suporte e Material:

Estatuetas de bronze.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras de cavalos.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

Entre final do século VIII a.C e 620 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as estatuetas são encontradas desde a cerâmica de tipo geométrico a Lacônico I – com o período de maior incidência estando relacionado à cerâmica de tipo proto-coríntio. Importante ressaltar, todavia, que os arqueólogos não fornecem datação específica para cada objeto de bronze.

Ressalta-se que frequentemente cobras eram representadas nas bases das estatuetas e, eventualmente, suásticas – reproduções não são oferecidas pelo relatório, todavia.

OBJETO 051:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXII.

Suporte e Material:

Duas placas de osso unidas.

Descrição:

A reprodução apresenta dois cavalos um de frente para o outro; entre eles se encontra uma ave aquática.

Localização:

Não indicada.

Datação:

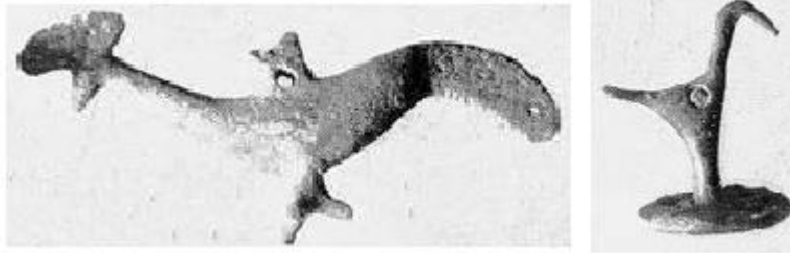
Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Foi encontrada entre as cerâmicas de tipo Lacônico II.

.3 – AVES

OBJETO 052:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXXVI.

Suporte e Material:

Estatuetas de bronze.

Descrição:

As reproduções apresentam figuras de aves – no caso, um galo e uma ave aquática.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

Entre final do século VIII a.C e 620 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as estatuetas são encontradas desde a cerâmica de tipo geométrico a Lacônico I – com o período de maior incidência estando relacionado à cerâmica de tipo proto-coríntio. Importante ressaltar, todavia, que os arqueólogos não fornecem datação específica para cada objeto de bronze.

Ressalta-se que frequentemente cobras eram representadas nas bases das estatuetas e, eventualmente, suásticas – reproduções não são oferecidas pelo relatório, todavia.

Não há referência à frequência dos animais e/ou se os reproduzidos correspondem à totalidade dos achados. Assumindo que esse seja o caso, todavia, aves parecem um dos tipos mais frequentes, assim como os cavalos. Outros animais como o cachorro, o cervo, a tartaruga, o sapo e o boi aparecem com menor frequência.

OBJETO 053:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXIII.

Suporte e Material:

Placa de osso com fundo cortado.

Descrição:

A reprodução apresenta uma ave aquática.

Localização:

Não indicada.

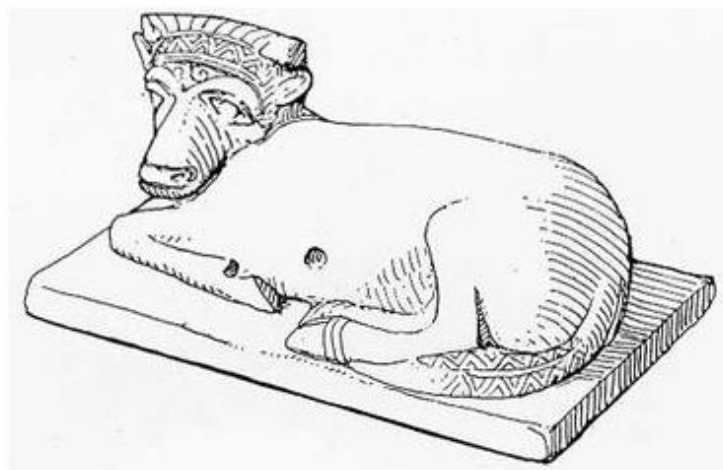
Datação:

De 580 a.C. ao século III a.C.

Comentário:

Foi encontrada entre as cerâmicas de tipo Lacônico III a VI – com maior concentração entre as de tipo III e IV, com as quais foram encontradas 13 das 21 peças.

OBJETO 054:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXLVIII até CLX.

Suporte e Material:

Estatuetas em marfim.

Descrição:

As reproduções apresentam uma ovelha, um cachorro, um leão e um touro deitados.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

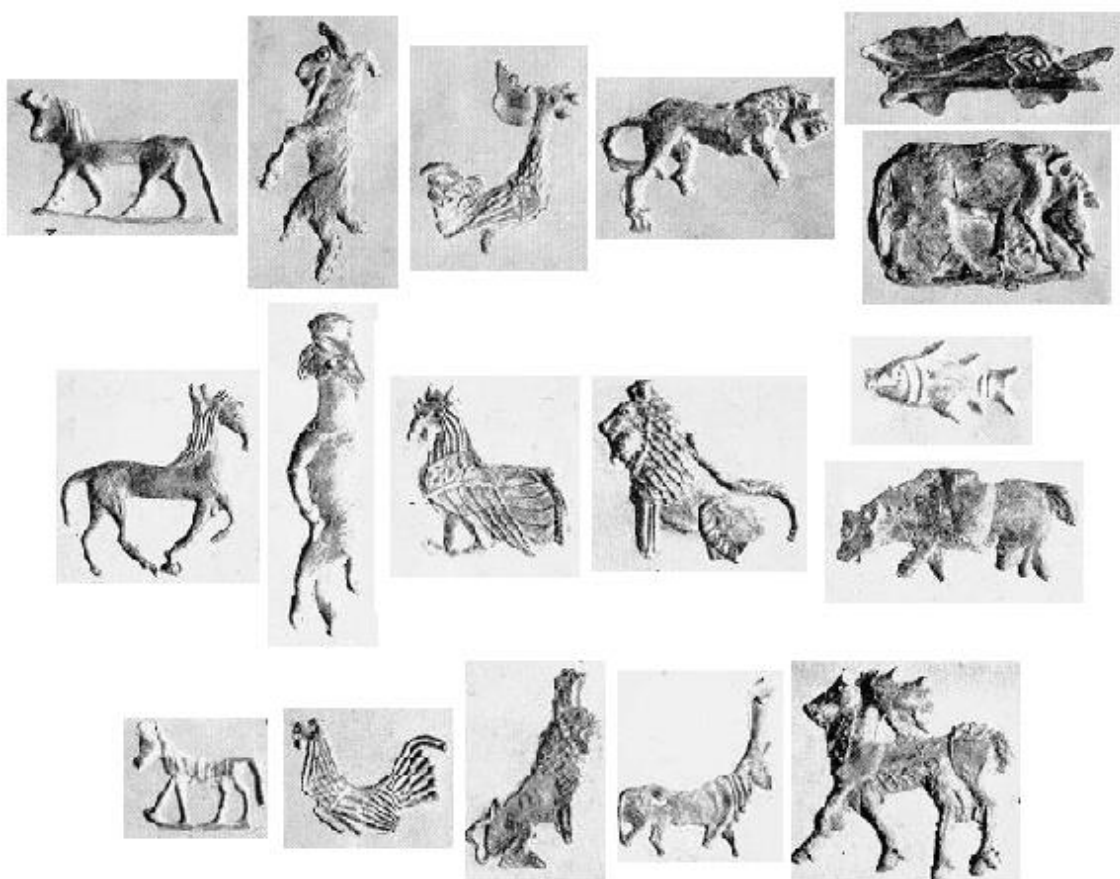
Entre final do século VIII a.C e 500 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as estatuetas de animais deitados foram encontradas desde apenas com cerâmica de tipo Geométrico até com Lacônico IV – com a maioria absoluta se encontrando entre Geométrico e Lacônico I (156 exemplares). Foram

encontrados 160 objetos que assim foram classificados: 93 ovelhas; 28 cachorros; 17 bestas de caça; 11 touros; 1 urso; 1 bode; 1 esfinge; 8 não identificáveis. Frequentemente tais peças possuíam *intaglios* ou relevos na parte de baixo; estes podem ser classificados da seguinte maneira: respectivamente, 10 e 4 aves em pé; 5 e 6 animais deitados; 4 e 2 aves com asas à mostra; 2 e 3 esfinges e bestas aladas; 5 e nenhum escorpiões; 10 e 1 quadrúpedes de identidade incerta; 4 e nenhum peixes; 1 e nenhum centauro; 5 e 6 humanos; 13 não identificáveis; 17 e nenhum florais e designs geométricos.

OBJETO 055:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929; PL.CLXXXIV, CLXXXVII, CLXXXIX, CXCIV.

Suporte e Material:

Objetos de chumbo de frente feita em molde e verso liso.

Descrição:

As reproduções apresentam miniaturas de animais; cada fileira corresponde a um período e apresenta uma variedade de cada animal depositado então; são eles: 1ª (Lead I), cavalo, bode, galo, leão, peixe e javali; 2ª, (Lead II) cavalo, bode, galo, leão, peixe e boi; 3ª, cavalo, galo, leão, bode e cervo.

Localização:

Não indicada.

Datação:

1ª, 650 a.C. a 620 a.C.; 2ª, 620 a.C. a 580 a.C.; 3ª, 580 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

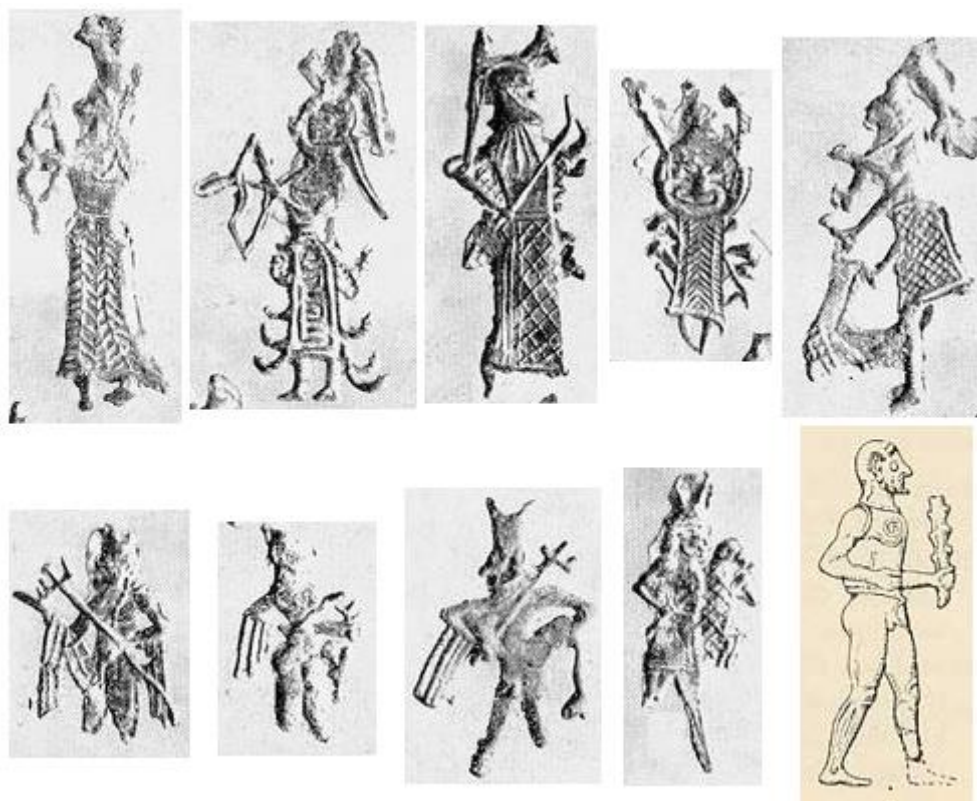
Tomadas em conjunto, as figuras de animais foram encontradas entre cerâmicas de tipo Lacônico I e VI – estando aqui reproduzidas apenas até Lead IV.

O relatório não oferece informações completas sobre as frequências das figuras, o que dificulta uma análise da popularidade das mesmas. Tendo em vista os limites assim impostos, demarcaremos o número de variações de cada tipo junto a quaisquer outros comentários quanto à frequência feitos pelos arqueólogos; são elas: [Lead I] cavalo, 3 tipos; bode, 1; galo, 1 ; leão, 5; peixe, 1; javali, 1 (raro); [Lead II] cavalo, 2; bode 3, um dos quais continua do período anterior; galo, 2, um dos quais continua do período anterior; leão: 13, todas as do período anterior continuam; peixe, 1; boi, 4; [Lead III-IV] cavalo, 4; bode, 1, continua de Lead I; galo, 7, um dos mais populares no período; leão, 6, um continua do período anterior; boi, 1; cervo: 5, o mais popular do período

05. MISCELÂNEA

.1 – *DEUSES*

OBJETO 056:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 275 e PL. CXCVI.

Suporte e Material:

Pequenas figuras de chumbo.

Descrição:

Figuras masculinas e femininas que parecem associadas a outras divindades: 1ª linha, (a) deusa com arco, (b) com arco e égide, (c) com lança e égide, (d) com lança, escudo e égide, (e) com cervo ou leão; 2ª linha, (a) deus com tridente, (b) com tridente e peixe, (c) com tridente e carneiro, (d) com caduceu e carneiro, (e) com clava.

Localização:

Não informado.

Datação:

Entre 580 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

Tipos indicados surgem no período do Lacônico III, se tornando relativamente populares no século VI a.C.

Exemplares da primeira linha poderiam representar Artêmis ou Athana; os da segunda linha, por sua vez, corresponderiam a Poseidon, Hermes e, talvez, Hércules.

.2 – ROMÃS

OBJETO 057:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XLII.

Suporte e Material:

Objeto de cerâmica; natureza não definida.

Descrição:

A reprodução apresenta o que parece ser uma romã logo após a queda das pétalas, quando a coroa ainda é bem evidente.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre final do século VIII a.C. e 400 a.C. (?)

Comentário:

Os objetos são encontrados desde a cerâmica de tipo geométrico até Lacônico V. A datação específica dos 22 exemplares não é, todavia, informada.

OBJETO 058:

**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXXXIX.

Suporte e Material:

Objeto de bronze; natureza não definida.

Descrição:

A reprodução apresenta o que parece ser uma flor de romã.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre 650 a.C. e 580 a.C. (?)

Comentário:

Foram encontradas desde a cerâmica de tipo Lacônico I a II.

O relatório contém a reprodução de mais um exemplar. É comentado, no entanto, que, embora não pareçam datar de antes de 650 a.C., tal modelo (?) durou até o século seguinte.

.3 – FÍBULAS (NÃO CITADAS)

OBJETO 059:

Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LXXXVII e LXXXVIII.

Suporte e Material:

Fíbulas de bronze.

Descrição:

As reproduções apresentam fíbulas que: no 1º caso, associam a cabeça de um leão e a de uma figura humana; no 2º, apresentam a figura de um leão com cauda de cobra barbada.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

Entre 650 a.C. e 580 a.C. (?)

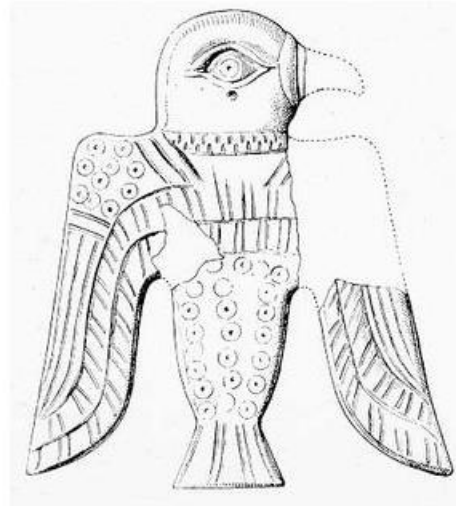
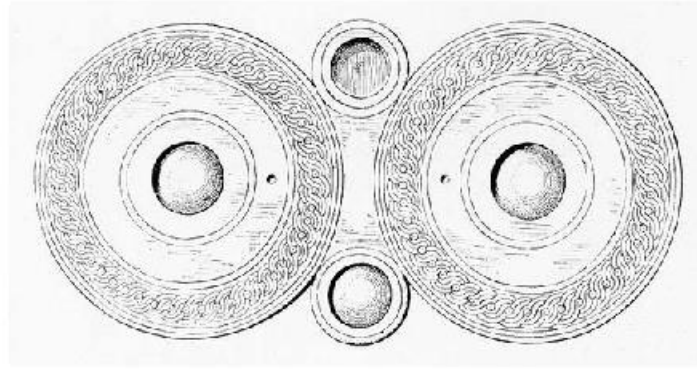
Comentário:

Tomadas em conjunto, as fíbulas reproduzidas aqui são encontradas desde a cerâmica de tipo Lacônico I a II – com o período de maior incidência estando relacionado ao quartel final do século VII a.C. Importante ressaltar, todavia, que os arqueólogos não fornecem datação específica para cada objeto de bronze.

O relatório contém reproduções de mais um exemplar de cada peça. Todavia, as fíbulas mais frequentes não possuíam representações figurativas. Tomadas em conjunto, datando de antes de 740 a.C. até o final do século VII a.C., a maioria não ultrapassa o período da cerâmica de tipo Proto-Coríntio. Os números exatos de cada tipo não são fornecidos, mas 64 exemplares são reproduzidos nos relatórios. Para além das fíbulas, grande número de pinos de bronze foi encontrado; novamente, os números específicos não são informados, mas o relatório reproduz 22 pinos de bronze associados à cerâmica Geométrica, e 19 associados as de tipo Laconian I e II.

Dentro desse intervalo é possível identificar ainda entre as reproduções contidas nos relatórios três patas de leão que pareciam sustentar algum tipo de vaso de bronze e duas representações de bovinos. Para além desses, há também dois objetos que parecem conter animais não discerníveis.

OBJETO 060:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXXXII até CXXXIV.

Suporte e Material:

Fíbulas de marfim e osso.

Descrição:

As reproduções apresentam dois modelos de fíbula: 1º, forma alongada com decoração geométrica; 2º, águia.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

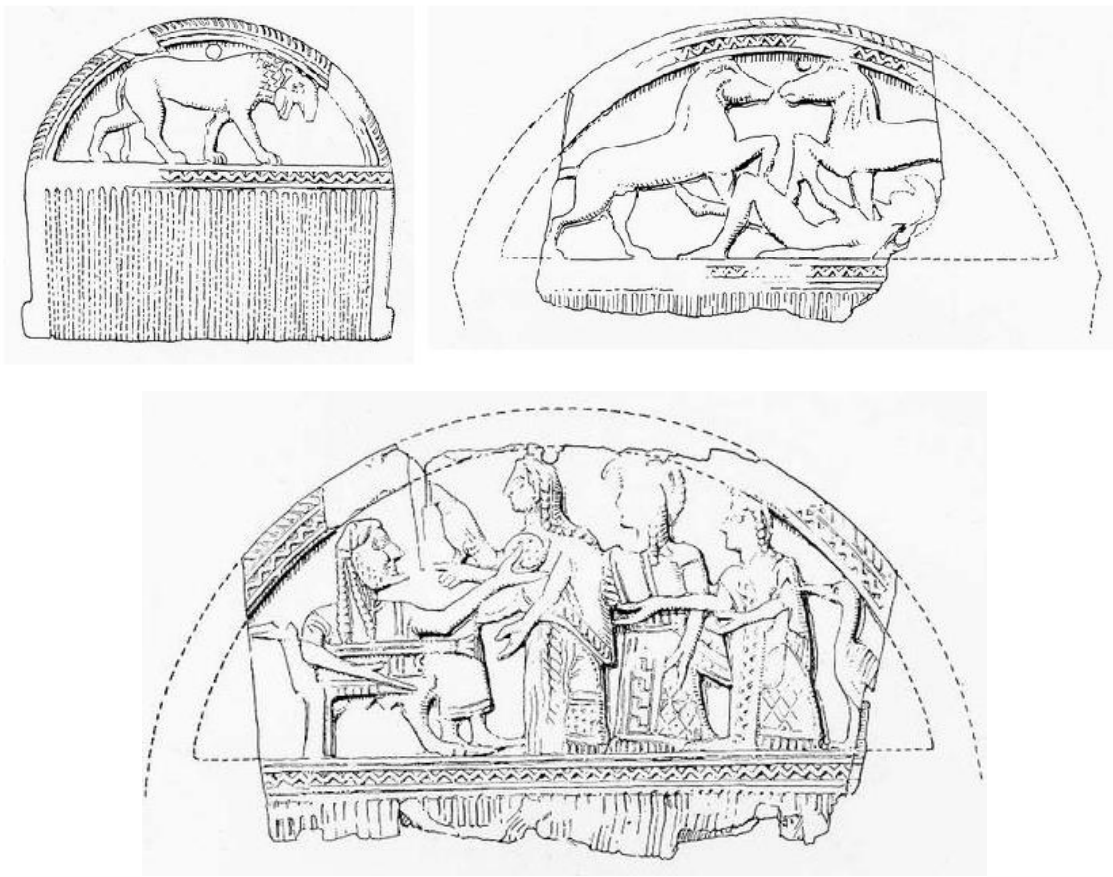
1º, Entre final do século VIII a.C. à 580 a.C.; 2º, Entre final do século VIII a.C. até 650 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as fíbulas foram encontradas desde apenas com cerâmica de tipo Geométrico a entre Lacônico I e II – com maior concentração entre Geométrico, Proto-Coríntio e Lacônico I. Do 1º modelo, que se assemelha às fíbulas de bronze, foram encontrados 28 exemplares completos e fragmentos de mais 10; dentre eles o marfim está restrito aos poucos que apresentam maiores dimensões, enquanto os menores eram feitos a partir de osso – números específicos não são indicados no relatório. Do 2º modelo apenas 2 exemplares completos e os fragmentos de mais 1 foram encontrados. Foram encontrados também adornos de osso que enfeitavam pinos de fíbula feitos em bronze ou ferro. Abrangendo intervalo semelhante ao das fíbulas, foram encontrados partes de ao menos 238 pinos.

.4 – PENTES DE MARFIM E OSSO

OBJETO 061:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXXVI até CXXXI.

Suporte e Material:

Pentes em marfim e osso.

Descrição:

As reproduções apresentam exemplos dos pentes encontrados: 1º, presença da figura de um leão; 2º, presença das figuras de dois cavalos que parecem pisotear um homem de capacete – o verso de ambas apresentava duas esfinges; 3º, figura masculina sentada sobre um trono diante de três figuras femininas, uma acompanhada de um pavão, outra dotada de uma égide, e uma terceira ladeada por uma ave aquática, representando provavelmente a escolha de Páris – verso contém um homem de cabeça para baixo cercado por duas esfinges sentadas.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

Entre final do século VIII a.C. e 550 a.C.; os reproduzidos acima se encontram entre 650 a.C. e 620 a.C.

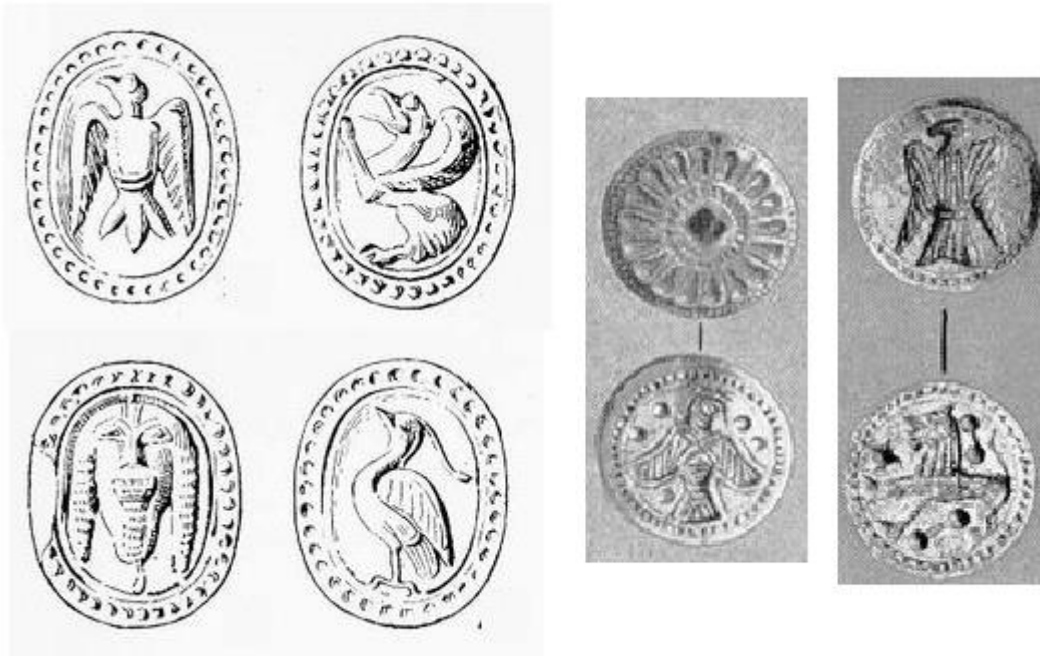
Comentário:

Foram encontrados entre cerâmica de tipo Geométrico e Proto-Coríntio até Lacônico IV – concentrando-se em associação com Lacônico I. Foram encontrados 27 exemplares em três tipos: de topo redondo; de topo quadrado; e duplos. Apenas os de topo redondo – que constituem a maioria absoluta dos achados, embora o número certo não esteja definido – apresentavam representações figurativas: os cavalos aparecem apenas mais uma vez, associados a um carro; leões aparecem outras duas vezes de maneira similar; chamam atenção a frequência com que as esfinges aparecem – figura mais comum –, e a presença de cenas heroicas – como a escolha de Páris, por exemplo.

Dentre os exemplares listados no relatório, os únicos constituídos de osso são os pentes duplos e três pentes de topo redondo, mas dimensões reduzidas.

.5 – SELOS DE MARFIM E OSSO

OBJETO 062:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CXXXIX até CXLVII.

Suporte e Material:

Selos de marfim e osso.

Descrição:

As reproduções apresentam três modelos de selo: o 1º, de quatro faces, contém duas figuras de aves, uma de grifo e uma de górgona; o 2º, circulares com um ponto de ligação central, contém uma roseta e uma ave; o 3º, circular, perfurado no diâmetro e com as laterais chanfradas, um ave e um leão.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

1º, Entre final do século VIII a.C. a 580 a.C.; 2º e 3º, Entre final do século VIII a.C. até 620 a.C.

Comentário:

Tomados em conjunto, os selos são encontrados desde apenas com cerâmica geométrica até com cerâmica de tipo Lacônico II – o 1º modelo está mais frequentemente associado

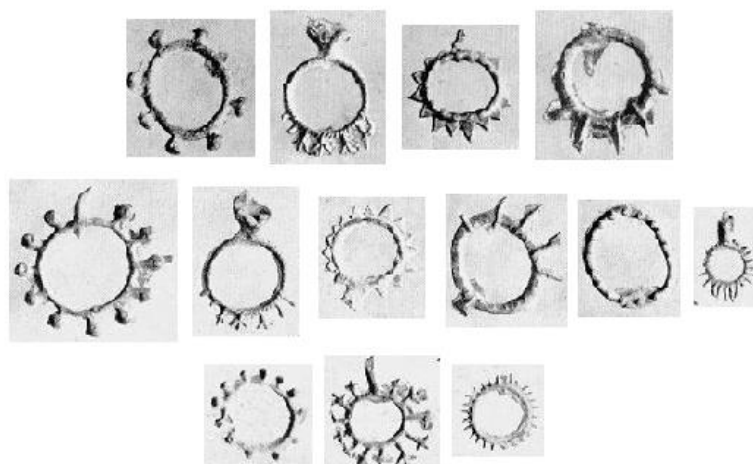
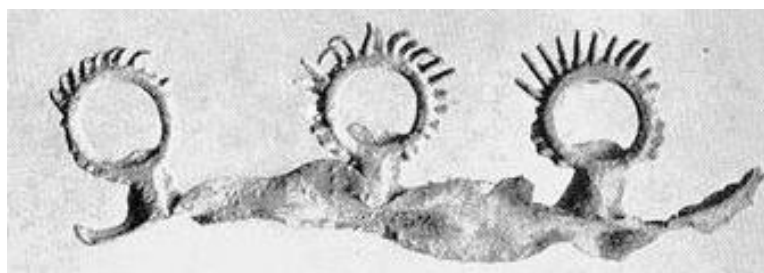
à Lacônico I; o 2º e o 3º à Proto-Coríntio. Foram encontrados 25 exemplares do 1º modelo – dos quais apenas 7 são de marfim –, possibilitando a recuperação de 66 intaglios, dentre os quais mais de 20 são aves; do 2º modelo, 30 exemplares foram encontrados – e não há indicação da frequência de marfim e osso – e o relatório indica que a ave é a representação mais comum, embora não aponte o número exato; do 3º modelo, 39 exemplares foram recuperados – todos de osso –, dentre os novamente a ave é apontada como a mais comum, mas os números precisos não constam no texto. No 3º modelo destaca-se a presença de uma figura feminina alada segurando uma ave pelo pescoço em cada mão.

Para além dos já listados, foram encontrados: 1 selo de marfim de três faces; 3 exemplares de marfim semelhantes ao 2º modelo, mas em maiores dimensões; e 7 exemplares em marfim semelhantes ao 3º modelo, mas em maiores dimensões. As representações contidas nestes exemplares não pareciam diferir das dos demais.

Por fim, o relatório indica a presença de selos similares aos do 3º modelo, mas sem o chanfrado do entorno. Números para tais objetos não são, todavia, fornecidos.

.6 - GUIRLANDAS

OBJETO 063:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CLXXX, CLXXXVI e CXCIV.

Suporte e Material:

Objetos de chumbo.

Descrição:

As reproduções apresentam miniaturas de guirlandas em chumbo: 1ª fileira, Lead I, de bolas, de brotos de romã, van dyke e de fita; 2ª, Lead II, de bola, de brotos de romã, van dyke, de fita, de nodos e de espinhos; 3ª, Lead III e IV, de bolas, de brotos de romã e de espinhos. A 4ª apresenta guirlandas de Lead III e IV ligadas.

Localização:

Não indicada.

Datação:

1ª, 650 a.C. a 620 a.C.; 2ª, 620 a.C. a 580 a.C.; 3ª e 4ª, 580 a.C. a 500 a.C.

Comentário:

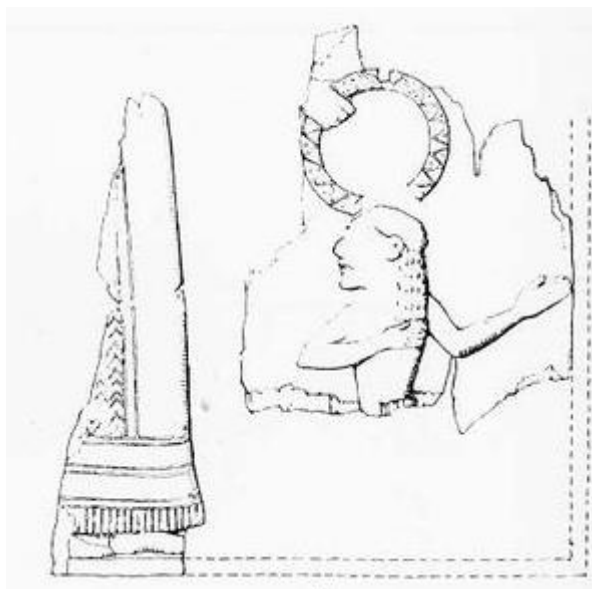
Tomadas em conjunto, guirlandas foram encontradas entre cerâmicas de tipo Lacônico I e VI – estando aqui reproduzidas apenas até Lead IV.

Entre os objetos votivos de chumbo, as guirlandas se transformaram e ganharam popularidade durante o período estudado. Em Lead I e II a guirlanda de bolas está entre os principais tipos depositados – outras presentes sendo a de brotos de romã, van dyke, com fitas, com nodos e de espinhos (as duas últimas apenas em Lead II). Em Lead III e IV, as guirlandas representam cerca de metade dos objetos votivos de chumbo, e, entre elas, a de espinhos é a mais frequente – a de bolas e a de brotos de romã continuam presentes, mas em menor quantidade.

A última imagem reproduzida apresenta diversas guirlandas ligadas, o que aponta para a maneira como as peças de chumbo eram produzidas.

.7 - OUTROS

OBJETO 064:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CIV.

Suporte e Material:

Placa em marfim; natureza desconhecida.

Descrição:

Os fragmentos, assumindo que de fato estejam associados, apresentam uma figura feminina dispendo uma guirlanda sobre a cabeça de outra figura humana de sexo não discernível, que seria menor ou estaria abaixada.

Localização:

Não indicada.

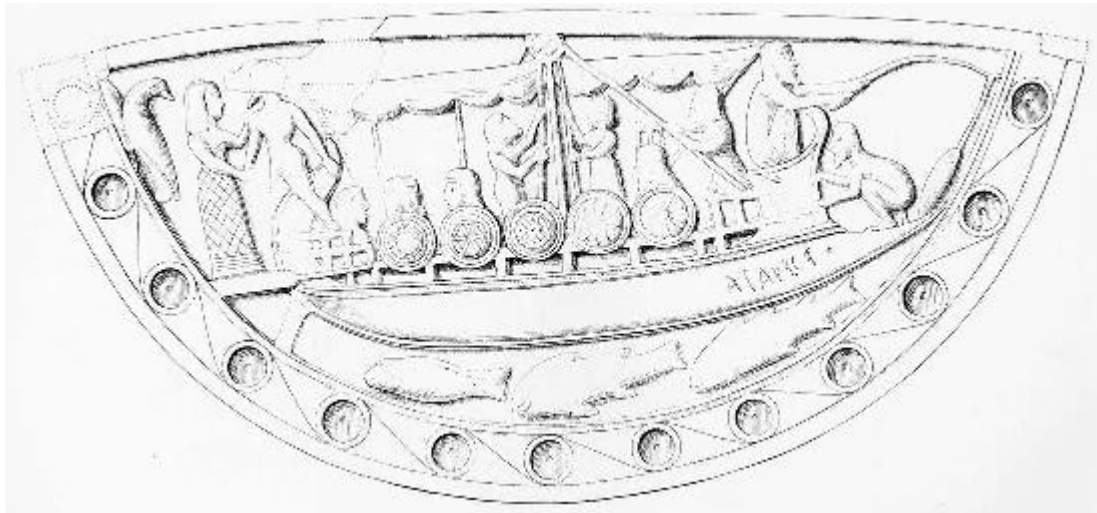
Datação:

Entre 650 a.C. e 620 a.C..

Comentário:

Foi encontrada entre as cerâmicas de tipo Geométrico, Proto-Coríntio e Lacônico I.

OBJETO 065:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. CX.

Suporte e Material:

Placa em marfim grande.

Descrição:

A reprodução apresenta um navio de guerra: o deque está repleto de guerreiros e alguns deles preparam a partida do mesmo; um homem pesca e outro se agacha sobre o bico da embarcação; do outro lado um homem barbado parece despedir-se de uma mulher. Atrás da mulher é possível identificar uma ave; sob o navio é possível identificar três peixes.

Localização:

Sudeste do templo tardio/fundação romana; sob a camada de areia.

Datação:

Em torno de 580 a.C.

Comentário:

Foi encontrada entre as cerâmicas de tipo Lacônico II.

06. CONJUNTOS ORGANIZADOS POR MATERIAL

.1 – VASOS DE CERÂMICA

OBJETO 066:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 63.

Suporte e Material:

Vaso de cerâmica; modelo não indicado.

Descrição:

Reprodução apresenta frisos em que podem ser identificados um homem ladeado por um objeto não discernível e outro homem junto a três cavalos.

Localização:

Não indicada.

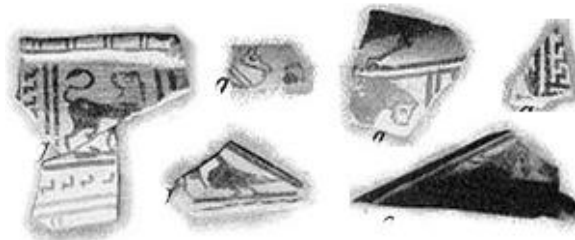
Datação:

Anterior a 650 a.C..

Comentário:

Estilo identificado pelos arqueólogos como Geométrico. Um dos pouquíssimos exemplares do gênero encontrados no santuário a conter representações figurativas. Entre os demais podemos destacar o ombro de um vaso contendo representações de peixes e um friso de outro contendo um coelho em posição que pode sugerir a presença de Orthia.

OBJETO 067:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 75.

Suporte e Material:

Vaso de cerâmica; estado fragmentário não permite a definição do modelo.

Descrição:

Fragmentos apresentam frisos em que podem ser identificados leões e uma ave aquática.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre 620 e 580 a.C.

Comentário:

Estilo identificado pelos arqueólogos como Laconian II, cuja presença no santuário de Orthia é relativamente pequena. A ave aquática representada no vaso é um dos elementos mais presentes na cerâmica do período. Ainda que não seja evidente pelos fragmentos publicados, os arqueólogos apontam para a colocação dos animais em procissão. Dentre estes, ainda que em menor quantidade, é possível encontrar carneiros, peixes e cobras.

OBJETO 068:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 87.

Suporte e Material:

Vaso de cerâmica; modelo *kylix*.

Descrição:

Fragmentos apresentam um friso em que é possível identificar as patas traseiras de um leão, uma cobra e patas que, supõe-se, sejam de cavalos.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre 580 a.C. e 550 a.C.

Comentário:

Estilo identificado pelos arqueólogos como Laconian III. Primeiro classificado sobre a camada de areia com que o santuário é coberto no primeiro quartel do século VI a.C.

OBJETO 069:**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 87 e 89.

Suporte e Material:

Vaso de cerâmica; modelo *lakaina*.

Descrição:

Fragmentos apresentam frisos em que é possível identificar cavaleiros avançando em sentidos opostos; no segundo é possível perceber um pássaro atrás do cavaleiro.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre 580 a.C. e 550 a.C.

Comentário:

Estilo identificado pelos arqueólogos como Laconian III.

OBJETO 070:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 89.

Suporte e Material:

Vaso de cerâmica; modelo *lakaina*.

Descrição:

Fragmentos apresentam um friso em que é possível identificar um cervo e uma ave difícil de precisar.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre 580 a.C. e 550 a.C.

Comentário:

Estilo identificado pelos arqueólogos como Laconian III.

OBJETO 071:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 90.

Suporte e Material:

Vaso de cerâmica; modelo *lakaina*.

Descrição:

Vaso apresenta em um lado do friso um cisne de frente para uma sereia; no outro (não reproduzido aqui) identifica-se uma palma centralizada.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre 580 a.C. e 550 a.C.

Comentário:

Estilo identificado pelos arqueólogos como Laconian III.

OBJETO 072:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 99.

Suporte e Material:

Vaso de cerâmica; modelo não indicado.

Descrição:

Fragmento apresenta um friso em que é possível identificar um cervo.

Localização:

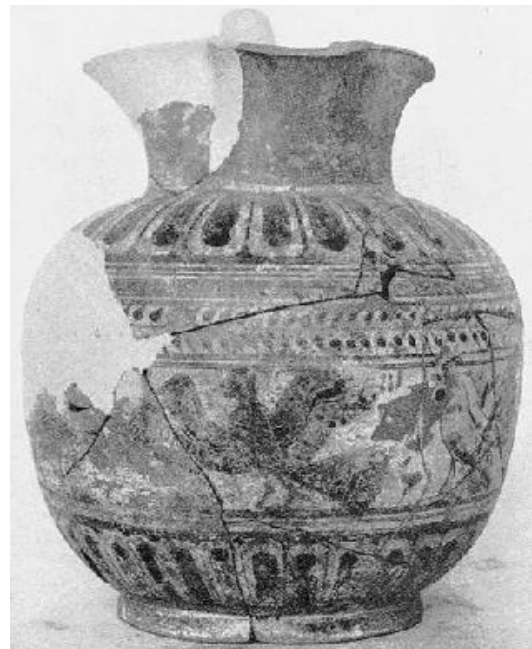
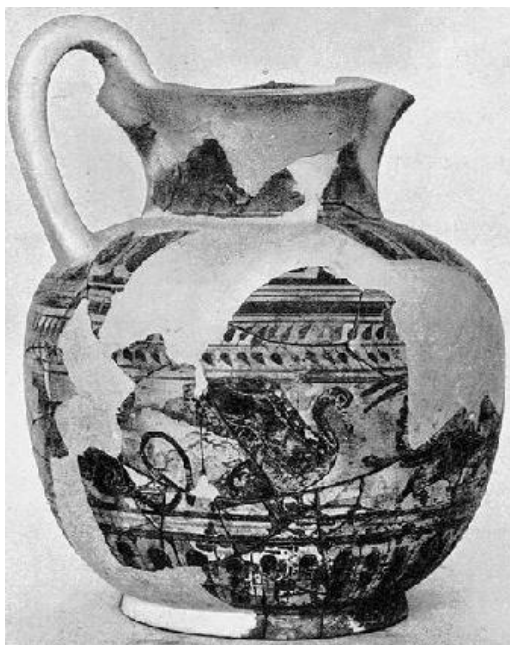
Não indicada.

Datação:

Entre 550 a.C. e 500 a.C.

Comentário:

Estilo identificado pelos arqueólogos como Laconian IV, que não apresentaria grande mudança em termos de representação, mas no qual seria notável uma degradação da técnica anteriormente empregada.

OBJETO 073:**Publicação:**

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 100.

Suporte e Material:

Vaso de cerâmica; modelo *oinochoe*.

Descrição:

O vaso apresenta um friso em que é possível identificar dois cisnes, dois galos, duas esfinges e uma sereia organizados lado a lado.

Localização:

Não indicada.

Datação:

Entre 550 a.C. e 500 a.C.

Comentário:

Estilo identificado pelos arqueólogos como Laconian IV.

OBJETO 074:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; p. 101.

Suporte e Material:

Vaso de cerâmica; modelo *oinochoe*.

Descrição:

Fragmento apresenta um friso em que é possível identificar dois galos e uma águia voando; as figuras se encontram separadas por dois lagartos.

Localização:

Não indicada.

Datação:

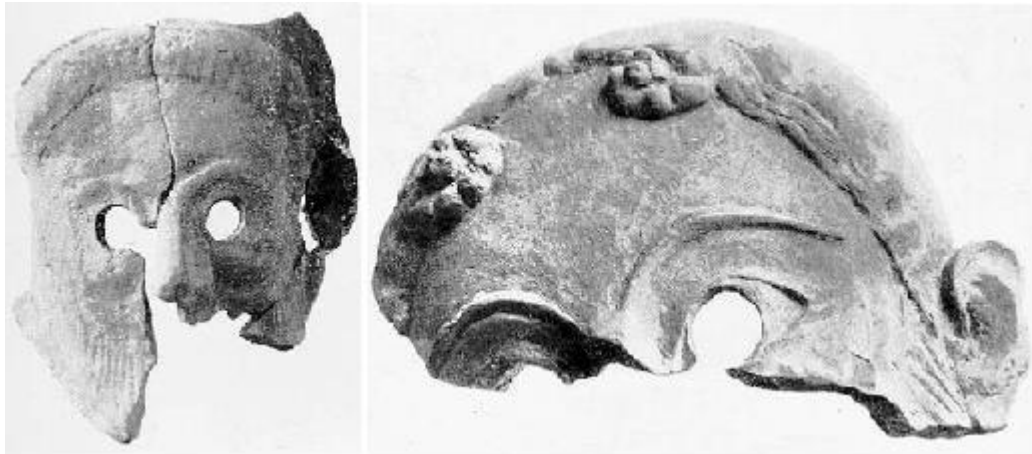
Entre 550 a.C. e 500 a.C.

Comentário:

Estilo identificado pelos arqueólogos como Laconian IV.

.2 – MÁSCARAS DE TERRACOTA

OBJETO 075:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. LIII e L.

Suporte e Material:

Máscaras de terracota.

Descrição:

As reproduções apresentam duas máscaras de figuras humanas masculinas; o 1º modelo representa um homem adulto, barbado e frequentemente com um adereço sobre a cabeça; o 2º apresenta um jovem, imberbe e sem adereço sobre a cabeça.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

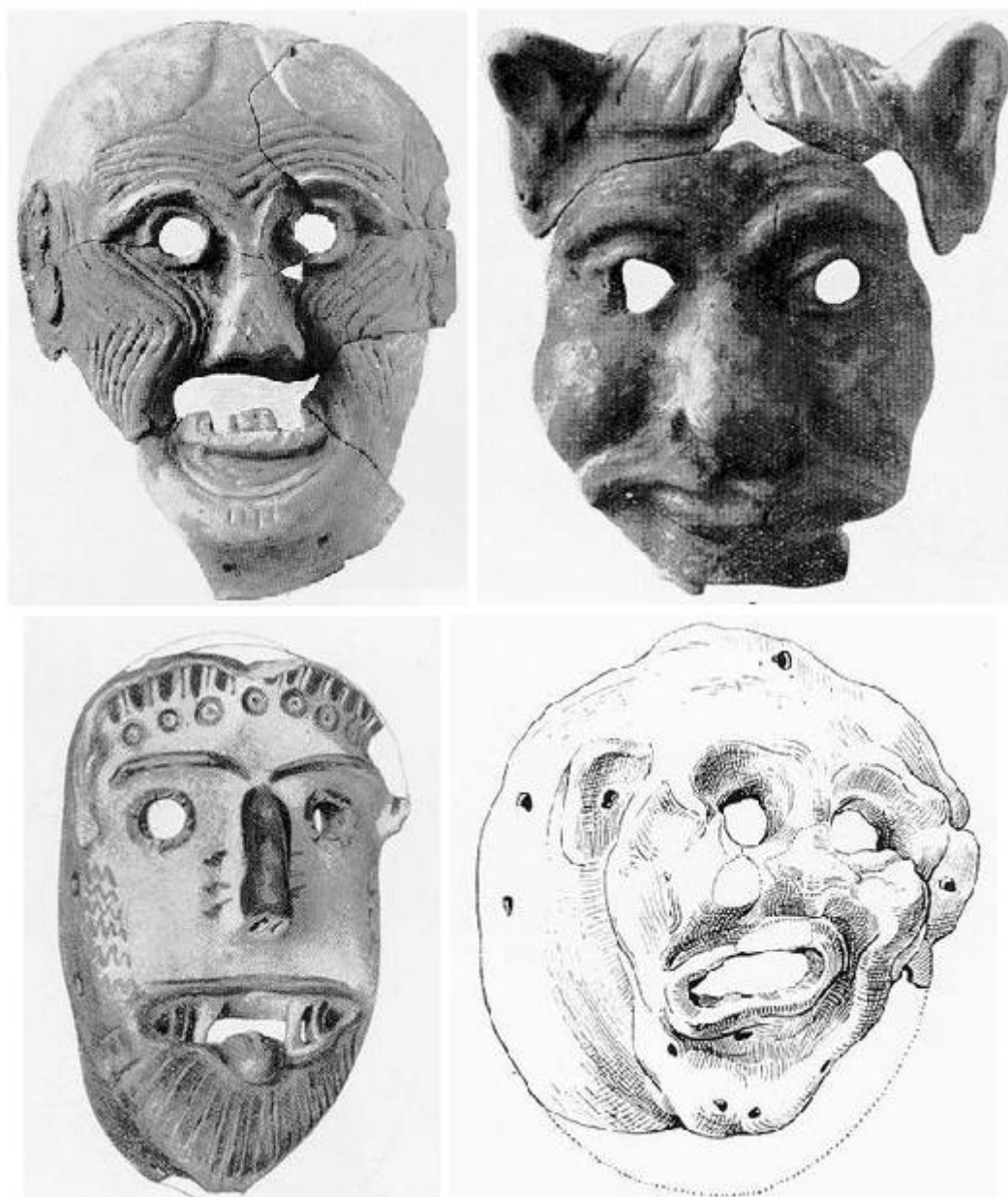
1º, Entre final do século VIII a.C. e 400 a.C., com ênfase no século VI a.C.; 2º, 550 a 400 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as máscaras são encontradas desde a cerâmica de tipo geométrico a Lacônico V. Foram encontradas: do 1º modelo, 14 fragmentos grandes, 51 de tamanho suficiente para uma classificação segura, e 167 pequenos e de classificação duvidosa; do 2º modelo, 7 grandes, 13 menores mas de classificação segura, e 19 de classificação duvidosa.

Embora a localização específica não seja indicada, infere-se a partir do relatório que a grande maioria dos fragmentos veio de depósitos sobre a areia: um mais difuso ao norte do templo; e outro mais compacto ao sul do mesmo.

OBJETO 076:



Publicação:

Dawkins, R. M. *The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: Excavated and Described by Members of the British School at Athens*. London: Macmillan, 1929 ; PL. XLVII, LVI e LVIII.

Suporte e Material:

Máscaras de terracota.

Descrição:

As reproduções apresentam quatro máscaras associadas ao grotesco: 1º, figura humana, imberbe e careca, classificada pelos arqueólogos como “mulher velha”; 2º, figura masculina com bigode e orelhas de cavalo, classificada pelos arqueólogos como “sátiro”; 3º, se destaca pelas marcas na face, língua exposta e dentes pontiagudos, classificada como “górgona”; 4º, figura humana com rosto deformado, classificadas como “caricatura”.

Localização:

Não indicadas.

Datação:

1º, de 650 a.C. a 400 a.C.; 2º e 3º, de 550 a.C. a 500 a.C.; 4º, entre final do século VIII a.C. e 400 a.C.

Comentário:

Tomadas em conjunto, as máscaras são encontradas desde a cerâmica de tipo geométrico a Lacônico V. Foram encontradas: do 1º modelo, 35 fragmentos grandes, 77 de tamanho suficiente para uma classificação segura, e 174 pequenos e de classificação duvidosa; do 2º modelo, 6 grandes, 8 menores mas de classificação segura, e 61 de classificação duvidosa; do 3º, 10 grandes, 5 menores, mas classificáveis, e nenhum pequeno demais; do 4º, 44 dos grandes, 77 dos menores e 29 dos muito pequenos.

GRADES DE LEITURA

Abaixo dispomos as grades de leitura produzidas para o desenvolvimento desta pesquisa. As supracitadas estão divididas por tema e obra, apresentando, por sua maior parte, um modelo em que se destacam o contexto da citação, a passagem traduzida – com partes em grego quando julgamos necessário –, e uma delimitação das qualidades/valores associados ao elemento em questão – quando possível. As exceções a tal regra se dão em função dos epítetos associados aos cavalos na *Ilíada*, uma vez que a quantidade de documentação produziria tabelas demasiado extensas e de difícil manejo, resultando, no que tange à análise, numa situação contraproducente. Desse modo, as tabelas referentes ao animal em questão nos épicos homéricos apresentam divisões entre as *passagens*, os *epítetos relacionados aos cavalos*, os *capacetes com crista de cavalo*, e as *características associadas aos cavalos* – os três últimos seguindo modelos diferenciados que destacam apenas os termos utilizados no texto em grego, a frequência de menções, e a quem estão associados – quando relevante.

Quanto à composição das grades nos restringimos às obras e autores que repetidamente indicamos como de maior relevância para o desenvolvimento deste trabalho: Homero, Hesíodo, Tirteu e Alcman.

Índice

1. Leão	256
1.1 Homero	256
Ilíada	256
Odisseia	266
Hinos Homéricos	269
1.2 Hesíodo	269
Teogonia	269
Escudo de Heracles	270
1.5 Tirteu (Eunomia)	271
2. Cavalos	271
2.1 Homero	271
Ilíada – Passagens	272

Íliada – Epítetos relacionados a cavalos	280
Íliada – Capacete com crista de cavalo	285
Íliada – Características associadas aos cavalos	286
Odisseia – Passagens	290
Odisseia – Epítetos relacionados a cavalos	291
Odisseia – Capacete com crista de cavalo	292
Odisseia – Características associadas aos cavalos	292
Hinos Homéricos	294
2.2 Hesíodo	298
Os Trabalhos e os Dias	298
Escudo de Heracles	299
2.3 Álcman (Partheneion I)	300
3. Aves	301
3.1 Homero	301
Íliada	301
Odisseia	314
Hinos Homéricos	323
3.2 Hesíodo	326
Teogonia	326
Os Trabalhos e os Dias	326
Escudo de Heracles	329
3.3 Álcman	329
4. Cervos	330
4.1 Homero	330
Íliada	330
Odisseia	335
Hinos Homéricos	337
4.2 Hesíodo	338
Escudo de Heracles	338
5. Rios	339
5.1 Homero	339

Ilíada	339
Odisseia	342
5.2 Hesíodo	344
Os Trabalhos e os Dias	344

1. Leão

1.1 Homero

[*Ilíada*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Gregos e Troianos se encontram no campo de batalha e Menelau vê Alexandre	[III, vv. 021/026] “Dele se apercebeu Menelau dileto de Ares // quando avançava com largos passos à frente da hoste: // e tal como o leão faminto [λέών (...) πεινάων] que se regozija ao encontrar // uma grande carcaça de veado chifrado ou de cabra selvagem, // e vorazmente a devora, embora contra ele se lancem // cães de caça e vigorosos mancebos [...]”	[Homem] Selvagem, Desmedido
x		
Diomedes retorna ao combate após retirar a flecha que o ferira	[V, vv. 136/142] “agora sentia três vezes mais força: como o leão, // ao qual no campo o pastor feriu, quando saltou por cima // da vedação do curral das ovelhas, mas não venceu; // avivou-lhe antes a força, mas em seguida não lhe faz frente, // metendo-se dentro dos estábulos, o rebanho aterrorizado: // e empilhadas ficam as ovelhas, umas ao lado das outras; // porém o leão salta na sua fúria para a fora do curral”	[Homem] Forte, Selvagem, Desmedido
Diomedes se atira à Équemon e Crômio, filhos de Príamo	[V, vv. 161/162] “Tal como o leão que salta no meio dos bois e parte o pescoço // de uma vitela ou de uma vaca a pastarem na verdura.”	[Homem] Selvagem

Eneias protege o corpo de Pândaro	[V, vv. 299/301] “Pôs-se de plantão por cima de Pândaro, como um leão confiante // na sua força, segurando à frente o escudo e a lança, // pronto a matar quem tentasse pegar o cadáver.”	[Homem] Forte
Eneias mata Orsíloco e Créton	[vv.554/558] “Tal como dois Leões nos píncaros das montanhas // são alimentados pela mãe nas brenhas da funda floresta; // e ambos arrebatam vacas e robustas ovelhas, // dando cabo dos cercados dos homens, até que eles próprios // são abatidos às mãos dos homens com bronze afiado”	[Homem] Forte [Espaço] Selvagem
Tlepólemo vai de encontro a Sarpédon para o combate	[vv. 638/643] “De outra têmpera dizem ter sido a Força de Hércules, // meu pai, ousado guerreiro de coração de leão [θυμολέοντα], // que outrora aqui veio pelos cavalos de Laomedonte // só com seis naus e menor número de homens: // saqueou a cidade de Ílion e causou desolação nas ruas.”	[Homem] Forte; apto a selvageria [?]
Atena e Hera se dirigem para ajudar os Gregos	[vv.780/783] “Mas quando chegaram ao local onde se juntava maior número // de valentes em torno da Força de Diomedes domador de cavalos, // semelhantes a leões de cruenta voracidade [λείουσιν ἐοικότες ὠμοφάγοισιν] // ou a selvagens javalis, cuja força não é pouca,”	[Homem] Forte, Selvagem
x		
Ájax se prepara para o duelo com Heitor	[VII, vv. 228] “[...] Aquiles, desbaratador de varões, com ânimo de leão [θυμολέοντα].”	[Homem] Forte; apto a selvageria [?]
Ájax e Heitor combatem	[VII, vv. 256] “[...] atiraram-se um ao outro como carnívoros leões [λείουσιν ἐοικότες ὠμοφάγοισιν]”	[Homem] Forte, Selvagem

x		
Agamêmnon vai de encontro a Nestor para discutir linhas de ação	[X, vv. 023/024] “Em seguida envergou a fúlvida pele de um leão, grande // e arruivado, que lhe chegava aos pés. Pegou na lança.”	[Homem] poder ? // paralelo com Heracles ?
Nestor demanda que Diomedes vá chamar Ájax e Meges	[X, vv. 0177/178] “[...] e Diomedes pôs aos ombros a pele de um leão, grande // e arruivado, que lhe chegava aos pés. Pegou na lança.”	[Homem] poder ? // paralelo com Heracles ?
Odisseu e Diomedes se põe a caminho do acampamento Troiano para espionar	[X, vv. 297/299] “puseram-se a caminho como dois leões na noite escura, // no meio da chacina e dos cadáveres, // por entre as armas e o negro sangue.”	[Homem] Espreitador, sorrateiro
Diomedes mata diversos Trácios no acampamento dos Troianos	[X, vv. 485/486] “Tal como o leão se atira aos rebanhos sem pastor de cabras // ou ovelhas, saltando para cima delas com intenção selvagem [κακὰ φρονέων] – ”	[Homem] Capaz de ação selvagem; forte
x		
Agamêmnon mata a	[XI, vv. 113/115]	[Homem] forte,

Isso e Ântifo em meio ao combate	“Tal como o leão esmaga as crias inocentes da célere corça, // agarrando-as com sua dentição possante depois de chegar // à toca, para depois as privar da sua tenra vida; [...]”	selvagem
Agamêmnon mata a Pisandro e Hipóloto em meio ao combate	[XI, vv. 129/130] “[...] Como um leão arremeteu // contra eles o Atrida. [...]”	[Homem] forte, selvagem
Agamêmnon persegue os Troianos pela planície	[XI, vv. 172/176] “Porém no meio da planície alguns ainda fugiam como vacas // que um leão pôs em fuga no negrume da noite; a todas pôs // em fuga, mas é a uma que aparece a morte escarpada: // primeiro com sua dentição possante lhe agarra o pescoço, // e depois devora-lhe o sangue e todas as vísceras.”	[Homem] forte, selvagem
Agamêmnon mata a Ifidamante	[XI, vv.238/240] “Foi então que, agarrando a lança com a mão, Agamêmnon // de vasto poder a puxou para si, furibundo como um leão, // e arrancou-a da mão de Ifidamante. [...]”	[Homem] forte, selvagem
Alexandre acerta o pé de Diomedes com uma flecha e deseja que o tivesse matado	[XI, vv. 382/383] “[...] Assim os Troianos teriam alívio da desgraça, // eles que tremem à tua frente como cabras balidoras perante um leão.”	[Homem] Forte, Selvagem
Odisseu ferido e cercado de troianos	[XI, vv. 473/481] “[...] à sua volta os Troianos // arremetiam como morenos chacais nas montanhas de roda // de	[Homem] Forte, Selvagem

é salvo pela chegada de Ajax	um chifrado veado ferido, a quem um homem atingiu // com uma flecha do seu arco; dele foge o veado com a rapidez // das patas, enquanto o sangue jorra quente e os joelhos aguentam; // mas quando por fim a flecha veloz o subjuga, os chacais // sedentos de carne viva devoram-nas montanhas, // num bosque sombreio; só que o deus traz contra eles um leão // assassino [σίτην]: os chacais fogem todos e o leão devora a presa.”	
Ájax recua diante dos Troianos	[XI, vv. 548/551] “Tal como quando do estábulo é escorraçado // o fulvo leão por cães e por homens lavradores, // que não o deixam levar a vaca mais gorda, // mas mantém vigília toda a noite; [...]”	[Leão] Selvagem
x		
Heitor guia os Troianos na invasão do acampamento dos Gregos	[XII, vv. 041/047] “Tal como quando no meio de cães e de homens caçadores // um javali ou leão rodopia, exultante na sua força; // e estes se dispõe, uns aos outros como uma muralha // e se posicionam contra ele arremessando das mãos // dardos cerrados; porém o valente coração da fera // não se amedronta nem receia, pois sua coragem é sua desgraça;”	[Homem] forte, selvagem, corajoso
Troianos e aliados atacam o acampamento dos Gregos	[XII, vv. 292/293] “se a Sarpédon, seu filho, Zeus conselheiro não tivesse // incitado contra os Argivos, como a um leão contra gado bovino.”	[Homem] Forte, selvagem
[Idem]	[XII, vv. 299/306] “[Sarpédon] saiu como leão criado na montanha [ὄρεσίτροφος], que há muito // sente a falta de	[Homem] forte, selvagem

	carne e assim o orgulhoso coração // lhe manda, a ponto de chegar ao redil e atacar os rebanhos; // pois embora lá venha a encontrar homens boieiros // guardando os rebanhos com cães e lanças, não lhe ocorre // deixar o redil sem tentar alguma coisa: ou salta no meio // do rebanho para arrebataram um animal, ou é ele próprio atingido // entre os dianteiros por um dardo atirado por mão rápida –”	[Espaço] selvagem
x		
Ajantes arrastam o corpo de Ímbrio	[XIII, vv. 198/200] “Tal como dois leões que a cães de dentes afiados // arrebataram uma cabra e a levam pelo cerrado matagal, // segurando-a nas mandíbulas por cima do chão”	[Homem] forte, selvagem [Espaço] Selvagem
x		
Gregos investem continuamente contra os Troianos, mas sempre fugindo à visão de Heitor	[XV, vv. 275/276] “mas depois com o clamor deles surge o leão barbudo [ἡϋγένειος] // no caminho, e logo eles fogem apesar do seu afinco.”	[Homem] Forte, selvagem
Troianos avançam sobre as naus dos Gregos	[XV, vv.592/593] “Como leões carnívoros [ὠμοφάγοισι] se lançaram os Troianos // contra as naus, cumprindo as ordens de Zeus:”	[Homem] forte, selvagem
Heitor põe os gregos em fuga	[XV, vv. 630/636] “Mas Heitor atirou-se a eles como o leão malévolos [ὀλοόφρων] que se lança // contra os bois a	[Homem] forte, selvagem

	pastar na fundura de um amplo pantanal, // bois às miríades! E no meio deles está um boieiro que não sabe // ainda como lutar contra a fera sobre a carcaça da vitela morta: // na verdade ele anda pelo lado dos bois da frente e de trás, // sempre a seu lado, mas o leão salta para o meio da manada // e devora uma vitela, enquanto todas as vacas se dispersam –”	
x		
Pátroclo mata Sarpédon	[XVI, vv. 487/489] “Tal como um leão se mete no meio da manada e mata um touro, // fulvo e audaz no meio dos bois de passo cambalente, // que morre com um mugido devido às mandíbulas do leão.”	[Homem] forte, selvagem
Pátroclo avança pelo corpo de Cebríones, mas encontra Heitor em seu caminho	[XVI, vv. 751/758] “Assim dizendo, avançou em direção ao herói Cebríones // com a fúria do leão que, quando atacava o estábulo // foi ferido no peito e perece devido à sua própria coragem [ἀλκή]. // Assim contra Cebríones, ó Patroclo, arremeteste em fúria. // Mas Heitor por seu lado saltou do carro para o chão. // Então ambos lutaram pelo corpo de Cebríones como dois leões // que nos cumes das montanhas lutam por uma corça morta, // ambos esfomeados, ambos orgulhosos e aguerridos [πεινάοντε μέγα φρονέοντε μάχεσθον].	[Homem] forte, selvagem, corajoso [Espaço] selvagem
Heitor dá o golpe fatal em Pátroclo	[XVI, vv. 823/826] “Tal como um leão vence pela força um inquebrantável javali, // quando nos píncaros das montanhas lutam ambos, orgulhosos [μέγα φρονέοντε], // por uma exígua nascente de água, pois ambos querem beber; // e muito resfolega o javali, mas o leão vence-o pela força –”	[Homem] Forte, Selvagem, Orgulhoso
x		

Menelau critica Euforbo	[XVII, vv.020/022] “Na verdade força assim nem de leopardo ou de leão, // nem de malévolo javali selvagem, cuja fúria enorme // exulta de força no seu peito – [...]”	[Homem] forte Selvagem,
Menelau mata Euforbo	[XVII, vv. 061/067] “Tal como leão criado nas montanhas, confiante na sua força, // da manada a pastar arrebatada a melhor das vacas; // primeiro com sua dentição possante lhe agarra o pescoço, // e depois devora-lhe o sangue e todas as vísceras // na sua fúria, enquanto à volta cães e pastores // gritam repetidamente de longe, mas sem quererem // aproximar-se, pois na verdade os domina o pálido terror –”	[Homem] forte, selvagem [Espaço] Selvagem
Menelau recua diante do avanço dos Troianos	[XVII, vv. 108/112] “Então Menelau retrocedeu donde estava e deixou o cadáver, // voltando-se permanentemente como o leão barbudo [ἡῦγένειος] // a quem cães e homens escorraçam do estábulo com lanças e gritos; e o valente coração se gela no seu peito, // enquanto se afasta contrariado dos currais da granja –”	[?]
Ájax protege o corpo de Pátroclo	[XVII, vv. 133/136] “e pôs-se de plantão como o leão em torno das suas crias // com que na floresta, caminhando à frente dos jovens leões, // homens caçadores deram de cara; e o leão exulta na sua força // e faz descer o sobrolho até ocultar os olhos –”	[Homem] forte, selvagem [Espaço] selvagem
Automedonte despe Areto e sobe para o	[XVII, vv. 541/542] “[...] com os pés e as mãos // cobertos de sangue, como o leão que devorou um boi.”	[homem] forte, selvagem, voraz

carro		
Menelau sai a procura de Antíloco	[XVII, vv. 657/674] “Seguiu o seu caminho como um leão que sai dos currais, // quando se fatigou com grande cansaço porque cães e homens // não o deixam arrebatam a vaca mais gorda da manada, // mantendo-se vigilantes toda a noite; mas ávido de carne [κρειῶν ἐρατίζων]// o leão vai em frente, mas nada alcança: pois cerrados voam // contra ele os dardos, atirados por mãos audazes, assim como // tochas ardentes, que o amedrontam, por muito ávido que esteja, // e ao nascer do dia se afasta para longe com o espírito petulante –”	[Homem] forte, selvagem
x		
Ajantes não conseguem afastar Heitor do corpo de Pátroclo	[XVIII, vv. 161/162] “Tal como de uma carcaça os pastores do campo repulsar // não logram o fulvo leão, grandemente esfomeado [μέγα πεινάοντα] –”	[Homem] forte, selvagem
Aquiles lamenta a morte de Pátroclo	[XVIII, vv. 318/322] “gemendo constantemente como o leão barbudo [ἡϋγένειος], // cujas crias arrebatou algum caçador de corças // na densa floresta; e o leão, chegando depois alfige-se // e percorre muitas clareiras no rastro do homem, // na esperança de o apanhar, pois raiva sinistra o domina –”	[Homem] selvagem
Imagem feita por Hefesto no escudo que seria dado a	[XVIII, vv. 579/584] “Mas dois medonhos leões [σμερδαλέω] entre o gado que ia à frente // agarravam um touro de urros profundos, que mugia alto // ao ser arrastado. Perseguiam-no os cães e os mancebos. //	[Leão] selvagem, destrói a ordem, voraz, forte

Aquiles	Os leões tinham já rasgado o couro do enorme boi // e devoravam as vísceras e o negro sangue, enquanto em vão // os boieiros os afugentavam, incitando os cães velozes.”	
x		
Aquiles vai de encontro a Eneas no combate	[XX, vv. 164/173] “Por seu lado o Pelida atirou-se a ele como um leão // esfomeado [σίνης] que ávidos de matar estão os homens // reunidos, todo o povo: num primeiro momento o leão // segue o seu caminho, indiferente; mas após um dos mancebos // o ter atingido com a lança, agacha-se de boca aberta, com os dentes // cheios de espuma e geme-lhe no peito o coração valente; // com a cauda fustiga os flancos e as costelas, incitando-se // a si próprio a combater; e com os olhos cada vez mais claros // lança-se com força em linha reta, quer seja ele a matar // um dos homens, ou seja ele morto na multidão da frente –”	[Homem] Forte, selvagem, corajoso
x		
Aquiles recusa a proposta de Heitor	[XXII, vv. 261/264] “Heitor, não me fales, ó louco!, de acordos. // Tal como entre leões e homens não há fiéis juramentos, // nem entre lobos e ovelhas existe concordância, // mas sempre estão mal uns com os outros –”	[leão] selvagem
x		
Apolo pede aos deuses que o corpo de Heitor seja salvo	[XXIV, vv. 041/043] “[...] Como um leão, só quer saber de selvagerias [ἄγρια οἶδεν]: // um leão que encorajado pela sua estatura e força e altivo //coração se atira aos rebanhos dos homens, para arrebatá-los a	[Homem] Selvagem, forte

de Aquiles	refeição.”	
Príamo vai a Aquiles pedir a restituição do corpo de Heitor	[vv. 572] “O Pelida saltou como um leão para fora de casa, [...]”	[Homem] Forte, selvagem

[*Odisseia*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Menelau lamenta frente a Telêmaco o que ocorre no palácio de Odisseu	[IV, vv. 333/340] “Ah, na verdade é na cama de um homem magnânimo // que esses pretendem dormir, sendo eles sem valor algum! // Tal como a corça, que na toca de um possante leão [κρατεροῖο λέοντος] // deita os gamos ainda não desmamados // e por montes e vales vai errando em busca // de pastagem, e depois disso chega o leão à toca // para fazer desabar sobre os gamos um destino cruel - // assim Ulisses fará desabar sobre eles um cruel destino.”	[Homem] Possante
Menelau narra como ele e seus companheiros aprisionaram Proteu.	[IV, vv. 454/461] “Atiramo-nos então a ele com um grito e o seguramos // com as mãos; mas o Velho não se esqueceu das artimanhas: // transformou-se primeiro num leão barbudo; // depois numa serpente, num leopardo e num enorme javali; depois em água molhada e numa árvore de altas folhas. // Nós o seguramos com persistência, de espírito paciente. // Mas quando se cansou o velho sabedor de coisas tão perigosas [ὄλοφώτα], // então me interrogou e proferiu as seguintes	[Leão] Perigoso

	palavras: [...]”	
Penélope lamenta a perda de Odisseu.	[IV, vv. 722/725] “Ouvi-me, amigas! A mim deu o Olimpo mais dores // do que a qualquer das mulheres que comigo nasceram e foram criadas. // Há muito que perdi o valoroso esposo de coração de leão [θυμολέοντα], // o melhor entre os Dânaos por toda a espécie de excelência.”	[Homem] Forte, Corajoso, Apto a selvageria
Penélope teme pelo destino de Telêmaco	[IV, vv.791/793] “Tal como hesita um leão receoso perante os caçadores // que em seu redor apertam o círculo do engano - // assim hesitava a rainh, quando chegou o sono suave.”	[?]
Penélope lamenta a perda de Odisseu.	[IV, vv. 812/815] “Dizes-me para desistir do choro e do pranto abundante // que me atormenta o coração e o espírito. // Mas há muito que perdi o valoroso esposo de coração de leão [θυμολέοντα], // o melhor entre os Dânaos por toda a espécie de excelência.”	[Homem] Forte, Corajoso, Apto a selvageria
x		
Odisseu aproxima-se de Nausícaa e suas servas.	[VI, vv. 130/136] “Saiu como um leão criado na montanha, confiante na sua pujança, // cujos olhos fulminam apesar da chuva e do vento, e que se mete // entre vacas ou ovelhas ou corças selvagens, pois assim a fome // lhe manda, a ponto de chegar ao redil e atacar os rebanhos - // assim se preparava Ulisses para irromper no meio das donzelas // de lindos cabelos, apesar de estar nu. Sobreviera a necessidade.”	[Homem] forte, caçador, espreitador
x		

Polifemo come os companheiros de Odisseu.	[IX, vv. 292/293] “Comeu-os como um leão criado na montanha: nada deixou, // mas comeu as vísceras, a carne, os ossos e o tutano.”	[Leão] Voraz, selvagem, ímpio.
x		
Odisseu relata seu encontro com as almas do Érebo.	[XI, vv. 267/269] “Depois dela vi Alcmena, esposa de Anfitrião, // que concebeu Hércules imbatível, coração de leão, // depois de se ter unido aos abraços do grande Zeus.”	[Homem] Forte, Corajoso, Apto a selvageria
x		
Telêmaco narra à Penélope o que lhe fora contado por Menelau.	[XVII, vv.124/131] “Ah, na verdade é na cama de um homem magnânimo // que esses pretendem dormir, sendo eles sem valor algum! // Tal como a corça, que na toca de um possante leão [κρατεροῖο λέοντος] // deita os gamos ainda não desmamados // e por montes e vales vai errando em busca // de pastagem, e depois disso chega o leão à toca // para fazer desabar sobre os gamos um destino cruel - // assim Ulisses fará desabar sobre eles um cruel destino.”	[Homem] Possante
x		
Após o massacre dos pretendentes, Euricleia retornar à sala e vê Odisseu em meio aos mortos.	[XXII, vv. 401/405] “Encontrou Ulisses no meio dos cadáveres dos mortos, // conspurcado de sangue e imundície, como um leão, // que acaba de comer um dos bois do estábulo // e tem o peito todo e as faces de ambos os lados // manchadas de sangue – visão terrível de se ver!”	[Leão] Violento, voraz, terrível

[*Hinos Homéricos*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Dioniso transformase em leão no navio.	[VII, vv. 44/51] “E ele, para eles um leão (δεινός), surgiu na parte mais alta // da nau, terrível () Fortemente urrava. No meio, então, // uma ursa fez de pescoço peludo, sinais mostrando; // no alto colocou-se enfurecida, e o leão sobre extremo do convés, // terrível, com olhar ameaçador (δεινὸν ὑπόδρα ἰδών).”.	[Leão] Terrível, olhar ameaçador.

1.2 Hesíodo

[*Teogonia*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Descrição dos monstruosos filhos da ninfa Echidna.	[vv. 319/329] “Ela pariu a Cabra que sopra irrepelível fogo, // a terrível e grande e de pés ligeiros e cruel, // tinha três cabeças: uma de leão de olos rútilos (χαροποῖο λέοντος) // outra de cabra, outra de víbora, cruel serpente. // Na frente leão (λέων), atrás serpente, no meio cobra, // expirando o terrível furor do fogo aceso. // Agarrou-a Pégaso e o bravo Belerofonte. // E ela pariu a funesta Fix, ruína dos Cadmeus // emprenhada por Ortro, pariu o Leão de Neméia (Νεμειαῖόν τε λέοντα) // que Hera a ínclita esposa de Zeus nutriu // e abrigou nas colinas de Neméia, pena	[Leão] terrível, perigoso

	dos homens:”	
Descrição de Tifeu.	[vv. 829/835] “Vozes havia em todas as terríveis cabeças // a lançar vários som nefasto: ora falavam // como para Deuses entender, ora como // touro mugindo de indômito furor e possante voz // ora como leão de ânimo impudente (λέοντος ἀναιδέα θυμὸν ἔχοντος), // ora símil a cadelas, prodígio de ouvir-se, //ora assobiava a ecoar sob altas montanhas.”	[Leão] cruel/implacável
Descrição da linhagem de Aquiles.	[vv. 1003/1007] Submetida a Peleu a Deusa Tétis de pés de prata // gerou Aquiles rompe falange e de leonino ânimo (θυμολέοντα).”	[Leão] forte, corajoso, apto à violência

[Escudo de Hércules]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Descrição do escudo de Hércules.	[vv. 168/177] “Aí havia um bando de javalis e um de leões // a entreolharem-se, rancorosos (κοτεόντων) e impetuosos (ιεμένων). // Seus renques estavam reunidos, nenhum // dos dois tremia, eriçavam pescoços ambos. // Já lhes jazia um grande (μέγας) leão e ao redor dois // javalis despojados da vida, negro sangue // vertiam no chão; pendidos os pescoços, // jaziam massacrados por hirsutos (βλοσυροῖσι) leões. // Rancorosos (κοτέοντε), despertos (ἐγειρέσθην) ainda por mais lutar // eram ambos, javalis e leões de olhos rútilos (χαροποί).”	[Leão] terrível, selvagem, violento.
Hércules e Cisne	[vv. 402/404]	[Leão] furioso, terrível,

frente a frente, prontos para o combate.	“Como dois leões ao redor da corça morta // rancorosos (κοτέοντες) atacam-se um ao outro, // terrível era a grita e o ranger dos dentes.”	violento.
Hércules de frente para Ares após matar Cisne.	[vv. 424/432] “Deixou-o então o longânime filho de Zeus // e espreita a vinda de Ares destrói-mortais, // com olhares terríveis, qual leão ante uma presa // muito sôfrego (ἐνδυκέως) rasga a pele com garras cruéis // e rápido arrebatou o ânimo sabido a mel, // de ardor assim ele enche o negro coração, //refulge terrível nos olhos, flancos e espáduas //fustiga com a cauda, cava com as patas, ninguém ousa enfrentar-lhe a vista, nem combatê-lo.”	[Leão] violento, voraz, raivoso.

1.3 Tirteu

[*Eunomia*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Exaltação do povo espartano à luta.	[Fragmento 9 (10D)] “[...] tendo no peito o coração de um fúlvido leão [...]”	[Leão] forte, corajoso, apto à violência.

2. Cavalos

2.1 Homero

[*Ilíada* – Passagens]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Aquiles responde a Agamêmnon em meio a uma discussão sobre o como agir para aplacar a fúria de Apolo	[I, vv. 152/156] “Eu não vim para cá lutar por causa dos lanceiros Troianos, // visto que eles em nada me ofenderam: // nunca eles me levaram bois ou cavalos, nem jamais na Ftia // de férteis sulcos, alimentadora de homens, // prejudicaram as colheitas, (...)”	[Cavalo] Objeto de Valor
x		
Detalhamento das forças dos Aqueus // Menesteu, comandante dos Atenenses	[II, vv. 553/554] “Semelhante a ele não havia outro homem na terra, // capaz de alinhar carros de cavalos e homens portadores de escudo.	[Cavalos] Instrumento de Guerra
Detalhamento das forças dos Aqueus // Os melhores cavalos	[II, vv.763/767] “Quanto aos cavalos, os melhores eram as éguas do filho de Feres, // as que conduzia Eumelo, rápidas como pássaros [ποδόκεας ὄρνιθας ὦς], // de igual pelo e de idade igual, os dorsos alinhados por um fio. // Estas éguas criara na Pereia Apolo do arco e prata, // ambas fêmeas, portadoras do pânico de Ares [φόβον Ἄρης φορεούσας].”	[Cavalo] Instrumento de Guerra

x		
Alexandre coloca a armadura se preparando para o combate	[III, vv. 336/337] “Na altiva cabeça colocou um elmo bem trabalhado, // com penacho de cavalo: e terrível [δεινὸν] era o seu movimento.”	[Cavalo] terrível
x		
Agamêmnon avança incitando os Gregos contra os Troianos	[IV, vv. 226/230] “Deixou os cavalos e o carro com variegados adornos de bronze; // e à distância os cavalos arfantes retinha seu escudeiro, // [...] // a quem ordenou que os mantivesse perto, para quando // o cansaço lhe tomasse os membros ao dar as ordens às tropas.”	[Cavalo] Instrumento de Guerra
[Idem]	[IV, vv.297/300] “Dispôs primeiro os cavaleiros com seus cavalos e carros; // por trás colocou muita e valente infantaria, que seria // o baluarte da guerra; no meio colocou os covardes, // para que tivessem de combater à força, à sua revelia.”	[Cavalo] instrumento de guerra.
[idem]	[IV, vv. 365-371] “Encontrou o filho de Tideu, Diomedes de altivo coração, // em pé junto aos cavalos e aos carros bem articulados. // [...] // Ah, filho do feroso Tideu, domador de cavalos [ἵπποδάμοιο] // Por que hesitas? Por que olhas para as alas da guerra?”	[Cavalo] Instrumento de Guerra [Homens] Herói / Membro da Elite (associado ao uso na guerra e na competição);

Diomedes enfrenta Fegeu e Ideu	[V, vv.025/026] “Os cavalos é que o magnânimo filho de Tideu arrebatou, // dando-os aos companheiros para levarem até as côncavas naus.”	[Cavalo] Objeto de Valor
Diomedes recua para retirar a flecha que lhe acertou Pândaro	[V, vv. 107/108] “[...]”; mas ao outro não subjugou a seta veloz, // mas recuou e posicionou-se junto dos cavalos e do carro,”	[Cavalo] Instrumento de Guerra
Pândaro fala com Eneias em meio ao combate	[V, vv.180/183] “Eneias, conselheiro dos Troianos vestidos de bronze, // é ao feroso Tidida que em tudo o assemelho, // reconhecendo-o pelo escudo, pelo penacho do elmo // e observando os seus cavalos. Não sei ao certo se é um deus.”	[Cavalo] Status / Distinção.
[idem.]	[V, vv. 191/196] “[...] Na verdade é um deus irado! // Além de que não tenho cavalos nem carro em que pudesse montar, // embora no palácio de Licáon estejam onze belos carros, // novos em folha, recém-construídos, cobertos de panos. // E junto de cada um está a respectiva parelha de cavalos // mastigando a branca cevada e a espelta.”	[Cavalo] Instrumento de Guerra; Objeto de Valor
Pândaro e Eneias se juntam para atacar Diomedes	[V, vv. 221/223] “[...] para que vejas, // como são os cavalos de Trós, que pela planície sabem // correr com rapidez, seja em perseguição, ou em debandada.”	[Cavalo] Instrumento de Guerra;

Antíloco toma os cavalos antes guiados por Mídon	[V, vv. 589] “Chicoteou-os Antíloco e conduziu-os para a hoste dos Aqueus.”	[Cavalo] Objeto de valor
Tlepólemo lembra a ida de Heracles a Tróia	[V, vv. 640/642] “que outrora aqui veio pelos cavalos de Laomedonte // só com seis naus e menor número de homens: // saqueou a cidade de Ílion e causou desolação nas suas ruas.”	[Cavalo] Objeto de valor
[Idem]	[V, vv. 794/795] “Encontrou o soberano perto de seus cavalos e de seu carro, // refrescando a ferida [...]”	[Cavalo] Instrumento de Guerra
x		
Heitor tenta abraçar, mas a panóplia do guerreiro o assusta.	[VI, vv. 466-470] “Assim falando, o glorioso Heitor foi para abraçar o seu filho, // mas o menino voltou para o regaço da ama de bela cintura // gritando em voz alta, assarapantado pelo aspecto de seu pai amado // e assustado por causa do bronze e da crista de crinas de cavalo, // que se agitava de modo medonho [δεινὸν] da parte de cima do elmo.”	[Cavalo] terrível
Páris se prepara para o retorno ao campo de batalha	[VI, vv. 506/511] “Tal como quando o cavalo no estábulo se saciou // à manjedoura e, quebrando os arreios, corre a galope // pela planície, desejoso de se banhar no rio de lindo fluir, // exultante: mantém a cabeça erguida, as crinas lhe esvoaçam // nos ombros e, confiante na sua beleza, levam-no os ágeis joelhos // para os lugares costumeiros e para as pastagens das éguas.”	[Homem] Beleza? // Confiança?
x		

Glauco atinge Ifínoo	[VII, vv. 015/016] “[...], quando saltava para o carro puxado por // éguas velozes [ἵππων ... ὠκειάων]”	[Cavalo] Instrumento de Guerra
Heitor e Ájax se preparam para o duelo	[VII, vv. 240] “Sei investir contra a chusma de carros puxados por éguas velozes [ἵππων ὠκειάων].”	[Cavalo] instrumento de guerra
x		
Diomedes convida Nestor a combater junto a si.	[VIII, vv.105/108] Mas sobe tu para o meu carro, para que vejas // como são os cavalos de Trós, que pela planície sabem // correr com rapidez, seja em perseguição ou em debandada. //Tirei-os, congeminadores de debandadas, há tempo a Eneias.”	[Cavalo] Instrumento de Guerra, objeto de valor.
Heitor incita os cavalos à perseguição de Nestor e Diomedes	[VIII, vv. 185/191] “Xanto e tu, ó Podargo, e Éton e Lampo divino! // Agora retribuí-me a alimentação, que em abundância // Andrômaca filha do magnânimo Eécion // vos pôs à frente, dando-vos trigo de sabor de mel // e misturando-lhe vinho para beberdes, quando lhe aprouvesse - // mais do que a mim, que declaro ser vigoroso esposo dela! // Agora lançai-vos e apresai-vos, [...]”	[Cavalo] Objeto de valor, instrumento de guerra.
Agamêmnon promete dons a Teucro em caso de vitória	[VIII, vv.287/291] “Se Zeus detentor da égide e Atena me concederem // arrasar a cidade bem construída de Ílion // primeiro na tua mão, depois na minha, porei um dom // ou uma trípode, ou uma parrelha de cavalos com carro, // ou então uma mulher que contigo dormirá na cama.”	[Cavalo] objeto de valor.
x		

Agamêmnon lista os presentes que ofertará como forma de reparação por suas ações	[IX, vv.121/124] “Nomearei perante todos vós os fulgurantes presentes: // sete trípodes sem marca de fogo, dez talentos de ouro, // vinte caldeirões resplandecentes, doze poderosos cavalos //premiados, que ganharam prêmios pela velocidade.”	[Cavalo] Objeto de valor
x		
Heitor promete recompensa Àquele que se aproximar das naves dos Aqueus para conseguir informações.	[X, vv.305] “Darei um carro e dois cavalos de arqueados pescoços [...]”	[Cavalo] Objeto de valor
x		
Nestor relembra os combates da juventude.	[XI, vv.677/684] “Muitos despojos nós reunimos daquela planície: //cinquenta rebanhos de bois e outros tantos de ovelhas; // outras tantas varas de porcos, tantas cabras vagueadoras, // assim como cento e cinquenta éguas ruças, // todas as fêmeas e muitas amamentando seus poldros. // Todo este gado levamos para Pilos, cidade de Neleu, // no meio da noite; regozijou-se Neleu em seu espírito, porque // muito espólio me coubera ao partir para a guerra, ainda novo.”	[Cavalo] objeto de valor
[idem]	[XI, vv.717/719]	[Cavalo] Instrumento de

	“[...] Neleu não // permitiu que me armasse e escondeu os meus cavalos. // É que afirmava que eu nada sabia dos trabalhos da guerra.”	guerra
x		
Apolo incita Heitor a retornar ao combate.	[XV, vv.263-268] “Tal como quando o cavalo no estábulo se saciou // à manjedoura e, quebrando os arreios, corre a galope // pela planície, desejoso de se banhar no rio de lindo fluir, // exultante: mantêm a cabeça erguida, as crinas lhe esvoaçam // nos ombros e, confiante na sua beleza, levam-no ágeis joelhos // para os lugares costumeiros e para as pastagens das éguas –”	[Homem] Beleza? // Confiança?
x		
Pátroclo persegue os troianos no campo de batalha.	[XVI, vv.684/686] “Ora Pátroclo chamou por seus cavalos e por Automedonte // e seguiu atrás de Troianos e Lícios, grandemente desvairado, // o estulto! [...]”	[Cavalo] Instrumento de Guerra.
Heitor avança para o combate.	[XVI, vv.727/728] “Ao fioso Cebríones ordenou o glorioso Heitor // que chicoteasse os cavalos em direção ao combate. [...]”	[Cavalo] Instrumento de Guerra.
x		
Crômio e Areto avançam para o combate acompanhando	[XVII, vv.495/496] “[...] Pois grandemente esperava seu coração // matar os homens e arrebataram os cavalos de sublimes pescoços –”	[Cavalo] Instrumento de Guerra e Objeto de valor.

Heitor e Eneias		
x		
Aquiles e os mirmidões retomam o corpo de Pátroclo	[XVIII, vv.237/238] “Pois mandara-o para a guerra com cavalos e com carro, // mas nunca mais ele o recebeu à sua chegada.”	[Cavalo] Instrumento de guerra.
x		
Guerreiros buscam os presentes oferecidos por Menelau a Aquiles por seu retorno ao combate.	[XIX, vv.143/144] “Levaram da tenda as sete trípodes, que ele lhe prometera, // e vinte caldeirões resplandecentes, e doze cavalos.”	[Cavalo] Objeto de valor.
x		
Gregos e Troianos se enfrentam	[XX, vv.156/157] “Toda a planície se enchera de homens e de cavalos // e refulgia de bronze. [...]”	[Cavalo] Instrumento de Guerra
Enéias narra sua genealogia.	[XX, vv.218/222] “Dárdano por sua vez gerou o rei Erictônio, //que se tornou o mais rico dos homens mortais. // Três mil cavalos tinha ele nas pastagens, // éguas que se regozijavam com seus tenros poldros.”	[Cavalo] Objeto de valor.
x		

Sacrifícios em honra a Pátroclo.	[XXIII, vv.171/172] “[...] Quatro cavalos de altos pescoços // ganindo e gemendo ele atirou depressa sobre a pira.”	?
Prêmios são reunidos para as competições que se seguem à cremação de Pátroclo.	[XXIII, vv.259/271] “Das naus trouxe prêmios: caldeirões e trípodes, // cavalos e mulas, e robusto gado bovino; // mulheres de belas cinturas e o gado cinzento. // Para os céleres aurigas colocou primeiro gloriosos prêmios: // uma mulher para levarem, conhecedora de irrepreensíveis labores, // e uma trípode de orelhas com capacidade para vinte e duas medidas, // para quem fosse o primeiro; para o segundo colocou uma égua // de seis anos, indomada, que estava para parir uma mula; // para o terceiro colocou um caldeirão, intocado pelo fogo, // belo, com capacidade para quatro medidas, ainda branco; // para o quarto colocou dois talentos de ouro; // e para o quinto, uma urna de asa dupla, // intocada pelo fogo. [...]”	[Cavalo] Objeto de valor

[*Iliáda* – Epítetos Relacionados aos Cavalos]

Epíteto / Tradução	Aparições	Associadas a:
ἵπποδάμοιο (domador de cavalos)	[46 vezes] II.023; II.060; II.230; III.127; III.131; III.237; III.251; III.343; IV.080; IV.333; IV.352; IV.355; IV.370; IV.509; V.415; V.781; V.849;	Troianos (24x); Diomedes (7x); Heitor (5x); Agamemnon (2x); Antenor (2x); Tideu (2x);

	VI.299; VI.460; VII.038; VII.361; VII.404; VIII.071; VIII.110; VIII.194; VIII.516; VIII.525; IX.051; IX.712; X.424; XI.450; XI.568; XII.440; XIV.010; XIV.474; XVI.717; XVII.024; XVII.231; XVII.418; XIX.237. XIX.318; XX.180; XXII.161; XXII.211; XXIII.472; XXIV.804.	Castor (1x); Hipasso (1x); Trasímedes (1x); Hyperenor (1x).
ἵππότης (cavaleiro)	[27 vezes] II.336; II.433; II.601; II.628; IV.317;	Nestor (22x); Peleu (2x); Phyleus (1x); Tideu (1x);

	<p>V.126; VII.170; VII.181; VIII.112; VIII.151; IX.052; IX.162; IX.179; X.102; X.128; X.138; X.143; X.157; X.168; X.203; X.543; XI.516; XI.655; XIV.052; XIV.117; XVI.033; XXIII.089.</p>	Oineu (1x).
<p>ταχυπόλων (de rápidos poldros)</p>	<p>[11 vezes] IV.233; IV.257; V.316; V.345; VIII.161; XIII.620; XIV.021; XV.320; XXIII.006; XXIV.296; XXIV.313.</p>	<p>Dânaos (10x); Mirmidões (1x).</p>

<p>ἵππηλάτης (cavaleiro)</p>	<p>[9 vezes]</p> <p>IV.387; VII.125; IX.433; IX.438; IX.581; XI.772; XVI.196; XVIII.331; XIX.311.</p>	<p>Peleu (4x); Fênix (3x); Tideu (1x); Oineu (1x).</p>
<p>ἵπποβότοιο (apascentadora de cavalos)</p>	<p>[8 vezes]</p> <p>II.285; III.075; III.258; IV.202; VI.152; IX.246; XV.030; XIX.329.</p>	<p>Argos (7x); Trica (1x)</p>

ἵπποκορυσταὶ (senhores de carros e cavalos)	[5 vezes] II.001; X.431; XVI.287; XXI.205; XXIV.677.	Homens (2x); Peônios (2x); Meônios (1x).
πληξίπῳ (condutor de cavalos)	[4 vezes] II.104; IV.327; V.705; XI.093.	Pélops (1x); Menesteu (1x); Orestes (1x); Oileu (1x).
κέντορες ἵππων (chicoteadores de cavalos)	[2 vezes] IV.391; V.102.	Cadméios (1x); Troianos (1x).

εὔπωλον (de belos cavalos)	[2 vezes] V.551; XVI.576.	Tróia (2x).
Πολύιππος (dono de muitos cavalos)	[1 vez] XIII.171.	Mentor (1x).
αἰολοπώλους (donos de cavalos rutilantes)	[1 vez] III.185.	Frígios (1x).

[*Ilíada* – Capacete com Crista de Cavalo]

Termos	Aparições

<p>ἵππουριν (x6), ἵπποδασειῆς (x7), ἵπποκόμων (x5).</p> <p>Os três termos indicam a ornamentação de capacetes com pelos de cavalo.</p>	<p>III.336; III.369; IV.459; VI.009; VI.469; VI.495; XI.042; XII.339; XIII.132; XIII.614; XIII.714; XV.481; XV.535; XVI.138; XVI.216; XVI.339; XVI.797; XVII.296; XIX.382</p>
--	--

[*Iliáda* – Características associadas aos cavalos]

Termos	Aparições
<p>ὠκύς (x33) / (x1) ταχύς, (veloz)</p>	<p>[34 vezes]</p> <p>III.263; IV.500; V.240; V.257; V.261; V.275; V.356; VII.015; VII.240;</p>

	<p>VIII.088; VIII.254; VIII.402; VIII.416; X.474; X.520; X.527; XI.127; XI.759; XII.062; XIII.536; XIV.430 ; XV.259; XVI.148; XVI.370; XVI.380; XVI.383; XVI.833; XVI.865; XVII.465; XVIII.244; XXIII.294; XXIII.373; XXIII.516; XXIV.014.</p>
<p>μόνυχες (de casco não fendido)</p>	<p>[33 vezes]</p> <p>V.236; V. 321; V.581; V.829; V.841; VIII.139; VIII.157; VIII.374; VIII.432; IX. 127; X.393; X.498; X.537; X.564; XI.289; XI.513; XI.708; XI.738; XVI.375; XVI.712;</p>

	<p>XVII.699; XIX.424; XX.498; XXI.132; XXI.521; XXII.162; XXIII.006; XXIII.279; XXIII.398; XXIII.423; XXIII.435; XXIII.536; XXIII.550.</p>
<p>ποδώκης (x2) / ώκύπους (x12) (de patas velozes)</p>	<p>[14 vezes]</p> <p>II.383; V.295; V.732; VIII.123; VIII.129; VIII.315; X.535; X.569; XII.051; XVI.368; XVII.614; XXIII.304; XXIII.376; XXIII.504.</p>
	<p>[15 vezes]</p>

<p>καλλίθριξ (12x) / εὔθριξ (x3) (de bela crina)</p>	<p>V.323; VIII.348; VIII.433; VIII.503; X.491; XI.280; XI.531; XIII.819; XVII.504; XVII.624; XVIII.223; XXIII.013; XXIII.301; XXIII.351; XXIII.531.</p>
<p>ἐριαύχην (de pescocos arqueados)</p>	<p>[5 vezes] X.305; XI.159; XVII.496; XVIII.280; XXIII.171.</p>
<p>ἀερσίποδες</p>	<p>[3 vezes]</p>

(de altas patas)	III.327; XVIII.532 ; XXIII.475.
κρατερῶνυξ (de patas fortes)	[3 vezes] V.329; XVI.724; XVI.732.
ύψηχέες (relinchantes)	[2 vezes] V.772; XXIII.027.
πηγούς (forte)	[2 vezes] IX.124; IX.266

[*Odisseia* – Passagens]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Menelau conta a Telêmaco os feitos dos helenos em Tróia.	[IV, vv. 271/273] “Que feitos praticou e aguentou aquele homem forte // dentro do cavalo polido, em que estávamos todos nós, // os melhores dos Argivos, para trazer o destino da morte aos Troianos!”	[Cavalo] portador da morte.
Menelau oferece presentes a Telêmaco.	[IV, vv. 589/592] “[...] nessa altura despedir-me-ei de ti com presentes gloriosos: // três cavalos e um carro bem polido. Além disso dar-te-ei // uma linda taça, para verteres libações aos deuses imortais, // e para ao longo de toda a tua vida te lembrares de mim.”	[Cavalo] objeto de valor.
x		
Demódoco canta a ruína dos Troianos em função de terem aceitado o cavalo de madeira de presente em meio ao banquete dos Feácios.	[VIII, vv. 511/513] “[...] pois era seu destino perecerem, quando a cidade circundasse // o grande cavalo de madeira, dentro do qual estavam sentados // o melhores dos Aqueus para trazer aos Troianos a morte e o destino.”	[Cavalo] portador da morte.

[*Odisseia* – Epítetos relacionados a cavalos]

Epíteto / Tradução	Aparições	Associadas a:
<p>ἵπότης (cavaleiro)</p>	<p>[10 vezes]</p> <p>III.068; III.102; III.210; III.253; III.387; III.397; III.404; III.417; III.474; IV.161.</p>	<p>Nestor (10x).</p>
<p>ἵπόβοτος (apascentadora de cavalos)</p>	<p>[6 vezes]</p> <p>III.263; IV.099; IV.562; XV.239; XV.274; XXI.347.</p>	<p>Argos (5x); Elis (1x)</p>
<p>εὐπῶλος (de belos cavalos)</p>	<p>[3 vezes]</p> <p>III.017; III.181 ; XI.300.</p>	<p>Tróia (3x).</p>
<p>ἵπόδαμος</p>	<p>[3 vezes]</p>	<p>Nestor (1x); Diomedes (1x);</p>

(domador de cavalos)	III.017; III.181; XI.300.	Castor (1x).
----------------------	------------------------------	--------------

[*Odisseia* – Capacete com Crista de Cavalos]

Termos	Aparições
ἵπποδάσεια (2x) ἵππουρις (1x)	XXII.111; XXII.124; XXII.145

[*Odisseia* – Características associadas aos cavalos]

Termos	Aparições
καλλίθριξ (3x) (de bela crina)	III.476; V.381; XV.286

ὠκύς (x3) (veloz)	III.478; III.496; IV.029.
ὠκύπους (2x) (de patas velozes)	XVIII.263; XXIII.245.
μῶνυξ (de casco não-fendido)	XV.046.
κρατερῶνυξ (de patas fortes)	XXI.030

[*Hinos Homéricos*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Após revelar a Deméter o destino de sua filha, Helios	[II, vv.88/89] “Assim tendo dito, Hélio animou os cavalos que, pelo grito, // rapidamente levaram o carro veloz, como pássaros de longas asas (τανύπτεροι ὄστ’ οἰωνοί).”	[Cavalo] como pássaros.

parte em seu carro.		
Deméter volta-se para ensinar os segredos para Triptolemus, Diocles e Eumolpus	[II, vv.474] “[...] Depois, ela foi aos reis justiceiros e mostrou // a Triptólemo, a Diocles domador de cavalos (πληξίππῳ), // a Eumolpo forte e a Celeu, o guia de povos, // o cumprimento dos seus mistérios sagrados [...]”	[Diocles] condutor de cavalos.
x		
Poeta recorda como Apolo e Ischys cortejaram a filha de Azan.	[III, vv.210] “Acaso cantar-te-ei em teus desejos e em teus amores, // como vieste desejand a jovem filha de Azante, // junto com Ísquis, filho do bom cavaleiro (εὐίππῳ) Élato símil aos deuses?”	[Elatio] de bons cavalos
Poeta recorda quando o deus fora interpelado por Telphusapor sua decisão de local para construir seu santuário.	[III, vv.260/271] “[C]oisa diferente te direi, e tu lança-a em tuas entranhas: // aqui, irá te atormentar sempre o fragor dos rápidos (ὠκειάων) cavalos, // e os muares que a sede saciam em minhas nascentes sagradas; // aqui, qualquer homem desejará ver // carros bem feitos e fragor de cavalos de rápidos pés (ὠκυπόδων) , // em vez do grande templo e dos muitos bens ali existentes. // Mas, se te deixares persuadir (pois és mais forte e poderoso // que eu, senhor, e teu vigor é maior) //, faça-o em Crisa, sob a fenda do Parnaso. // Ali, nem belos carros te perturbarão, nem fragor de cavalos // de rápidos pés (ὠκυπόδων) haverá ao redor do teu altar bem construído.”	[Cavalos] velozes.
x		

Hermes afirma que dará a Lira a Apolo.	[IV, vv.491] “E, depois, em prados da montanha e da planície nutriz // de cavalos (ἵπποβότου), faremos, Arqueiro, pastar bois agrestes;”	[campos] apascentadores de cavalos
x		
Afrodite, passando-se por mortal, convence Anquises a tomá-la por esposa.	[V, vv.137] “Envia rapidamente um mensageiro para a Frígia de rápidos cavalos (αιολοπώλους) // para informar meu pai e minha mãe, que se inquieta muito.”	[Frígios] donos de cavalos velozes
Zeus concede cavalos a Tros tal qual s que guiam os deuses.	[V, vv.210/217] “Zeus, apiedando-se dele, envia-lhe como resgate por seu filho //cavalos fogosos (ἀρσίποδας), aqueles que portam os imortais. // Deu-lhos de presente para portar consigo. Por // ordem de Zeus, Argeifonte, o mensageiro, lhe diz: assim como os imortais, teu filho será sempre jovem, igual aos deuses. // Depois que ouviu as mensagens de Zeus. // Trós então não mais se lamentou, alegrou-se em seu espírito //e, pleno de alegria, se fez levar por seus cavalos de pés rápidos (ἀελλοπόδεσσιν) como a tempestade.”	[Cavalos] high stepping, storm-footed.
x		
Poeta exalta os Dióscuros filhos de Tindareu.	[XVII, vv.005] “Salve, Tindáridas, cavaleiros das rápidas montarias (ταχέων ἐπιβήτορες ἵππων)”	[Dióscuros] condutores de cavalos; [Cavalos] rápidos.

x		
Poeta exalta a dupla característica de Poseidon, domador de cavalos e salvador dos navios.	[XXII, vv.004-005] “Dupla honra, ó agitador da terra, os deuses te concederam: // ser domador de cavalos e salvador das naus (ἵππων τε δμητῆρ’ ἔμεναι).”	[Poseidon] Domador de cavalos.
x		
Helios para seu carro enquanto aguarda que Atena retire sua armadura em frente a Zeus.	[XXVIII, vv.014] “[...] esplêndido, o filho de Hipérion susteve // seus cavalos de rápidos pés (ὠκύποδας) por um bom tempo, até que a virgem // tirasse de seus imortais ombros as divinas armas, // Palas Atenaia; [...]”	[Cavalos] de pés velozes.
x		
Poeta descreve o percurso de Selene no céu.	[XXXII, vv.008/011] “[...] a divina Selene se veste com trajes que brilham de longe, // atrela à carruagem radiantes potros de pescoço arqueado (ἐριαύχενας) //e para a frente, com ímpeto, dirige os cavalos de belas crinas (καλλίτριχας ἵππους) //na noite do meio do mês.”	[Cavalos] de pescoços arqueados, de belas crinas.
x		
Poeta exalta os Dióscuros filhos de	[XXXIII, vv.001-003] “Musas de vivo olhar, entoai vossos cantos aos filhos de Zeus, // Tindáridas, prole ilustre de	[Castor] domador de cavalos.

Tindareu.	Leda de belos pés, // Castor domador de cavalos (ἵπδόδαμον) e o irrepreensível Polideuces.”	
Poeta exalta os Dióscuros filhos de Tindareu.	[XXXIII, vv.018] “Salve, Tindáridas, cavaleiros de rápidos corcéis (ταχέων ἐπιβήτορες ἵππων), // [e] lembrar-me-ei de vós em meu próximo canto.”	[Dióscuros] condutores de cavalos; [Cavalos] rápidos.

2.2 Hesíodo

[*Os Trabalhos e os Dias*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Hesíodo aconselha seu irmão sobre o que fazer durante o mês Lenaion.	[vv.504-508] “O mês Lenaion, dias ruins, todos para couro de boi, // evita isso e também geadas, que, sobre a terra, // quando Bóreas sopra, são implacáveis, // ele que, pela Trácia nutre-cavalo (ἵπποτρόφου), no amplo mar // sopra e o agita, e mugem terra e mato.”	[Trácia] criadora de cavalos
Hesíodo aponta o que é importante saber sobre cada um dos dias dos meses.	[vv.814-818] “Poucos sabem que o três vezes nono é o melhor dia do mês //para iniciar um cântaro, pôr o jugo no pescoço // de bois, mulas e cavalos de pés-ligeiros (ὠκυπόδεσσι), // e uma nau muito-calço, veloz, ao mar vinoso // puxar; poucos o chamam pela forma verdadeira.”	[Cavalos] velozes.

[Escudo de Hércules]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Anfitrião marcha para vingar a morte dos irmãos de sua esposa.	[vv.023-027] “Junto com ele, ávidos de combate e de guerra, // beócios cavaleiros (πλήξιπποι) a respirarem atrás de escudos, // lócrios lutadores e foceus magnânimos // seguiram, à frente ia o bravo filho de Alceu, // jubiloso das tropas. [...]”	[Beócios] condutores de cavalos.
Referência ao combate entre Cisne e Heracles.	[vv.061] “Encontrou-o no precinto do longeatirante Apolo, // a ele e a seu pai Ares insaciável de guerra, // com armas a refulgirem qual fogo fulgurante, //de pé no carro; ágeis (ὠκέες) cavalos vibraram o chão // golpeando com os cascos, e o pó ao redor brilha // batido por trançados carros e pés de cavalos, // carros bem fabricados e anteparos retumbavam, //correndo os cavalos.”	[Cavalos] velozes.
Hércules exalta Iolau.	[vv. 95/97] “Eia, amigo, tem rápido as rédeas purpúreas //dos cavalos céleres (ὠκυπόδων), aumenta no imo a audácia, //tem reto o carro veloz e os céleres fortes (ὠκυπόδων σθένος) cavalos.”	[Cavalos] velozes e fortes.
Centaurus e Lápitais no escudo de Hércules.	[vv.191-196] “Aí estavam céleres (ποδώκεες) cavalos de Ares hirsuto, //áureos, aí ainda o porta-espólios funesto Ares //com a cúspide na mão, a impelir os peões, //purpúreo de sangue, como se os espoliasse vivos, //firme no carro, e junto dele Temor e Pavor // estavam, ávidos de mergulhar na guerra viril.”	[Cavalos] velozes.

Cavaleiros competem no escudo de Hércules.	[vv.305-309] “Perto cavaleiros tinham trabalho, pelos prêmios //competiam e lutavam. Em bem-trançadados carros//coceiros de pé impeliram os velozes (ὠκέας) cavalos // a rédeas soltas e voavam os estrepitosos // carros compactos, e os eixos dão forte chiado.”	[Cavalos] velozes.
Heracles interpela Cisne por fazer-lhe frente.	[vv.346 /350] “Juntos avançaram, símeis a fogo e tempestade, // Cisne doma-potro (ἵππόδαμος) e Ares incansável de guerra. //Seus cavalos, quando defronte uns dos outros, hiniram agudos, ao redor quebrava o eco. // Primeio lhe falou o estrênuo Heracles: // ‘Cisne doce, por que vós dirigis velozes (ὠκέας) cavalos //contra nós dois sábios de fadigas e de misérias?’”	[Cisne] domador de cavalos; [Cavalos] velozes.
Cisne e Hércules se preparam para o embate no chão.	[vv. 372] “Perto, cocheiros tangeram crinibelos (καλλίτριχας) cavalos.”	[Cavalos] de belas crinas.
Heracles e Iolau despojam Cisne de seus bens após o embate.	[vv.470] “O filho de Alcmena e o assinalado Iolau retiraram dos ombros de Cisne belas armas, //foram-se e rápido alcançaram a cidade de Traquine //com céleres (ὠκυπόδεσσιν) cavalos; [...]”	[Cavalos] velozes.

2.3 Álcmã

[*Partheneion I*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Poeta ressalta que a guia do Coro não permite a exaltação de uma das participantes, Agido.	[vv. 045-049] “[...] A meus olhos ela se destaca como um cavalo // inserido por alguém num rebanho de pécoras, // um desses fortes (πηγόν), bom de pista (ἀρεθλοφόρον), de passados ecoantes (καναχάποδα), // fantasmagorias de sonhos sob o toldo de um rochedo.”	[Mulher] Bela, Valiosa (?) [Cavalo] forte, bom de pista, de passadas ecoantes
Poeta compara as participantes Agido e Hagesichora.	[vv.050-059] “Não te dás conta? É um galopador paflagônio (Ἐνετικός)// Mas a crineira de minha prima Hagesícora // aflora na pureza do ouro. // Prata é seu semblante. // Por que me expressar em linguagem desabrida? // Ei-la: Hagesícora! //A segunda, com porte quase igual ao de Ágido //,Correrá, cavalo cítio (Κολαξαῖος) avesso ao lídio (Εἰβηνῶ).”	[Mulher] Bela, veloz [Cavalos] Belos, velozes.

3. Aves

3.1 Homero

[Ilíada]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Poeta conclama a musa a cantar a cólera de Aquiles	[I, vv. 001-007] “Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida // (mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus // e tantas almas valentes de heróis lançou no Hades, // ficando seus corpos como presa	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.

	para cães e aves //de rapina (οἰωνοῖσί), enquanto se cumpria a vontade de Zeus) //, desde o momento em que primeiro se desentenderam // o Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles.”	
x		
Calcas interpreta um prodígio enviado por Zeus.	[II, vv. 308-329] “[...] Uma serpente // de dorso avermelhado, medonha, que o Olímpio mostrara // à luz do dia, deslizou debaixo do altar e atirou-se ao plátano, // onde estavam as crias de um pardal (στρουθοῖο), crias inocentes!, // no ramo mais alto, aterrorizadas sob as filhas: // eram oito; com a mãe que as gerara eram nove. // [...] // Mas depois que devorou as crias e o próprio pardal (στρουθοῖο), // invisível fez a serpente o deus que a fizera visível: // [...] // Tal como a serpente devorou as crias e o próprio pardal (στρουθοῖο) – // eram oito, com a mãe que as gerara eram nove – // assim durante igual número de anos estaremos em guerra, // mas no décimo ano saquearemos a cidade de amplas ruas’.”	(Pardal): presa; (OBS): prodígio através dos pássaros.
Agamêmnon incita os Aqueus para o combate que se daria em breve	[II, vv. 391-393] “Mas àquele que eu encontrar longe da refrega com vontade //de permanecer junto às naus recurvas, para esse não haverá // meio de fugir seguidamente aos cães e às aves de rapina (οἰωνούς).”	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Atena guia os aqueus para a batalha.	[II, vv. 459-463] “Tal como as muitas raças de pássaros (ὀρνίθων) providos de asas (πετεινός), // gansos (χηρνῶν) ou grou (γεράνων) ou cisnes (κύκνων) de longos pescoços, // na padaria asiática	(Ganso, Grou e Cisne): aves aquáticas.

	junto às correntes do Caístrio // voam por aqui e por ali, radiantes com a força das asas, // avançando à medida que gritam e toda a pradaria ressoa –“	
Descrição das forças no campo de batalha.	[II, vv. 763-765] “Quanto a cavalos, os melhores eram as éguas do filho de eres, // as que conduzia Eumelo, rápidas como pássaros (ὄρνιθας), // de igual pelo e de idade igual, os dorsos alinhados por um fio.”	(Aves): velocidade.
Descrição das forças do lado Troiano; Comandantes dos Mísios.	[II, vv. 859-861] “[...] porém não evitou o destino da morte, a pesar dos augúrios (οἰωνοῖσιν), // mas foi subjugado, no rio, às mãos do veloz Aquiles, // quando dizimava os Troianos e também outros.”	[Metafórico] (Ave de rapina): Augúrio.
x		
Troianos avançam para o embate com os Aqueus.	[III, vv. 001-007] “depois de todos alinhados juntamente com os chefes, // os Troianos levantaram um grito como se fossem pássaros (ὄρνιθες): // era como o grito dos grou (γεράνων) que ressoa do céu, // quando fogem do inverno e às desmedidas tempestades // e com gritos se lançam no voo até as correntes do Oceano, // para trazerem aos Pigmeus o destino e a morte, // levando através do ar a hostiliade maléfica.”	(Grou): ave aquática, marca das estações do ano.
x		
Agamêmnon estimula os Aqueus	[IV, vv. 236-237] “Aqueles que primeiro agridem à revelia dos juramentos, // desses comerão decerto os abutres	(Abutre): Ave de Rapina. morte, consumo

para a luta.	(γῦπες) as tenras carnes; [...]"	dos restos mortais, selvagem.
x		
Atena e Apolo observam o campo de batalha.	[VII, vv. 058-062] "Quanto a Atena e Apolo do arco de prata, // sentaram-se com a forma de abutres (ὄρνισιν ἐοικότες αἰγυπιοῖσι) // no alto carvalho de Zeus pai, detentor da égide, // deleitando-se com os homens sentados em filas cerradas, // todas elas eriçadas de escudos, elmos e lanças."	(Abutre): -
x		
Zeus envia um sinal para encorajar os Aqueus.	[VIII, vv. 245- 252] "[...] e o Pai compadeceu-se dele que chorava, // garantindo que seu povo se salvaria e não pereceria. // Logo enviou uma águia (αἰετὸν), mais seguro dos alados portentos, // segurando um gamo, cria de uma rápida corça. // Deixou cair o gamo junto d belo altar de Zeus, onde os Aqueus// costumavam sacrificar a Zeus, senhor de todos os portentos. // Quando viram que da parte de Zeus viera a ave (ὄρνις), // mais se lançaram contra os Troianos, lembrados da peleja."	(Águia): Ave de rapina, caçadora, Zeus.
Atena e Hera planejam a desgraça dos Troianos	[VIII, vv. 379-380] "Muitos Troianos saciarão os cães e as aves de rapina (οἰωνοὺς) // com sua gordura e suas carnes, tombados junto às naus dos Aqueus."	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
x		
Aquiles responde a Odisseu que tentava	[IX, vv. 323-327] "Tal como a ave (ὄρνις) que leva no bico a seus pintos implumes // aquilo que encontra,	(Ave): -

convencê-lo a retornar ao combate.	enquanto ela própria passa mal, // de igual modo eu mantive vigília durante muitas noites // e suportei dias sangrentos em atos de guerra, // combatendo homens inimigos por causa das suas mulheres.”	
x		
Atena demonstra seu apoio a iniciativa de Odisseu e Diomedes de ir até o acampamento espartano.	[X, vv. 274-277] “Como portento Palas Atena lhes enviou do lado direito // uma garça (ἐρωδιὸν), perto do caminho; não a viram com os olhos // no negritume da noite, mas ouviram-na chamar. E Ulisses alegrou-se com a ave (ὄρνιθ’) e assim rezou a Atena: [...]”	(Garça): Ave aquática, Augúrio.
x		
Agamêmnon derruba inimigos troianos	[XI, vv. 158-162] “[...] assim por causa do Atrida Agamêmnon caíram as cabeças // dos Troianos em fuga, e muitos cavalos de arqueados pescoços // levavam a chocalhar carros vazios ao longo dos diques da guerra, // saudosos dos cocheiros irrepreensíveis, que jaziam no chão, // mais amados pelos abutres (γύπαεσσιν) do que pelas suas mulheres.”	(Abutre): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Diomedes despreza a tentativa de Páris de atingi-lo.	[XI, vv. 393-395] “E dilaceradas pelo pranto ficam ambas as faces da sua mulher //e órfãos ficam os filhos. Torna vermelha a terra com seu sangue //e à sua volta estão mais aves de rapina (οἰῶνοι) do	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.

	que mulheres.”	
Odisseu se vangloria pela morte de Soco.	[XI, vv. 452-455] “Desgraçado! Teu pai e tua excelsa mãe não te fecharão // os olhos na morte, mas as aves de rapina que devoram // carne crua (οἰωνοὶ ὠμηστοὶ) te dilacerarão, batendo todas cerradas as asas // à tua volta. Por mim, se morrer, sepultar-me-ão os Argivos.”	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
x		
Diante de um augúrio ruim, Polidamante propõe uma retirada.	[XII, vv. 200-222] “É que sobreviera uma ave (ὄρνις) quando queriam atravessar, // uma águia (αἰετὸς) de voo sublime sobrevoando a hoste pela esquerda, // que nas garras levava uma monstruosa cobra vermelha, // ainda viva e aguerrida, que não desistia de lutar: // pois contorcendo-se para trás mordeu no peito, // perto do pescoço, quem a segurava; e a águia, // com a dor, deixou a cobra cair ao chão no meio da turba, // e com um grito voou para longe com a rajada do vento. // Os Troianos horrorizaram-se ao ver a cobra a contorcer-se, // ali jazente no meio deles – portento de Zeus detentor da égide! // [...] // ‘Pois é isto que, segundo penso, irá se passar, se for verdadeiro //o portento da ave (ὄρνις) que sobreveio aos Troianos ávidos de avançar: // uma águia (αἰετὸς) de voo sublime sobrevoando a hoste pela esquerda, [...]”	(Águia): Caçadora, Augúrio, Zeus.
Heitor irrita-se com Polidamante	[XII, vv. 237-243] “Tu dizes-me para obedecer a aves de longas asas (οἰωνοῖσι τανυπτερύγεσσι), // a que não volto o rosto nem dou importância // [...] //Obedecemos antes à deliberação do grande Zeus, // ele que refe todos os mortais e imortais. // Há um portento (οἰωνὸς) que é o melhor: combater	[Metáfora] (Ave de Rapina): Augúrio.

	pela pátria.”	
x		
Posêidon estimula os ajantes ao combate.	[XIII, vv. 062-065] “E tal como um falcão (ἰρηξ) de rápidas asas se lança no voo, // depois de se elevar sobre um elevado rochedo escarpado, // e se apressa pela planície na perseguição de outra ave - // assim de junto deles se lançou Posêidon, Sacudidor da Terra.”	(Falcão): Ave de rapina, Velocidade.
Concentra-se a luta em torno do cadáver de Ascálado e Meríones fere Deífobo, que tentada pilhar o corpo.	[XIII, vv. 531-533] “Meríones voltou a saltar, como um abutre (αἰγυπιός), // e arrancou do cimo do braço a lança possante, // retirando-se de novo para junto dos conterrâneos.”	(Abutre): Ave de rapina.
Ájax provoca Heitor.	[XIII, vv. 817-820] “Quanto a ti, afirmo que está perto o dia em que fugirás // rezando a Zeus pai e aos outros imortais que teus cavalos // de belas crinas sejam mais rápidos que falcões (ιρήκων) - // eles que te levarão para a cidade, levantando a poeira da planície!”	(Falcão): Ave de Rapina, Velocidade.
Aqueus e Troianos trocam provocações e avançam para o combate.	[XIII, vv. 821-832] “Enquanto falava, voou do lado direito uma ave (ὄρνις): // uma águia (αἰετός) de voo sublime. Logo gritou a hoste dos Aqueus, // encorajada pelo portento (οἰωνῶ). Respondeu o glorioso Heitor: // [...] // E logo irás empanturrar os cães e as aves de rapina (οἰωνοὺς) de Troia // com o	(Águia): Ave de Rapina, Augúrio; (Ave de Rapina): Ave de Rapina): morte,

	teu sebo e tuas carnes, tombando junto às naus dos Aqueus.”	consumo dos restos mortais, selvagem.
x		
Sono esconde-se de Zeus para ajudar Hera em seu plano de distraí-lo.	[XIV, vv. 289-291] “Ai se sentou, densamente ocultado pelas ramagens do pinheiro, // semelhante a uma ave (ὄρνιθι) de voz aguda das montanhas, // a que os deuses chamam Cálcis (χαλκίδα), mas os homens de cimíndis (κύμινδιν).”	(Cálcis, Cimíndis): -
x		
Zeus orienta Apolo a proteger Heitor e o deus parte para fazê-lo.	[XV, vv. 237-238] “Lançou-se das montanhas do Ida como um célere falcão (ἴρηκι) //matador de pombas (φασσοφόνω), que é a mais veloz de todas as aves.”	(Falcão): Ave de rapina, Velocidade, Caçador; (Pomba): Presa.
Heitor ataca os Aqueus junto aos navios.	[XV, vv. 690-694] “Mas tal como a fulva águia (αἰετὸς) se lança sobre uma raça // de aves voadoras (ὄρνιθων πετεηνῶν) que debicam junto de um rio: // gansos (χηνῶν) ou grous (γεράνων) ou cisnes (κύκνων) de longos pescoços - // assim Heitor se lançou contra a nau de proa escura, // arremetendo diretamente. [...]”	(Águia): Ave de rapina, Caçadora, Forte; (Gansos, Grous, Cisnes): Aves aquáticas, Presas.
x		
Sarpédon e Pátroclo avançam para o	[XVI, vv. 428-430] “Tal como abutres de garras tortas e bicos recurvos (αἰγυπιοὶ γαμψώνυχες ἀγκυλοχεῖλαι) //	(Abutre): Ave de Rapina, Selvagem.

combate.	lutam com altos gritos num penhasco elevado – // assim com gritos arremeteram um contra o outro.”	
Pátroclo avança sobre os Troianos.	[XVI, vv. 581-583] “Mas Pátroclo tomou o sofrimento pelo amigo morto // e lançou-se através dos dianteiros como o falcão (ἵρηκι) // veloz, que põe em fuga galhas (κολοιούς) e estorninhos (ψῆράς).”	(Falcão): Ave de rapina, Veloz, Caçador; (Galhas e Estorninhos): Presas
Heitor se vangloria de ter matado Pátroclo.	[XVI, vv. 834-836] “[...] e eu próprio com a lança // sou o melhor entre os aguerridos Troianos, eu que deles // afasto o dia da desgraça. Mas a ti aqui comerão os abutres (γῦπες).”	(Abutre): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Menelau e Ájax protegem o corpo de Pátroclo enquanto aguardam reforços.	[XVII, vv. 240-241] “Já não é tanto pelo cadáver de Pátroclo que receio, // pois em breve fartará os cães de Troia e as aves de rapina (οἰωνούς): [...]”	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Automedonte luta contra os Troianos, ainda que sozinho em seu carro.	[XVII, vv. 459-462] “Atrás deles combatia Automedonte, apesar do desgosto pelo amigo, // voando com o carro como um abutre (αἰγυπιός) no meio de gansos (χῆνας), // pois facilmente ele fugia dos gritos de guerra dos Troianos // para facilmente atacar, arremetendo através da multidão.”	(Abutre): Ave de Rapina, Caçador; (Ganso): Presa.
Menelau procura pelo filho de Nestor	[XVII, vv. 673-678] “Assim falando, afastou-se o loiro Menelau, olhando // em todas as direções como a águia	(Águia): Ave de Rapina, Olhar aguçado,

em meio ao combate.	(αἰετός), de quem se diz // ter a vista mais arguta de todas as aves voadoras do céu; // a quem lá no alto não passa despercebida a lebre veloz, // agachada sob um frondoso arvoredado, mas a águia desce // sobre ela depressa e arrebatá-a, privando-a da vida – ”	Caçadora.
Jovens aqueus fogem diante do avanço de Enéias e Heitor.	[XVII, vv. 755-757] “E tal como voa uma nuvem de estorninhos (ψαρῶν) ou gralhas (κολοιῶν) // com gritos de perdição, quando vê aproximar-se // o falcão (κίρκον) que às aves (ὀρνίθεσσιν) pequenas trás a morte –”	(Falcão): Ave de rapina, Caçador. (Estorninhos e Gralhas): Presas.
x		
Polidamante sugere que os Troianos reentrem na cidade.	[XVIII, vv. 270-272] “[...] Aliviadamente chegará à sacra Ílion // quem conseguir fugir, mas a muitos dos Troianos // comerão os cães e os abutres (γῦπες). [...]”	(Abutre): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Atena parte em direção ao campo de batalha.	[XVIII, vv. 350-351] “Como uma ave marinha de longas asas (ἄρπη) e voz penetrante //se lançou do céu através do éter.”	(Ave de longas asas): Atena.
Tétis vai de encontro a Aquiles portando as armas feitas por Hefesto.	[XVIII, vv. 616-617] “Como um falcão (ἵρηξ) saltou ela do Olimpo coberto de neve, // levando da parte de Hefesto as armas refulgentes.”	(Falcão): -
x		
Aquiles luta contra o	[XXI, vv. 251-256]	(Águia): Ave de Rapina,

Rio Escamandro.	“Mas o Pelida retrocedeu a distância de um arremesso de lança, // com o ímpeto de uma águia negra (οἰετοῦ ... μέλανος), ave de rapina caçadora, // que é a mais rápida e mais forte dos pássaros voadores. // Como a águia se precipitou e sobre seu peito o bronze //ressoava de modo medonho. Desviava-se do dilúvio //e fugia em frente, mas o rio seguia atrás com rugido descomunal.”	Caçadora, Veloz, Forte, Mais forte dos Pássaros.
Ártemis foge de Hera após esta atacá-la.	[XXI, vv. 493-495] “Lavada em lágrimas, Ártemis fugiu dela como a pomba (πέλεια) // que foge de um falcão (ἴρηκος) para a concavidade de uma rocha // num penhasco, pois não está fadado que seja apanhada”	(Falcão): Ave de rapina, Caçador; (Pomba): Presa.
x		
Príamo incita Heitor a evitar Aquiles.	[XXII, vv. 041-043] “[...] Quem me dera que pelos deuses fosse ele // amado como é por mim! Rapidamente os cães e os abutres (γῦπες) // o comeriam, jazente. E um terrível sofrimento partiria da minha alma.”	(Abutre): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Aquiles persegue Heitor que foge dominado pelo medo.	[XXII, vv. 139-142] “Tal como o falcão (κίρκος) das montanhas, mais céleres das aves voadoras, // facilmente se abate sobre uma pávida pomba (πέλειαν) que foge à sua frente, // mas o falcão cada vez mais perto, com gritos agudos, sem desistir, // se lança contra ela, pois ordena-lhe o ânimo que a apanhe –”	(Falcão): Ave de Rapina, Caçador, Veloz, Mais Veloz dos Pássaros.
Aquiles e Heitor	[XXII, vv. 306-311]	(Águia): Ave de Rapina,

avançam um sobre o outro.	Assim dizendo, desembainhou a espada afiada, // que pendia sob o flanco, espada enorme e potente; // reunindo as suas forças, lançou-se como a águia (αἰετὸς) de voo sublime, // que através das nuvens escuras se lança em direção à planície // para arrebatou um terno cordeiro ou tímida lebre - // assim arremeteu Heitor, brandindo a espada afiada.”	Força.
Aquiles ameaça Heitor durante o enfrentamento.	[XXII, vv. 335-336] “[...] Os cães e as aves de rapina (οἰῶνοι) irão // dilacerar-te vergonhosamente, mas a Pátroclo sepultarão os Aqueus.”	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Aquiles ameaça Heitor durante o enfrentamento.	[XXII, vv. 352-354] “[...] Nem assim a tua excelsa mãe // te deporá num leito para chorar o filho que ela deu à luz, // mas cães e aves de rapina (οἰῶνοι) te devorarão completamente.”	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
x		
Teucro e Meríones competem no arco pelo prêmio nos jogos em honra a Pátroclo.	[XXIII, vv. 852-879] “Colocou o mastro de uma nau de escura proa // lá longe no areal; e com uma corda fina atou // uma pávida pomba (πέλειαν) pela pata, e ordenou-lhes // que contra ela disparassem: ‘Quem acertar na pávida pomba (πέλειαν) // poderá soerguer e levar para casa os machados duplos. // Quem acertar a corda, falhando o alvo da ave (ὄρνιθος), // será pior arqueiro, pelo que levará os machados simples. // Assim falou; e logo se levantou a Força do rei Teucro; // [...] // Não acertou na ave (ὄρνιθος), pois tal lhe sonegara Apolo. // Mas acertou a corda junto da pata, com que a ave (ὄρνις) estava atada.[...] Porém Meríones arrebatou o arco das mãos de Teucro, // pois segurara uma seta enquanto Teucro disparava, // e de imediato prometeu a Apolo que	(Pomba): Presa.

	<p>acerta ao longe // uma famosa hecatombe de cordeiros primogênitos. // Muito alto, sob as nuvens, discerniu a pávida pomba (πέλειον): // acertou nela em cheio debaixo da asa enquanto rodopiava. //A seta trespassou-a por completo e caiu por terra, // à frente dos pés de Meríones. Mas a pomba (ὄρνις) // aterrou no mastro da nau de escura proa, //com o pescoço de banda e as asas de densas penas descaídas.”</p>	
x		
<p>Príamo mostra-se decidido a ir até o acampamento dos Aqueus encontrar Aquiles para recuperar o corpo de Heitor.</p>	<p>[XXIV, vv. 218-219] “Não me retenhas, pois quero ir; e não sejas para mim // uma ave (ὄρνις) de mau agouro no palácio. Não me convencerás.”</p>	<p>(Ave): Agouro, morte, Consumo dos Restos Mortais, Selvagem.</p>
<p>Hécuba demanda que Príamo verta uma libação pedindo pela proteção de Zeus antes de prosseguir para o acampamento dos</p>	<p>[XXIV, vv. 290/295] “Mas reza tu agora ao Crônida da nuvem azul, // deus do Ida, que contempla toda a terra de Troia, // e pede-lhe uma ave (οἰωνόν), célere mensageiro, a ave (οἰωνῶν) que de todas // lhe é mais cara e pela força é a maior de todas: que apareça // do teu lado direito, para que tu próprio a vejas com os olhos //e possas ir confiante até as naus dos Dânaos de rápidos poldros.”</p>	<p>(Ave de Rapina): Augúrio, Águia, Zeus.</p>

Aqueus.		
Príamo verte uma libeção pedindo pela proteção de Zeus antes de prosseguir para o acampamento dos Aqueus.	[XXIV, vv. 309-321] “Concede-me que chegue estimado e miserando à tenda de Aquiles //e envia uma ave (οἰωνόν), célere mensageiro, a ave (οἰωνῶν) que de todas // te é mais cara e pela força é a maior de todas: que apareça // do meu lado direito, para que eu próprio a veja com os olhos // e possa ir confiante até as naus dos Dânaos de rápidos poldros. // Assim falou, rezando; e ouviu-o Zeus, o conselheiro. //De imediato enviou uma águia (αἰετὸν), mais seguro portento entre as aves, // a águia escura caçadora, a que os homens chamam negra. // Tão ampla como a porta da câmara do tesouro //de um homem rico, porta bem provida de ferrolhos – // tão ampla assim é a extensão das suas asas. E a águia // surgiu do lado direito, apressando-se para a cidade. Ao verem-na //se regozijaram; [...]”	(Águia): Augúrio, Ave de Rapina, Águia.
Hermes tranquiliza Príamo quanto ao estado do corpo de Heitor.	[XXIV, vv. 411-413] “Ó Ancião, nem os cães nem as aves de rapina (οἰωνοί) o devoraram, // mas ele jaz ainda junto da nau de Aquiles no meio das tendas, // tal como antes. [...]”	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.

[*Odisseia*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Mentes comunica Telêmaco do	[I, vv. 200-202] “E agora dar-te-ei esta profecia, que os deuses imortais // no coração me lançaram e que julgo	(Ave de rapina): Augúrio

eminente retorno de Odisseu.	vir a realizar-se, // embora não seja vidente nem conheça os augúrios de aves (οἰωνῶν):	
Após estimular Telêmaco a buscar informações sobre o pai, Atena parte.	[I, vv. 318-319] “Tendo assim falado, partiu a deusa de olhos esverdeados, // voando como uma ave (ὄρνις) para o céu; [...]”	(Ave): Atena
x		
Telêmaco discursa contra os pretendentes de Penélope em assembleia.	[II, vv. 146-154] “Assim falou Telêmaco e Zeus que vê de longe enviou // duas águias (αἰετὼ) dos píncaros de uma montanha. // Durante um tempo voaram ambas, levadas pelas rajadas de vento, // uma ao lado da outra, de asas bem estendidas. // Mas quando sobrevoaram a assembleia repleta de vozes, // esvoaçaram em torvelino batendo rapidamente com as asas; // e fitaram os rostos de todos com a morte estampada no seu olhar. // [...] // Assim que as avistaram, todos pasmaram ao ver as águias (ὄρνιθας), // e refletiram nos seus corações sobre o que estaria para vir. // Para eles então falou o velho herói Haliterses, // filho de Mastor; da sua geração era quem tinha mais perícia // em compreender os voos das aves (ὄρνιθας) e dizer o que significavam.”	(Águia): Aves de rapina, Augúrio, Selvagem.
Eurímaco responde a Halitertes.	[II, vv. 181-182] “Não faltam pássaros a voar para aqui e acolá sob os raios do sol: // nem todos são aves (ὄρνιθες) de agouro. [...]”	(Ave): Augúrio*
x		

Nestor conta a Telêmaco o que transcorreria na casa de Agamêmnon enquanto ele estava ausente.	[III, vv. 258-271] “Sobre ele nem mesmo na morte se teria a terra amontoado, // mas cães e aves de rapina (οἰωνοὶ) o teriam dilacerado // enquanto jazia na planície, longe da cidade; // [...] // Mas quanto por fim o subjuguou o destino divino, // foi então que Egisto levou o aedo para uma ilha deserta // e lá o deixou para ser alimento e presa de aves de rapina (οἰωνοῖσιν); // e à rainha, embora contra vontade dela, levou-a para casa.”	(Ave de rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Nestor incita Telêmaco a visitar Menelau.	[III, vv. 318-322] “É que foi ele quem mais recentemente regressou para casa, // de junto de um povo de onde ninguém em seu coração // esperaria regressar depois que os ventos da tempestade // o arrastaram para um mar tão vasto que nem as aves (οἰωνοὶ) // dele regressam ao fim de um ano, de tal modo é grande e terrível.”	(Ave de rapina): -
Atena parte após orientar Nestor e Telêmaco.	[III, vv. 371-372] “Assim falando partiu Atena de olhos esverdeados // na forma de um abutre (φήνη); [...]”	(Abutre): Atena.
x		
Hermes se dirige à ilha de Calipso.	[V, vv. 050-053] “Do alto éter chegou à Piéria e logo sobrevoou o mar: // apressou-se por cima das ondas como uma gaivota (λάρῳ ὄρνιθι ἑοικώς), // que nos abismos terríveis do mar nunca cultivado // umedece as espessas penas em busca de peixe.”	(Gaivota) Ave de rapina, Caçadora, Mar, Hermes.
Hermes vai de	[V, vv. 063-067]	(Corujas, Falcões,

encontro a Calipso em sua ilha.	“Em torno da gruta crescia um bosque frondoso //de álamos, choupos e ciprestes perfumados, // onde aves (ὄρνιθες) de longas asas faziam os seus ninhos: // corujas (σκῶπες), falcões (ἰρηκές) e tagarelas corvos marinhos (κορῶναι εἰνάλιαι), // aves que mergulham no mar em busca de sustento.”	Corvos Marinhos): Ave de rapina, Selvagens.
Ino apieda-se e ofecere ajuda a Odisseu que se encontrava perdido no mar.	[V, vv. 336-353] “Apiedou-se, comovida, de Ulisses, que tanto sofria. // E semelhante a um mergulhão (αἰθυίη) emergiu do mar; // pousou na jangada e a Ulisses dirigiu estas palavras: // [...] // Assim dizendo, o véu lhe ofereceu a deusa // e mergulhou de novo no mar agitado de ondas, // semelhante a um mergulhão (αἰθυίη); e escondeu-a a escura onda.”	(Mergulhão): Mar
x		
Odisseu relata o que vê no Érebo.	[XI, vv. 576-579] “Vi também Títio, filho da magnificente Gaia, // estendido no chão: o seu corpo cobria nove jeiras // e dois abutres (γῦπε), um de cada lado, lhe rasgavam o fígado, // mergulhando os bicos nos seus intestinos; [...]”	(Abutre): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Odisseu vê o fantasma de Hércules no Érebo.	[XI, vv. 605-606] “Em seu redor ouvia-se o clamor os mortos, como aves (οἰωνῶν) // que esvoaçavam, aterrorizadas, em todas as direções; [...]”	(Ave de rapina): Covardes (?).
x		
Circe narra o caminho de Odisseu	[XII, vv. 059-064] “Há de um lado rochas ameaçadoras e contra elas // bate o estrondo das grandes ondas da azul	(Pombas): Mar, Zeus.

para o Érebo.	Anfitrite. // Errantes é como lhes chamam os deuses bem-aventurados. // Por ali nem passam criaturas aladas, nem mesmo as tímidas //pombas (πέλειαι), que a ambrosia levam a Zeus pai: // uma delas arrebatava sempre a pedra lisa.”	
Odisseu narra o momento em que ele e seus companheiros se encontravam presos em uma ilha.	[XII, vv. 329-330] “Mas quando da nau todos os víveres desapareceram, // à força percorreram a ilha em demanda de caça, peixe e aves (ὄρνιθός):”	(Aves): Presas.
Odisseu narra seu naufrágio aos Feácios.	[XII, vv. 418-419] “Como corvos marinhos (κορώνησιν) foram levados em redor da nau escura // pelas ondas; e um deus lhes retirou o regresso a casa.”	(Corvos Marinhos): Mar.
x		
Feácios levam Odisseu para Ítaca.	[XIII, vv. 086-087] “A nau seguia com segurança; e nem o falcão (ἵρηξ κίρκος), a mais leve // de todas as aves, poderia tê-la acompanhado.”	(Falcão): Ave de rapina, Veloz.
x		
Odisseu e Eumeu conversam.	[XIV, vv. 133-134] “Quanto ao meu amo, já os cães e as rápidas aves de rapina (οἰῶνοι) // a carne lhe rasgaram dos ossos; já a alma lhe saiu do corpo.”	(Ave de rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Odisseu, fingindo	[XIV, vv. 308-309]	(Corvos Marinhos): Mar.

passar-se por outro, narra seu naufrágio ao porqueiro Eumeu.	“Como corvos marinhos (κορώνησιν) foram levados em redor da nau escura // pelas ondas; e um deus lhes retirou o regresso a casa.”	
x		
Helena interpreta um augúrio para Telêmaco e Pisístrato.	[XV, vv. 160-177] “Enquanto falava voou do lado direito um pássaro (ὄρνις): // uma águia (αἰετὸς), segurando nas garras um ganso (χῆνα) branco, ave amestrada do pátio; e seguiam atrás gritando // homens e mulheres. [...] // [...] // ‘Tal como a águia, vinda da montanha, onde nasceu e deixará // descendência, arrebatou o ganso (χῆν) criado em casa – // assim Ulisses, após muitos sofrimentos e erros, // regressará para casa para lá se vingar; [...]’”	(Águia): Ave de rapina, Caçadora, Augúrio. (Ganso): Ave Doméstica, Presa
Odisseu conta uma história de origem fictícia ao porqueiro Eumeu.	[XV, vv. 477-479] “Mas quando Zeus Crônida fez nascer o sétimo dia, // Artêmis, a arqueira, atingiu a mulher com uma de suas setas: // tombou de repente no convés, como uma ave marinha (ειναλίη κήξ).”	(Ave Marinha): Mar.
Teoclímeno interpreta um augúrio para Telêmaco.	[XV, vv. 525-532] “Enquanto falava voou do lado direito uma ave (ὄρνις), // um falcão (κίρκος), o veloz mensageiro de Apolo. Nas garras // segurava uma pomba (πέλειαν), que depenava, deixando cair as penas // no chão entre a nau e o lugar onde estava Telêmaco. // Teoclímeno chamou-o à parte, longe dos companheiros, // apertou-lhe a mão e assim lhe disse, tratando-o pelo nome: //	(Falcão): Ave de rapina, Veloz, Caçador, Augúrio. (Pomba): Presa.

	“Telêmaco, não foi sem a ajuda de um deus que a ave (ὄρνις) voou // à nossa direita: percebi, assim que a vi, que era uma ave de agouro (οἰωνόν).”	
x		
Telêmaco e Odisseu reecontram-se.	[XVI, vv. 216-219] “Gemeram alto, os seus gritos mais agudos que [pássaros (οἰωνοί)] os //de corvos marinhos (φῆνοι) ou abutres de recurvas garras (αἰγυπιοὶ γαμψώνυχες), a quem // os lavradores roubaram as crias antes de lhes crescerem as asas: // assim deploravelmente dos seus olhos se derramavam as lágrimas.”	(Corvo Marinho e Abutre): Ave de rapina, Caçador, Selvagem.
x		
Teoclímeno conta a Penélope o augúrio que vira junto a Telêmaco.	[XVII, vv. 160-161] “tal foi o prodígio (οἰωνόν) que presenciei a bordo da nau // bem construída, e logo o declarei a Telêmaco.”	[Metáfora] (Ave de rapina): Augúrio.
x		
Penélope conversa com Odisseu, que se encontra disfarçado.	[XIX, vv. 518-523] “Tal como a filha de Pandáreo, o rouxinol (ἀηδών) da verdura, // canta entre as densas folhagens das árvores // a sua bela melodia ao renascer da primavera; // ela que com trinados gorjeia um canto modulado, //lamentando o filho, o querido Ítilo (filho do rei Zeto), // que outrora, sem querer, matara com o bronze –”	(Rouxinol): Canto.
Penélope conta seu	[XIX, vv. 535-553]	(Águia): Ave de rapina,

sonho a Odisseu disfarçado.	<p>“Ouve agora este sonho e interpreta-o para mim! // Cá em casa tenho vinte gansos (χῆνες) que saem da água //para comer trigo: com eles me alegro quando os vejo. // Mas da montanha veio uma grande águia (αἰετός) de bico recurvo, // que se atirou aos pescoços dos gansos, matando-os a todos. // Eles jaziam aos montes no palácio, mas a águia voltou // para o éter divino. Eu chorava, embora estivesse a sonhar. // À minha volta se reuniram as mulheres de belos cabelos dos Aqueus, // enquanto eu chorava convulsivamente, porque uma águia (αἰετός) matara // os meus gansos (χῆνας). Mas a águia regressou; e pousada no alto //de uma viga fez parar o meu choro com de homem mortal: // ‘Anima-te, ó filha de Icário, cuja fama chega longe! // Isto não é um sonho, mas uma visão verdadeira, // que se cumprirá. Os gansos (χῆνες) são os pretendentes, // e eu, que antes fui a águia (αἰετός ὄρνις), agora regresso como marido, // que fará que abata sobre os pretendentes um terrível destino.’ // Assim falou; e depois largou-me o sono doce como mel. //Vi que os gansos (χῆνας) continuavam no palácio, debicando // o trigo do comedouro, como sempre fizeram.”</p>	<p>Caçadora, Augúrio, Montanha, Selvagem. (Ganso): Ave doméstica, Presa.</p>
x		
<p>Pretendentes reúnem-se numa emboscada para Telêmaco</p>	<p>[XX, vv. 242-243] “Mas uma ave (ὄρνις) de agouro apareceu do lado esquerdo, // uma águia (αἰετός) que voava alto, segurando uma tímida pomba (πέλειον).”</p>	<p>(Águia): Ave de rapina, Caçadora, Augúrio. (Pomba): Presa.</p>
x		
Odisseu é	[XXII, vv. 028-030]	(Abutre): morte,

repreendido pelos pretendentes por ter matado Antinoo.	“[...] Agora tens assegurada a morte // escarpada: mataste o homem mais nobre de Ítaca e devido //a isso o teu cadáver será devorado pelos abutres (γῦπες).”	consumo dos restos mortais, selvagem.
Odisseu e companheiros assassina os pretendentes de Penélope.	[XII, vv. 302-306] “Tal como quando abutre de garras e bicos recurvos (αἰγυπιοὶ γαμψώνυχες ἀγκυλοχεῖλαι,) vêm das // montanhas para se lançar sobre outras aves (ὄρνιθες), e estas voam // ao longo da planície debaixo das nuvens e sobre elas se atiram // os abutres, matando-as, porque elas não têm maneira de se defender //ou escapar, mas os homens se alegram de ver a matança –“	(Abutre): Ave de rapina, Caçador, Montanha.
Odisseu experimenta o arco após armá-lo.	[XII, vv. 410-411] “Pegando nele com a mão direita, experimentou a corda, // que logo cantou com belo som, como se fosse uma andorinha (χελιδόνη).”	(Andorinha): Canto.
Odisseu e companheiros executam as servas que colaboraram com os pretendentes enforcando-as.	[XII, vv. 468-470] “Tal como quando tordos (κίχλαι) de asas compridas ou pombas (πέλειαι) // embatem contra a rede nos arvoredos ao tentar voltar // aos ninhos, e é um local de descanso odioso que as as acolhe.”	(Tordos e Pombas): -
x		
Atena assiste enquanto Odisseu e	[XXIII, vv. 239-240] “E voou em direção ao teto da sala cheia de fumaça, // onde pousou numa trave, semelhante a	(Andorinha): Atena.

seus companheiros matam os pretendentes.	uma andorinha (χελιδόνι).”	
x		
Odisseu conversa com Laertes sem revelar-se.	[XXIV, vv. 290-294] “Ele a quem, longe dos familiares e da terra pátria, talvez // os peixes tenham comido no mar; ou então ter-se-á tornado // presa em terra firme de feras selvagens e aves de rapina (οἰωνοῖσιν), // sem que a mãe o tenha vestido para o funeral, ou o pai, // nós que lhe demos a vida; [...]”	(Ave de Rapina): morte, consumo dos restos mortais, selvagem.
Odisseu conversa com Laertes sem revelar-se.	[vv. 311-313] “No entanto teve bons auspícios, aves que voaram (ὄρνιθες) // do lado direito: auspícios com que me alegrei ao despedir-me // dele; com que ele também se alegrou.”	(Ave): Augúrio.
Atena intervém para dar fim ao conflito entre Odisseu e os familiares dos pretendentes.	[vv.537-538] “Deu então um grito terrível o sofredor e divino Ulisses, // e lançou-se atrás deles, como uma águia (αἰετός) em pleno voo.”	(Águia): Ave de rapina, Caçadora.

[*Hinos Homéricos*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
-----------------	----------	-------------

Deméter procura por Koré.	[II, vv. 040-046] “[...] Com as mãos, // arrancou a mantilha dos cabelos imortais, // lançou escuro véu sobre os ombros, e atirou-se, como // um pássaro (οἰωνός), sobre o sólido e sobre o líquido, procurando // a filha. Ninguém queria contar-lhe a verdade, // nem dentre os deuses, nem dentre os homens mortais, // e nem dentre os pássaros (οἰωνῶν) um verdadeiro mensageiro veio até ela.”	(Aves): Deméter; Augúrio.
Filho de Hyperion conta a Deméter o que se passara com sua filha.	[II, vv. 088-089] “Assim tendo dito, Hélio animou os cavalos que, pelo grito, // rapidamente levaram o carro veloz, como pássaros de longas asas (οἰωνοί τανύπτεροι).”	(Aves): Velozes; de longas asas.
x		
Apolo identifica o ladrão de seu gado com base em um augúrio.	[IV, vv. 212-214] “Então notou um pássaro (οἰωνόν) de asas estendidas (τανυσίπτερον), e sou logo // que o gatuno era nascido, a criança de Zeus Crônida.”	(Ave): Augúrio.
Apolo toma Hermes entre as mãos para levá-lo.	[IV, vv. 293-296] “Mas nisso, o potente Argifonte, espremido entre as mãos // do deus que o erguia, deixou escapar um presságio (οἰωνόν), // atrevido serviçal do ventre, pernóstico mensageiro.”	(Ave): Augúrio.
Apolo e Hermes discutem.	[IV, vv. 302-303] “Calma, bebê de fraldas, filho de Zeus e de Maia, // logo mais encontrarei meus bois de	(Ave): Augúrio.

	robustas cabeças, // com esses presságios (οἰωνοῖσι) ! e serás tu a indicar-me o caminho!”	
Apolo conta a Zeus os feitos de Hermes.	[IV, vv. 358-360] “[...] no berço foi deitar-se semelhante à negra noite, // no antro brumoso, na escuridão; nem mesmo o teria // avistado uma águia (αἰετὸς) de agudo olhar. [...]”	(Águia): Ave de rapina, Caçadora.
Apolo exalta seu dom de realizar presságios.	[IV, vv. 543-549] “E de minha voz tirará proveito quem quer que venha, // por causa do grito ou do voo de pássaros augurais (οἰωνῶν). // Esse tirará proveito do meu oráculo, e eu não mentirei. // Mas áquele que, fiando-se em pássaros (οἰωνοῖσι) de vãos dizeres, // desejar contra meu pensamento interrogar o oráculo // que é meu, e conhecer mais que os deuses sempre-vivos.”	(Aves): Augúrio. Apolo.
x		
Introdução do hino a Afrodite	[V, vv.001-006] “Conta-me, Musa, sobre os trabalhos de Afrodite de ouro, // de Cípris que fez nascer o doce desejo nos deuses //e submeteu a raça dos homens mortais, // dos pássaros (οἰωνούς) vindos de Zeus e todas as feras selvagens // que a terra nutre em grande número tanto quanto o mar.”	(Ave): -
x		
Comparação entre a música de Pã e o canto do rouxinol.	[XIX, vv.016-017] “[...] Então, ao voltar da caça, e somente à noite, // ele emite sons, tocando em sua flauta doce // canção; certamente, não poderia ultrapassá-lo, em melodia, // a ave (ὄρνις) que, na florescente primavera, entre as folhas, // externa seu lamento com um doce canto.”	(Ave): Canto.
x		

Referência ao nascimento de Apolo.	[XXI, vv.001-003] “Febo, o cisne (κύκνος) canta-te com a harmonia das asas, // quando salta na colina junto ao Peneu, rodopiante //rio;	(Cisne): Rio.
------------------------------------	--	---------------

3.2. Hesíodo

[*Teogonia*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Hesíodo aborda a linhagem do Mar.	[vv.266-269] “[...] Ela pariu ligeira Íris //e Harpias de belos cabelos: Procela e Alígera //que a pássaros (οἰωνοῖς) e rajadas de vento acompanham // com asas ligeiras, pois no abismo do ar se lançam.”	(Aves): Velozes.
Hesíodo aborda o mito de Prometeu.	[vv. 520-530] “E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador, // cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna, // e sobre ele incitou uma águia (αἰετὸν) de longas asas, // ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite // todo igual o comera de dia a ave (ὄρνις) de longas asas.”	(Águia): Ave de rapina.

[*Os Trabalhos e os Dias*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
-----------------	----------	-------------

Hesíodo exalta o irmão a preferir a justiça à violência.	[vv. 203-213] “Assim dirigiu-se falcão a rouxinol pescoço-variegado (ποικιλόδειρον) // que, mui no alto, entre nuvens, levava, dominando. // Este, tristemente, transpassado por garras recurvas, // chorava, e aquele, sobranceiro (ἐπικρατέως), o discurso lhe disse: // ‘Insano, por que guinchas? Tem-te um mui melhor; irás aonde eu te levar, embora sendo um cantor; de ti farei refeição, se quiser, ou te libertarei. // Insensato quem quer a mais fortes contrapor-se; // privado da vitória, além do vexame sofre aflições”. // Assim falou o falcão voa-ligeiro (ὠκυπέτης), aves asa-comprida τανυσίπτερος.”	(Falcão): Ave de rapina, Caçador, Veloz. (Rouxinol): Presa.
Idem.	[vv. 276-278] “Essa norma para os homens o Cronida ordenou, // para peixes, feras e aladas aves // se entredevorarem, pois justiça não está entre eles.”	(Ave): Presa.
Hesíodo aconselha o irmão sobre como perceber a chegada do inverno.	[vv. 448-451] “Fica atento quando ouvires o som do grou //que do alto das nuvens guincha anualmente, // o que traz o sinal da arada, a estação do inverno // chuvoso e indica e morde o coração do homem sem boi; // [...]”	(Grou): Inverno.
Hesíodo aconselha o irmão sobre como semear a terra.	[vv. 468-472] “[...] Pouco atrás, // outro servo, com enxada, faça as aves se esfalfarem, // a semente escondendo: organização é o melhor // para os homens mortais, desorganização, o pior.”	(Aves): Atrapalham a agricultura.

Hesíodo aconselha o irmão sobre como perceber a chegada da primavera.	[vv. 568-569] “Após a Padionida vero-pranto, a andorinha, se lança // à luz dos homens, a primavera de novo iniciando.”	(Andorinha): Primavera.
Hesíodo aconselha o irmão sobre bons momentos para a navegação.	[vv. 679-681] “[Q]uando chega a hora – o corvo, ao andar, tão grande // pegada faz quanto ao homem parece a folha // no alto da figueira -, nisso se pode no mar embarcar;”	(Corvo): -
Hesíodo aconselha o irmão sobre como construir uma casa.	[vv. 746-747] “Nem, ao fazer a casa, a deixes rugosa em cima, // para um corvo grasnando, lá sentado, não crocitar.”	(Corvo): -
Hesíodo aconselha o irmão sobre o melhor dia dos meses para casar.”	[vv. 800-801] “No quarto do mês, faze conduzir a noiva para casa, // após discernir as aves (οἰωνοῦς), as melhores para esse feito.”	[Metáfora] (Ave): Augúrio.
Hesíodo conclui seus conselhos ao irmão.	[vv. 825-827] “[...] Venturoso e afortunado quem, tudo isso // conhecendo, trabalha, de nada culpado contra imortais, // aves (ὄρνιθαῖς) discernindo e transgressões evitando.”	(Ave): Augúrio.

[Escudo de Héracles]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Descrição do Escudo de Héracles.	[vv. 314-320] “Ao redor do orbe fluía Oceano, parecia cheio // e continha todo o escudo multilavrado; nele, // cisnes (κύκνοι) altívolos à grande cantavam, muitos // nadavam à flor d’água e perto peixes pululavam, // prodígio de ver até para Zeus tonitruo a cujo talante // Hefesto fabricou o escudo grande e grosso // adequado às mãos.”	(Cisnes): (?)
Cisne e Heracles avançam um contra o outro.	[vv.405-412] “Como abutres de garras curvas e bico adunco (αἰγυπιοὶ γαμψόνυχες, ἀγκυλοχεῖλαι) // em alta rocha com grande grita combatem // por uma cabra montesa ou corça selvagem // pingue, que um moço dominou ao atingi-la // com flecha do arco e ignorante do lugar // alhures a perdeu, e rápido perceberam // e com ímpeto travam por ela áspero combate; // assim a gritar lançaram-se um contra o outro.”	(Abutre): Morte, Consumo dos restos mortais, Montanha, Selvagem.

3.3 Álcman

[Partheneion I]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
-----------------	----------	-------------

Alcman descreve jovens meninas portando uma oferta para uma divindade.	[vv. 060-063] “Plêiades [ou “pombas”, πεληάδες] contra nós, portadores do véu rumo a Órtria, // no curs da noite ambrosíaca, // símiles à estrela Sírio no seu levante, // combatem. [...]”	(Pomba): Feminino.
Alcman comenta sobre a participação das meninas no coro.	[vv. 100-101] “O martim-pescador quisera ser, que o fosse, // Num sobrevoio à flor das ondas rente a alciones, // Têmpera inflexível, ave sacra (ou “cisne”, κύκνος) salinopúrpura.”	(Cisne): Canto, Feminino, Rio.

4. Cervos

4.1 Homero

[*Ilíada*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Aquiles ofende Agamêmnon em meio a uma discussão	[I, vv.225] “Pesado de vinho! Olhos de cão! Coração de gamo (έλάφοιο)!”	[Cervo] Covardia, fraqueza.

x		
Menelau enxerga Alexandre Páris no campo de batalha.	[III, vv. 023-026] “[...] e tal como o leão faminto que se regozija ao encontrar // uma grande carcaça de veado chifrado (ἔλαφον κεραὸν) ou de cabra selvagem, // e vorazmente a devora, embora contra ele se lancem // cães de caça e vigorosos mancebos –”	[Cervo] presa
x		
Agamêmnon estimula as tropas para o combate.	[IV, vv. 243-245] “Por que assim ficais de pé, atarantados (τεθηπότες), como gamos (νεβροί) // que após terem percorrido uma grande planície se cansam // e ali ficam estacados, sem qualquer força no espírito?”	[Cervo] fraqueza
x		
Agamêmnon incita os helenos e Zeus envia um portentoso.	[VIII, vv. 247-250] “Logo enviou uma águia, mais seguro dos alados portentosos, // segurando nas garras um gamo (νεβρὸν), cria de uma rápida corça (ἐλάφοιο ταχείης). // Deixou cair o gamo (νεβρὸν) junto do belo altar de Zeus, onde os Aqueus // costumavam sacrificar a Zeus, senhor de todos os portentosos.”	[Cervo] presa.
x		
Tideu e Odisseu interceptam Dólou durante a noite.	[X, vv. 360-362] “Tal como quando dois galgos de afiados dentes, peritos na caça, // perseguem uma corça (κεμάς) ou lebre com persistência e sem tréguas // em terreno arborizado e o animal, aos	[Cervo] presa

	guinchos, corre em frente –”	
x		
Agamêmnon mata e despoja das armaduras Isso e Ântifo.	[XI, vv. 113-119] “Tal como o leão esmaga as crias inocentes da célere corça (ἐλάφοιο ταχείης), // agarrando-as com sua dentição possante depois de chegar // à toca, para depois as privar da sua tenra vida; e a mãe, //embora por acaso esteja ali perto, não lhes pode valer // mas ela própria se aproxima a tremer e se lança depressa // na corrida pela mata cerrada e pelo bosque, apressando-se // alagada em suor devido à arremetida da fera possante –”	[Cervo] presa, fraqueza, covardia
Helenos vem em auxílio a Odisseu que se encontrava cercado de Troianos.	[XI, vv. 473-481] “Encontraram Ulisses, dileto de Zeus: à sua volta os Troianos // arremetiam como morenos chacais nas montanhas de roda //de um chifrado veado (ἔλαφον κεραὸν), a quem um homem atingiu //com uma flecha do seu arco; dele foge o veado com a rapidez //das patas, enquanto o sangue jorra quente e os joelhos aguentam; // mas quando por fim a flecha veloz o subjuga, os chacais // sedentos de carne viva devoram-no nas montanhas, //num bosque sombrio; só que o deus traz contra eles um leão // assassino: os chacais fogem todos e o leão devora a presa –”	[Cervo] presa
x		
Poseidon incita os helenos a resistirem aos Troianos.	[XIII, vv. 101-104] “Os Troianos avançam contra as nossas naus, eles que // antes pareciam corças amedrontadas (φυζακινῆς ἐλάφοισιν), que na floresta //se tornam presa de chacais, panteras e lobos, // enquanto vagueiam impotentes, sem espírito combativo.”	[Cervo] presas, fracos, sem espírito combativo

X		
Helenos avançam atacando os Troianos, mas fraquejam diante de Heitor.	[XV, vv. 271-274] “E tal como quando um veado chifrado (ἔλαφον κεραὸν) ou bode selvagem // é perseguido por cães ou homens lavradores, // mas um penedo escarpado ou matagal sombrio //o salva, pois não está fadado que eles o encontrem;”	[Cervo] presa
Antíloco tenta despojar Melanipo de sua armadura após feri-lo em combate.	[XV, vv.579-581] “Antíloco atirou-se a ele como um cão que lança // sobre um gamo (νεβρῶ) ferido, que o certo caçador alvejara // ao saltar para fora do antro, deslassando-lhe os membros –”	[Cervo] presa
X		
Mirmidões se preparam para repelir os Troianos.	[XVI, vv. 156-163] “[...] E eles como lobos //carnívoros, em cujo espírito existe uma fúria inominável - // lobos que nas montanhas mataram um grande veado chifrado (ἔλαφον κεραὸν μέγαν) // e o devoraram, todos eles com as bocas vermelhas de sangue; // avançam em matilha e do espelho da fonte de água escura // sorvem com suas línguas delgadas a escura água, enquanto //lhes vem à boca o sangue da matança, embora nos peitos // o coração permaneça inabalável, pois saciada têm a barriga –”	[Cervo] presa
Pátroclo e Heitor	[XVI, vv. 756-758]	[Cervo] presa.

lutam pelo corpo de Cebríones.	“Então ambos lutaram pelo corpo de Cebríones como dois leões //que nos cumes das montanhas lutam por uma corça (ἐλάφοιο) morta, // ambos esfomeados, ambos orgulhosos e aguerridos –”	
x		
Aquiles chora a morte de Pátroclo.	[XVIII, vv. 318-322] “[...] gemendo constantemente como o leão barbudo, // cujas crias arrebatou algum caçador de corças (ἐλαφηβόλος) // na densa floresta; e o leão, chegando depois, aflige-se // e percorre muitas clareiras no rastro do homem, // na esperança de o apanhar, pois raiva sinistra o domina –”	[Cervo] presa
x		
Aquiles captura doze jovens troianos	[XXI, vv. 029-032] “Levou-os de lá, assarapantados (τεθηπότας) como gamos (νεβρούς), // e atou-lhes as mãos atrás com as belas correias // que eles traziam como adereços nas túnicas bem tecidas, // e deu-os aos amigos para os levarem para as naus recurvas.”	[Cervo] fraqueza
Hera reprime Ártemis.	[XXI, vv. 485-486] “Mas seria melhor estares nas montanhas chacinando as feras selvagens // e os veados (ἐλάφους) do que virares-te contra quem é mais forte.”	[Cervo] presa
x		
Troianos se recolhem dentro das muralhas.	[XXII, vv. 001-003] “Por toda a cidade os Troianos espavoridos (πεφυζότες) como gamos (νεβροί) // refrescavam o suor e bebiam para matar a sede, reclinados //nas belas fortificações.”	[Cervo] covardia
Heitor foge de	[XXII, vv. 189-192]	[Cervo] Presa.

Aquiles próximo às muralhas de Tróia.	“Tal como quando nas montanhas o cão espanta um gamo (νεβρὸν) de veado (ἐλάφοιο), // levantando-o do seu leito, e persegue-o através de clareiras e vales; // e embora o game lhe escape, oculto no matagal, // o cão lhe descobre o rastro e corre até o encontrar –“	
---------------------------------------	--	--

[*Odisseia*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Diante da história de Telêmaco, Menelau deseja o mal aos pretendentes de Penélope.	[IV, vv. 335-339] “Tal como a corça (ἔλαφος), que na toca de um possante leão // deita os gamos (νεβροῦς) ainda não desmamados // e por montes e vales vai errando em busca // de pastagem, e depois disso chega o leão à toca // para fazer desabar sobre os gamos um destino cruel”	[Cervo] presa, fraqueza.
x		
Nausícaa e as servas vão ao rio para lavar as roupas.	[VI, vv. 102-108] “E tal como Artêmis, a arqueira, se desloca pelas montanhas, // pela cordilheira do Taígeto ou então pelo Erimanto, // comprazendo-se com a caça ao javali ou às corças velozes (ὠκείης ἐλάφοισι), // e com ela brincam as ninfas, filhas de Zeus detentor da égide, // habitantes do campo, e Leto se regozija no espírito; // pois por cima das outras levanta Artêmis a cabeça e a testa, // sendo facilmente reconhecível, embora todas sejam belas –”	[Cervo] presa
Odisseu prepara-se para interpelar	[VI, vv. 130-134] “Saiu como um leão criado na montanha, confiante na sua pujança, // cujos olhos fulminam	[Cervo] presa.

Nausícaa e as servas.	apesar da chuva e do vento, e que se mete // entre vacas, ou ovelhas ou corças selvagens (ἀγροτέρας ἐλάφους), pois assim a fome lhe manda, a ponto de chegar ao redil e atacar os rebanhos –”	
x		
Odisseu encontra caça para alimentar seus companheiros.	[X, vv. 156-160] “Mas enquanto caminhava, e estando já perto da nau recurva, // um deus apiedou da minha solidão e mandou //ao meu encontro um enorme veado de altos chifres (ὕψικερων ἔλαφον μέγαν), // que vinha da sua pastagem no bosque em direção ao rio //para beber; oprimia-o a força do sol.”	[Cervo] presa.
Os companheiros recebem Odisseu que trazia a caça.	[X, vv. 179-180] “Descobriram os rostos e junto ao mar nunca cultivado admiraram-se // à vista do veado (ἔλαφον [...] μάλα [...] μέγα θηρίον); era na verdade um animal de grande porte.”	[Cervo] presa.
x		
Atena disfarça Odisseu para seu retorno.	[XIII, vv. 436-438] “Pôs-lhe sobre os ombros a pele esfolada de veado veloz (ταχείης [...] ἐλάφοιο), // deu-lhe um bastão e um alforje miserável, // cheio de buracos e suspenso de uma correia torcida.”	[Cervo] ?
x		
Telêmaco conta a Penélope o que sucedera em sua	[XVII, vv. 126-130] “Tal como a corça (ἔλαφος), que na toca de um possante leão // deita os gamos (νεβροῦς) ainda não desmamados // e por montes e vales vai errando em busca // de passagem, e depois disso	[Cervo] presa, fraqueza.

viagem.	chega o leão à toca // para fazer desabar sobre os gamos um destino cruel”	
Odisseu encontra Argos.	[XVII, vv. 294-295] “[...] Em dias passados, os mancebos tinham levado // o cão à caça, para perseguir cabras selvagens, veados (πρόκας) e lebres.”	[Cervo] presa.
x		
Fingindo ser estrangeiro, Odisseu descreve a si mesmo.	[XIX, vv. 228-231] “[...] com as patas dianteiras um cão segurava um gamo mosqueado (ποικίλον ἔλλόν) //que se contorcia, coisa que a todos causava admiração; // pois embora sendo de outro, o cão agarrava o veado (νεβρόν), estrangulando-o, enquanto este tentava fugir, agitando as patas.”	[Cervo]: presa.

[*Hinos Homéricos*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Disfarçada, Deméter acompanha Calidice até o palácio de sua família.	[II, vv. 174-179] “Como corças (ἔλαφοι) ou novilhas, na estação da primavera // saltam no prado após saciarem suas entranhas na pastagem, // assim elas, erguendo as pregas das vestes sedutoras, // precipitaram-se ao longo do cavado cmainho; os seus cabelos balançavam ao redor dos ombros iguais à flor // do açafraão. [...]”	[Corça] feminino
x		
Afrodite chega ao Ida em seu caminho	[V, vv. 070-071] “[E] junto com ela caminham, fazendo festa, os lobos cinzentos, os leões de olhares //	[Cervo] caça/presa.

para Tróia.	brilhantes, os ursos e as rápidas panteras, insaciáveis de caça (προκάδων).”	
x		
Poeta Artemis.	exalta [XXVII, vv. 001-002] “Canto a ruidosa Ártemis de flechas de ouro, // a virgem veneranda, a Arqueira, que abate os cervos com suas flechas (ἐλαφηβόλον).”	[Cervo] caça/presa.

4.2 Hesíodo

[Escudo de Hércules]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Cisne e Heracles avançam um contra o outro.	[vv. 402-412] “Como dois leões ao redor da corça morta // rancorosos atacam-se um ao outro, // terrível era a grita e o ranger dos dentes. // Como abutres de garras curvas e bico adunco // em alta rocha com grande grita combatem // por uma cabra montesa ou corça selvagem // pingue, que um moço dominou ao atingi-la // com flecha do arco e ignorante do lugar // alhures a perdeu, e rápido perceberam // e com ímpeto travam por ela áspero combate; // assim a gritar lançaram-se um contra o outro.”	[Cervo] presa.

5. Rios

5.1 Homero

[*Ilíada*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Detalhamento das forças dos Aqueus // Enienes e Perebos	[II, vv.751/755] “[...] habitavam a terra arável junto do desejável Titaresso, // que verte no Peneu a sua corrente de lindo fluir, // mas não mistura as suas águas com os remoinhos prateados // do Peneu, mas corre como azeite sobre as águas dele.”	[Rio] Fertilidade
x		
Diomedes em meio ao combate	[V, vv.087/092] “É que ele irrompia pela planície, semelhante ao rio no auge // da torrente invernososa, cujo caudal arrasta os diques; // não o contêm as barreiras dos diques, nem os muros // das viçosas vinhas contêm o rio que se precipita // de repente quando o impele a chuva de Zeus, // ficando assim destruídas muitas e belas obras dos homens.”	[Rio] Destruição
Diomedes recua diante do avanço de Heitor	[V, vv. 597/599] “tal como o homem que atravessa uma grande planície // estaca desamparado ante o curso impetuoso [ὠκυρόω] do rio a fluir // para o mar, e recua ao ver o rio fervilhando de espuma [ἀφρῶ μORMύροντα]”	[Rio] Perigo

x		
Ájax avança no campo de batalha matando homens e cavalos	[XI, vv. 492/495] “Tal como quando o rio cheio desce para a planície, provindo // das montanhas invernosas e impelido pela chuva de Zeus; // e muitos secos carvalhos e muitos pinheiros arrasta, // e muita lenha vai lançar ao mar –”	[Rio] Destrutivo
x		
Como Poseidon e Apolo derrubariam os muros de pedra do acampamento dos gregos após a guerra	[XII, vv. 018/029] “[...] reunindo o caudal dos rios // que das montanhas do Ida fluíam para o mar: // [...] // [...] juntou Febo Apolo as embocaduras // e durante nove dias os fez fluir contra a muralha. Zeus choveu // continuamente, para mais depressa levar a muralha para o mar. // O próprio Sacudidor da Terra com o tridente nas mãos // liderava; e mandou para as ondas todos os alicerces // de vigas e pedras, que os Aqueus colocaram com esforço.”	[Rio] destruição
Sarpédon incita Glauco a acompanhá-lo no ataque	[XII, vv. 313/314] “Somos proprietários de um grande terreno nas margens do Xanto, // belo terreno de pomares e de searas doadoras de trigo.”	[Rio] fertilidade
x		
Heitor lidera os troianos no avanço sobre o campo dos	[XIII, vv.136-139] “Cerrados avançaram os Troianos; liderava-os Heitor, // sobrepujando, tal como o pedregulho de um rochedo, // que o rio na corrente invernososa empurra da aba do cabeça, após // com	[Rio] Força, destruição

helenos.	torrente espantosa rebentar os alicerces da pedra sem vergonha;”	
x		
Pátroclo passando-se por Aquiles comanda a reação dos Gregos	[XVI, vv. 384/392] “Tal como quando sob uma tempestade se enegrece toda a terra // em dia de ceifa, quando torrencialmente Zeus faz chover, // encoleirizado na sua fúria contra homens que pela força // na assembleia proferem sentenças judiciais tortas, // escorraçando assim a justiça, indiferentes à vingança divina; // e todos os seus rios incham ao fluir o seu caudal // e as correntes sulcam muitas colinas e em direção // ao mar purpúreo correm grandes correntes com fragor // a pique das montanhas, destruindo os campos dos homens –”	[Rio] Destruição
A mando de Zeus, Apolo salva o corpo de Sarpédon	[XVI, vv. 679] “Levou-o para muito longe e deu-lhe um banho nas correntes do rio;”	[Rio] Limpa / Purifica
x		
Hefesto adorna novas armas para Aquiles.	[XVIII, vv. 520-522] “Quando chegaram aonde lhes pareceu fácil a emboscada, // num rio que servia de bebedouro para todos os rebanhos, // aí se posicionaram, revestidos de fulvo bronze.”	[Rio] Espaço selvagem
x		
Escamandro se enfurece e ataca Aquiles	[XXI, vv. 233/235] “[...] mas Aquiles, famoso pela lança, saltou do barranco // para o meio do rio que, por sua vez, com rápida corrente inchada // se atirou contra ele, despertando todas as correntes com	[Rio] Força, destruição

	ímpeto”	
--	---------	--

[*Odisseia*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Escapando à fúria de Poseidon, Odisseu chega ao litoral da Feácia. Lá procura alcançar a terra através do embocadura de um rio. Para isso, o demanda que seja recebido como suplicante.	[V, vv. 441/450] “À medida que nadava veio ter à foz de um rio // de lindo fluir, que lhe pareceu o lugar mais indicado, // pois não tinha rochas e encontrava-se abrigado do vento. // Percebeu que era um rio e logo lhe dirigiu esta prece: // ‘Ouve-me, soberano, quem quer que sejas! De ti me aproximo // como de alguém que muito desejo, fugindo do mar e das ameaças // de Posêidon. Até aos deuses imortais é venerando aquele // dentre os homens que chega depois de vaguear, como eu agora // chego junto da tua corrente e dos teus joelhos, depois de dores // incontáveis. Compadece-te, ó soberano! Sou teu suplicante.’”	[Rio] Perigo (incerteza da acolhida); liminaridade.
x		
Tendo suplicado pela ajuda da princesa Nausícaa, Odisseu consegue o	[VI, vv. 224-226] “Com a água do rio lavou o sal do seu corpo o divino Ulisses; // o sal que lhe cobria os ombros largos e as costas; e da cabeça // enxaguou os salgados vestígios do mar nunca cultivado [ἀτρυγέτοιο].”	[Rio] limpeza / purificação; oposição ao mar nunca cultivado, infértil.

necessário para livrar-se da poluição do mar e alimentar-se.		
x		
Polifemo, já com o olho furado por Odisseu e seus companheiros, apalpa as ovelhas à saída da cova, procurando evitar a fuga dos heróis.	[IX, vv. 447-452] “Querido carneiro, porque saís assim em último lugar // da gruta/ Nunca ficaste para trás entre as ovelhas, // mas eras sempre o primeiro a pastar a branda flor da erva, // com grandes passadas; o primeiro a chegar às correntes do rio; // e o primeiro a mostrar como ansiavas por regressar à casa // ao fim da tarde. [...]”	[Rio] Limite (?).
x		
Na ilha de Circe, Odisseu caça para levar comida para os companheiro que aguardam junto às naus.	[X, vv.156/160] “Mas enquanto caminhava, e estando já perto da nau recurva, // um deus se apiedou da minha solidão e mandou // ao meu encontro um enorme veado de altos chifres, // que vinha da sua pastagem no bosque em direção ao rio // para beber; [...]”	[Rio] Limite, espaço selvagem.

5.3 Hesíodo

[*Os Trabalhos e os Dias*]

Tema / Situação	Passagem	Atribuições
Hesíodo dá conselhos do que não fazer para não incorrer na ira dos deuses e ter uma vida propícia.	[vv. 737-741] “Nem a água belo-fluxo dos rios permanentes // cruces com os pés antes de rezar, mirando a bela corrente, // as mãos tendo lavado com água limpa e adorável. // Quem um rio travessa sem lavar o mal e as mãos, // contra ele deuses se indignam e males dão no futuro.”	[Rio] Limite, purificação.